

FLORES RARAS E BANALÍSSIMAS

A história de Lota de Macedo Soares
e Elizabeth Bishop



CARMEN L. OLIVEIRA

ROCCO EDITA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Carmen L. Oliveira

FLORES RARAS

e

BANALÍSSIMAS

A história de Lota de Macedo Soares
e Elizabeth Bishop

ROCCOINHA



À memória de Magu

Sumário

Esclarecimento
Epígrafe Inicial
Boston, 1978
Ó turista
O pedúnculo indecente
Era uma vez um rei chinês
Rio de Janeiro, 1994
Miudezas do cotidiano
O verdureiro da sorte
Bela Pindorama
Dona Lota
Why?
O barracão
A cadela cor-de-rosa
O merdô
Noite de luar intenso
Bububu no bobobó
A fundação
Qualquer grande esperança é grande engano
A porrada de Camões
As melaloucas de Lorena
Não temos tempo para lógicas
O mafuá
Sóis se põem
Rio de Janeiro, 1994
Boston, 1978
Epígrafe Final
Fontes
Agradecimentos
Créditos
A autora

Este livro é fundamentado em relatos orais e escritos.
Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é intencional.
Ressalva-se, contudo, que Adrienne Collins, Do Carmo, Edileusa,
Ismênia, Maria Amélia, Naná, Vivinha e Zezé são nomes fictícios.



"Aquele miúda e franzina criatura, toda nervos, toda luz, que se chamava Dona Lota."

Carlos Lacerda
Rio, setembro de 1967

(Tudo que já se disse a respeito
é totalmente falso.)

Elizabeth Bishop, "Crusoe na Inglaterra"

BOSTON, 1978

Uma senhora de cabelos brancos e olhos tristonhos relê as duas primeiras linhas de um poema que está tentando terminar interminavelmente. Claro que posso estar lembrando de tudo errado após, após – quantos anos?

Olha pela janela. Bela vista do porto de Boston. Há pouco movimento no cais. Na parede da sala, a carranca de olhos azuis e chifres arreganha os dentes. Por todo canto, pilhas de livros.

Após quantos anos, mesmo?

Tinha sido em 51. Novembro de 51. Há vinte e sete anos! Estava passando por um momento péssimo na vida.

Tinha detestado o emprego na Biblioteca do Congresso, em Washington. Sua estada em Yaddo, *para escrever*, tinha sido um fiasco. Desde que seu livro *Norte & Sul* tinha sido publicado e bem recebido em 46, não tinha mais conseguido compor um número suficiente de poemas para um segundo livro. Era extremamente frustrante. Tinha passado a vida vagueando pelo mundo, Paris, Casablanca, Londres, México, Florença, Port-au-Prince, Key West. Ultimamente andava perambulando de hotel em hotel em Nova York. Não conseguia *produzir*. E bebia até se sentir abjeta.

Incapaz de definir o que fazer de si mesma, decidiu pegar um navio e simplesmente ir indo mar afora, sem destino certo. Só. Já que só estava.

Durante a viagem, fechada em sua cabina, perguntava-se o que queria da vida, afinal.

Tinha 40 anos.

Queria escrever. Queria ganhar dinheiro. Queria ter amigos. Queria acreditar que de repente o amor pudesse voltar a acontecer em sua vida.

A primeira parada do navio foi em Santos. O porto foi uma decepção. Armazéns cor-de-rosa, sacas de café, umas poucas

indecisas palmeiras, muito calor.

Mas Santos não era seu destino. Seu destino era o Rio de Janeiro.

Conhecia duas americanas que moravam lá. Pearl Kazin, irmã de seu amigo Alfred, e Mary Morse, que conhecera em Nova York em 42, na companhia de uma brasileira de muitos nomes e sobrenomes.

Querida amiga, sente-se, a história é longa e triste.

Ó TURISTA

Em 30 de novembro de 51, Mary Morse levou Elizabeth Bishop para o apartamento que dividia com Lota de Macedo Soares no Leme, num 11º andar, de frente para a Avenida Atlântica.

Inocente do que estava para acontecer com sua vida depois do que ia propor, Mary informou, afavelmente:

– O apartamento é seu, pelo tempo que se demorar no Rio.

– Obrigada – disse Bishop resumidamente. Não deixou transparecer que, vulnerável como estava, por dentro marejava.

Instalou-se o natural entre duas pessoas tímidas: a incapacidade de imaginar um assunto para iniciar uma conversa.

Mary resolveu abrir a janela, para que Bishop olhasse a vista. Bishop gostava de cenários marinhos. Constatou que aquele era excepcionalmente lindo. Depois olhou em torno da sala, aprovando o extremo bom gosto. Gostava do estilo clean da decoração. Gostava dos quadros. Gostava do móvel de Alexander Calder. Gostava especialmente daquelas duas cadeiras de design moderno.

Mary percebeu.

– Foi Lota quem desenhou.

– E onde está Lota? – perguntou Bishop, querendo mesmo saber.

– Está em Samambaia. Não pode vir, por causa da casa.

Bishop anotou mentalmente uma bela palavra (samambaia) e passou o olhar aprovador para o rosto aprazível de Mary.

– Por causa da casa.

– Estamos construindo uma casa na serra, em Petrópolis.

– Ah.

Bishop quis saber mais sobre a ausente.

Mary recordou que tinha conhecido Lota por obra do acaso, em 41, pouco antes de ter conhecido a própria Bishop. Mary estava

encerrando a carreira de bailarina e retornando a Nova York. No navio conheceu Lota, que fazia parte da *entourage* de Portinari, incumbido de pintar os murais da Biblioteca do Congresso, em Washington. Lota adorava arte. Em Nova York internou-se no Museu de Arte Moderna, percorrendo-o de braço dado com Florence Horn, jornalista da revista *Fortune* que, nas palavras de Lota, queria um bem furioso ao Brasil. Lota ficou fascinada com as atividades de difusão cultural do Museu. Só falava em fazer o mesmo em seu país. Ao vir ao Brasil no ano seguinte, 42, Mary espantou-se ao ver que Lota efetivamente já tinha articulado uma associação de artistas e intelectuais para divulgar a cultura brasileira. Com estatutos, conselho consultivo e tudo mais. Com idêntica determinação, Lota a convidou para morar com ela naquele apartamento. Mary aceitou. Já lá iam dez anos. Agora, Bishop que desculpasse, tinha que voltar antes de escurecer, por causa da estrada. Telefonaria depois para marcar o dia em que a levariam para conhecer Samambaia. Desejava-lhe uma boa estada no Rio de Janeiro.

Positivamente Bishop não estava gostando do Rio.

O panorama visto da janela era lindíssimo. Mas a cidade era terrivelmente quente e, como dizer, desmazelada.

Desde cedo a praia virava um vespeiro de banhistas. Homens morenos de calção jogavam bola de meia na rua o dia inteiro.

Em vez de lhe distender os nervos, aquela gente transitando indolentemente pelas ruas do Leme produzia o efeito inverso, irritava-a. Em compensação, o miolo de Copacabana era um burburinho, reforçava em Bishop a ideia de despropósito. Sentia-se tolhida e atabalhoada.

De combinação, suada, ensaiava um poema no apartamento da Antônio Vieira:

Ó turista

então é assim que este país vai atender você
e sua imodesta exigência de um mundo diferente?

Ficou feliz quando chegou o dia em que Mary e Lota viriam buscá-la para levá-la à sua casa na montanha.

Na hora combinada, um Jaguar vermelho de capota arriada aterrou junto à calçada. Dele saltou, com elegância, uma mulher baixinha que lhe estendeu um sorriso. Ao se aproximar, Bishop notou que era bem mais morena do que se recordava. Com a mão direita Lota apertou vigorosamente a mão de Bishop, enquanto com a esquerda lhe afagava o ombro. Olhava-a nos olhos.

– Vamos?

Desacostumada com aquele tipo de contato, Bishop não sabia como proceder. Lota abriu a porta do carro, determinando com um gesto que era para ela se sentar. A seguir, arrancou e saíram avoando. Em pouco tempo Lota desvencilhou-se de carros e lotações e estavam subindo uma serra, em meio a um cenário deslumbrante. À esquerda, as montanhas se sucediam sob nuvens caudalosas. À direita, a estrada era margeada por aglomerações de flores de cores vivas.

– Maria-sem-vergonha – explicou Lota.

Bishop estava deliciada, queria parar, saltar do carro, mas era acanhada demais para pedir.

Quando se apercebeu, estavam atravessando uma cidadezinha encantadora, as ruas formadas por casarões solenes, com jardins bem cuidados ornados de hortênsias.

Lota contou que o imperador tinha escolhido aquela cidade para construir a residência de férias da família real. A última coisa que teria ocorrido a Bishop, enquanto se esquivava de uma pelada de rua no Rio, era que aquele país também tivesse reis e príncipes e princesas. Registrou mentalmente que quando não estivessem em movimento iria pedir mais informações sobre o assunto.

De repente, mudou tudo. Embicaram por uma estrada estreita e esburacada. Enquanto fazia malabarismos para se esquivar de pedras e buracos, Lota seguia conversando normalmente:

– Isto aqui vai melhorar. – Vupt. – Recebi as terras de Samambaia de herança de minha mãe, há uns dez anos. Primeiro foi o inventário, muito demorado, tive que repartir tudo em partes milimetricamente iguais com minha irmã. Depois resolvi fazer um loteamento de alta classe. O processo de desmembramento também é interminável, envolve uma papelada dos diabos. Somente agora pude começar as obras da casa. Mais tarde vou tratar desta estrada. – E vupt.

Bishop não estava se importando com os trambolhões. A estrada era linda! Tinha sido cortada no meio da mata, a coisa mais exuberante que já tinha visto tão de perto. Árvores vigorosas gesticulavam umas para as outras, carregando seus penduricalhos. No alto dos galhos, destacava-se o vermelho vivo das bromélias.

Subitamente, ao dobrarem uma curva, algo desengonçado e aflito resolveu cruzar a estrada. Bishop abriu a boca pela primeira vez.

– Um lagarto! – exclamou, com alegria infantil.

No entanto, prosseguiram como se aquilo fosse trivial e Lota anunciou que estavam quase chegando.

Bishop olhou casualmente para o lado e se retesou. *Oh dear*, podia jurar que estava vendo um camelo. Era mesmo um camelo junto a uma sebe, sem sombra de dúvida.

A motorista percebeu e disse, com voz brincalhona:

– Não se afobe. Meu vizinho compra animais para o zoológico. Eles ficam aqui antes de tomarem seu rumo.

Só faltava agora aparecer um coelho apressado olhando o relógio.

O Jaguar estacionou.

– Chegamos – ordenou Lota.

Bishop saltou e foi cumprimentada com festas por um cão.

Ergueu a cabeça: que lugar incrível! À distância, as montanhas azuladas. Em torno, a mata. À frente, poderosa, uma enorme rocha de granito.

– É aqui a minha casa. – A voz de Lota vinha de lá adiante.

– Bom-dia, fez boa viagem?

Mary surgiu de algum lugar e levou Bishop até a casa em construção.

Dois homens seminus estavam encarapitados no topo de uma parede.

Conduzida por Lota, Bishop percorreu a obra de cabo a rabo, pisando no chão de cimento fartamente decorado por patas de cachorro. Aqui vai ser isso, ali vai ser aquilo, ia dizendo Lota, entusiasmada. Um suave toque no braço significava que estava na hora de Bishop continuar andando. Lota contava como tinha planejado aquela casa, com alguém cujo nome Bishop não entendeu. A americana, num aturdimento, entendia vagamente que ali se ergueria uma casa sem paredes, ou então se tratava de um corredor em torno do qual haveria uma casa. Detinha-se em observar as mãos lindas, que Lota usava generosamente enquanto falava.

– Aqui no Brasil as coisas são meio empíricas. Mas no final tudo dá certo – garantia a dona das mãos.



Alunos de pintura na Universidade do Distrito Federal, 1935. Ajoelhada em primeiro plano, Lota, de jabot de pois. Atrás de Portinari: Burle Marx e Mário de Andrade.



Em 42, Lota voltou dos EUA para organizar a Artistas Brasileiros Reunidos. A caricatura é de Augusto Rodrigues.

"Chez LOTA"

GRANDE TORNEIO EM
HOMENAGEM

A MISTER BURROWES
NOTAVEL ESTRATEGISTA
IMOBILIARIO

PELAS SUAS GRANDES & RECENTES
CONQUISTAS

SOBRE O INIMIGO ALEMÃO & PORTUGUEZ

CAMPEONATO DE
BURACO

ENTRE AS CELEBRES DUPLAS

DERROTADOS &
→ LOTA, A PENSADORA,
RAINHA DAS CANASTRAS
→ RUTH, A SONAMBULA,
CAMPEÃ DE BOCEJOS
&
CAMPEÕES &
→ MARY, A BOSTONIANA,
IMPECAVEL & INVENCIVEL
→ CALOCA, O VICIADO,
FANATICO DE BURACO

DOMINGO, 29 DE AGOSTO DE 1949
SAMAMBAIA

Carbs Leão fez registros da vida de Lota e Mary, no final de 40.



Ande depressa Mary, que está na hora de você fazer o almoço.

Ande depressa, Mary, que está na hora de você fazer o almoço!

FLORES RARAS E BANALÍSSIMAS

de Carlos Leão para Lota, 49.



EUPHIA DOMESTICA
da família dos TAN-TANACEAS



RUBENIA LABIOSA
da família das BOLINACEAS



PORTINARIA VENENATA
da família das VIPERACEAS



CARLOTIA IMPUDICA
da família das DUBIACEAS

– Vamos dar uma voltinha por aí – encorajou Lota.

Bishop ia mencionar que sua mala ainda estava no carro, mas Lota já estava a caminho. Bishop e Mary a seguiram.

Uma trilha levava até a cachoeira. Bishop lamentava não ter trazido a agenda. Ia arrolando mentalmente a variedade de cores que encontrava: verde-escuro, verde-azulado, oliva, púrpura, ferrugem, amarelo, outro amarelo, vermelho sangue, branco-esverdeado. Ouvia o trepidar oculto da cachoeira.

Lota ia guiando.

– Cuidado aí: espinho! – Dava a mão a Bishop, ajudando-a a contornar uma pedra ou a escorregar pelo limo de outra.

Quando chegaram à cachoeira, Bishop reparou no contato alegre daquela massa d'água com outros organismos vivos, avencas, bromélias, musgos.

– A água que consumimos é captada aqui – interveio o espírito prático de Lota. – A corrente vai seguindo adiante e passa lá perto de casa. Venha, vou lhe mostrar.

Às cinco horas os homens foram embora, acenando.

– Tchau, dona Lota.

– Tchauzinho.

– Até amanhã, dona Lota.

– Até amanhã, minha flor.

Bishop se admirava com a forma carinhosa, no seu entender íntima, com que Lota se dirigia aos trabalhadores braçais. Aliás, o mesmo tinha ocorrido na hora do almoço, quando Lota fez questão de apresentá-la à empregada.

– Edileusa, esta aqui é dona Elizabeth.

– Tá boa? – Edileusa perguntou e Lota traduziu.

Bishop disse que sim e Lota traduziu.

Lota a intrigava. Em Nova York, estava atrás de panos de prato dinamarqueses, cujos padrões apreciava. Falava com familiaridade de Oskar Kokoschka e Henry Moore. Expressava-se em inglês com grande fluência. Se errava, errava também com fluência. Agora aparecia num carro esporte e estava construindo uma casa ultramoderna no meio do mato. *Peculiar.*

– Que tal um chazinho? – Lota enlaçou Bishop e Mary simultaneamente e as foi conduzindo.

Enquanto se concluía pelo menos uma parte da casa, Lota e Mary estavam morando emprestado na casa dos amigos Walkíria e Barreto, logo abaixo da construção. Bishop já tinha estado lá na hora do almoço.

– Na verdade, não vamos tomar um chazinho, mas um matezinho – esclareceu Lota. – Temos chá importado, mas, sinceramente, não é bom. Você vai gostar do mate.

Mary observava a conversa se animar. Ou melhor, Lota fazia as graças que sabia e Bishop não regateava risadas. Mary seguia bebendo seu mate em silêncio.

Tempos depois a conversa descambou para a poesia. Lota quis que Bishop lesse um de seus poemas. Bishop recusou.

– Então leia outro poeta.

Não era algo a que Bishop estivesse acostumada, mas naquele momento lhe pareceu totalmente adequado. Foi apanhar um livro.

– Gosta de Marianne Moore?

– Vamos a ela!

Bishop correu as páginas, escolheu “Casamento”.

– Eva: linda mulher –
quando a conheci
era tão formosa
que me sobressaltei,
capaz de escrever simultaneamente
em três línguas –

inglês, alemão e francês –
e conversar ao mesmo tempo;
igualmente categórica ao exigir animação
e ao estipular silêncio:
“Eu gostaria de ficar sozinha”;
ao que retruca o visitante:
“Eu gostaria de ficar sozinho;
por que não ficamos sozinhos juntos?”

A cada estrofe Bishop consultava Lota com os olhos claros. Os olhos morenos devolviam a interrogação. A sala ficou cheia de silêncios.

– Leia mais – pediu Lota.

– “A um caracol”.

Mary suspirou.

– Vou dormir, boa-noite.

– Boa-noite, meu bem. Nós já vamos – disse Lota.

– Boa-noite – disse Bishop.

E ficaram.

Bishop dormiu inusitadamente bem e acordou inusitadamente cedo. A casa estava em silêncio. Aparentemente Lota e Mary não tinham acordado ainda.

Deu uma olhadela pela sala e encontrou revistas e jornais americanos sobre a mesa de canto. Sentou-se e folheou um exemplar atrasado do *New York Times*.

Sentindo-se disposta, resolveu retomar seu primeiro poema brasileiro, “Chegada a Santos”.

O poema descrevia uma turista de primeiro mundo acabando de aportar numa civilização exótica, onde espera encontrar novo sentido para a vida. Enquanto o navio ancora, ela percorre com olhar desapontado a “frívola folhagem” e as tíbias instalações portuárias. Seu primeiro contato com a mão de obra local também não é animador: um gancho mal operado fisga a saia de uma

companheira de bordo, apesar de seus gritinhos de advertência. Com a petulância de quem se julga superior, a turista faz longa lista de reclamações e comentários desairosos a propósito do país que a está recebendo.

Bishop releu o que tinha escrito até então. Lá estava sua viajante, atônita diante de um mundo que se recusava a se ajustar às suas ideias preconcebidas. Agora precisava terminar o poema. Tinha que rever alguns versos, em especial algumas rimas, e definir a última estrofe. Achava que o poema podia agradar os editores americanos. Com sorte, talvez conseguisse vendê-lo a *New Yorker*.

Contudo, após mourejar por duas horas, sentia-se malograda e exasperada. Não tinha conseguido resolver nada; ao contrário, passara a desgostar de soluções que já tinha dado como boas. Sentia fome. Sentia vontade urgente de beber.

– Ora, ora, se não é nossa poeta em ação!

Lota! Que bom ouvir aquela voz.

Bishop voltou-se, salva.

– Estou com fome – disse, com os olhos pueris.

Mary reparou que Bishop não falava mais em voltar para o Leme. Simplesmente ia ficando.

Todo dia, depois do café, ia ver Lota tocar a obra. Morosa e irresoluta no seu fazer literário, Bishop se assombrava com a desenvoltura com que Lota assumia a direção de uma obra tão complexa.

Como a maioria das mulheres de classe alta de sua geração, Maria Carlota Costallat de Macedo Soares tinha tido preceptoras e estudado na Europa, mas não tinha cursado a universidade. No entanto, sabia tudo de arquitetura. Sua biblioteca sobre o assunto era exemplar. Acompanhara de perto o trabalho dos jovens arquitetos de vanguarda na construção do Ministério da Educação,

no Rio de Janeiro. Era amiga dos mais respeitados arquitetos brasileiros.

Foi a um deles, Sérgio Bernardes, que Lota recorreu para concretizar seu projeto de casa. Queria pousar um objeto retilíneo e enxuto no meio das formas ornadas e sinuosas da natureza. Ali coexistiriam a rigidez do ferro e o quebradiço do vidro, o polido do artefato e o tosco das pedras do rio. Diferentes texturas, volumes e planos colocariam o observador sempre diante de ângulos imprevistos, animando-o, por causa da beleza, a aceitar o que transgredia o padronizado. Aquela casa resumia as ideias apaixonadas de Lota sobre arquitetura moderna. Acontece que Sérgio tinha suas próprias ideias apaixonadas sobre arquitetura moderna. Resultado: intenso foguetório quando os dois se sentavam para debater o projeto. Ele era o bacharel em arquitetura, mas ela era Lota de Macedo Soares. Vezes sem fim Mary viu Sérgio clamar aos céus que lhe dessem paciência para aguentar aquela mulher e depois bater a porta do carrinho esporte e zunir estrada abaixo para nunca mais voltar.

E Lota não se limitava à prancheta. Tinha construído ela mesma sua primeira casa em Samambaia, projeto do amigo Carlos Leão. Depois pagou os honorários do advogado que cuidou da legalização do loteamento construindo a casa dele. Aquelas duas casas eram cheias de soluções criativas e inesperadas, que levavam a assinatura de Lota.

Aristocrata, latifundiária, do que quer que a chamassem, de uma coisa Mary sabia: Lota não tinha medo do batente. No início da construção, as duas se revezavam diariamente em carregar e descarregar o jipe de pedras roladas. Mary não tinha lembrança de tarefa mais esgotante; no entanto, também não tinha lembrança de ver Lota esgotada.

Naquela manhã, Bishop olhava Lota movimentar-se de um lado para outro, orientando a colocação das treliças do telhado. Para desespero dos dois pedreiros, aquele telhado não tinha ripas nem

telhas de barro, como convém a qualquer telhado. Era uma maluqueira feita de placas de alumínio, sustentadas por vigas metálicas.

Como a obra era caríssima, Lota tinha decidido construir os elementos arquitetônicos mais audaciosos posteriormente, e terminar primeiro um núcleo básico com quarto, sala, banheiro e cozinha. As paredes já estavam de pé. Agora era cobri-las, o que conseguiria tão logo promovesse a conversão de sua indisposta dupla de auxiliares.

Bishop não se cansava de olhar. Era bonito uma pessoa sonhar e construir sua própria casa.

À noite, firmaram-se as tertúlias.

Liam os números disparatados do *Time* ou do *New York Times* que Mary conseguia resgatar no correio de Petrópolis.

Depois Lota e Bishop escolhiam autores de sua preferência.

Bishop lia George Herbert em voz alta: "Amor".

O Amor me deu boas-vindas, mas minha alma recuou
Culpada de vilezas e pecados.

Lota lia Mário de Andrade em voz alta: "Poema da amiga".

Ontem você estava tão linda
Que o meu corpo chegou
Sei que era um riacho e duas horas de sede,
Me debrucei, não bebi.

Embora traduzisse os poemas para o inglês, Lota fazia questão que Bishop ficasse atenta para a música da língua portuguesa.

Aliás, o português dos poetas e dos empregados era o que chegava aos ouvidos forasteiros de Bishop, já que Lota e Mary falavam com ela em inglês. Parecia-lhe uma língua cerdosa,

difícilima. Lota garantia que não, que a língua era dulcíssima e que com alguns estudos de botânica em pouco tempo Bishop estaria uma perita em rimas proparoxítonas.

– Quer ver? Lígula. Pétala. Plúmula – demonstrava ela, devagarzinho, marota.

Bishop se encantava com o humor de Lota. Conversar com ela era um deleite: era invulgarmente culta e articulada. Como americana, Bishop valorizava especialmente a formação europeia de Lota. Era desconcertante, naquele fim de mundo, encontrar a mesa sempre posta com requinte impecável. Ou, no meio de uma conversa sobre música, vê-la tirar da cartola as *Pieces Froides* de Erik Satie. E comentar o escândalo que fora a encenação de *Parade*, com música de Satie, argumento de Cocteau e cenários de Picasso.

Lota, por sua vez, admirava o fato de Bishop ter estudado em Vassar e ter entre seus amigos celebridades como Marianne Moore e Robert Lowell.

– Vou apresentar você a muita gente interessante, você vai ver – prometia Lota, pressionando convincentemente o braço de Bishop.

O PEDÚNCULO INDECENTE

Samambaia, Petrópolis.

Com gosto, Bishop escreveu no alto da folha suas duas primeiras palavras em português, duas sólidas e sonoras palavras que a situavam no planeta.

Queria mandar notícias para os Estados Unidos, falar dos surpreendentes bons momentos que estava vivendo. Mas, quando foi datar a carta, hesitou. Começou a fazer contas, a partir de sua chegada ao Rio, em 30 de novembro, e admitiu que tinha perdido a noção dos dias.

Bishop se espantou. Aquilo era a medida do quanto estava desarmada, apaziguada mesmo, ela, para quem orientar-se era tão primordial que nunca saía sem levar na bolsa uma bússola.

Ofereceu três datas opcionais para seu correspondente e tão logo acabou a carta foi espiar a obra.

Chegando perto, viu Lota de calça comprida, como sempre, camisa com as fraldas para fora da calça, as mãos na cintura, falando veementemente com dois homens pardos. Os homens, descalços, as calças arregaçadas, os braços cruzados, escutavam. Estranhas peças cobriam-lhes a cabeça. Um tinha enfiado até as orelhas um saco de papel azul enrolado até a metade e vincado no alto. O outro tinha amarrado um pano no cocuruto com quatro nozinhos, obedecendo aos pontos cardeais.

Lota bravejava. Um dos homens sacudia a cabeça, olhando o chão. Aproximando-se mais, Bishop ficou ao alcance das palavras, e não reconheceu as já familiares “meu querido” e “minha flor”.

Sem dúvida um dos motivos do motim era a pilha de varetas de ferro no chão, pois o de chapéu de papel apontava para lá, murmurando alguma coisa que provocava mais descomedimentos na dona da casa.

Subitamente, Bishop percebeu novas nuances no tom de Lota. Ela amainou e, daquele jeito que estarrecia Bishop, segurou um braço de cada homem com uma espontaneidade que parecia afeição. Os três confabularam. Bishop viu quando os pedreiros, aparentemente dando-se por satisfeitos, se dirigiram a seus postos.

Lota veio cumprimentá-la e explicou:

– Eles reclamaram que a casa é muito desconforme para os padrões estéticos deles. Pedras manchadas, tijolos à vista, telhado inventado demais. Argumentaram que é um nunca acabar de barras e zigue-zagues e que não iam se matar de trabalhar colocando tantos enfeites sem quê, nem pra quê. Aí eu disse que estava fazendo uma casa para o Carnaval e eles aceitaram.

Naquele dia Edileusa não chegou para o café.

Para Lota de Macedo Soares, o dia tinha que começar com o café servido na cama. Compreensivelmente, Lota estava bem contrariada. Tomou só uma xícara de café forte, moído na hora, e saiu blasfemando. É o diabo. É o diabo.

Mais tarde, Mary foi manifestar sua apreensão a Bishop: Edileusa não tinha aparecido mesmo. Para surpresa de Mary, *Milady* imediatamente se prontificou a fazer o almoço. Adorava cozinhar.

Contando com um repertório não muito familiar de salsinhas e cebolinhas, Bishop improvisou umas panquecas.

À hora da refeição, Lota sentou-se à mesa com ruidosa satisfação. Enfiou ostensivamente o guardanapo de linho na gola e esfregou as mãos. Moeu bastante pimenta no prato, como era seu hábito, mas quando ia dar a primeira bocado estancou.

– Hum. Será? Mary, vamos esperar que ela prove primeiro. Sabe-se lá.

Finalmente, com cara de quem poderia estar cometendo um grave erro, comeu. Bishop estava quase aflita.

– Hum! *Délicieux. Délicieux.*

E até o fim das panquecas foi um constante elogiar. Lota flechava Bishop com olhares cheios de intensidade, parecendo a um tempo orgulhosa e grata. Mary estava vendo a hora em que Lota ia salpicar pimenta em Bishop e comer.

– Não sabia de seus dotes culinários. Pensei que passasse o tempo todo ouvindo estrelas.

Bishop achava questionável aquela definição do seu ofício, mas sabia que estava sendo apreciada enquanto cozinheira. Arrojadamente, prometeu que no Natal faria um autêntico peru à americana.

Quer dizer que ela pretende ficar aqui até o Natal?, perguntou-se Mary Morse.

Quando já tinham terminado, Edileusa chegou, arrastando uma tromba. Tinha passado mal do figo.

A história rendeu.

Durante dois dias, Edileusa ficou enjoada. Recusou-se a tomar os remédios convencionais, bebendo chá de picão, que ia apanhar no mato. Ficava se lamuriando, minha Nossa Senhora da Boa Morte, valei-me, meu Sagrado Coração de Jesus, socorrei-me, enquanto Bishop cozinhava. Nem sequer foi à festa da cumeeira, um belo churrasco com cervejada, ocasião em que Bishop viu comerem farinha de mandioca crua pela primeira vez.

Bishop se esforçava para estabelecer algum contato linguístico com Edileusa, mas era difícil. A própria Lota demonstrava dificuldade em traduzir o relato da enferma. Tinha tido uma inlanha com um vizinho, que xingou a irmã de Edileusa de mulé tolerada. Na discursão deu a saracutinga em Edileusa, que ficou nuns nervos que trimilicava. Foi um pá demônio. Quase deu-se o danado.

Bishop tinha a sensação de já conhecer Edileusa. De repente, lembrou: estranhamente Edileusa se parecia com a senhora Smith, do quadro de Field “A senhora Smith e seus gêmeos”, que tinha

visto em Washington. Tinha o mesmo ar dissimulado, provavelmente por causa dos olhos amendoados e do sorriso retido no canto da boca carnuda. Só que era, como se dizia aqui, morena. E em vez dos comportados cachinhos matematicamente distribuídos dos dois lados da cabeça, Edileusa tinha uma vasta cabeleira, herança de sua avó índia, ao que dizia.

Nos fins de tarde, depois que cada uma tinha feito sua obrigação, ou seja, depois que Lota tinha ido aos extremos da exasperação para liberar mais uma etapa na montagem do galpão carnavalesco, e Bishop tinha ido aos extremos da desesperação para liberar mais uma linha de seu poema sobre a turista reclamona, as duas iam tomar uma fresca. Mary às vezes ia, às vezes dizia que preferia ficar.

Davam uma volta pelo sítio e Bishop ia sendo apresentada aos residentes. O caramujo gigante se deslocava com misteriosa desenvoltura por um caminho cheio de impedimentos. Já o caranguejo de água doce, com seu tampo de cerâmica, movia-se em corridinhas ariscas. Lota sabia tudo sobre a mata e ia fazendo as apresentações. Imbaúba, begônia, samambaiçu. Belos sons. Dos labirintos de ramos, lianas e cipós emergiam os gravatás e dos troncos mortos as orelhas-de-pau cor de coral. Faziam expedições à cata de orquídeas. Tudo Bishop ia registrando, tocando o cetim e o áspero das folhas, admirando os desenhos esmerados como um bordado a mão.

A região era pedregosa e tanto Bishop quanto Lota gostavam de ficar apreciando os líquens nas pedras escuras. Para Bishop, eram como explosões lunares.

Na volta, sentavam-se no chão para conversar.

Naquela tarde, Lota comentou:

– Quando eu era criança, adorava ficar aqui na fazenda.

Houve um silêncio. Tempo para as recordações chegarem aos olhos.

Lota contou que o pai havia comprado a Fazenda Samambaia quando ela tinha uns oito anos. A mãe era católica fervorosa e contratou uma amiga muito severa, D. Hermínia, como preceptora das filhas. Os vestidinhos não podiam ter nada transparente, era tudo muito recatado, Lota e Marieta tinham que ser obedientes e acomodadas. Razão para Lota viver escapulindo. Juntava-se a Zette, uma vizinha da mesma idade, e as duas passavam o tempo inventando moda. Ali perto morava uma ex-escrava, bem velha, que fumava cigarro de palha de milho. Lota e Zette ficavam atormentando a preta velha para enrolar cigarros para elas, até a coitada capitular. Aí era fumar e enjoar. Fumar e enjoar. Prazer de moleque. E o bispo? Pois tinha um bispo que vinha sempre visitar a mãe de Lota. D. Adélia tratava o bispo à tripa forra, vinho do porto, *creme de menthe*, charutos. Um dia, Lota roubou um dos charutos do bispo e foi fumar escondido com a amiga. Vomitaram a alma. Depois foi um desespero para conseguir esconder a náusea dos olhos implacáveis de D. Hermínia, não fosse ela obrigar Lota a se confessar com o bispo.

Lota sorria satisfeita com as traquinagens da infância.

Bishop se sentia incomodada. Não tinha essas aventuras para contar. Passara a infância vivendo em casa de parentes, ora um, ora outro, sentindo-se sempre uma hóspede. Tendo que ser grata pela acolhida, nunca contestou nem desobedeceu. Mas produziu bronquite, asma, eczema e até sintomas da dança de são vito, de tão infeliz se sentia. Bishop atribuía sua permanente passividade, sua incompetência em manifestar sua vontade, à falta de um antagonista na infância.

E na Bélgica, então? Lota continuava, diante do silêncio de Bishop. O pai foi exilado político quando Lota tinha doze anos. Ela e Marieta foram internadas num colégio de freiras. Coitadas das freiras, as duas pintaram e bordaram. Lota tinha uma espingarda de

chumbinho. Do lado de fora do prédio, mirava os ovos na cozinha e atirava. Pimba, pimba. A cozinha virava um galinheiro. Depois eram rosários e rosários de penitência. O colégio era lotado de meninas chiques de todos os países da Europa, que achavam as brasileiras umas bárbaras. Era muito enjoado. Um dia, as freiras organizaram uma grande comemoração, com a presença dos cônsules das várias nações. Pediram que uma menina de cada nacionalidade cantasse o hino nacional de seu país. Lota embasbacou. Sempre havia estudado em colégios franceses, como convinha a uma moça de boa família, e ninguém se preocupara em lhe ensinar o hino brasileiro. Mas na hora não teve dúvidas. Cantou, com entonação patriótica:

Ai seu Mé
Ai seu Mé
Lá no Palácio das Águias
Olé
Não hás de pôr o pé

Era uma marchinha do carnaval de 22, proibida por fazer alusão desairosa ao candidato Arthur Bernardes. Mas Lota foi efusivamente cumprimentada, pela beleza do hino. Pena que o cônsul brasileiro não tinha podido ir.

– E você?

– Também passei os melhores momentos de minha infância numa fazenda.

– Ora veja. Seu pai era fazendeiro?

– Não. A fazenda era de meus avós. Perdi meus pais muito cedo.

Bishop não sabia se estava pronta para falar de sua infância. Mas sentia tanto acatamento em Lota que, sem intenção, entregou-se às reminiscências também. Morava com os avós em Great Village, um povoado da Nova Escócia com meia dúzia de ruas. Os avós eram pessoas simples e dignas. Cantavam hinos religiosos.

Sobretudo, eram amorosos. Mas um dia os avós paternos vieram buscá-la. Esses eram ricos, moravam em solitária opulência, nada de parentada, nem de vizinhança, como em Great Village. Bishop era estabanada, não ligava para bonecas ou vestidos, mas a avó fingia que não notava. O avô era omissivo, a avó lhe ensinava o comedimento. Bishop aprendeu a culpa. Adoeceu. Foi resgatada pela irmã mais velha da mãe, que a levou para o apartamento modesto em que vivia com o marido. A família Bishop passou a pagar tia Maud para cuidar dela. Tia Maud a apresentou à poesia e deixava que passasse as férias com os avós queridos na Nova Escócia. Depois Bishop foi para o colégio interno. A família do pai continuou pagando. Bishop recordava a solidão dos feriados: as colegas iam passá-los com os pais, ela ficava no colégio. Em 29 Bishop entrou em Vassar. Era boa em redação.

Lota enlaçou Bishop, confortando-a.

– Como foi que seus pais morreram?

Bishop sentiu a velha pontada. O carinho de Lota a encorajava, porém.

– Meu pai morreu quando eu tinha oito meses.

E depois, num repente:

– Minha mãe foi internada num hospício quando eu tinha cinco anos. Nunca mais a vi.

Ficaram ali longo tempo, Lota abraçando Bishop em silêncio.

Naquela noite, tiveram insônia.

Ficaram lendo, lendo, noite adentro.

O silêncio espaçoso era quebrado apenas pelo estardalhaço de uma mariposa. E pelos vaptos descontraídos das páginas viradas.

Já estava quase amanhecendo quando Lota pegou a lanterna e propôs um passeio fora de hora.

Saíram andando, atentas ao círculo de luz que as guiava.

De repente, começou a relampejar e bateu um vento forte.

– Corre, que aí vem chuva!

As duas desabalaram, de mãos dadas, dando risinhos alegres e aflitos, e chegaram em casa cambaias, exageradas.

A luz dos relâmpagos acendia a sala.

Os olhos se encontraram.

Lota segurou a mão de Bishop docemente.

– Não vá embora. Fique aqui comigo.

Bishop sentiu quando uma gaiola se estilhaçou no ar, libertando um milhão de pássaros.

Desencadeou-se uma chuva radiante.

Bishop olhava o rosto que esperava uma resposta e que se antecipou com um beijo súbito.

De manhã, Bishop estava inquieta, e mais inquieta ficou quando, na obra, Lota lhe disse que ia apressar a conclusão da parte da casa que estava em andamento, para que as duas logo pudessem se instalar ali. Disse que Mary decidira construir sua própria casa, nas imediações.

Lota estava dando como certo que Bishop ia largar tudo e ficar naquele país.

Era típico de Lota. Sempre expedita, não parecia precisar de tempo para refletir sobre os acontecimentos. Bastava-lhe confiar que poderia comandá-los. Já Bishop tinha necessidade visceral de se deter.

Bishop admitia que a exuberância de Samambaia a fascinava. A exuberância de Lota a fascinava. Mas o lugar era o fim do mundo. A casa que Lota estava oferecendo como moradia não teria sequer luz elétrica. Quando chovesse, a estrada ficaria intransitável, seccionando-as do restante do globo. Ao redor das senhorias, mestiços malvestidos falaria uma língua incompreensível.

Verdade que Lota era especial. A Bishop agradava que Lota tivesse uma linhagem, agradavam-lhe suas maneiras aristocráticas.

Inexplicavelmente, para Bishop, as atitudes bruscas de Lota não pareciam incompatíveis com sua sofisticação. A firmeza de Lota quase a intimidava. Mas, embora Lota vivesse apontando o dedo enfático para o resto do mundo, com Bishop adelgaçava a voz. Por tudo isso, diante de Lota sentia-se ao mesmo tempo atraída e atemorizada, como diante de um salteador mascarado.

Lota, tão culta e refinada, devia sentir-se deslocada naquele país atrasado. No entanto, aos 40 anos, parecia querer resolver o conflito entre o civilizado e o primitivo trazendo o ultramoderno para dentro do mato. Ali estaria a salvo da mediocridade do mundo, num ambiente ao seu feitio. Quando sentisse falta de um guardanapo dinamarquês ou quisesse rever seus expressionistas favoritos, simplesmente tomaria um avião para Nova York.

Mas, como fazer para sobreviver financeiramente naquele cafundó de Judas? A profissão de Bishop era ser poeta, se é que aquilo era uma profissão. A maioria dos poetas americanos dava aula em universidades como ganha-pão. Bishop vinha pelejando com a poesia desde os tempos de Vassar, onde se revelara seu talento para a literatura e sua vocação para outras mulheres. Mas fazia cinco anos que tinha publicado seu único livro. Quanto a Lota, sua profissão aparentemente era "ser de família ilustre". Passeava por sua vasta propriedade, inventando as belas coisas que haveria em Samambaia um dia, e as belas pessoas que comprariam lotes para construir suas magníficas casas ali.

Porém, por mais empecilhos que a mente levantasse, o coração tumultuado resistia. Bishop admitia a si mesma que a vontade era ficar. Desde o início ficou clara a atração implacável que estava se instalando entre as duas. Os olhos se roçavam, as mãos buscavam pretextos para se tocar. Nunca passaram despercebidos aos sentidos alertas de Bishop os momentos em que as duas estavam se instigando. Mas, devido à sua enorme dificuldade em externar sentimentos, terminava se estabelecendo entre ambas aquele silêncio que antecede os temporais.

Agora via-se na iminência de ceder. De duvidar, e assim mesmo prometer.

Mas o que será esse insistente medo, que traz pressentimentos à alma, enquanto a confiança, que devia encher o coração neste momento, se esvanece, dando lugar a pensamentos sombrios, tenebrosos?

Naquele almoço Lota apresentou um caju.

Era um caju vermelho, polpudo, perfumado.

Bishop cheirou e gracejou que não se deveria permitir que uma fruta e uma castanha se combinassem de forma tão indecente.

– Prove – atentou Lota.

Bishop deu duas mordidinhas. Achou ácido demais.

À tarde, quando procurava um adjetivo para descrever a cor do sabonete no poema sobre a turista, Bishop percebeu que estava tendo dificuldade em manter os olhos abertos. Os olhos piscavam, era como se estivessem sendo comprimidos de propósito.

Foi até o banheiro e se olhou no espelho.

– Ooh – gemeu uma boca empolada, num rosto inteiramente deformado.

A cabeça tinha virado uma esfera róseo-incandescente. Os olhos eram quase dois tracinhos, só. As mãos também estavam começando a inchar. Sobreveio a conhecida sensação de sufocamento, aquela agonia, o ar faltou.

Foi Tateando a parede em pânico, querendo chamar Lota! Lota!, mas a voz era um chiado sinistro.

Achou que ia morrer ali mesmo.

Lota fez com que o médico subisse do Rio até Samambaia *imediatamente* para examinar Bishop.

O médico entupiu Bishop de medicamentos com bulas em português e prescreveu injeções de antialérgicos e de cálcio. Bishop

tinha pavor de injeção. Fora isso, teria que ir ao hospital dia sim, dia não, para ser submetida a um procedimento que, até onde Bishop conseguia perceber, consistia em retirar sangue de um lado e enfiar do outro. Sentindo-se terrivelmente insegura, Bishop decidiu, por conta própria, tomar também os remédios a que estava acostumada, adrenalina para a asma e tripelenamina para alergia.

Para que Bishop pudesse ter melhor atendimento, Lota instalou-a no apartamento do Leme. E passou a cuidar dela.

Após uma semana, Bishop ainda não tinha desinchado. De repente, começou a sentir uma irritação intolerável por todo o corpo. Pápulas irromperam pela pele. As mãos ficaram em chaga. As orelhas explodiram como enormes cogumelos vermelhos. Bishop sentiu-se dilacerada. E repulsiva. Diante do olhar espantado de Lota, abaixou a cabeça, cheia de vergonha e culpa.

Mas Lota logo a envolveu em encorajamentos e gracejos, inventando que aquilo era tão somente uma cajuíte, manifestação muito comum nos trópicos. Explicou que o caju vive uma terrível crise de identidade, porque na verdade o caju não é um fruto, mas um pedúnculo, que o fruto do cajueiro é o que vulgarmente se chama de castanha-do-caju, que na verdade vem a ser uma noz com uma amêndoa dentro. Viu só que angu de caroço? Assim, pela lei da semelhança, a cajuíte tende a atacar pessoas em crise de identidade.

A partir daí, com todo o mal-estar, o prurido, a angústia dos súbitos ataques de asma e a violência do tratamento, a exasperação de Bishop sempre cedia diante da disposição entusiástica e da garrulice de Lota.

Uma hora Lota começava a ponderar se os cogumelos em que as orelhas tinham se tornado seriam venenosos ou comestíveis. Usava seus conhecimentos de botânica para fazer a avaliação. Senão vejamos. Pelo tamanho e a cor rosada deviam ser *Pleurotus ostreatoroseus*. São grandes, carnudos. Desenvolveram-se rapidamente. Sim, só podiam ser aqueles apetitosos cogumelos.

Outra hora, para terror de Bishop, chamava as amigas cariocas para virem fazer uma visitinha. Elas vinham mesmo e chilreavam alegremente. Pelo que Lota explicava, sugeriam remédios que já tinham tomado e dado muito certo, embora nenhuma admitisse já ter tido tais cogumelos. Parecia a Bishop, pela descontração reinante, que as brasileiras adoravam falar de doença.

Ajudavam Lota a paparicá-la. Quando chegava a hora da injeção, faziam um coro consternado:

– Tadinha!

Oh sim, carregai-me ao colo, acaríciai-me sobre os joelhos, consolai-me como uma mãe consola o filho.

Durante o resto de dezembro, Bishop ficou em tratamento, tomando injeções diárias. Lota puxava uma cadeira para perto da cama e se punha a contar como ia ser em Samambaia. Ia fazer uma casa transparente, para a natureza entrar à vontade. Nas noites de lua cheia, iam sentar no sereno, em silêncio, vendo os vales se enlugararem. Para as noites de frio, porque no inverno fazia muito frio lá em cima, ia construir uma lareira e as duas iam ficar lendo debaixo das cobertas. Bishop escutava, de olhos fechados.

Um dia, quando se tinham passado três semanas e Bishop já podia enxergar direito, muito embora o corpo ainda estivesse coberto de eczemas, Lota sentou-se na beirada da cama e anunciou que ia construir um estúdio para Bishop. Ia ser um cantinho só dela, para ela ficar fazendo poesia. Já tinha até escolhido o lugar: ia ser de frente para o riacho, de forma que poderia ficar ouvindo o barulhinho da água correndo. Mas de costas para a casa, para Bishop não se distrair com o que estivesse acontecendo por lá.

Atônita, Bishop via as mãos mágicas de Lota desenhando a planta do estúdio. A sala com uma janela de correr, o banheiro, a estufa, a cozinha, uma poltrona bem confortável. Bishop ficaria totalmente independente. Hum? O chão vai ser de tijolo de barro,

fica ótimo. As paredes, caiadas. Quando olhar pela janela, vai ver o riacho passando e todas aquelas árvores. Que tal? Você vai ter serenidade para escrever.

Bishop escutava em silêncio. Os olhos inchados ardiam. As mãos de Lota segurando a sua a confortavam. Tudo em Lota a confortava.

Lota pediu-lhe que tomasse a decisão definitiva de não seguir viagem.

As lágrimas quentes finalmente se soltaram, e com elas tudo mais que estava represado. Ia ficar, sim. Queria ficar. No Brasil, com Lota.

ERA UMA VEZ UM REI CHINÊS

Lota e Bishop voltaram para Samambaia, e quando as mãos começaram a desinchar Bishop fez duas coisas. Recusou-se a continuar tomando aquele monte de injeções e escreveu para sua terapeuta, dando conta das provações por que tinha passado.

De um jorro, narrou todos os sintomas e terapias. Olhou para suas escaras e crostas e depois para o mundo lá fora e disse que há muito tempo não era tão feliz.

Mas não teve coragem de confessar à Dra. Baumann que tinha prometido a Lota ficar no Brasil. Disse apenas que só seguiria viagem em 26 de janeiro, conforme seu roteiro, se já estivesse recuperada de todos os seus problemas de saúde.

8 de fevereiro era o aniversário de Bishop e Lota resolveu fazer uma festança. Bishop tinha ficado, afinal.

Mandou chamar os amigos do Rio, que subiram a estradinha infernal equilibrando um enorme bolo, que miraculosamente chegou inteiro. Os amigos eram quarentões e quarentonas, como Lota e Bishop, que, por amor a Lota, tentavam assimilar aquela americana insossa e enfermiça. Por trás das demonstrações de interesse por sua saudinha, porém, Bishop julgava perceber lampejos de hostilidade. Não obstante, procurava retribuir os esforços de cordialidade aprendendo a usar alguns diminutivos, costume dos brasileiros que achava adorável: Está boazinha? Adeusinho.

Lota conspirou com o vizinho do zoológico e ele trouxe para Bishop um tucano de cores lustrosas e olhos elétricos. Bishop adorou o presente. Batizou-o de Tio Sam.

A festa durou o dia inteiro. No final, cantaram *Happy birthday* em português e Lota abriu champanhe. Bishop deu a rolha para Sam.

Depois que todos foram embora, Lota deu um anel a Bishop.

No anel estava gravado: Lota – 20.12.51. Dia em que Lota tinha proposto a Bishop que ficasse, mudando o destino das duas.

Lota e Bishop ficaram acampadas na terça parte da casa que estava de pé. Mary ficou no apartamento do Leme.

A existência em Samambaia era rudimentar, mas tanto Lota quanto Bishop encontravam motivos para achar a vida saborosa.

Pareciam não se importar com a circunstância aflitiva de estarem vivendo numa casa em obras. Após o régio café da manhã na cama, Lota reunia seu minúsculo pelotão e se entregava à engenharia. Tudo em Lota era solar, rápido, cheio de força, constatava Bishop, enquanto nela tudo era vagaroso, cheio de hesitações. Mas naqueles primeiros meses de vida em comum Bishop também estava conseguindo produzir. Seu trabalho estava rendendo, mandava dizer aos amigos, há muito tempo não escrevia tanto!

Bishop praticava português com Edileusa. Edileusa tinha o hábito de falar normalmente com as coisas com que lidava. Casa, você num ajunte tanta sujeira assim. Vassoura, você faz o favor de varrer. Dona carne, por que a senhora num quer cozinhar? Edileusa também tinha uma bela voz e gostava de cantarolar. Isso era fonte de grande prazer para Bishop, pois a única coisa que a fazia lamentar a ausência da luz elétrica na casa era o fato de não poder ouvir música. O repertório de Edileusa era de canções populares e cantigas tristes que dizia ter aprendido com uma tia que era um ruxinó. Uma de suas favoritas era “Vovozinha”:

Me conte uma história pequenina,
Vovozinha, vovozinha!

Gigantes, um rei, uma rainha,
Vovozinha, vovozinha!

Era uma vez
Um rei chinês
E uma princesa cuja beleza
Fez desse rei um escravo
Esse rei que era forte e era bravo.

Ai, que triste vida a minha
Vovozinha, vovozinha!
Saudade do tempo em que ainda tinha Vovozinha,
vovozinha...

Essa letra tocava Bishop particularmente, mas ela também gostava quando Edileusa cantava a história da Terezinha, os limões pelo chão, o sangue derramado dentro do coração, imagens lindíssimas.

As manhãs e tardes eram assim. Lota imprimia um *allegro con brio* no ritmo das obras e Bishop prosseguia no seu *adagio cantabile*, lendo, escrevendo, ouvindo Edileusa e anotando detalhes da flora, da fauna e da geografia para usar em seus poemas.

Ao entardecer, cumpriam o ritual de acender os lampiões a querosene. A transição entre o dia e a noite era um acontecimento que partilhavam, solenes e atentas. Os grilos, os morcegos e as corujas saíam de seus esconderijos. O sapo-ferreiro batia sua bigorna. Mariposas gigantescas, com olhos nos versos das asas, achegavam-se à chama dos lampiões. Prestando atenção nos saltitos que a coruja dava no telhado antes de alçar voo à cata de alimento, Lota e Bishop concluíram que a coruja sabia contar até cinco, pois os pulinhos eram sempre cinco.

A noite trazia também os ataques de asma, que desapareciam durante o dia. Não obstante, Bishop sentia-se bem. A luz

bruxuleante expunha a nudez da sala, onde a figura central de Lota fosforescia. Talvez fosse o amor de Lota que a impedisse de perceber ali desolação e precariedade. Bishop se via num mundo fartamente povoado e de bom grado repartia com os incontáveis insetos o espaço seguro daquela casa.

Março pincelou a mata de roxo. As quaresmeiras, que antes passavam despercebidas entre árvores mais esbeltas, desataram a florir, convertendo-se nas presenças mais marcantes da mata.

Havia dias de aguaceiro. Quando chovia torrencialmente, não havia como sair de casa. Interrompiam-se as atividades de construção. Com a estrada enlameada, ninguém se atrevia a subir. O tempo era usado para estar junto. Lota e Bishop trocavam confidências. Bishop confessou que bebia compulsivamente desde os 21 anos. Lota revelou detalhes de sua problemática família. Sendo ambas espirituosas, também se divertiam muito. Lota fazia imitações impagáveis, como a de Alice B. Toklas acabando de chegar a Samambaia, com seu livro de receitas. Edileusa, é claro, não aparecia. Lota enfumaçava o ambiente, tentando fazer o fogão a lenha funcionar, e Bishop se esforçava para não carbonizar seus quitutes. Gradualmente Bishop sentia que suas defesas cediam diante da ternura de Lota. Nada que pudesse imaginar era tão bom quanto estar dentro do seu abraço, enquanto a chuva caía lá fora. Era, no outono de suas vidas, o prazer inesperado de quaresmeiras em flor.

Cinco e cinquenta da manhã. Na Estação Barão de Mauá, entre a Praça da Bandeira e São Cristóvão, Arnaldo de Oliveira aguardava o apito do trem para Ponte Nova, Minas Gerais. Segunda-feira era o dia de correr a praça de Petrópolis e aquele era o trem que levava Arnaldo e outros viajantes, representantes de atacadistas cariocas, até a cidade das hortênsias. A composição, quatro vagões mais o

carro do correio, era puxada por uma locomotiva a carvão. O trem atravessava os subúrbios da Leopoldina e parava na Raiz da Serra. Desfazia-se, então, a composição, e cada vagão era puxado por uma pequena locomotiva até a estação do Alto da Serra, onde era retomada a composição original. Depois de duas horas e meia de viagem, o trem parava no centro de Petrópolis, na Rua Dr. Porciúncula. Arnaldo ia direto para o Hotel Comércio, junto à estação. Depois de receber a chave do quarto, saía para visitar seus fregueses.

Arnaldo gostava de ter a seu encargo a praça de Petrópolis. Como andava muito a pé, conhecia bem a cidade. Gostava de ver as margens dos rios Piabanha e Platinado cobertas de hortênsias. Gostava de ver as mansões belíssimas e conhecia a casa de Joaquim Rolas na Rua Ipiranga, a casa de Santos Dumont na Praça Rui Barbosa, a casa onde Stefan Zweig e a mulher se suicidaram, na Rua Gonçalves Dias, e, é claro, a Residência Imperial, que abrigava os descendentes da Coroa brasileira. Gostava do clima, das acácias floridas, das pessoas. Não era à toa que os mandachuvas da política tinham escolhido Petrópolis para gozar suas férias, o presidente da República no Palácio Rio Negro e o governador do Estado no Palácio Itaboraí.

Petrópolis era muito próspera. A indústria têxtil tinha grande vigor, as fábricas S. Pedro de Alcântara, Aurora, Werner, Santa Isabel eram afamadas por suas casimiras e sedas finas. O comércio também era forte. Arnaldo tinha que visitar inúmeros armazéns, quase todos de portugueses, e ao fim do dia estava com os pés moídos.

Comia com algum colega no Falconi ou no Primavera, na Avenida 15. À noitinha, enquanto passava a limpo os pedidos e revia seu roteiro de visitas, Arnaldo filosofava que, sendo um viajante profissional, nunca tivera tempo para encerar o chão do Museu Imperial com aquelas chinelas felpudas, como faziam os turistas.

Antes de pegar o trem de volta, Arnaldo invariavelmente passava pela confeitaria Irmãos D'Angelo, para comprar caramelos para a filha. Naquele dia, três mulheres estranhas estavam comprando biscoitos amanteigados. Uma era baixinha, de calças compridas e camisa de homem. As outras eram altas e claras. Falavam outra língua.

Pereira, vendedor veterano que fazia a praça de Petrópolis, como dizia, desde o tempo em que Pedro II namorava a Condessa de Barral, e que por isso mesmo se gabava de saber tudo sobre a cidade, comentou baixinho para Arnaldo:

– Aquelas ali são umas americanas que moram lá para as bandas da Fazenda Samambaia.

O sol ardia. Um lagarto estava parado junto a uma pedra, a cabeça para cima, a boca aberta, os olhos antediluvianos fechados, como se estivesse bebendo luz em paz.

Edileusa começou a decantar a delícia que era um rabinho de lagarto no feijão. Bishop já tinha sido apresentada a algumas combinações exóticas, como feijão com orelhas e pés de porco, mas feijão com aquele teídeo era novidade.

Lota dava trela:

– Como é o gosto? Parece com tatu?

Edileusa não se fazia de rogada. Falava não só de lagarto, mas de outras iguarias como sabiá, tanajura, preá. Lota e Bishop se sentiam incomodadas. No que dependesse de Edileusa, logo não haveria mais animais silvestres no planeta. Porém Edileusa era bugra, refletia Lota. Tinha fome, era plausível. E as pessoas bem formadas que iam exterminando as espécies por futilidades? Sabia que o manto de D. Pedro que estava exposto no Museu do Imperador era todo feito de penas de pica-pau-de-peito-amarelo?

Bishop pensou em Sam, seu tucano querido. Esse sim levava vida boa. Seis bananas por dia, banho de mangueira de jardim, até

um par de brincos para brincar, que Vivinha trouxe das Lojas Americanas. No outro dia, porém, desabou um temporal e Bishop se esqueceu de cobrir a gaiola. Quando se lembrou, disparou, sem pensar em asma, pneumonia e tudo mais a que estava sujeita, e o encontrou ereto, de olhos fechados, o bico para cima, empapado, imóvel, virado estátua.

Como a asma castigasse Bishop, obrigando-a a se levantar diversas vezes à noite, Lota meteu-a no carro e levou-a ao médico no Rio. Bishop se deixou convencer a iniciar um tratamento com cortisona, embora os efeitos da droga ainda não estivessem totalmente desvendados.

A dosagem inicial da cortisona provocou uma sensação de euforia que Bishop, depressiva crônica, achou deliciosa. Numa noite em que acrescentou à cortisona uma dose de gim-tônica, colocou o papel na máquina e sem hesitar escreveu:

Um grito, o eco de um grito, paira sobre aquele povoado da Nova Escócia.

Bishop foi narrando, em prosa, o instante em que uma menina vê a mãe soltar um grito terrível. Depois a mãe é levada para o hospício, e a menina fica perambulando pelo povoado, prestando atenção em outros sons, para esquecer o som daquele grito.

Bishop escreveu dia e noite sem parar, até chegar ao final. Lota não interferiu. Compreendeu que ela tentava conjurar a atrocidade daquele momento.

Finalmente Bishop ficou satisfeita com "Chegada a Santos" e enviou o poema para a *New Yorker*.

Inspirada, escreveu seus primeiros versos a Lota.

Observando que os líquens vão se expandindo na rocha sem turbulência, dispendo de seu tempo, admoestou Lota por sua impaciência:

Foste, querida amiga,
precipitada e pragmática;
e olha o que aconteceu.

À propagação dos líquens Bishop justapôs o surgimento das primeiras mechas de cabelo branco em Lota. E, ao admitir o amor na meia-idade, desvelou um momento de sensual intimidade entre duas mulheres:

Para onde acorrem
em luzente formação
essas estrelas cadentes em teu cabelo negro,
tão retilíneas, tão prematuras?
– Vem, deixa-me lavá-lo nesta bacia estanhada,
cintilante e gasta como a lua.

Cautelosamente, no seu jeito oblíquo, Bishop tinha anunciado aos amigos que tivera que adiar a viagem, por causa da doença. Agora, admitia abertamente que os velhos problemas tinham desaparecido em Samambaia. Estou feliz! Estou feliz!, alardeava. Graças a Lota de Macedo Soares, com quem estava indo para os Estados Unidos em abril, para buscar seus livros e discos. Depois de quarenta anos, tinha um lar.

RIO DE JANEIRO, 1994

Naná abriu *O Globo* de sábado, 2 de julho de 1994, e no caderno *Ela* viu a chamada para a matéria sobre Lota. “Lota mudou a paisagem do Rio e agora é tema de livro que a resgata da obscuridade.” Que surpresa! Depois de tantos anos.

A reportagem ocupava a página inteira. Já conhecia a foto de Lota: devia ter uns trinta e poucos anos, cabelo bem curto, cigarro na mão, olhar meio malandro. Ao lado, é claro, colocaram uma foto de Elizabeth Bishop. A americana estava muito à vontade, o que não era comum, sorria até. A foto devia ser bem do comecinho, início de 50.

Naná ia principiar a ler quando o telefone tocou. Que maçada. Com 84 anos, tinha uma certa dificuldade em entender o que os outros diziam ao telefone. Inda mais que a maioria das pessoas que lhe telefonavam tinha mais ou menos sua idade, e aquele mesmo fiapinho de voz.

– Dolores! Dolores! – pretendeu berrar, mas só saiu o fiapinho. Também, de que adiantaria. Dolores estava na cozinha, de onde nunca saía, nem que o telefone ou a campainha estourassem de tocar. Depois de velha tinha ficado surda feito uma porta.

Naná resignou-se e atendeu. Era Ismênia. Quê? Ah, tinha ficado muito contrariada com a reportagem. Há coisas da intimidade das pessoas que não são para serem reveladas ao público. Pois é, pois é, disse Naná, como era seu costume. Então tchau, meu amor. Um beijinho.

Tornou a abrir o jornal e leu: “Caju uniu Lota e Bishop”.

Lembrou-se nitidamente da primeira vez que viu Bishop. Lota telefonara intimando-a a visitar a grande escritora norte-americana Elizabeth Bishop, que estava hospedada em seu apartamento no Leme. Naná nunca tinha ouvido falar da grande escritora norte-

americana Elizabeth Bishop, mas jamais conseguira recusar nada a Lota.

Lá chegando, encontrou Lota esfuziante. Depois dos abraços e afagos usuais, levou-a até o quarto. Outras amigas já estavam lá: a doce Mary Morse, Vivinha, a amiga de Vivinha na época e, deixa ver, Clotilde Pena, talvez. Orgulhosamente, Lota apresentou a Grande Escritora. Uma criatura rosa-shocking estava deitada na cama, feia que nem o tutu marambá. O constrangimento da ilustre enferma era evidente. Naná, que era tímida, preparou-se para ficar constrangida também. Mas qual, Lota não deixava. Dizia coisas divertidíssimas, que ia traduzindo para a tutuzinha, que ria, coitada, que jeito?

Lota, Lota, que saudade. Naná recostou-se na poltrona para lembrar melhor.

As duas tinham nascido no mesmo ano, 1910. Só que Lota, com aquele pai que volta e meia estava no exílio, nascera em Paris.

Quando Naná a conheceu, Lota morava num apartamento na Lagoa. Vanguardista em tudo, estava antecipando a experiência de vida em comunidade que só viria a ser uma prática comum nos anos 60. Era um apartamento de três andares, cada qual tinha seu quarto com banheiro e os demais cômodos eram de uso coletivo. No primeiro andar morava Ruth Berensdof, que dava aulas de natação no Copacabana Palace, depois foi ser freira, depois largou. Pessoa estupenda. Onde andar? No segundo andar moravam os irmãos Lage, o Alfredo, que era o braço direito do Corção, e o Carlos, que se casou com a Bibi. Lota morava no terceiro andar. Marieta dizia que Lota tinha sido a primeira *hippie* do Brasil.

Desde a primeira vez que a viu, Naná ficou fascinada. Lota era terrível, maravilhosa de se ver. Ao encontrar uma pessoa inteligente, tornava-se interlocutor magnífico. Naná, que não se considerava especialmente brilhante, mantinha-se em silêncio reverente enquanto Lota, exaltada, luminosa, impunha sua presença. Cercada de homens, a quem supostamente cabia o

privilégio da atividade intelectual, fazia-os ultrapassar o preconceito de se considerar tolerável a inteligência numa mulher: eles a admiravam e amavam. Ao longo da vida, Lota teve entre seus amigos Mário de Andrade, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Prudente de Moraes Neto, José Olympio, Pedro Nava, Gustavo Corção.

Fora que Lota era da pá-virada. Naná sorria consigo mesma, lembrando. Aquela festa no Parque Lage, por exemplo. Lota disse que era uma festa a fantasia e convenceu os amigos a irem vestidos de Contemporâneos de Cristo. Foi uma pândega, porque todas as fantasias foram improvisadas com lençóis, uns eram escravos, outros romanos, e por aí afora. Quando Antonio Lage foi buscá-los de smoking, todos estranharam. Mas em questão de minuto Lota já o tinha persuadido a trocar o *black-tie* por uma toga. Quando chegaram ao palacete, foi aquele baque. Todos os Lage chiquérrimos. D. Baby de longo. E Lota de Lázaro, enfaixada, coberta de sangue de mercurocromo. Rosinha, de Madalena Antes de se Arrepende. Todo mundo de lençol. No fim da festa foi pumba na piscina. Saiu no jornal: "Orgia no Parque".

Lota nunca deixou de surpreendê-la, nunca. Uma noite, logo depois da Segunda Guerra, Naná estava ouvindo pelo rádio uma transmissão da CBS em ondas curtas, destinada a ouvintes brasileiras. Chamava-se "Página Feminina". De repente, quem entra no ar? Ora, quem. Dizendo: "Os americanos querem ajudar a gente? Tanto melhor. Vamos tomando o que nos convém, o que não serve deixa-se de lado." Isso ao vivo, em pleno estúdio em Nova York. Naquele tempo era tudo ao vivo. Naquela ocasião os americanos estavam incentivando a política da boa vizinhança. Walt Disney tinha até criado o Zé Carioca, chatérrimo, um blefe, na opinião de Naná. Lota elogiou uma publicação do Museu de Arte Moderna de Nova York, *O Brasil constrói*, falando sobre arquitetura brasileira. E aproveitou cada minuto para valorizar o artista

brasileiro, citando que Nelson Rockefeller tinha doado ao Museu o "Cristo" de Maria Martins.

Uma coisa que deixava Naná fura da vida era a ficção de que Lota era americanófila. Era verdade que Lota admirava uma série de coisas na cultura americana. A prática da cidadania, por exemplo. O senso de organização. Como era uma esteta, encantava-a sobretudo o fato de os americanos patrocinarem a arte. Quantas pessoas ricas nos Estados Unidos não legavam suas fortunas a organizações encarregadas de aplicá-las em fins culturais? Os museus não eram meros depositários de obras, mas promotores da arte.

Naná lembrava que, ao voltar de uma de suas visitas a Nova York, Lota falava sem parar das exposições circulantes. Agora não se tinha mais que carregar as obras de um lado para o outro. As obras eram fotografadas e reproduzidas por meio de um projetor, durante uma palestra explicativa. Hoje em dia isso são banalidades, como a televisão e os antibióticos, mas em 45 era a última novidade.

Lota queria trazer essas coisas para o Brasil. Tinha uma relação muito boa com americanos ligados às artes plásticas. Além de ser amiga íntima de artistas do nível de um Alexander Calder, tinha livre acesso aos promotores culturais da época, como aquele diretor do Museu de Arte Moderna de Nova York, como era o nome dele? Esteve até em Samambaia visitando Lota. Ô cabecinha. Ismênia devia saber, guardava esses nomes todos.

Também aqui no Brasil Lota circulava entre artistas. Era grande amiga de Rosinha Leão, que a apresentou a Cândido Portinari. Lota andou frequentando o ateliê de Portinari, fazendo umas garatujas, como ela dizia. Além do próprio Portinari, tornaram-se seus amigos Enrico Bianco, Carlos Leão, Roberto Burle Marx, todos uns portentos.

Certa vez, quando Mário de Andrade andava pelo Rio, Lota conseguiu que ele desse um curso sobre arte na casa de Portinari,

que estava em Nova York. Lota organizou um ciclo de palestras e convocou a mulherada. Naná foi, e ficou com a impressão de que o modernista tinha se decepcionado com a audiência. Talvez esperasse uma sala repleta de Lotas.

Agora, *a família*, incomodada com a, vamos dizer, independência de Lota, começou com essa história de "voltei americanizada". Era uma patacoada, pois o que mais ressaltava em Lota era seu traquejo europeu. Mas, devido à ligação com Mary Morse e Elizabeth Bishop, os Macedo Soares, que tinham ojeriza a Lota, no que aliás eram correspondidos, só se referiam às "americanas" de Samambaia. Mas a fidalga-camponesa de Samambaia, como Rachel de Queiroz a chamava, era brasileiríssima.

Naná estava emocionada. Tinha esquecido de ler o jornal. Fazia tempo que era assim: esquecia o que estava fazendo no meio. Ou então dormia. Bom, vamos ver o que tanto incomodou Ismênia, resolveu ela, já imaginando o que teria sido.

No chazinho da quarta-feira seguinte, todas chegaram alvoroçadas.

Ismênia trouxe o álbum de recortes, por causa do nome do tal homem do museu. Maria Amélia trouxe o jornal de sábado, vai que Naná ia esquecer onde tinha posto o dela. Bem pensado, admitiu Naná. Vivinha trouxe biscoitinhos amanteigados, sem respeitar o colesterol de ninguém.

Ismênia, querendo logo cumprir sua missão, quis começar pelo álbum. Naná se inquietou. Não gostava nada de fotografias, que traziam de volta tantos mortos, e elas mesmas irreconhecíveis, com outras caras, outros corpos. Olhou os rostos das amigas, que rodeavam o álbum. O tempo havia feito uma bela devastação ali. Vivinha, quando jovem, era uma gracinha. Já Maria Amélia tinha aquela beleza clássica, distinta. Ismênia, coitada, sempre tinha sido feiosinha, parecia um saguizinho, mas tinha lindas mãos, que sempre procurava valorizar. Olha agora. Estavam todas uns cacós.

Também, todas octogenárias, menos Ismênia, ou assim dizia ela. Cada qual tinha sua mazela, início obrigatório de toda conversação: artrose, hipertensão, catarata, bico de papagaio. Dos dentes, nem se fala. Maria Amélia tinha ficado uma dessas velhas chatas que reclamam de tudo, especialmente da indecência com que era obrigada a conviver. Vivinha adorava infernizar a pobre Maria Amélia, falando bunda, em vez de nádegas, coisas assim. Maria Amélia era muito fina, aluna de colégios franceses, chamava a falecida mãe de mamã. Vivinha dizia que a única coisa boa que a velhice tinha trazido era poder dizer e fazer o que bem quisesse, ser malcomportada. Na verdade, refletia Naná, ninguém muda com a idade. A idade só acentua as particularidades de cada um. Maria Amélia sempre tinha sido chata. E Vivinha sempre tinha sido uma espoleta. Sua especialidade era contar histórias, era de rolar de rir. Ninguém contava como ela o caso dos pequineses. Henrique Lage, herdeiro da Companhia Nacional de Navegação Costeira, um império, apaixonou-se pela cantora lírica italiana Gabriela Bezanconi e a trouxe para o Brasil. Construiu para ela aquele palácio de extremo mau gosto no parque. A tal Bezanconi, entre outras extravagâncias, tinha dezenove pequineses, aqueles cachorrinhos históricos. Dezenove. Quando ela cantava, todos berravam junto. Ficava um mordomo de luvas brancas batendo palmas para eles pararem. Vivinha contando tinha outra graça, pois imitava tudo ao mesmo tempo, os trinados da contralto, os dezenove vocalistas, o coitado do mordomo. Uma pândega.

– Naná! Desce à terra, Naná!

Ismênia tinha achado o bendito nome. Era Monroe Wheeler. Estava num recorte bem manchado da revista *Diretrizes* de 23 de abril de 42. Naná reparou nos anúncios, adorava anúncios. Mappin & Webb, Rua do Ouvidor 100 – Rio de Janeiro – Londres – Buenos Aires – Johannesburg – Bombay. The London Assurance, Rua México 90 (Edifício Esplanada), fundada em 1726. Casa Nunes, Móveis, Cortinas, Tapetes, Decorações, Rua da Carioca 65 a 67. Todas

tinham acabado. Louvre, Torre Eiffel, todas chiquérrimas, acabaram também.

Naná leu a manchete: “Vão se agrupar os artistas brasileiros”. Embaixo, uma caricatura de Lota, sentada de pernas abertas, feita pelo Augusto Rodrigues.

– Que mau gosto retratar a Lota assim.

– Maria Amélia, ela era assim.

– Imagine, Vivinha, ela era elegantíssima. Finíssima.

– Isso era mesmo – concordou Naná. – Lota não era elegante no sentido de se vestir na moda, mas tinha o cuidado de se apresentar sempre bem. As roupas, de altíssima qualidade. Casaco de *tweed* inglês. Calçados do Moreira. A costureira, a Esmeralda, atendia toda a granfinagem. As camisas eram engomadas à perfeição.

– Esse era um lado dela – insistiu Vivinha. – O outro era esse lado esculachado. Falando palavrão, seu filho disso, seu filho daquilo. De jeans, com as mangas da camisa arregaçadas. Acho até que foi Lota quem inventou essa história de andar com as mangas arregaçadas.

– Realmente, tinha esse lado sapeca.

– Bom, de qualquer forma, fiquei muito chocada com a forma como o jornal se referiu a Lota e Bishop.

Maria Amélia tinha entrado no assunto. Naná suspirou.

– Ficou chocada, foi, Maria Amélia? Você queria o quê?

– Ora, Vivinha. Ali havia um amor de almas.

– Minha Santa Periquita dos Pneus Furados!

– Lota era uma pessoa austera.

– E por acaso uma pessoa austera é capada?

Vivinha era de amargar.

– Vivinha!

– Maria Amélia, você tem a mania de querer enquadrar Lota como uma solteirona frustrada, porque não casou e teve uma boiada de filhos que nem você. Meta isso no bestunto: ela era a

pessoa mais charmosa, mais fascinante deste mundo. Tinha competência para levar quem bem entendesse para a cama dela.

– Vivinha!!

Terreno perigoso. Vivinha também era solteira e tinha lá a vida dela. Naná gostaria que o assunto parasse por ali.

– Naná, o que você acha?

Ai, meu Deus.

– Não sei, não sei. Elas eram discretíssimas. Quando eu ia a Samambaia dormia na ala dos hóspedes. Elas se retiravam para o lado delas, fechavam a porta. O que se passava atrás da porta eu não sei.

– Isso mesmo. Era particular.

– Que nada. Não estamos falando do que se passava atrás das portas, mas do que se passava à vista de todos. Se Lota era discretíssima, era também autenticíssima. Sempre se mostrou como realmente era, e sempre se fez respeitar assim. Ou não?

A presença imperativa de Lota ocupou a sala. Sim, pensaram unanimemente quatro velhas que se lembravam.

Depois que elas se foram, Naná voltou às reminiscências. Tinha acompanhado de perto a trajetória de Lota, desde os tempos em que repartiam o sanduíche de queijo no Bar do Alemão até a hora em que virou Dona Lota.

Tinha tido uma infância difícil. O pai, José Eduardo de Macedo Soares, trocou a Marinha pelo jornalismo e a política. Sua vida, e conseqüentemente a de sua mulher e duas filhas, foi tumultuada por virulentas disputas e perseguições. Foi exilado no tempo de Bernardes. Foi preso em 30. Em 32, teve seu jornal, o *Diário Carioca*, empastelado. Mas o que conturbou a juventude de Lota foi a polêmica com Geraldo Rocha, do jornal *A Noite*. José Eduardo separou-se da mulher, D. Adélia, ao que se comentava, para ir viver com Horacinho de Carvalho. Horacinho era um rapaz novo, bonito.

Geraldo Rocha escrevia matérias sórdidas sobre a ligação dos dois. Era execrável. Lota sofria muito, pois tinha a sensibilidade à flor da pele e seus próprios problemas de identidade para enfrentar. Marieta dizia até que Lota chegou a tentar o suicídio uma vez. Lota nunca lhe havia contado tal coisa, por isso Naná recebia a informação com reservas. As duas irmãs nunca se bicaram.

O fato é que Lota resolveu tomar seu próprio rumo e foi morar sozinha. Naquele tempo não era nada comum uma moça morar sozinha. Depois do apartamento na Lagoa, morou na Buarque de Macedo, no Flamengo. Depois na Xavier da Silveira, esquina com Copacabana, onde era a loja Elle & Lui. Hoje o prédio não existe mais. Aí resolveu fazer a casa pequena na Samambaia. Caloca desenhou para ela. Àquela altura já tinha se convertido na pessoa forte que seduzia a todos. Ou quase todos. Havia quem interpretasse aquela força como prepotência, arrogância. Naná nunca achou assim. Para ela, Lota era tão cheia de luz que ninguém conseguiria reparar que ela não era bonita.

Na casa pequena, Lota dedicou-se a uma atividade que terminou por ser uma de suas marcas registradas: a de receber. Era uma *hostess* impecável, e propiciava momentos de grande prazer ao seu seleto grupo de amigos. Caloca celebrizou esses encontros desenhando uma "Pequeníssima Flora Quotidiana", brincando com o fato de Lota adorar botânica. Cada conviva habitual recebeu uma designação, de acordo com sua "família". Lota, por exemplo, era uma Carlota Impudica, da família das *Dubiáceas*. Caloca era um número.

No entanto, Lota se ressentia de não ter uma ocupação específica. Queixava-se para Naná que não fazia nada. Não encontrava onde aplicar não só a vasta erudição que acumulara em suas leituras e viagens, mas também sua vontade de reformar o mundo, torná-lo mais belo. Então ficava pondo em bom estado o que estivesse à sua volta, a casa, o jardim, a horta.

Lota era de rompantes, mas uma vez decidida a tomar alguma coisa a peito era infatigável. O Kylso, por exemplo. Lota tinha levado o carro para consertar numa dessas garagens de fundo de quintal, como era antigamente. Enquanto conversava com o mecânico, reparou num menino sentado dentro de um caixote, agarrado a um cachorro. Aproximando-se, viu que as pernas do menino eram dois gambitinhos enlaçados. Tinha tido pólio, não andava, só podia se arrastar pelo chão. Lota ficou transtornada. O mecânico disse que não tinha dinheiro para fazer qualquer coisa pelo filho. Impulsivamente, Lota disse que ia levá-lo e cuidar dele. O pai prontamente concordou, com a condição de que a cachorrinha fosse junto. E lá se foi Lota no seu Jaguar, com Kylso e Rebeca ao lado. Lota pagou duas ou três operações para ele, que passou a andar, claudicando um pouco e apoiando-se numa bengala. Muito mais do que amparo financeiro, Lota dava carinho ao menino, ajudando-o a suportar as dores do tratamento pós-operatório, que são terríveis. Todo mundo ficava impressionado com o desvelo de Lota. Ela o colocou na escola e quando já estava rapazinho, percebendo que tinha jeito para desenho, conseguiu para ele um estágio no escritório de arquitetura de Henrique Mindlin e depois no de Sérgio Bernardes. Kylso se tornou excelente projetista e passou a ganhar bem. Depois as coisas degingolaram, pois, contrariando os conselhos de Lota, Kylso casou-se cedo e foi tendo um filho atrás do outro. Lota construiu uma casinha para ele em Samambaia e volta e meia recepcionava aquela netarada toda. Mas nada parecia ser suficiente para Kylso. Acabou que ele e Lota tiveram discussões desagradáveis por causa de dinheiro, e justo num momento em que Lota não estava muito bem. Lota desencantou-se e não quis mais vê-lo. Foi pena que as coisas tivessem terminado assim, porque Lota salvou aquele menino. Quer dizer, ela achava que tinha salvo aquele menino.

Quem sabe Maria Amélia estivesse com a razão? Talvez Lota tivesse visto em Bishop uma menininha mutilada que ela quis

socorrer. A verdade é que todos tinham ficado abismados quando Lota anunciou que Bishop estava se mudando de mala e cuia para Samambaia. Àquela altura ninguém conseguia atinar com o que será que Lota via naquela americana achacadiça. Como dizia Vivinha, quem sabe um pouco despeitada, àquela ali a sem-graceza tinha mandado lembranças.

MIUDEZAS DO COTIDIANO

Na primeira semana de junho de 52 Lota e Bishop estavam de volta ao Brasil. Mal chegaram a Samambaia, Lota retomou a direção das obras. Para Bishop foi espantoso que em apenas um mês ela e Lota estivessem mudando para a ala nova, com dois quartos, banheiro e um pequeno living com uma lareira de ferro projetada por Lota e feita sob protesto por um ferreiro local, que garantiu que nunca ia funcionar.

Acelerada, Lota, além de começar a construção do estúdio, decidiu represar as águas da cachoeira que passava em frente, para que Bishop tivesse onde nadar. Começou a replantar a horta. E resolveu construir uma nova estrada de acesso a Samambaia, que, no entender de Bishop, reduziria a pó a fama da espiralada estrada de Amalfi.

Lota começava cedo. Bishop ainda não tinha terminado o café quando Lota zarpava, de roupão, para supervisionar a construção da piscina. Os estrondos dos explosivos e o repenique estridente do marrão descombinavam com Samambaia. Lota queria apressar a conclusão daquela fase para restabelecer o silêncio tão caro a Bishop. Embora atordoada com o alvoroço, Bishop sentia-se enternecida com a preocupação de Lota com seu bem-estar e fazia visitas constantes ao canteiro de obras, levando cafezinho.

Naquela manhã, Lota estava no departamento de hidráulica.

– Seu Zé, essa curva que o senhor está fazendo no cano da fossa vai deixar passar o xixi, mas o cocô não. – A franqueza de Lota escandalizava Bishop. – Tudo bem, meu amor?

Lota sorria muito docemente. Bishop sentia-se absurdamente feliz. Morri e fui para o céu sem merecer, achava ela.

– Olhe, meu bem, é melhor você entrar agora. Nosso especialista em dinamite está avisando que vem outra explosão por

aí.

Mal Bishop entrou, ouviu um cabrum! descomunal, seguido de latidos histéricos e de um bombardeio. Lota entrou a seguir, afogueada, estrangulando a cintura com o cinto do roupão. O filho da puta do especialista tinha errado os cálculos e quase destruído o barracão de ferramentas. Por pouco não tinha também desintegrado o imbecil do novo jardineiro, que evidentemente não tinha outro lugar para rastelar a não ser exatamente na área da detonação.

Os dias seguiam assim, com Lota às voltas com seus operários e Bishop à volta de Lota. No meio de tanta agitação, Bishop não conseguia o recolhimento necessário para escrever poesia. Seu mundo era o mundo de Lota. Começou então a escrever aos amigos, contando detalhadamente os episódios de seu dia a dia, para demonstrar o quanto Lota era admirável e capaz. Lota praticava agricultura orgânica, usava fertilizantes não tóxicos, mantinha correspondência com uma radiestesista inglesa. Lota era especialista em silvicultura. Lota era capaz de planejar e executar obras complexas, como represas e estradas. Lota e ela liam poesia diariamente, revezando-se no papel de supervisora, conforme o poema fosse em português ou inglês. Bishop estava se habituando a ser feliz. Dormia bem. Ela e Lota partilhavam uma felicidade robusta, quase não desciam, quedavam-se naquela casa em construção no meio das nuvens.

Lota também queria convencer os amigos do quanto Bishop era admirável e capaz. Era um gênio, grande poeta. Quando "Chegada a Santos" foi publicado na *New Yorker* em junho, Lota fez o poema circular. Ismênia traduziu para Vivinha, que odiou.

"Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria."

Bishop terminou de ler *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Era um livro extremamente difícil para ela. Marcou dezenas de palavras para perguntar a Lota. Surpreendentemente erudito, fazia citações a cada instante, e Bishop assinalou, para pesquisar mais tarde, o que seriam o asno de Balaão e as pegas de Sintra. Sublinhou um aforismo schopenhaueriano: o prazer é uma dor bastarda.

Mas Bishop bem que apreciaria uma leitura mais leve. Antes tinha lido *Infância e Angústia*, de Graciliano Ramos, ambos com afetuosas dedicatórias a Lota e ambos densos. Lota sugeriu então *Minha vida de menina*, de Helena Morley.

Mais que um deleite, foi uma revelação para Bishop. As anotações de uma adolescente sobre o cotidiano de Diamantina nos fins do século XIX eram a um tempo engraçadas e comoventes e repletas de informações deliciosas. Por exemplo, que somente aos homens era permitido usar relógio. As mulheres ficavam sabendo das horas pelo relógio da igreja ou a corneta do quartel. Isso de dia, pois à noite o relógio das mulheres era o galo. Aos fatos, a memorialista apunha seus comentários juvenis. No caso dos galos-relógios, garantia que “canto de galo nunca dá certo e ninguém se convence. Quando o galo canta às nove horas, dizem que é moça que está fugindo de casa para casar. Eu ouço sempre o galo cantar às nove horas e é raro moça fugir de casa”.

Bishop apreciava mais que tudo a descrição detalhada do relacionamento da mocinha com pais, irmãos, avó, primos e tios – as preferências, as picuinhas, as rugas e os desvelos que caracterizam o universo familiar estável e pluriarticulado que Bishop nunca conhecera.

Um dia anunciou a Lota que ia traduzir o livro para o inglês, não como entretenimento ou para praticar o português, mas visando a sua publicação no exterior, mesmo. Lota ficou exultante.

Naquela noite, os amigos reunidos, Lota estava tendo um de seus usuais pampeiros com o neoconvertido Alfredo Lage. Daquela vez era por causa de *O drama de Jean Barois*, de Roger Martin du Gard. Alfredo tinha se comovido com a aflição do homem dividido entre o misticismo e a racionalidade. Ora, Lota se recusava a levar a sério um homem que dizia que as mulheres eram, irremediavelmente, seres inferiores. Esse pequeno detalhe tinha escapado ao aprendiz de teólogo e Lota foi buscar o livro para provar. Olhe aqui. Logo o distraído leitor estava cercado por outras mulheres indignadas. Bishop ainda não estava muito habituada à veemência carioca e para ela um linchamento era iminente. No entanto, sem que Bishop tivesse captado qualquer transição, logo estavam conversando animadamente sobre uma outra coisa. Alguém estava afirmando que no Brasil nada era bem-acabado, nem confiável. Lota aproveitou para dizer que naquela manhã mesmo Bishop tinha chamado sua atenção para uma notícia equivocada sobre os Estados Unidos publicada num jornal carioca.

As cabeças se voltaram, funéreas, para a estrangeira. Quer dizer que, além de manter aquela cara permanente de quem fez a cama na varanda e se esqueceu do cobertor, a enjoada ainda fazia futricas xenófobas. Vivinha sentia consolidar-se sua rejeição.

Bishop verificava que cada dia estava mais espinhoso o relacionamento com a turma de Lota. Além da barreira da língua e do travão da timidez, tinha que se defrontar com as manifestações enciumadas de algumas amigas. Na verdade quase todos os amigos e amigas de Lota lhe pareciam tediosos e fúteis, com seu forçoso ar de festa. A grande exceção era um jornalista que tinha casa de campo em Samambaia, invulgarmente culto e um conversador charmoso. Era um refrigério ter Carlos Lacerda para almoçar numa tarde de sábado, depois dos saraus ruidosos com aquelas vivinhas.

Lota e Bishop já conheciam os pendores artísticos de Edileusa. Gostava de decorar os pratos, por exemplo. Servia o arroz em meio a um canteiro de caprichosas flores de cenoura, rabanete e pepino. Não gostava que comessem o canteiro, era só para enfeitar.

Mesmo assim, foi uma surpresa sabê-la adepta da *Art Nouveau*. Pois ao voltarem de viagem, depararam com um enorme pássaro branco pintado numa pedra escura próximo à casa, com as asas em riste e o bico aberto, como um ganso irritado. Edileusa tinha aproveitado o arabesco de um líquen para ser o corpo da ave.

Com sua incorrigível vocação para a patronagem da arte, Lota cumprimentou Edileusa efusivamente. Mas Edileusa limitou-se a dizer hum, hum. Desde o regresso das patroas andava esquisitona. Não cantava mais, cismava, errava o sal.

Bishop, que estava sempre pronta a assumir a culpa pelo que acontecia de errado, procurou apurar sua responsabilidade na mudança de Edileusa. Seria por causa de suas intromissões na cozinha? Mas logo Bishop descobriu a verdadeira razão. Zezé, o centésimo novo jardineiro, toda hora estava na cozinha. Era água, era café, era uma vassoura emprestada, era água, era café. Edileusa punha as mãos na cintura, provocava, sestrosa: De novo?! Enquanto o moço bebia a água ou o café ali mesmo, asestando as butucas azuis em sua diva, as atividades culinárias eram interrompidas. E, uma vez retomadas, deixavam muito a desejar. Um dia Lota reclamou que a galinha estava crua. Mala cozida fica mais gostosa, afrontou Edileusa, mais interessada em localizar seu xodó pela janela.

Não obstante sua intuição para o tempero, Edileusa nunca fora particularmente esmerada na limpeza. Piorou bem, depois da chegada do alemãozinho. Dizia que estava atentada. Um dia, Lota pediu que *por favor!* limpasse a lixeira. Quando voltou para o almoço, encontrou a lixeira pintada de lírios vermelhos e pretos. Para alfinetar Lota, Bishop comentou que o resultado era até melhor do que o vaso de Portinari que havia em Samambaia.

Lota pegou o jipe, desceu até Petrópolis. Voltou com dois enormes blocos de desenho, pincéis, aquarela, guache.

– Tome, Edileusa. Pinte.

– Vamos mal, vamos mal.

Lota chegava das obras estafada, para encontrar a casa entregue às baratas. Um dia o almoço não estava pronto porque Edileusa estava infeliz. Descobrira que Zezé era muito moceiro. Outro dia, atrasou-se porque se infezemo no caminho, ele só pensa em sinvirgunhiça.

Lota decidiu conversar com Zezé. Enroscando o chapéu nas mãos, encabuladíssimo, Zezé acabou esclarecendo que o problema era que Edileusa só ia se entregar a ele depois de casar de véu e grinalda. Maldosamente, Lota o encorajou a não se render.

– Mas que conversa fiada é esta? Faça valer seus direitos, homem!

Mas para Bishop revelou que ia fazer o casamento dos dois, nos termos de Edileusa, casta balzaqueana.

E como sempre com Lota, foi dizer e fazer. Edileusa quis escolher o modelo do vestido, quis que o bolo fosse feito fora, quis ter lua de mel. A tudo Lota atendeu. No dia do casório, ela e Bishop foram para o apartamento do Rio, para que os nubentes e seus convidados se sentissem à vontade.

Os resultados não foram os esperados. Primeiro porque, talvez por ser mais velha do que Zezé, Edileusa era ciumentíssima. Passava o tempo indo de Pedro a Paulo, catando o mardito. Depois porque encontrara sua vocação na pintura revelando-se, na avaliação de Lota, uma excelente primitivista. Depois do ganso na pedra e da lixeira florida, a intenção de Lota ao fornecer o material de pintura tinha sido a de evitar que Edileusa quisesse repartir com ela a decoração da casa. À proporção que ia mostrando seus trabalhos, porém, Edileusa foi confirmando seu talento. Lota

comprou telas e bisnagas e encorajou-a a passar para a pintura a óleo. Crianças brincando de roda, moças dançando o pau de fita, pretos de chapéu panamá olhando o tempo passar povoavam as telas de Edileusa. Quando surpreendeu Edileusa na iminência de partir um quadro com moleques soltando balões na cabeça de Zezé, Lota decidiu que era hora de ela ir embora. Com um abraço afetuoso, disse-lhe que seu lugar era numa galeria de arte e não na cozinha.

Dessa forma, Lota e Bishop perderam no mesmo dia cozinha e jardineiro. Bishop voltou, um pouco desconsolada, para a cozinha. Lota mandou recado aos quatro ventos de que precisava de empregada e de um jardineiro com muita experiência, que entendesse de jardim, pomar e horta. Foi assim que vieram as quatro Marias, quatro irmãs para as quais Lota montou um esquema de revezamento que garantiria que sempre haveria alguma Maria na casa. E foi assim que veio Manuelzinho.

Lota e Bishop praticavam assim a arte de tirar das miudezas do cotidiano a graça da vida.

Formavam rotinas que eram rituais de convivência. O despertar lado a lado. As saudações matinais. O café na cama. As “visitas de inspeção” à obra. A lista da quitanda, o cardápio do almoço. As leituras e conversas à noite. A chegada da correspondência. A hora de abrir a correspondência era especial, hora em que os amigos de Bishop entravam em Samambaia. De início, Bishop ia lendo e reportando para Lota. Com o tempo, Lota passou a abrir ela mesma a correspondência de Bishop. Reprovava os amigos depressivos – não faziam bem a Bishop. Escrevia P.S. nas cartas para Gold & Fitzdale, pianistas americanos que Bishop veio a conhecer através de Lota. Mandava lembranças para Marianne Moore.

Raramente Lota e Bishop se separavam. Se Lota tinha que ir ao Rio, iam juntas. Atravessar a serra era sempre uma experiência e

tanto para Bishop, que não sabia dirigir. Se o dia estava luminoso, o pequeno Jaguar era um meteoro. Perdido o encadeamento da paisagem, Bishop fixava o olhar zarolho nas polivalentes mãos de Lota, ocupadas a um tempo em gesticular, segurar o cigarro e garantir o ângulo perfeito nas curvas. Frequentemente a travessia era feita em meio a neblina cerrada. Lota seguia impávida. Bishop, ciente dos precipícios ocultos na névoa, distraía-se inventando cartas para os amigos, recapitulando a espetacular guinada em sua biografia. Tinha um lar, com fogão e tudo. Estava incorporando paladares picantes à sua culinária. Fazia poesia na comida, inventava extravagâncias, como a geleia de jabuticaba. Como explicar aos Barker a voluptuosidade da jabuticaba?

Lota e Bishop faziam planos, e também dessa forma a relação se solidificava. Criar vacas e fazer manteiga em casa. Viajar para a Itália. A dificuldade em relação às viagens internacionais é que, embora Bishop estivesse acostumada a viajar de 3ª e ficar hospedada em pensões, Lota não abria mão da 1ª classe. Para viajar assim, teriam que juntar dinheiro. E como juntar dinheiro, se as despesas com as obras eram astronômicas e se Bishop não conseguia inventar poemas para o segundo livro?

– Bicho aqui é que não falta – comentou Lota, quando Bishop revelou que a zoologia era uma de suas disciplinas preferidas.

Saíam para fazer investigações noturnas. Com a lanterna na mão, iam surpreender os sapos que, desengonçados, montavam para o “amplexo reprodutivo”. Focavam o olho rubro das corujas que aguardavam a presa no chão e se afastavam num voo parnasiano. Em casa, ouviam os chiados alvoroçados dos morcegos. Lota defendia o espaço dos morcegos, explicando que ajudavam a manter a mata, ao defecarem, já prontas para germinar, as sementes das espécies das quais se alimentavam.

Bishop não se cansava de admirar a esplêndida bagagem cultural de Lota. A cada momento fazia um comentário oportuno e bem informado sobre o que estivesse em pauta.

Cativada, Bishop fez um poema sobre Lota: "Sagacidade".

"Espere! Vou pensar um minuto."

E no mesmo minuto vemos
Eva e Newton, maçãs na mão,
Moisés com a Tábua erguida,
cofiando a cachola Platão
e muitos outros helenos,
todos acudindo em corrida
à sua testa franzida.

Então você faz um trocadilho brilhante.

Rimos e aplaudimos, ruidosas.

Assustados, vão embora os ajudantes.

E no espaço onde vagueiam as conversas ociosas
surpreendemos – lá atrás, muito distante –
o nascimento radioso de uma estrela petulante.

Colocando pedra sobre pedra, Lota ergueu do nada o prometido estúdio de Bishop. Em dezembro Bishop sentou-se na *sua* cadeira, no *seu* canto, disposta a ficar chorando uma semana sem parar de tanta felicidade. Imensos foram os preparativos para mim/Fiéis e amigos os braços que me ampararam.

Agora a retribuição devida era que, instalada no seu ateliê de criação, ela se inspirasse nos bambus em frente e escrevesse os mais belos poemas do século. Ou pelo menos alguns que alguém comprasse.

E Bishop se esforçava. Passava as tardes trabalhando o farto material que Samambaia lhe fornecia. Mas no dia seguinte, ao ler o que produzira, perguntava-se como podia ter escrito algo tão babaca.

Manuelzinho, “o pior jardineiro que já veio ao mundo desde Caim”, apresentou Bishop à instituição brasileira do caseiro. Fascinada, Bishop via aquele homenzinho de calças cobertas de remendos e chapéu de palha pintado de verde levar Lota à fronteira da loucura.

Lota comprava quilos das melhores sementes, importadas e garantidas, e toda a produção era uma cenoura de três pernas. Manuelzinho plantava no mesmo canteiro couves e cravos vermelhos. Passava horas parado ao lado do burrico. olhando o vazio, ou o que para Bishop era o vazio. Seus filhos, com as cabeças enfiadas em sacos de açúcar Pérola, se escafediam quando Lota se aproximava, aterrorizados. Uma vez por mês Manuelzinho pegava o caderno com um camelo na capa e vinha “acertar as contas”. Nos seus cálculos, onde as vírgulas dos decimais eram sempre esquecidas, Lota lhe devia milhões.

Os sentimentos de Lota se esquizofrenavam entre a fúria e a condescendência, a exasperação e a ternura, diante da vitalidade criativa do caseiro. Percebendo em Manuelzinho alguém que resistia à ordem opressora e se mantinha livre através da imaginação, Bishop dedicou-lhe um longo poema. Colocou Lota como a ambivalente narradora e fez de Manuelzinho um infrator irresistível:

E um dia eu berrei tão alto
que era para você ir correndo
e me trazer aquelas batatas
que seu chapéu voou
e você saltou dos tamancos
deixando três objetos dispostos
em triângulo aos meus pés,
como se o tempo todo você tivesse sido
um jardineiro de conto de fadas
e à palavra “batatas”
sumisse para retomar as atividades
de príncipe encantado em outro lugar.

As Marias foram se acostumando a ter na cozinha aquela gringa que atravessava o português e misturava manga com *curry*. Muitos eram os apreciadores da comidinha de Bishop, desde Maneco, o sobrinho de Rosinha e Magu, até Manuel Bandeira, cantor de suas geleias gozosas. Lota sentia-se acarinhada quando, encerrada a rotina das obras, Bishop colocava sobre a mesa do chá uma fornada de biscoitos fresquinhos. Cookie, passou a chamá-la. Minha mestrecuca querida.

Antes que Bishop pudesse dizer rumenique, já tinha se passado um ano. O anel com o nome de Lota marcava 20.12.51. Agora já era outra vez Natal e Bishop quis cumprir a promessa de preparar para a ceia um peru na melhor tradição da Nova Inglaterra.

Naquela manhã a empregada de plantão, Maria das Dores ou Maria da Penha, Bishop não sabia qual, veio avisar que o peru tinha chegado. Bishop desceu do estúdio arquitetando o que poderia usar para substituir o *cornbread mix* para fazer o recheio. Para o tempero ia precisar de *savory* e *thyme*, como é mesmo que se dizia em português? Aliás, por falar em peru, Lota já tinha explicado que *Thanksgiving Day* não se traduzia por Dia de Dar Obrigados, conforme Bishop tinha elucidado uma correspondente. Bom, pelo menos tinham trazido *gravy seasoning* dos Estados Unidos para pincelar a ave. Bishop calculava que fosse demorar umas seis horas para assar.

Na porta da cozinha, Bishop estancou. A ceia de Natal estava postada à sua frente, melancolicamente amarrada por um barbante a um pé da mesa. Mantinha o ar compenetrado que os perus são capazes de manter, apesar do *pendentij* escarlata.

– *Oh dear.* – Que situação constrangedora. Nunca teria imaginado que o bicho viria vivo.

– A senhora deixa que a gente mata ele. Depois a gente escalda ele na água fervendo e depena ele.

– *Oh dear.*

– Hoje a gente fica dando cachaça pra ele e mata ele amanhã.

Bishop achou que a cachaça fosse um ato piedoso, uma espécie de narcótico para que o peru suportasse melhor a execução, coitado.

– *Well, OK.*

E assim cozinheira e condenado mantiveram a compostura, na melhor tradição da Nova Inglaterra.

Uma enorme borboleta azul, dessas que viram bandejas, passou planando. De dentro da piscina, Bishop acompanhou o voo com os olhos, que acabaram voando até os olhos de Lota. As duas se sorriram. Era janeiro, era domingo, não havia obras nem obreiros, e Manuelzinho há muito já tinha descido, com a enxada no ombro. A água passando por seus corpos era a coisa mais refrescante que se poderia imaginar sob aquele céu azulíssimo. Lota se aproximou devagarinho. Tenho quarenta anos, pensou Bishop, incrédula, diante daquele amor taxativo.

De repente, uma zoeira: cruac! cruac! Era um bando de maitacas, alardeando a passagem.

Lota e Bishop seguiram seu voo para dentro da mata. Depois retomaram os sorrisos, dispostas a deitar na rede frouxa da tarde e se amontoar no fundo.

– Vamos, Cookie?

– Vamos.

Foram para casa abraçadas, e para Bishop era como se fossem patinadoras fazendo círculos lentíssimos.

Ao crepúsculo saíram do quarto, regaladas, e foram tomar mate gelado na varanda.

Finalmente Lota achou tempo para concretizar o sonho de Bishop: conhecer Ouro Preto. Suspeitando o que devia ser viajar no Brasil,

Lota, *habituée* de Nova York, elaborou uma longa lista de apetrechos para garantir a viagem, de abridor de Lota a zarabatana. Mandou fazer uma revisão no Land Rover e pesquisou mapas. Consultando uma amiga que tinha acabado de vir de lá, soube que a nova estrada tinha ficado pronta. Se fossem de carro, o passeio seria muito mais aprazível. Transferiram a volumosa equipagem do jipe para o velho Jaguar e lá se foram.

Após alguns quilômetros de estrada nova, sob o céu maravilhosamente azul de Minas, Lota e Bishop embasbacaram. Repentinamente não havia mais estrada nova. A estrada tinha sido inaugurada, mas não tinha sido terminada! A partir daquele ponto, tiveram que retomar a estrada velha e fazer o Jaguar baixinho ir rabeando entre as crateras. Fizeram cinquenta quilômetros em seis horas, durante as quais Lota endereçou à amiga-informante sua copiosa lista de nomes feios. Entraram em Ouro Preto à noite, arrastando em marcha triunfal o escapamento, desprendido num buraco.

Para Bishop, Ouro Preto compensou todas as agruras da viagem, que incluíram um pneu furado e hotéis totalmente inadequados a uma Costallat de Macedo Soares. Bishop apaixonou-se pela cidade e partiu resolvida a voltar lá muitas vezes.

O pobre Jaguar voltou bem danificado. Com os mil e duzentos dólares que recebeu pela publicação de *No povoado* e mais um pouquinho, Bishop decidiu-se e comprou um MG 52 preto. Lota adorou, subia ventando a futura estrada de Amalfi, arrepiando os cabelos grisalhos de Bishop.

Porém, numa noite escura de muita chuva, o garboso MG encalhou na lama da estrada de Amalfi e não houve empurrão que o fizesse sair. Lota e Bishop tiveram que subir até Samambaia chafurdando na lama, de mãos dadas no breu. Chegando em casa, Bishop deu de choramingar, porque sua linda suéter, que nem tinha

estreado ainda, tinha ficado no carro. Certamente seria roubada. Bufando, Lota pegou o Land Rover, desceu na lama e na chuva e resgatou a bendita suéter. Esqueceu de trazer o pagamento do pessoal da obra, que ficou no porta-luvas. Mas ninguém roubou.

Volta e meia Lota dizia:

– Cookie, vá trabalhar.

Bishop andava airada, sem conseguir se concentrar no trabalho. Demorava-se pelejando com as palavras, desabotoando-as. Muitas vezes elas resistiam. Outras vezes era Bishop que, subjugando-as, perdia o interesse, ia em busca de outras. Não conseguia completar poemas, para vender. Queria ser capaz de escrever como os amigos Theodore Roethke e Robert Lowell, poemas de três, quatro páginas. Pagava-se mais por eles. E, coligidos, logo formavam um livro. Os poemas que Bishop engatilhava eram curtos, seriam necessárias dezenas deles para compor o novo livro, que a editora não cansava de cobrar. Bishop escrevia-lhes que estava prestes a terminar meia dúzia dos grandes, aguardassem, estavam na bica.

Naquela semana Lota precisou ficar dois dias seguidos no Rio. Estava alugando o apartamento no Leme, para ter uma renda mensal fixa, e tinha outros problemas envolvendo papelada para resolver. Quando voltou a Samambaia, Maria foi recebê-la no estacionamento, aflita. Dona Elizabetchi não queria sair do quarto, não tinha comido nada aqueles dias.

Lota voou. Cookie!

A porta do quarto estava trancada.

Lota girava a maçaneta, espalmava a porta, gritava por Bishop.

Do quarto vinham sons animais.

Lota estava pronta para forçar a porta quando ela se abriu. Lota arremessou-se.

No chão, junto à cama, garrafas vazias.

Bishop deixou-se abraçar, inerte. Começou a soluçar.

– Me ajude – implorou –, me ajude.

Àquela se seguiram outras Grandes Bebedeiras. Quando Bishop começava a beber, não conseguia parar. Bebia até ficar inconsciente. Quando voltava a si, passava mal, sentia-se culpada, odiava-se. Então passava tempos sem beber.

Lota se empenhava em prolongar o mais possível os períodos de abstenção. Deixou de servir drinks nas reuniões com amigos. Se as duas iam à casa de alguém, pedia que não oferecessem bebida a Bishop.

Bishop era grata por aquela proteção amorosa. Por isso, mais culpada se sentia quando, ingrata e irresponsável, voltava a beber. Quando Dylan Thomas morreu, em novembro de 53, ele mesmo um alcoólatra incondicional, Bishop tomou um porre homérico por todos os poetas desgraçados. De outras vezes Lota não conseguiu precisar efemérides que pudessem ter desencadeado as recaídas. De uma coisa teve certeza, porém: só com seu amor não conseguiria libertar Bishop do vício.

Lota conversou com Bishop e, com maternal persistência, convenceu-a a buscar tratamento médico para sua dependência. Bishop concordou em tomar Antabuse, um remédio que fazia com que à menor ingestão de álcool o beberrão vomitasse as tripas.

A vida prosseguia assim, uma vidinha pacata. Manhãs orvalhadas, noites estreladas. Antabuse.

Os serviçais constituíam o maior contato de Bishop com o idioma. Bishop procurava treinar seu português arrevesado com as marias e joões à mão. Nem sempre era bem-sucedida. Certa manhã, enquanto um dos rapazes rastelava junto à piscina, Bishop comentou a lindeza de um caranguejo postado numa pedra. Sem detença o moço ergueu o rastelo e paft! espedaçou a lindeza.

Às vezes sentiam saudades de Edileusa, agora pintando bastante e vendendo os quadros para as amigas de Lota. Um dia Bishop tinha querido saber se Edileusa era um nome comum. Lota explicou que não, que devia ser metade do nome da mãe combinada à metade do nome do pai, costume brasileiro que dava origem a Rubenaldas e Cleidonires. Mas quando Lota perguntou por que os pais lhe tinham dado aquele nome, Edileusa disse, cabalisticamente, que era uma homenagem à princesa Isabel.

Havia domingos em que Samambaia virava um alarido de crianças. Kyslo, o protegido de Lota, já tinha quatro filhos, inclusive uma Lotinha. Mais os filhos da cozinheira e da irmã da cozinheira, mais os filhos de Manuelzinho. Incomodada, Bishop enfurnava-se no estúdio, ia ler *Um naturalista no Brasil*. Lota, muito prática, achava que seria oportuno traduzir o livro do Dr. Spock.

Um momento de pura alegria aconteceu quando Lota disse ao sobrinho Flávio que podia trazer seus amigos para brincar na piscina. Da janela do estúdio Bishop via dez ou doze meninos nus pulando das pedras, agitando-se na água, rindo, maluquinhos. Bishop, que não teve infância, enterneceu-se. Foi até a casa e ajudou Lota a preparar chocolate para a molecada.

Feita de momentos modestos era a vida de Lota e Bishop em Samambaia.

Uma certa celebridade veio quando, no início de 54, a casa de Lota ganhou importante prêmio de arquitetura. Os amigos subiram para festejar. Alguns reclamaram que haviam ligado para o Leme e achado Bishop mais enrolada do que nunca. Não, pobre Cookie, explicava Lota. É que o apartamento tinha sido alugado para uma outra americana que também se chamava Elizabeth, e ela não atinava que as pessoas estavam se dirigindo a sua homônima. Era uma confusão dos diabos.

A glória era empanada pelas aflições financeiras. A casa devorava, pantagruélica, todos os recursos de Lota. Os enormes vidros foram importados da Bélgica, a preços que Bishop considerava aterradores. A inflação regia o pagamento da mão de obra. Bishop e Lota tiveram que cancelar seus planos de viagem ao exterior, carinhosamente elaborados no aconchego da alcova.

Instalou-se, no âmbito das finanças, uma primeira divergência. Lota achava Bishop cainha. Bishop achava Lota perdulária. Pois se, na Bienal daquele ano, pronta do jeito que estava, quis a todo pano comprar uma escultura de bronze caríssima. Bishop se ressentia. Aquela aquisição, nada prioritária, invalidaria os projetos de viagem por um bom tempo.

Os mofos da premiada casa continuavam a atuar sobre a árvore brônquica da frágil americana, e Bishop tinha longas crises de asma. Com isso, atrasava-se ainda mais a conclusão do novo livro. A editora, após nove anos de espera, propôs uma edição combinada do livro anterior, *Norte & Sul*, com os poemas da última safra, reunidos sob o título de *Uma fria primavera*. Bishop resistiu muito mas, após uma crise que a deixou dez dias seguidos de cama, Lota a convenceu a aceitar. Como dizia Vivinha, a sorte de Bishop era que ela era asmática, mas Lota axiomática.

As notícias sobre a situação política do Brasil chegavam a Samambaia através do brilhante vizinho. Desde o dia em que o conheceu, Bishop encontrou Lacerda ocupado em combater com sanha o presidente Getúlio Vargas, através de seu jornal *Tribuna da Imprensa*. Em um ou outro fim de semana Lacerda encontrava tempo para brindá-las com uma eloquente resenha de suas atividades como paladino da democracia. Lota gostava de espicaçá-lo. A Bishop desgostava um pouco tanta ferocidade. Gostava muito mais quando o assunto era literatura.

Certa madrugada Lacerda foi baleado na porta de casa. Quando soube, Lota ligou preocupada para Letícia, mulher de Lacerda. Ele estava bem. O major Vaz, contudo, havia morrido.

A partir daí, Lacerda começou a articular às claras a deposição de Vargas, a quem atribuía a autoria do atentado. Bishop tinha uma aversão ianque por golpes, mas, até onde conseguia entender, a opinião pública estava com Lacerda, bem como a maioria dos políticos e militares.

De repente, a situação se reverteu. Com o suicídio de Vargas, a população indignou-se contra Lacerda, que teve que se esconder. O que não impediu que nas eleições daquele ano Lacerda tivesse fantástica votação.

Oh this incredible country! escrevia Bishop aos amigos, já que não tinha coragem de dizer em voz alta.

Vivinha levou os sobrinhos para ver *Carnaval Atlântida*. Adorou o filme. Blecaute vestido de romano cantando “Dona cegonha”, enquanto Maria Antonieta Pons rumbava um samba, era a essência do *kitsch*. Vivinha recomendou a Lota que levasse Bishop para assistir. Ela precisava conhecer o Brasil.

Lota nem pensaria em ir ver um filme em que Oscarito era Helena de Troia e sequer mencionou a hipótese a Bishop. Bishop já estava tendo sua dose de Brasil, trabalhando arduamente na tradução de *Minha vida de menina*. A decisão de dar por encerrada a produção de poemas para o novo livro tinha trazido grande alívio a Bishop, que agora se devotava intensamente a acabar aquela tradução. Todo final de tarde Lota conferia as dúvidas de Bishop. Achava que o livro estava ficando bom.

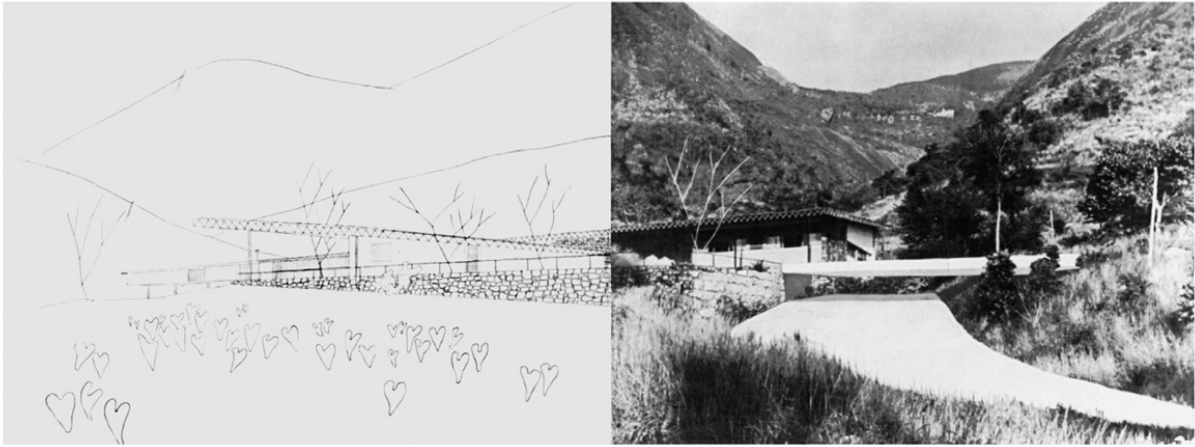
Finalmente, em agosto de 55, *Poemas: Norte&Sul – Uma fria primavera* foi publicado nos Estados Unidos. O livro fechava com “Lavando os cabelos”, poema para Lota.



Lota, por volta dos 30 e dos 40 anos. Abotoaduras em blusa de seda e mangas arregaçadas em tecido rústico.



Elizabeth Bishop aos 43 anos, em Samambaia. No céu, sem merecer.



A casa de Samambaia: o moderno incrustado na rocha rude.
O projeto de Sérgio Bernardes foi premiado na 2ª Bienal de São Paul.



Saleta de jantar:
Líquén nas pedras.



O quarto:
vegetação e treliças joviais.



No living



Casa aberta: Lota, Bishop (no interior), uma nuvem particular e uma parede inteira para o mapa do bolor.



Pela primeira vez, Bishop teve um lar. Junto vieram um gato, um carro e...



... um estúdio levitando na mata.



Não sei dizer o quanto o Brasil "enriqueceu" minha poesia. Mas não há dúvida de que o Brasil "enriqueceu" minha vida.



Lota e Aldous Huxley em Samambaia.



Lota com Monroe Wheeler, Rio.



Lota, Joan e Antônio Callado olhando os Calder na piscina.



Lota e Bishop com Harold Leeds e Wheaton Galentine, em Nova York.

O VERDUREIRO DA SORTE

Naquela madrugada, foram acordadas por trovões e relâmpagos. Um raio caiu junto à casa. Crrect! O estrondo fez com que Tobias entrasse correndo no quarto, o pelo arrepiado, e pulasse para a cama. A barulheira no telhado metálico era infernal: chovia pedras. Lota e Bishop desfizeram o abraço e se levantaram. Lota teve que acender velas, pois a fiação tinha sido danificada e estavam sem luz. Bishop verificou que estavam também sem telefone. Quando o dia surgiu, a tribuzana cessou. Lota e Bishop saíram para conferir os estragos.

O gato ficou no quentinho dos lençóis.

As quaresmeiras tinham derramado todas as pétalas:
úmidas, roxas, entaladas entre os olhos fixos das
pérolas de gelo.

Bishop aproveitou o episódio para escrever "O temporal" e celebrar Tobias. Honra demasiada para aquele niquento, na opinião de Lota, que implicava com a mania de Tobias enfileirar no chão da cozinha os miúdos de rato que não gostava de comer.

Outros animais flagrados por Bishop se insinuavam nos novos poemas gerados no estúdio. O tatu fugindo de um incêndio na mata causado por um balão. Os lagartos rodeando, acesos, a fêmea de rabo empinado. O maçarico correndo obcecado pela praia, atrás de alguma coisa, alguma coisa, alguma coisa. Bishop tinha paixão pela descrição. Mas, perfeccionista, ficava esmerilhando os versos numa agonia de revisões, revisões, revisões.

Quando finalmente Bishop liberava os poemas, contudo, saíam coisas como *Uma fria primavera*, que estava merecendo os melhores elogios da crítica norte-americana.

Entre os brasileiros, porém, Bishop continuava solenemente ignorada. Inconformada, Lota conseguiu que a revista *Anhembí*, dirigida por Paulo Duarte, publicasse um poema inédito de Bishop e fizesse uma apresentação da poeta aos leitores. "*Squatter's*

children”, cujo título foi traduzido por “Filhos de favelado”, foi publicado em inglês no número de abril de 56, juntamente com o artigo de Benjamin Péret, “O que foi o Quilombo dos Palmares?”, e uma análise, feita pela redação da revista, do XX Congresso do PC Soviético.

A apresentação informava que Bishop morava num retiro poético no píncaro de uma montanha, na casa bela e agreste de Lota de Macedo Soares, e que as sugestões que sua sensibilidade vinha recebendo da natureza brasileira já se faziam notar em alguns poemas de *Uma fria primavera*. No entanto, elucidava a nota, a ilustre hóspede não era muito lida sequer pelo grande público de sua pátria, por ser “dona de uma arte que antes se insinua do que se impõe”.

Naná sentiu alívio com a ressalva do articulista de *Anhembi*. Sabia que Lota estava aguardando um comentário seu sobre “*Squatter’s children*”, mas sentia-se insegura. Não sabia qual era a posição política de Bishop, mas o poema lhe parecera um protesto cáustico contra a injustiça social no Brasil, ao ironizar que, embora destituídas de terra, aquelas crianças surpreendidas por uma tempestade tinham direito inalienável a mansões de chuva. A arte de Bishop exigia um domínio da língua inglesa que Naná definitivamente não possuía. Era diferente de ler o *Times*. O poema “*The shampoo*”, por exemplo, que encerrava o livro de Bishop, supostamente era sobre Lota. Falava de liquens, de anéis na lua, de estrelas cadentes e de céus pacientes. Dizia que Lota era precipitada e agora tinha que lavar os cabelos. Francamente. Naná não conseguia atinar com o propósito do poema. Era uma lástima que Ismênia estivesse fora do país. Ela sim, saberia decifrar aquilo tudo, como tinha feito com aquela estranhíssima história da infância de Bishop publicada na *New Yorker*.

Naná sabia que Lota considerava Bishop um gênio. Quando um ou outro amigo levantava as, digamos, inconveniências que Bishop tinha trazido à sua vida, com sua saúde precária, seu

temperamento esquisito e sobretudo seu alcoolismo, Lota dizia sempre que Bishop era um gênio, como se a um gênio se tivesse que tolerar tudo.

Por causa da genialidade, do alcoolismo ou lá pelo que fosse, a verdade é que gradativamente Lota foi descontinuando as badernas alegres com os amigos nos fins de semana. A espontaneidade se perdeu. Se a conversa era em português, Bishop praticamente não participava. Se era em inglês, a conversa se ajustava ao nível variado de fluência dos participantes, ficava aquela gororoba, Bishop sacudindo a cabeça condescendentemente e Lota fazendo apartes para temperar. Lota dizia que Bishop era terrivelmente tímida. Mas Mary Morse também era tímida e bostoniana, e no tempo de Mary as coisas eram bem mais leves. Torneios de buraco, saraus, Caloca e suas sacanices. Bom, que fazer, se depois de cinco anos no Brasil Bishop ainda não falava português!

Há "coitados" demais. A observação de Pearl Kazin a respeito dos originais de *The diary of Helena Morley* ordinariamente levaria Elizabeth a uma crise. Elizabeth era tão hipersensível a críticas desfavoráveis e restrições quanto a fungos e estreptococos. No entanto, Elizabeth aceitou bem a ressalva da amiga, que estava indicando uma nova agente literária para ela nos Estados Unidos. A reação era mais heroica na medida em que Elizabeth se encontrava no círculo do inferno onde padecem os que ultrajaram as leis da arte, para onde tinha sido arremessada por uma resenha negativa de *Uma fria primavera* escrita por um certo Edwin Honig.

Lota falava com Vera Pacheco Jordão. Vera tinha se prontificado a ir com Bishop até Diamantina, que Bishop queria conhecer para escrever uma introdução para o livro. Lota estava sensibilizada com a dedicação de Bishop ao livro mineiro. Além de ter passado anos aperfeiçoando a tradução, aceitando até, com incrível *nonchalance*, que o marido da autora "revisse" seu inglês, Bishop estava

determinada a conseguir uma editora para ele. Chegou ao ponto de orientar a nova agente a condicionar a entrega dos originais de seu próximo livro de poemas à aceitação da editora em publicar primeiro *The diary of Helena Morley*. Com a introdução, concluía-se o trabalho, que tinha envolvido a própria Lota, analista das soluções que Bishop encontrava para colocar em inglês particularidades diamantinas, como o cavalo de judeu e o caldeirão de diamantes. E ainda Mary, que quase enlouqueceu na datilografia. Vera era um amor em ir com Elizabeth. As obras estavam para acabar e Lota não podia absolutamente se ausentar de Samambaia.

Então tudo mudou.

Bishop foi chamada ao telefone. Era um repórter.

– A senhora ganhou o prêmio Pulitzer.

– *Please?*

– O Pulitzer. Seu livro ganhou o Pulitzer.

A partir daí foi um valha-nos deus. Gente da embaixada americana, fotógrafos, repórteres, até cinegrafistas subiram em romaria ao píncaro da montanha. Os amigos brasileiros que duvidavam que Bishop fosse mesmo uma poeta telefonavam sem parar.

No dia seguinte, Vivinha, que tinha aberto o jornal para verificar em que cinema estava passando *Eles e elas*, pois queria ver Marlon Brando dançar, deparou com Bishop olhando para ela, com o inconfundível móbile de Calder atrás. Ora vejam só. Vivinha começou a ler.

“Em companhia da sra. Carlota de Macedo Soares, que a hospeda, miss Bishop leva uma vida austera, cercada apenas de livros, objetos de arte, um cão e um gato. Não possui sequer aparelho de rádio.”

Que pândega. O jornalista, como soía acontecer, fazia sua contribuição à cultura apondo títulos às declarações de Bishop: “Sedução do campo”, “Infinito o assunto da poesia”. Bishop confessou que era seu costume escrever hoje uma poesia, guardá-

la e só vários anos depois relê-la. Listou os escritores de sua preferência: Chaucer, Shakespeare, Homero, Ésquilo, Eurípedes, Aristófanes, Virgílio, Dante, Cervantes e Camões. O que ela tem contra Sófocles?, implicou Vivinha. Miss Bishop declarou-se surpreendida com a honraria e calculou que devia receber uns cinco mil dólares pelo prêmio. Provavelmente usaria o dinheiro para fazer uma viagem. “Contudo, voltará ao Brasil, pois nenhum país exerce maior sedução sobre seu espírito”:

A matéria terminava assim, com dois pontos, talvez um erro tipográfico, talvez uma homenagem do jornalista aos vanguardistas da sintaxe. Vivinha suspirou. Voltará ao Brasil. Sedução sobre seu espírito. Por que não conseguia gostar dela?

O verdureiro também reconheceu a foto de Bishop no jornal. Disse a Lota que estava muito satisfeito. Pois na semana anterior mesmo uma outra freguesa tinha ganhado um prêmio numa rifa. E agora era a vez da americana. Ele dava muita sorte às freguesas.

Era uma noite prodigiosa, uma dessas noites que talvez só vemos quando somos jovens, querido leitor. O céu era tão profundo e claro que, ao fitá-lo, não havia outro remédio senão a gente perguntar, involuntariamente, a si mesma se era verdade que sob semelhante céu pudessem viver criaturas más e tétricas.

Lota e Bishop estavam sentadas no sofá, com uma manta sobre os joelhos. Fazia um friozinho. Apenas uma arandela estava acesa, jogando uma luz difusa para o alto.

Bishop se entregava à tranquilidade suave daquele instante. Estava feliz. Depois de quatro anos de tormento para conseguir escrever, chegara aquele 56 bonançoso. Tinha publicado um livro, tinha merecido o prêmio mais importante por ele. Verdade que em vez dos cinco mil dólares esperados tinha recebido apenas quinhentos. Em compensação, tinha sido contemplada com uma bolsa inesperada da *Partisan Review*. Tinha concluído a tradução de

Minha vida de menina e conseguiu que Farrar, Straus and Giroux a publicassem. Já estava escrevendo novos poemas.

Lota falava, prazenteira. Estava orgulhosa da sua Cookie. Por seu turno, garantia, ia importar, ia improvisar, ia endoidecer, mas até o final do ano a casa estaria concluída. Então poderiam ir juntas para Nova York, para ficar o tempo que Bishop quisesse.

Como há quase cinco anos, Bishop escutava em silêncio, a mão na mão de Lota. A voz de Lota caía bem com aquela penumbra. Bishop queria cantar aquela intimidade, a doçura daquele toque, a pertinência daquela vidinha obscura no meio do mato.

Um salmo começou a se delinear. Nos dias que se seguiram, Bishop iniciou um poema de louvação àquele amor, louvando aquela casa. Não como um marco de arquitetura, mas como uma permanente *open house* à natureza, onde a neblina entrava pela janela e atravessava a sala indolentemente no meio de uma conversa. Chamou o poema de "Canção para a estação das chuvas".

Escondida, bem escondida
no denso nevoeiro
a casa em que vivemos
à mercê da chuva e do arco-íris
sob a rocha magnética
onde as bromélias
sangue-escuro, os líquens,
os mochos e as fibras cruas
das cachoeiras se aderem,
sem cerimônia, em família.
Casa, casa aberta
ao orvalho transparente
e à aurora opalina
afável ao olhar
e ao conagraçamento
de cupins, ratos,

traças de livros,
mariposas enormes,
com toda uma parede
para o mapa iletrado do bolor.
o vapor
escala a vegetação espessa
sem esforço, volta-se
e envolve ambas,
casa e rocha,
numa nuvem particular.

Em 57 Lota e Bishop passaram seis meses em Nova York.

Agitaram-se entre compromissos sociais e compras, de uma forma que julgavam desaprendida. Todos os amigos notaram como Bishop estava mudada: estava feliz, saudável, bem-vestida, bem penteada. Todos perceberam também que o motivo da mudança estava a seu lado. Era aquela mulher morena, baixinha, sofisticada, divertida, elétrica, devotada.

Além de reencontrar os velhos amigos, Bishop compareceu a conferências e palestras, nas quais se sentia muito insegura. Lota acompanhava-a a todo canto, escudeira.

Foi Bishop quem quis voltar. Estava achando a abastada América deprimentemente desconfortável. Arrumaram então as vinte e tantas malas, sete baús, mais todos os caixotes, engradados e barricas e pegaram um navio.

Foram dezoito dias reconstituintes para Bishop, que adorava estar em viagem. Adorava demorar a chegar. Se pudesse, escolheria sempre as viagens marítimas.

Foram dezoito dias de tédio excruciante para Lota, que, se pudesse, inventaria uma máquina que a desmaterializasse em Nova York e a rematerializasse instantaneamente na porta de entrada de sua casa.

Com o grosso das obras concluído, Lota enfarava-se com o pouco a fazer em Samambaia. A situação financeira permanecia inquietante. E a chegada da menopausa agravava a insônia, trazia incômodos novos, como uma gengivite infame. Por isso, talvez, Lota se impacientou quando Bishop veio pedir um tucano novo. O pobre Sam morreu envenenado quando Bishop dedetizou a gaiola, achando que o inseticida – o homem tinha garantido! – era inofensivo aos animais. Não senhora, nada de tucanos, por enquanto. Mas logo depois, para consolá-la, Lota desenhou e construiu um esplêndido gabinete para o *hi-fi* que Bishop havia trazido dos Estados Unidos. Bishop passava horas ouvindo Rosalyn Tureck tocando as partitas de Bach e Gold & Fizdale tocando o concerto para dois pianos de Poulenc.

– Cookie, vá escrever – repetia Lota.

Mantinhm o hábito de ler juntas. Bishop lia para Lota os elogios de Marianne Moore para *The diary of Helena Morley*. Lota lia para Bishop a descrição da indumentária masculina com que o pintor Flávio de Carvalho tinha desfilado pelo centro de São Paulo, extremamente adequada ao clima brasileiro e de concepção ultraprática: saiote com pregas para assegurar liberdade de movimentos, meias de bailarina para esconder as varizes, aberturas debaixo dos braços para ventilação e tecido que dispensava ser passado a ferro. Aí debatiam as notícias, riam-se à farta, e assim passavam horas.

Um visitante muito bem-vindo naqueles tempos era Flávio, o sobrinho de Lota. Flávio e Lota tinham uma daquelas sintonias especiais que se estabelecem entre tia e sobrinho. Por sorte ele adorava literatura norte-americana e tornou-se um caro interlocutor para Bishop também. Ambos asmáticos, às vezes ficavam falando de poesia, cada qual aspirando sua bombinha.

BELA PINDORAMA

Nem bem tinham acabado as emoções da Copa da Suécia, e Samambaia foi honrada com a presença de Aldous Huxley. De início até Lota se sentiu um pouco intimidada. Mas tudo correu muito bem e no final Huxley e senhora convidaram as anfitriãs para ir com eles até Brasília e de lá à Amazônia. Lota declinou, mas Bishop aceitou na hora.

Quando veio a confirmação de que o sertanista Cláudio Villas Boas os receberia no posto do Serviço de Proteção aos Índios à beira do Tuatuari, Bishop delirou. Lota se enternecia com aquela alegria. Simulando preocupação, perguntava se Bishop estava preparada para os nus frontais que haveria por lá. Citou Caminha:

– As, moças, bem gentis, têm as vergonhas bem altas, bem cerradinhas e bem limpas das cabeleiras.

Bishop ria. Lota, você não presta... Lota contou várias coisas sobre índios registradas por Caminha. Que cuspiam fora tudo o que os portugueses lhes davam para provar. Que trocavam seus belos arcos por uma carapucinha velha qualquer. Que o capitão cogitou de levar dois índios à força para o escrutínio de El Rey. Mas depois preferiu deixar em terra dois degredados, com a incumbência de se infiltrarem entre os índios e de fazerem relatos à próxima expedição, inaugurando assim o serviço secreto do Brasil.

Bishop pôs-se a fazer anotações, como era seu feitio. Decidiu que também ia escrever um relato da viagem, sem aformosear nem afeiar. El Rey *New Yorker* haveria de gostar.

Antônio Callado cobriu a viagem de Huxley e Bishop para o *Correio da Manhã*. A reportagem "Um sábio entre bugres" foi publicada em 21 de agosto de 58.

A dupla saxônica foi submetida a um abalo cultural, sendo conduzida diretamente da futuridade da Novacap para as malocas

do Xingu. Caiapó, txucarramãe, uilapiti, camaiurá, meinaco, vestidos de urucum nos cabelos e jenipapo no peito, vieram saudá-los com sorrisos.

Enquanto Callado flagrava um momento de beleza – o autor de *Admirável mundo novo* envolto por uma nuvem de pequenas borboletas – Bishop recebia uma cantada em txucarramãe. Pelo menos foi o que lhe disseram, quando um guerreiro, tocando sua pele clara, propôs alguma coisa exótica.

Bishop voltou fascinada. Escreveu um artigo sobre suas aventuras com Huxley entre os silvícolas, mas, para seu desapontamento, a *New Yorker* não se interessou em publicar.

Na mesma altura a professora Sandra Cavalcanti, que já tinha sido vereadora no Rio e detestado, foi passar o fim de semana no sítio de Lacerda. Lacerda estava empenhado na nova Lei de Diretrizes e Bases, e Sandra organizou uma equipe de apoio voluntário ao deputado, composta do padre Alonso, dom Lourenço, Flexa Ribeiro, Gladstone Chaves de Melo e ela própria.

Lacerda convidou Sandra a visitar sua vizinha, mulher sensacional, que havia conseguido mudas de um novo tipo de roseira.

Sandra encontrou uma mulher baixinha, de traços finos, com um chapelão de palha amarrado em volta do queixo, roupa expandongada, sapatos surrados. Passava a impressão perturbadora de ser a um tempo muito forte e muito frágil.

Feitas as apresentações, a criadora de rosas entabulou conversações de jardinagem com Lacerda, ignorando inteiramente a moçoila que o acompanhava.

Mais tarde, Lacerda tentou uma reapresentação.

– Sabe, Lota, tem um negócio muito interessante com a Sandra, ela cria beija-flor.

Lota voltou-se e reparou em Sandra.

- Como é isso de criar beija-flor?
- Eu não crio, ponho garrafinhas e eles vêm.

Explicou que onde morava havia muito beija-flor. Sandra soubera que a garrafa de Coca-Cola tinha um lugar certo para se fazer um furo, porque o dono da Coca-Cola apreciava beija-flores. Então, com uma broca especial, fazia um furo naquela cavidade e ali enfiava uma flor de papel ou um canudinho.

Lota chamou o jardineiro.

- Vá me apanhar uma garrafa de Coca-Cola.

Ela vai checar, pensou Sandra.

E ela checou.

Os créditos que Sandra recebeu por entender de colibris e garrafas de refrigerante não foram suficientes para que ela fosse assimilada na conversa. Na volta, Lacerda procurou reabilitar a amiga: Sandra, Lota é uma das pessoas mais competentes do Brasil em matéria de plantas. Um dia você vai conhecê-la melhor.

Em setembro Callado foi conhecer Samambaia. Foram horas muito agradáveis.

Lota e Bishop formavam uma dupla bastante especial. Lota era desembaraçada, Bishop retraída. Mas ambas eram ótimas companhias, inteligentes e espirituosas.

Conduziam-se com elegante discrição. Mas os olhos sensíveis do escritor captavam as sutilezas de um relacionamento consistente, uma familiaridade que denunciava um amor antigo e bom. Callado testemunhava um acontecimento que para si mesmo definiu assim: um casal no momento alto de sua união.

A tradução de *Minha vida de menina*, à qual Bishop havia devotado anos, tinha recebido críticas elogiosas, mas não estava vendendo. As crises de asma tinham piorado tanto que o médico a fizera voltar

à cortisona. Lota não estava conseguindo vender terras, Bishop não conseguia vender palavras.

As notícias nos jornais brasileiros não eram animadoras. A inditosa Aída Curi se atirou ou foi atirada do terraço de um apartamento, após ameaça de curra. Lacerda foi apedrejado no seu "Caminhão do Povo". Cacareco, um rinoceronte, foi o vereador mais votado. Era compreensível que Bishop, 47 anos, poeta de dois livros, sensível, tomasse porres para não se sentir tão lúcida.

O grande presente de fim de ano foi a conclusão da biblioteca. Lota e Bishop arrumaram seus livros, que já eram mais de três mil. Bishop se impressionou ao ver o número de títulos que Lota tinha nas áreas de botânica, história da arte, agricultura, psicologia e especialmente arquitetura e urbanismo. Bishop ia ajudando a colocar na prateleira: Roland Martin, *L'urbanisme dans la Grece antique*, Norbert Wiener, *The human use of human beings*, Eric Larrabee & Rolf Meyersohn, *Mass leisure*, William Thomas, *Man's role in changing the face of the earth*. A admiração de Bishop por Lota, após sete anos de vida em comum, era vastíssima.

Quando "Brasil, 1959" também foi rejeitado, Bishop desesperou de ganhar dinheiro escrevendo. Com a inflação de 30 por cento, aumentavam as dificuldades de Lota. Bishop resolveu consultar o presidente do banco americano onde tinha investimentos, The Agricultural National Bank of Pittsfield, sobre a conveniência de transferir seu dinheiro integralmente para o Brasil. Laurence R. Connor respondeu que Bishop estaria cometendo um erro terrível e que ele era terminantemente contra. Bishop acatou, mas escreveu aos amigos, deprimida, que ela e Lota viviam um luxo de falidas. Andava num humor do cão.

Foi uma bênção quando, em fevereiro de 60, surgiu a oportunidade para Bishop fazer uma viagem à Amazônia, com Rosinha e seu sobrinho Manoel. Viajar num gaiola lotado estava

longe de ser a aspiração de Lota, mas mesmo que quisesse não poderia ir. Alexander Calder estava no Brasil e Lota se comprometera a tentar vender suas peças. Estava também decidida a resolver de uma vez por todas suas pendências com Kylso, que estava criando uma situação constrangedora em relação aos seus pretensos direitos.

Embora sentindo-se culpada por deixar Lota num momento ruim, Bishop entregou-se apaixonadamente à experiência amazonense. Registrava cenas que considerava de um lirismo pungente. A montoeira de guarda-chuvas se abrindo sincronicamente nas canoas, quando começava a chuva. Galinhas velejando na capota de um barco, desamarradas, impávidas, a plumagem ondulando ao vento. Uma barça que servia de casa, escrito em cima "Seja o que Deus quiser".

A convivência com Rosinha e Maneco foi muito amena. Mantiveram-se numa dieta estoica de cream crackers e bananas, quebrada apenas pelas frutas locais, cupuaçu, graviola. Bishop e Rosinha se pegavam comentando: Imagine se Lota nos visse usando estas sandálias com esta bolsa! As notícias chegavam muito atrasadas. A rainha Elizabeth tinha tido um filho. Chateaubriand estava morrendo.

Casualmente, encontraram-se com a artista plástica Anna Letycia e a teatróloga Maria Clara Machado, que estavam de regresso. Por seu intermédio, Bishop mandou correspondência para Lota. Não corra, pedia.

Lota fez 50 anos.

Depois da festa, as amigas conversavam. Ismênia, que tinha esticado as férias só para ficar para o aniversário, achou que Lota parecia um pouco cansada.

– Você também ficaria, se tivesse que arrastar aquele estrupício de um lado para outro – falou quem mais, senão Vivinha.

– Você é injusta com Bishop. Ela aparenta ser essa pessoa apagada. A poesia mostra que ela é uma pessoa extraordinária.

– Tem que ser, senão Lota não a admiraria tanto – condicionou Maria Amélia, que tinha se atrapalhado para entender “Lavando os cabelos”, embora se vangloriasse de ser a única pessoa no Brasil que já tinha lido *O coração inumerável*, da Condessa de Noailles, no original.

– Bem, então só se pode medir a genialidade dela em inglês. Eu não sei inglês. Em português ela é uma pata-choca.

– É complicado para ela, com seu moralismo da Nova Inglaterra, viver num país em que as pessoas saem batendo tambor e rebolando pela rua, jogam flores para Iemanjá, adoram uma pasmaceira. – Ismênia estava trabalhando nos Estados Unidos.

– Pinoia. Ninguém adora uma pasmaceira mais do que ela. Olha, eu não acredito que Bishop estava indo para a Patagônia, como diz, e aí o navio parou em Santos e ela resolveu dar uma descidinha. É a mesma balela de que Cabral descobriu o Brasil por acaso. Para mim, ela veio para o Brasil intencionalmente, atrás de Lota. Ou Mary. Um minutinho, já vou! – A acompanhante de Vivinha acenava da porta.

Maria Amélia e Ismênia viraram-se para vê-la. Ué, amiguinha nova.

– Bom, já vou indo. Tchauzinho.

– Tchau.

– Tchau.

Lota estava mesmo um pouco abatida. Não tinha uma coisa palpável a que se dedicar. Além de cuidar de Bishop, bem entendido. Tinha 50 anos, um bocado de conhecimentos, e não sabia o que fazer com eles, pensava, enquanto terminava de desenhar um fogão a lenha para Lilli e Ninita. A rotina de Samambaia era monótona. Muita chuva, estrada intransitável,

telefone enguiçado, empregados volúveis, obrigando a constantes treinamentos de novatos. Agora mesmo Bishop estava ensinando outra Maria a cozinhar.

Bishop também se inquietava. Queria viajar, precisava viajar. Estavam sempre adiando a viagem à Itália, que agora estava marcada para o ano seguinte. Pelo menos tinham voltado a Ouro Preto, pérola que Bishop não cansava de admirar.

Bishop completou a “Canção para a estação das chuvas”, que foi comprada pela *New Yorker*. Aos versos que celebravam a vida cotidiana na casa envolta por uma nuvem particular, Bishop acrescentou uma advertência premonitória. O tempo modifica as coisas. Numa nova era, a natureza reconfortante e pródiga vai ficar estéril,

e as inúmeras cachoeiras
vão mirrar
sob um sol implacável.

(ó diferença que mata
ou intimida tanto
nossa vidinha pacata
nas sombras.)

Lota andava muito descontente com os destinos do país. Animou-se quando a dupla Jan-Jan venceu as eleições para a presidência em 3 de outubro. Lacerda era candidato a governador do novo Estado da Guanabara. Quem sabe dias melhores estavam por vir? Não há noite fria, por mais longa que seja, sem seu dia.

DONA LOTA

Lacerda tomou posse como primeiro governador da Guanabara em 5 de dezembro de 60. Houve uma grande festa em seu apartamento na praia do Flamengo, à qual, evidentemente, Lota e Bishop foram convidadas. Sandra Cavalcanti mal podia reconhecer Lota, elegantíssima.

Lacerda estava exultante. Sabia que havia derrotado Sérgio Magalhães porque Tenório Cavalcanti tinha desviado votos da classe baixa que seriam de Sérgio. Mas isso seria esquecido, assim que fizesse as primeiras demonstrações de sua capacidade de administrador. Por ora ia pela sala, fazendo aos amigos demonstrações de sua capacidade de cativar.

Lota estava na varanda, conversando com Vera Pacheco Jordão. Lacerda aproximou-se, afetuoso. Repetiu a Lota que ela teria que fazer parte do seu governo. *Precisava* dela. Que informasse naquele instante que cargo lhe agradaria. Lota argumentou que Lacerda não poderia nomeá-la, porque não tinha curso superior. Lacerda fez com a mão que aquilo eram ninharias e insistiu:

– Diga o que quer.

Lota apontou para um entulho exatamente em frente ao apartamento do governador. Era a continuação do aterro da Glória.

– Dê-me este aterro. Vou fazer ali um Central Park.

Em 20 de janeiro de 1961, Lota foi nomeada para “assessorar, sem ônus para o Estado, o Departamento de Parques, da Secretaria Geral de Viação e Obras, e a Superintendência de Urbanização e Saneamento (Sursan) e, especialmente, para estudar a urbanização das áreas decorrentes do aterro do Flamengo e Botafogo”.

O governador teve que forçar a mão para acomodar a situação de Lota, criando para ela uma assessoria. Acontece que a Secretaria de Viação e Obras era, por sua natureza, o reduto de engenheiros e

arquitetos, que teriam que reconhecer em Lota uma pessoa com conhecimentos técnicos especializados, para estar capacitada a assisti-los em um projeto de urbanização de tal envergadura. Ressabiados, preferiram entender que o decreto apenas abria um espaço de coadjuvante para uma amiga do governador, suficientemente rica para trabalhar de graça.

Lota, porém, tinha entendido claramente que o aterro *era dela*, e aproveitou a vaguidade do decreto para tomar iniciativas. Pediu, por ofício, ao Dr. Djalma Landim que lhe informasse a quantas andavam as obras do aterro. Landim mandou cópia do PA-7175, PA significando Projeto Aprovado, *que isso ficasse bem claro*, indicando as obras já iniciadas de enrocamento, aterro, pistas e passagens de pedestres, bem como dando notícia da situação dos clubes náuticos. Lota leu atentamente e fez diversas anotações.

Lota também entrou em contato com diversos amigos, expoentes em arquitetura, urbanismo e paisagismo, para engajá-los no projeto, oferecendo-se como avalista do governador.

Exatamente um mês após sua nomeação, em 20 de fevereiro de 1961, Lota escreveu sua primeira mensagem a Lacerda.

“Meu caro Governador,

A área conquistada ao mar do Flamengo juntamente com o resultado do arrasamento do Morro de Santo Antônio são as duas últimas grandes áreas no centro da cidade que oferecem possibilidades ao seu Governo de fazer uma obra não só da maior utilidade pública, como também de grande beleza.

A área do aterro *pede* um especial cuidado no sentido de se *conservar* a sua privilegiada paisagem e a brisa marítima, e de se transformar um simples corredor para automóveis numa imensa área arborizada, que será dentro em breve um marco da cidade, tão famoso quanto são o Pão de Açúcar e as calçadas de Copacabana.”

Contrariando os rígidos princípios da hierarquia dos serviços públicos, Lota começou a convocar os técnicos da Sursan para

reuniões formais sobre o andamento das obras. Havia choro e ranger de dentes, mas eles iam.

Tornou-se inviável continuar morando em Samambaia. Lota gastava tempo demais se deslocando de um lado para outro. Resolveu morar no Leme, e pediu a Bishop que a acompanhasse, mesmo sabendo da ojeriza que a amiga tinha à cidade maravilhosa. Passariam os fins de semana em Samambaia, prometeu.

Bishop viu renascer a comandante em chefe dos primeiros tempos de Samambaia. Lá estava a velha Lota articulando, empolgando, debatendo, decidindo. Só que agora não estava lidando com a arraia-miúda, com pedreiros ou caseiros, mas com os *tais*, todos doutores. Bishop ficava contente por vê-la tão disposta, entusiasmada mesmo. Bishop preparava o jantar e esperava que Lota retornasse para contar, do seu jeito divertido, as peripécias do dia.

Menos às terças-feiras. Terça-feira era o dia da reunião com a Sursan. Lota já se levantava agastada. Chegava em casa atazanada.

Bishop procurava tranquilizá-la, com consolos que sabia inócuos.

– Ainda estamos no começo.

– Belo começo, já se pode prever o belíssimo fim – interrompia Lota, avessa a consolos inócuos.

– O Carlos.

– O Carlos?! E lá se consegue falar com o Carlos?

– O Carlos não *disse* que queria o parque?

– Cookie, o Carlos disse que queria o parque. O problema é que este bando de asnos não quer parque coisa nenhuma, estão se lixando para jardins e onde o povo passa os domingos. Tudo o que eles querem é pistas e mais pistas com carros correndo. Agora, uma boa pergunta: por que será?

Com quase dez anos de vida em comum, Bishop sabia que não era hora de argumentar com Lota.

– *Come on*. Vamos tomar um banhinho e relaxar.

Quatro meses já tinham sido consumidos em reuniões às terças-feiras.

Os diretores da Sursan viram Lota constituir uma Comissão de Notáveis da qual, sem maiores satisfações, designou-se Presidente. Lota ia para todo canto com a tal Comissão, que participava normalmente das discussões com os sursanicos, termo cunhado por Lota para designar a estatura de seus interlocutores. Embasbacados, os altos funcionários do Estado faziam o que podiam para neutralizar o ímpeto de sua indigitada assessora.

Lota estava chegando ao ponto de saturação. Aproveitou o feriado de 1º de maio para escrever para Ismênia, que era funcionária pública e saberia compreendê-la.

“O primeiro cuidado, naturalmente, foi convidar colaboradores. O Roberto Burle Marx era a única pessoa indicada para os jardins. O Reidy, que tem trinta anos de Prefeitura e Urbanismo, seria o urbanista. O Jorge Moreira e o Sérgio Bernardes teriam a parte de arquitetura. Foi uma dificuldade conseguir a colaboração do Reidy e do Jorge, tomados do maior ceticismo. Só entraram no jogo para agradar uma velha amiga.

Depois tratou-se de verificar se o projeto era factível nestes quatro anos. Chegou-se à conclusão de que será trabalhoso, mas possível.

Ótimo. Aí empacamos no problema da área usável para os jardins. Pensamos em duas pistas para carros. Mas a Sursan defende com unhas e dentes que o Aterro seja ocupado por quatro pistas. É como disse o Mamede, uma psicose das pistas.

Desde 1954 que a Sursan deveria ter mandado fazer o estudo hidráulico da orla do mar. Por que não mandou até hoje? Mistério. Diz a Sursan: Vocês façam toda a planta do Aterro, com praias, restaurantes à beira-mar etc., e aí mandaremos fazer estudo. Bolas, isso é querer que se façam duas plantas, já que estudo hidráulico é que dirá se a praia que nós vamos indicar no projeto será ou não naturalmente formada pelo mar, ou se terá que ser artificialmente

ajudada. A cada terça-feira surge uma informação diferente. Os prazos para a realização do estudo vão de seis meses a dois anos. Enfim, ou é pouca clareza de raciocínio ou é má vontade.

E o Restaurante dos Estudantes? A coisa vai assim:

Uma terça-feira:

A Comissão: Para continuar estas duas pistas já feitas teremos que tirar o atual Restaurante dos Estudantes, senão não se acaba a obra, não se pode ligar os jardins etc. etc.

A Sursan: Não, não se pode tirar o restaurante! Os estudantes vão gritar muito, e o governo não terá coragem de ir contra eles.

Dona Lota: O governo terá que tirar o restaurante porque este é provisório, e os estudantes não vão gritar porque vai-se dar outro a eles, e ainda melhor e mais central.

A Sursan: Ah! Ah!

Próxima semana.

A Comissão, depois de ir pessoalmente ao restaurante, constata que aquilo é uma grande porcaria, mas que eles dão nove mil refeições por dia. A Comissão procura outro barracão.

Na outra terça-feira:

Dona Lota: E aquele barracão novo na Rua Chile?

A Sursan: Aquele não pode. Está vazio, mas vamos retificar a Avenida Chile, que está errada, fora de alinhamento e fora de nível.

(Feita pela Sursan...)

E agora? Vamos pensar...

A Sursan: Vamos falar com os estudantes.

A Comissão: Não! Já pedimos que não se fale nisto, vamos primeiro estudar e ver o que se encontra para satisfazer o caso.

Na outra terça-feira:

Volta o caso do estudo hidráulico etc. e o Dr. Landim faz sua grande e única contribuição.

Dr. Landim: Tenho um barracão grande, a Fundação Hime. *A Comissão:* Muito bem, muito bem, parabéns!

Outra terça-feira:

Aqui está a planta da Fundação, tem 5.000 m².

Ótimo, diz a Comissão.

Precisamos falar com os estudantes.

Não, diz a Comissão.

Mas eu quero esta Fundação para uma garagem para a Sursan, diz o Dr. Raposo.

Ah!, diz a Comissão, uma garagem de 5.000 m²???

Veja, Dona Lota, diz D. Déa, que vamos gastar trinta e cinco milhões para converter isto em restaurante.

Como?, diz a Comissão. As paredes e o teto estão perfeitos, só falta cimentar o chão.

Estas paredes têm um metro de largura, mas é melhor pôr abaixo, para colocar o encanamento, diz o arquiteto que trouxe a planta da Fundação.

Como? Botar encanamento na sala? Só precisa de encanamento na cozinha, e pode ser externo, diz o Jorge. Banheiro já tem.

Volta D. Déa.

D. Déa: Eu acho que trinta e cinco milhões é muito, mas os senhores vejam, 5.000 m² a sete mil cruzeiros o m², eu até fiquei estupefacta e telefonei para um amigo para ver se minha conta estava certa, 5.000 x 7.000\$. (Assim fala uma engenheira.) Já que os senhores acham caro os sete contos, quanto querem gastar, um conto por m²?

Jorge: D. Déa, o problema não é nem sete, nem um, é ver como com economia se pode melhorar o barracão, para que ele sirva para se substituir o que se vai tirar.

Paula Soares: A minha opinião é que se deve perguntar aos estudantes.

Dona Lota já ouviu isso vinte vezes, fuma por dentro e por fora e não diz nada."

Lota achava que Affonso Reidy e Jorge Moreira tinham uma paciência exagerada com os sursanicos. Numa terça-feira os engenheiros da Sursan anunciaram que iam colocar um viaduto na pista que passava perto do aeroporto, para o caso de se precisar transportar uma asa de avião. Numa outra apresentaram um fastidioso perfil do fluxo de tráfego que deveria servir de base para se calcular quantas deveriam ser as pistas, cronometrado no local errado. Jorge e Reidy suportavam horas de entevero com fleuma estoica.

– Estou escandalizada com o nível de inteligência e eficiência de nossos patrícios – queixava-se Lota.

Neófito em tramitação palaciana, Lota tinha imaginado que a qualquer momento Carlos estaria disponível para ouvir suas justas queixas e providenciais sugestões. Isso não acontecia. Sua Excelência nunca estava. Lota se irritava. No jantar no MAM com a equipe de governo, ao ver Lacerda cercado de quem ela considerava bajuladores cretinos, Lota emburrou, passou a noite de cara feia. No dia seguinte, rascunhou uns comentários para Lacerda, achando que a via epistolar ainda era mais eficaz para alertá-lo.

“Meu querido Carlos

Muito obrigada pelas suas boas palavras no jantar do Museu – eu não estou desanimada, e sim *enfurecida* com as dificuldades do caso do Aterro – isto é ótimo, porque eu não largarei esse osso de maneira nenhuma, só se você me largar. Estou satisfeítíssima com meu grupo – apesar de muito ocupados, nem o Jorge nem o Reidy nem o Roberto deixaram jamais de assistir a todas as reuniões e de trabalhar até tarde, e de ter uma persistência e uma paciência heroica com a Sursan

Quanto à Sursan, não creio que você possa conservar o Landim e o Raposo como Presidente e Diretor – apesar de honestos e boas pessoas, a *incapacidade* dos dois e a má vontade com a sua administração são patentes. – Em todas as reuniões os mesmos

problemas são retomados e revistos e não se sai do lugar – É de morte.”

Carlos tinha que afastar aqueles maus auxiliares. Já andara sondando outros nomes com Berta Leitchic, engenheira da Sursan em cuja idoneidade confiava. Para mostrar que estava atenta a *todos* os detalhes, Lota fez um pormenorizado relatório, justificando as duas pistas para carros, a necessidade de se completar o aterramento com terra de outra procedência além da do desmante do Morro de Santo Antônio e a urgência em se concluir as obras de construção civil, para que se pudesse planejar o jardim.

Releu o relatório e não ficou satisfeita. Não seria suficiente, avaliou. Teria que mostrar ao Carlos que ele tinha que *intervir* no andamento dos trabalhos. Abriu nova página e escreveu:

“O Governador da Guanabara pede as seguintes informações à Sursan:

Aterro do Morro da Viúva – Eliminando o resto do desmante do Santo Antônio, que dependerá de projetos de urbanização, ações judiciais, término da concessão da Cia. Ferro Carril Carioca etc. com que terra e em que prazo a Sursan se propõe a aterrar totalmente o Morro da Viúva.

Resposta: 8 dias

Pistas e trevos e passagens para pedestres – Do projeto já aprovado pelo Urbanismo, qual o prazo e o orçamento para execução.

Prazo para resposta para este estudo: 15 dias

Restaurante dos Estudantes – Não notificar ou informar os estudantes de coisa alguma. Fazer o levantamento certo da Fundação Hime e ver o que se pode transportar do antigo restaurante para lá, com o mínimo de despesa e o mínimo de perda de tempo para esta mudança.

Prazo: 15 dias”

Lota releu o despacho do Governador que acabara de redigir. Era aquilo mesmo. Muito bem, senhores, vamos ver com quantos paus se faz uma canoa.

A vida ficou muito ruim para Bishop.

O calor carioca a deprimia. O apartamento não tinha ar condicionado.

Lota estava completamente absorvida por seu trabalho. No princípio, só saía após o almoço. Agora pulava da cama para o telefone, dando início às deblaterações do dia. Logo a seguir ia embora, dizendo, com indisfarçada animação, que ia ter um dia terrível.

Bishop sentia-se muito só. A sensação não era exatamente de solidão, mas de abandono. Perambulava pelo apartamento vazio, repetindo que tinha que escrever, tinha que escrever. Escrevia cartas. Dizia aos amigos o quanto estava feliz por Lota finalmente ser reconhecida e ter encontrado onde aplicar seu enorme talento.

Na segunda vez que se viu sentada à mesa posta para o almoço e Lota telefonou, em cima da hora, para dizer que infelizmente não ia poder almoçar em casa, Bishop desmoronou. O que estava fazendo ali, afinal? Sentia-se mesquinha por não conseguir ficar delirante de alegria com o que estava acontecendo a Lota, mas a verdade é que não conseguia. E ela? E ela?

Quando Lota chegou à noite encontrou-a embriagada.

– Elizabeth, você não vai fazer isso comigo *agora*.

Bishop não conseguia falar. Mas Lota ainda sabia ler nos seus olhos e viu neles, recapitulados, todos os naufrágios. Aplacou-se.

– Pode deixar. Amanhã mesmo vou dar um jeito nisto.

Lota pôs um anúncio no jornal, procurando empregada para meio expediente. Joana dos Santos apareceu e Lota gostou dela

instantaneamente. Sem cogitar do orçamento doméstico, mas pensando no bem-estar de Bishop e em sua própria paz de espírito, propôs que Joana ficasse dormindo no apartamento e trabalhasse em tempo integral.

Hum, Joana considerou. Já estava comprometida com um serviço à tarde. A patroa era gente fina. Tinha atendido ao anúncio porque, com um serviço na parte da manhã, melhoraria sua renda. Tinha um filho para criar. Joana olhava aquela senhora simpática de cabelos brancos. Não perguntou de onde Joana vinha, se era solteira ou casada. Tinha resolvido assim, no olho. Joana decidiu-se:

– Eu topo. Dona?

– Dona Lota. – E apontando para uma outra senhora bem acabadinha, sentada num canto: – Aquela ali é Dona Elizabeth.

Em pouco tempo Joana estava totalmente integrada ao ritmo do apartamento do Leme.

D. Elizabetchi não precisava sair todo dia para trabalhar, feito D. Lota, porque era escritora. Trabalhava em casa. Ficava lá, lendo, escrevendo, lendo, escrevendo. Às vezes se metia na cozinha, lugar que Joana não achava indicado para gente escritora. Mas D. Elizabetchi sabia fazer uns coquetéis americanos maravilhosos, quando vinham os amigos, feito Rachel de Queiroz, Burle Marx, Oscar Simon, D. Rosinha. E, para falar a verdade, D. Elizabetchi cozinhava muito bem, comida americana e comida brasileira. Às vezes as duas se estranhavam na cozinha, D. Elizabetchi ficava nervosa, falava inglês.

– Ó, não me xinga não – advertia Joana.

– OK, Djuana, OK.

Já D. Lota não cozinhava nadinha de nada. Pra que, se tenho minha Joanica? Carinhosa, que era demais. Era minha flor pra cá, minha flor pra lá. E muito boa. Deu um radinho para Joana, porque

Joana gostava muito de samba. E toda vez que D. Lota e D. Elizabetchi iam comer chocolate na Kopenhagen levavam Joana junto.

Aquelas duas eram engraçadas. D. Lota vestia camisa, calça de homem. Coisa esquisita. D. Elizabetchi ficava cantando músicas da terra dela, tinha voz bonita. As duas viviam muito bem. D. Elizabetchi estava no escritório, ouvia meter a chave na porta, ia correndo. Lota, você chegou? Ai, estou tão cansada! As duas iam andando e conversando e daí a pouco estavam dando risada. Joana não sabia qual era a graça porque elas riam em inglês.

Bishop estava se esforçando heroicamente para não beber. A presença sólida de Joana lhe fazia bem. Joana era inteligente e prestativa, e parecia ter estado sempre lá. Nos finais de semana as três se comprimiam no carro italiano, como Joana chamava, e iam para Samambaia.

Mary estava morando na casa de Lota e Bishop, enquanto terminava a construção da sua, pegado. Havia uma novidade: Mônica, um bebezinho que Mary tinha adotado. Lota adorava Mônica. Mesmo Bishop, que era mais reticente com relação a crianças, admitia que era uma alegria ver um bebê sorridente ao seu lado, na cama.

Sozinha no estúdio, Bishop refletia que tanto Lota, com seu aterro, quanto Mary, com sua filha, pareciam ter encontrado novas motivações na vida. Era tempo de ela também encontrar uma motivação nova. Resolveu aceitar a proposta da *Time* para que escrevesse o volume referente ao Brasil para a *Biblioteca Mundial Life*. Era um grande desafio, porque seria sua primeira experiência em escrever um texto jornalístico, e o prazo, em termos da velocidade de quelônio de Bishop, era mínimo. Estavam em junho, cem páginas teriam que estar prontas em agosto e o manuscrito completo em novembro. Brr. Mas, além de representar uma

oportunidade concreta de ter o que fazer, o contrato oferecia a Bishop duas coisas fundamentais para ela naquele momento. A possibilidade de viajar pelo Brasil, com as despesas pagas pela *Time*. E dez mil dólares.

WHY?

Para estupefação de Lota, mais um mês se passou e tudo continuou como dantes no quartel de Abrantes. Landim e Raposo continuavam firmes em seus postos. A Sursan continuava entravando os trabalhos. Carlos não tinha intervindo, nem exigido, nem decapitado, conforme Lota tinha expressamente sugerido.

Depois de tomar o café solúvel que Joaninha lhe trouxe, Lota pegou o telefone e ligou para o gabinete do governador.

– Quero falar com o governador!

– ...

– É LOTA DE MACEDO SOARES!

– ...

– Está muito bem.

Lota desligou. Carlos estava com uma gripe muito forte, não tinha conseguido sair da cama. Lota pegou papel e caneta e foi direto ao ponto, sem se dar ao trabalho de escrever meu querido isso ou meu querido aquilo:

“Aproveito que você está em casa preso com gripe para conversar mais sobre o caso das pistas do Aterro...”

E bombardeou a mente constipada do governador com novos capítulos do romance das quatro pistas que tinham que ser duas, dizendo que a Sursan continuava se batendo pelas malditas quatro pistas, e que a Comissão tinha pedido ao Mamede para refazer o projeto, passando de quatro pistas para duas, mas Mamede alegava que estava sobrecarregado de trabalho, e que Mamede tinha que ser *apertado* para entregar o projeto em dez ou quinze dias, e que tinha que se fazer uma reunião com o Brigadeiro e o Mamede e a Comissão na frente do governador, para que as coisas ficassem claras e se pudesse tocar o bonde adiante, e que a Sursan também fosse convocada, para defender sua posição, e que a

Comissão estava saturada de ir à Sursan fazer as mesmas perguntas infrutíferas, e que o governador tinha que *oficializar* a Comissão, e que seu pessoal *estava farto*.

Foi até o apartamento de Lacerda no Flamengo e deixou a carta com Letícia.

Finalmente Lota sentiu que fazia progressos. Carlos, com olhos febricitantes, intimou os guerreiros à concórdia, ou ficariam aos cães atirados e servindo de pasto às aves. Cavilosos, os inimigos de Lota retrocederam, menos Raposo, que teimou e caiu. O ambiente se desanuviou, na opinião de Lota, que se sentiu encorajada a continuar a alvejar o amigo governador com preleções e conselhos.

“Pequeno ensaio sobre administração

(gosto muito de títulos pomposos para um bouquet de flores do campo)

Assim como estão os democratas de um lado do muro de Berlim e os comunistas do outro, assim também na administração estão os que pensam bem e os que pensam mal, e estas posições são tão rígidas e incapazes de colaboração como as posições políticas...

O seu problema é pois o seguinte: enquanto você não souber, quando convidar para os postos-chave e decisivos da administração, como é que seu candidato pensa, você corre o risco de ter um grupo emperrando e até inutilizando o trabalho do outro. Você é quem dá as ordens, e decide, mas não estando na contingência de executá-las não vê até que ponto vai a impossibilidade de grupos opostos se ajudarem.

Por isso é que foi tão fácil e rápida a construção de Brasília – um pequeníssimo grupo planejou e a grande massa dos ladrões do Brasil executou – não houve contradição alguma.”

Bishop estava atrasada. Já era metade de julho e não tinha sequer conseguido começar o livro sobre o Brasil. Os fotógrafos da *Time* já

tinham estado no Rio, orientados para tirar fotos sugestivas de um "país em desenvolvimento". Bishop queria que eles fotografassem orquídeas e colibris. Queria escrever sobre o humor dos brasileiros expresso nos para-choques de caminhão. Queria descrever a poesia de uma gaiola de bambu ou de panelas postas para tomar sol numa janela. Queria mostrar que este país tinha Parati, Cabo Frio, Ouro Preto, joias diante das quais Brasília era uma bugiganga cintilante. Queria dizer que no Brasil existia realmente uma intimidade aprazível entre patrões e empregados, que o porteiro do prédio a cumprimentava com um abraço, perguntando Como vai, minha filha? Queria falar da perspicácia e da malícia das letras da música popular brasileira:

Gosto que me enrosco
de ouvir dizer
que a parte mais fraca é a mulher
mas o homem
com toda a fortaleza
desce da nobreza
e faz o que ela quer.

Sinhô, Noel, Monsueto. Queria falar do Aleijadinho, de Ataíde, da sensação que era olhar o forro da Igreja de São Francisco e ver uma Nossa Senhora mulata exibindo gloriosa seu Jesusinho mulato. Ou ver os profetas de Congonhas, atormentados, deformados, testificando o deus com seus olhos sem órbitas.

Queria aproveitar as anotações de seu diário de viagem ao Amazonas. O gaiola cheirando como um navio negreiro. Em cada parada, a população inteira subindo para vender porcos, camarão frito, frutas, móveis. Mães carregando crianças belas enganchadas na cintura. Quem estava dentro querendo descer, quem estava fora querendo subir. O silêncio absoluto de Santarém, samambaias crescendo nos telhados das casas. E o encontro das águas, a

confluência dos dois rios poderosos, sem que nenhum dos dois abrisse mão de sua identidade, mantendo seu marrom e seu azul em justaposição dialética.

Pudessem ela e Lota também se encontrar assim, sem que ela se sentisse diluída em Lota, tragada pela correnteza de Lota.

Qual, Lota não tinha culpa se ela não conseguia sequer organizar os dados que já tinha coligido, quanto mais escrever algo novo. Naquele instante Lota estava enfrentando seus engenheiros e brigadeiros, pelejando para transformar um monte de lixo num jardim enquanto ela nem sabia como começar seu bem remunerado livro.

O radinho de Djuana era estridente, tocava no limite da desafinação. Bishop estava muito angustiada. Decidiu-se e levantou-se.

Bri-gi-te Bar-dô, Bardô!, cantava o radinho, enquanto Joana varria a sala. Depois que acabou a sala, foi para o escritório. Estranho, D. Elizabetchi não estava. Deu uma espiada no banheiro. Vazio. Joana teve um mau pressentimento. D. Elizabetchi não costumava sair sozinha.

Quase na hora do almoço, o telefone tocou. Era D. Lota. D. Lota, D. Lota, a D. Elizabetchi sumiu! D. Lota pediu que Joana fosse procurar pelo bairro, especialmente nos botequins.

Dito e feito. Joana encontrou D. Elizabetchi com a mão cheia de dólares, escondida atrás da paredinha de um boteco. Enchendo a cara.

– Sim senhora! Isso é coisa que se faça? Vamos já pra casa! D. Elizabetchi não se aguentava em pé. Joana a apoiou nos ombros, como o bacalhau da Emulsão de Scott, e foi meio que arrastando a patroa pela rua.

– Uai? Uai? – ia se lamuriando a bebaça, pesada como ela só.

– Não quero nem um pio, entendeu? Nem um pio!

Joana chegou ao apartamento exausta. Arriou a americana grandona no sofá e foi preparar um banho. Colocou sais, sabão importado. Depois a carregou até a banheira. Tchibum. Joana recebeu um bocado de espuma na cara.

Foi aí que começou a tristeza de Joana, que era que D. Elizabetchi bebia.

Continuava muito difícil para Lota falar com o governador no palácio. As divergências entre Lacerda e o presidente Jânio Quadros tinham ficado claras desde o início do ano e a cisão entre os dois se aprofundara com o convite de Jânio a "Che" Guevara, então ministro da Indústria e Comércio de Cuba, para visitar o Brasil. Raios, Lacerda vinha fazendo uma pregação anticomunista e anticastrista, tendo apoiado a fracassada tentativa de invasão a Cuba insuflada pelos americanos, em abril. Lacerda foi ao palácio da Alvorada arguir Jânio, e ficou afuleimado ao ver que o presidente tinha mandado devolver sua bagagem quando soube que pretendia pernoitar no palácio.

No dia 19 de agosto de 61, enquanto Jânio condecorava Guevara em Brasília, Lacerda condecorava no Rio Manuel Antonio de Verona, dirigente da Frente Revolucionária Democrática Cubana.

O momento era delicadíssimo. Lacerda denunciava que um golpe estava sendo preparado pelo governo federal. Tinha que estar atento a cada suspeita de movimentação na capital, pois seu futuro político estava em jogo. Era o udenista mais prestigiado no momento. E, embora John Kennedy tivesse mandado suspender as verbas da Aliança para o Progresso para o governo brasileiro, tinha enviado recursos substanciosos diretamente para o governo da Guanabara. Era evidente que nem passava pela cabeça de Lacerda que o pobre do Burle Marx estivesse trabalhando sem contrato ou que o Paula Soares manobrasse para manter as famigeradas quatro pistas.

Mas Lota só tinha uma coisa na cabeça: o Aterro. Pegou Rosinha pelo braço e foi à casa do Carlos. Ele estava numa reunião política e não demonstrou entusiasmo por aquela visita a desoras. Lota saiu botando fogo pelas ventas. Deu dois dias para esfriar e mandou-lhe mais uma cartinha *daquelas*.

“24 de agosto de 1961

Meu querido governador

Parabéns pelo seu sucesso em São Paulo. Recebi um telefonema da Hilda Forbes, dizendo que até ela vibrou vendo você na TV.

Referente à nossa última entrevista em sua casa, na qual Rosinha e eu devemos ter caído como um cabelo na sopa, como dizem os franceses, venho lhe dizer o seguinte. Peço-lhe o favor de *não me passar pitos em público*. Só eu, que trabalho com a Sursan há 5 meses, sei se o Landim é ‘um coitadinho a quem estou fazendo malcriações’.

Hoje, às 4 1/2 o nosso caro Brigadeiro vai lhe levar 3 casos da maior importância – contrato com o Roberto, licença para a mudança dos estudantes e resposta à carta dos estudantes. Está tudo ‘manjado’, discutido etc. É só assinar.”

No dia seguinte, 25 de agosto, Jânio renunciou, devido a “forças terríveis”. Lacerda tinha muito o que fazer. Respondeu a Lota com um bilhete em papel verde, do Gabinete do Governador:

“D. Lota de Macedo Soares

Li sua carta de 24 de agosto. Você não entende quando a gente está brincando? Cobrei do Landim as prioridades que v. pede. Abraços.”

Enquanto se vestia, Lota tentava explicar a Bishop como era fundamental que Carlos oficializasse a Comissão.

Bishop não entendia por que Carlos não decidia logo a situação, poupando Lota de tantos aborrecimentos.

– Cookie, a política está pegando fogo. – Puxou os longos cabelos para trás, enrolou num coque e enfiou o prendedor de Calder, em movimentos precisos e elegantes. – Carlos está sempre ocupadíssimo, até vai ter que vender a *Tribuna da Imprensa*, imagine. E você não acha que o João Goulart vai engolir quietinho esse negócio de parlamentarismo. E claro que...

Bishop desligou. Odiava política. Odiava ver Lota vinculada àquele mundo sórdido. E em relação ao Carlos, Lota se comportava como essas mulheres maltratadas pelos maridos. Vivem se queixando de seu infortúnio, mas ai de alguém que ouse levantar uma palavra de condenação sobre ele. Para o estilo contido de Bishop, Carlos era extremado, estava sempre fazendo discursos intermináveis, “denunciando” coisas. Bishop descobriu que não gostava do olhar dele. Tinha aquele olhar funesto das gaivotas, que ficam circulando, sonsas, e de repente arremetem.

– É bom que você confie nele – disse Bishop vagamente. Lota ia retrucar, mas precisava ir embora.

Lota achava que tinha as rédeas na mão. Já tinha feito a minuta do decreto de nomeação. A Comissão passaria a se chamar Grupo de Trabalho, constituído de sete membros, todos cobras, incluindo ela, Dona Lota, cuja falta de títulos seria compensada pelo trabalho gratuito. Ficaria claro que à Sursan competiria tão somente executar as obras que o Grupo de Trabalho projetaria. Hum, eles iam se morder. O Grupo de Trabalho é que tomaria todas as decisões pertinentes à parte aterrada e à orla marítima. Com isso, seriam sumariamente vetados loteamentos, cessão de terras e construções em desacordo com o plano urbanístico a ser criado pelo Grupo. Mais ainda, o Grupo teria que opinar sobre a eventual aquisição ou localização de qualquer obra de arte naquela área.

Dessa forma, Lota conseguiria impedir que o Aterro virasse uma Bustolândia.

O Decreto nº 607, de 4 de outubro de 1961, criando o Grupo de Trabalho, saiu publicado no *Diário Oficial* do dia seguinte. *Todas* as prerrogativas estipuladas por Lota constavam do decreto.

Qual não foi o choque de Lota quando, ao ler *O Globo* de 16 de outubro, deparou com uma declaração de Gilberto Morand Paixão, engenheiro-chefe do 12º distrito de obras da Sursan sobre as obras do Aterro: “Não se sabe como serão aproveitadas as áreas, além das quatro pistas para veículos.”

Lota subiu pelas paredes. Não contente, o engenheiro revelava que o restaurante dos estudantes teria que ser demolido. Isso depois de Lota ter passado meses pedindo silêncio sobre o assunto!

Bishop a viu espirrar da poltrona para o telefone. Cadê o Carlos! Carlos não estava. Então falaria com o vice-governador. – Rafa, isto é para você ver como é urgente aquela medida que você quer tomar neste setor! Naturalmente, já estamos tomando providências a respeito desta entrevista!

Lota passou o dia ao telefone. Finalmente, às nove da noite, conseguiu que o Brigadeiro concordasse em mandar um memorando à Sursan dizendo que ia aprovar as duas pistas.

Comemorou jubilosa Lota, de pés de procela. Bishop olhou para a página em branco. Brazil.

Na ausência de Lacerda, Lota começou a repassar para Rafael de Almeida Magalhães, o vice, suas advertências e informações sigilosas. Anotava na margem do papel: confidencial. E na outra margem: para ler em casa. As cartas e bilhetes iam se avolumando nas gavetas dos mandatários da Guanabara.

Buscando soluções para os problemas administrativos, Lota apostava nas comissões. Como dificilmente se dava cargo político a pessoas com o perfil que Lota apontava, prontamente ela as

encaixava numa comissão, que ela mesma inventava, para estudar tal ou qual questão específica. Embora Carlos costumasse fazer ouvidos de mercador, Lota não desistia de tentar abrir caminhos para quem julgava merecedor.

Foi assim com Luiz Emygdio de Mello Filho. Lota pediu a cumplicidade de Carlos para aproveitá-lo no Aterro:

“Vamos ter que procurar, transplantar, plantar milhares de árvores grandes. E você sabe que isso vai ser uma verdadeira luta. Ora, o Roberto não está em condições de fazer isso, ou então faria por preços *astronômicos*. O que vamos pedir ao Roberto será só o projeto e a fiscalização. Isso evitará críticas a você, e ficará muito mais baratinho, porque a administração fará o resto, com os meios que ela tem, sem extra ônus. O Luiz Emygdio foi muito generoso não se incomodando com o fato de não ter sido nomeado para os Parques e Jardins, e declarou que gostaria de ajudar de qualquer maneira. A ideia é a seguinte: você nomearia uma Comissão, comandada pelo Luiz Emygdio, um representante do DER (isto por causa dos caminhões, guindastes, pessoal etc.), um personagem do Serviço Florestal e uma ou outra pessoa que fosse necessária para o caso.

Tudo isto é *confidencial*, porque o Roberto é um homem de grande generosidade, mas os sócios e irmãos estão sonhando com milhões, e eu quero apresentar a eles o caso já resolvido desta maneira. Fale com a dona Ruth, se estiver de acordo.

Adeus, meu querido governador, estou com saudades de ouvir você contar histórias, o diabo é que não consigo pegar você de jeito em casa. Abraços.”

Abraços, abraços, meu querido governador.

Lota notou que Bishop estava nervosa, fumando muito.

– O que foi, Cookie?

Bishop se ressentia de Lota não atinar com o motivo de sua ansiedade. A verdade é que nos últimos meses cada uma achava cacete ter que escutar o relatório diário da outra. Muitas vezes Lota chegava em casa já com um telefonema encadeado ou com uma papelada para examinar, e mal disfarçava a exasperação enquanto Bishop lia as poucas linhas que tinha conseguido escrever.

Doía em Bishop a diferença entre a natureza dos afazeres das duas. Bishop estava fazendo por dinheiro um trabalho que a desgostava. Lota aceitara trabalhar sem receber, para poder realizar uma empreitada que a seduzia. Será que Lota não percebia que faltavam apenas *semanas* para que Bishop tivesse que concluir o livro e ir para Nova York, acompanhar a revisão? Será que estava tão distanciada assim?

– É por causa do livro, não é? Não se preocupe, meu bem, vai dar tudo certo. Termine da maneira que for possível. Iremos juntas para Nova York e lá eu ajudo você a ajeitar o que for preciso.

Bishop se desarmou. Não tinha tido coragem de sugerir que Lota a acompanhasse, estando Lota tão envolvida nas querelas do Aterro. E agora, espontaneamente...

– Mas essa viagem não vai atrapalhar você? Vai poder se afastar neste momento?

– Elizabeth, você é a coisa mais importante da minha vida. Pode estar certa de que nunca vou lhe faltar.

Tendo que se ausentar até o final do ano para acompanhar Bishop, Lota quis deixar um relatório detalhado para o governador, avaliando os oito meses e meio de trabalho no Aterro. Fez diversos rascunhos. Finalmente entregou à secretária a versão definitiva, que ocupou seis páginas datilografadas.

Antes de assinar, Lota releu o texto. Primeiro, os estudos hidráulicos. Soltou uma baforada. Lota havia mostrado à Sursan e também ao governador fotografias dos *tétrapodes* das praias de

Cannes, que quebravam as vagas antes que chegassem à beira do cais. Para sua exasperação, a Sursan insistia em buscar soluções menos avançadas. Se vamos usar métodos do século XIX, não sei por que devemos gastar vinte e cinco mil contos, protestava ela. Lota achava uma burrice, disfarçada sob o estandarte do nacionalismo, que o Estado gastasse uma fortuna por rejeitar soluções internacionais.

Depois leu os parágrafos sobre a iluminação, a captação de água do rio Carioca, a questão das pistas. Estavam bons. Lota queria que Lacerda tivesse a certeza de que, quando ela lhe passava uma solução, era porque aquela era a melhor solução, nisso ele devia crer de olhos vendados.

A seguir vinha uma detalhada avaliação das “insensatezas” que cercaram a palhaçada da mudança do Restaurante dos Estudantes. As determinações do governador tinham sido frontalmente desrespeitadas, a ponto de a Sursan ter tido várias conversas com os estudantes. O Dr. Paula Soares achava que se devia dar cinco ou seis milhões aos estudantes e passar o trator por cima do restaurante. Para Lota o resultado disso seria o seguinte: aquele dinheiro serviria para campanhas contra o governador, haveria belíssimas manifestações de desagrado por parte dos nove mil sem refeição, e Lacerda seria obrigado a dar outro restaurante aos famintos.

Lota acendeu outro Lucky Strike. Agora o mais importante: o Grupo de Trabalho se considerava impossibilitado de trabalhar estando o Dr. Paula Soares na direção do Urbanismo da Sursan. Lamentamos criar casos para você, meu querido, mas administrar é isso – *escolher e apoiar*. Já tivemos nove meses de paciência.

Lota e Bishop passaram cinco semanas em Nova York. Para fazer economia, ficaram no apartamento de Loren McIver em Greenwich Village.

Todo dia iam para a editora, onde ficavam das sete às sete, examinando o texto depois da intervenção dos revisores. Bishop sentia-se demolida. Sem contar algumas interferências ridículas, como a objeção à existência de um senhor Silva, já que Silva terminava em *a*, e em português as palavras terminadas em *a* são femininas, os redatores da *Time* tinham tornado seu texto irreconhecível. Bishop simplesmente não confirmava a autoria daquele livro. Tudo foi inconsideradamente alterado, explicava, inconsolável, para Lota.

Enfim, concluiu que havia vendido seu nome por dez mil dólares. O livro foi impresso com o registro de uma coautoria: Elizabeth Bishop & Editores de *Time*.

Nem restou às companheiras a compensação de uns dias de folga em Nova York. Bishop foi aconselhada a voltar logo para o Brasil, para evitar o pagamento de mil e quinhentos dólares de imposto de renda.

Bishop olhava em torno da sala. Que calor. Tinham saído do inverno de Nova York direto para aquela fornalha. Fazia dez anos exatamente que pela primeira vez se sentara naquele mesmo aposento, sentindo-se desgostosa e perdida. Tanta coisa tinha acontecido, desde então. Tinha encontrado Lota, e com ela a alegria de viver. Tinha sido muito feliz. Lota a tinha retido naquele país biruta, oferecendo-lhe a proteção do único lar que já tivera na vida. À incansável lembrança da dor, Lota contrapunha sua transbordante jovialidade, sua determinação de fera. Com Lota conhecera os lenitivos de uma vida cotidiana ordenada. O contentamento simples de partilhar os dias com um outro ser que a reconhecia. Agora as coisas pareciam nubladas. Não se sentia feliz. Lota, contudo, parecia feliz. Bishop tinha imaginado que assim que chegassem de Nova York iriam direto para Samambaia. Depois de *Brazil* Bishop sentia-se violentada e, como sucede com as pessoas

violentadas, desconexa. Queria rever as nuvens, as montanhas, a água, o silêncio de Samambaia. Mas Lota disse que precisava saber o que tinha acontecido durante sua ausência, mais tarde subiriam.

Bishop sentia muita sede.

– Aonde a senhora pensa que vai?

– Djuana...

– Não senhora. D. Lota disse para a senhora esperar aqui. Pode ficar sentadinha aí que ela já vem para levar a gente.

O BARRACÃO

Em Nova York, Lota havia consultado um órgão internacional de recreação para que recomendassem um especialista. Para sua surpresa, recomendaram uma brasileira, Ethel Bauzer Medeiros. Ethel relutou quando Lota a convidou para integrar a equipe do Aterro. Já tinha gasto muito tempo de sua vida fazendo projetos para órgãos públicos para nada. Contudo, combinaram um encontro no dia 10 de janeiro.

Lota marcou na agenda que tinha trazido de Nova York. Adorava agendas. Estava com o dia 10 bem ocupado: às nove horas iria com Reidy falar com o Secretário de Obras, Enaldo Cravo Peixoto; às dez, entrevista com Ethel; às dezoito, encontro com Carlos no palácio Guanabara.

Ethel convenceu-se quando conheceu o Barracão, uma construção precária onde Lota estava despachando, no Aterro. Lota conseguia fazer com que todos ficassem de manhã à noite naquele barracão desconfortável, no meio de um aterro deserto, como se estivessem no melhor ambiente de trabalho do mundo. As pessoas eram um punhado de grandes profissionais, movidos a idealismo. Ethel sentiu-se particularmente cativada pelo gesto de Lota, pioneiro no país: chamar um educador desde o início do planejamento de um parque.

Lota adiantou que não se tratava de um parque convencional, com chafariz, bancos, estátua e brinquedinhos para as crianças. A proposta do parque era a de contribuir para melhorar a qualidade de vida, atuando como fonte de educação continuada. Ethel aceitou planejar os playgrounds do Aterro. Trabalharia por um ordenado simbólico.

No finzinho da tarde, Lota foi se avistar com Lacerda. Foi orientada a tomar uma lancha até Brocoió, pois o governador iria lá. Carlos chegou às dez da noite. Ficaram conversando até as

quatro da madrugada. No dia seguinte, uma quinta-feira, Lota voltou ao Rio, às nove e meia da manhã.

Dez dias mais tarde, repetiu-se o roteiro. Num domingo de manhã, todo o Grupo de Trabalho foi para Brocoió, entregar ao governador o anteprojeto de Burle Marx e um relatório de vinte páginas.

Novamente, em 1º de fevereiro, Lota passou a noite em Brocoió. Bishop gostaria de entender por que aquela era a única forma da presidente do Grupo de Trabalho se encontrar com o governador.

No dia 20 de fevereiro, Ethel descortinou como seria um parque vivo para os arquitetos do grupo, bem como para o paisagista Roberto Burle Marx.

Explicou que deveriam ser reservados espaços específicos para os pequeninos, as crianças, os adolescentes e os idosos. O traçado do parque deveria facilitar às pessoas se sentirem bem ao ar livre, levando-as a se esquecerem de que estavam no meio dos automóveis. A ideia não era a de lotar o parque com equipamentos de recreação mas, ao contrário, deixar bastantes áreas livres, para que as pessoas, particularmente as crianças, pudessem se expandir.

Como os playgrounds se localizariam entre pistas de rolamento, Ethel pediu aos arquitetos que tomassem várias medidas de segurança – taludes a toda a volta, drenagem em torno dos equipamentos.

Quanto aos campos de pelada, ideia de Lota que Ethel adorou, não deveriam obedecer às dimensões oficiais, para impedir que virassem campos para a prática de profissionais. Os estacionamentos deveriam ficar fora dos playgrounds, para obrigar as pessoas a andar dentro do parque.

Depois de tantos meses lidando com propostas abstrusas, a exposição de Ethel foi um bálsamo para Lota. Distribuiu tarefas

para os presentes, fixando datas para a entrega. Finalmente o parque que havia imaginado ia sair.

Para desgosto de Bishop, a combinação de que os fins de semana seriam sagrados passou a ser descumprida. Os assessores de Lota subiam até Samambaia e Lota passava sábados e domingos em turbulentas discussões.

16 de março, sexta-feira, era o aniversário de Lota. Combinaram que Bishop se encontraria com Lota no Barracão e de lá iriam direto para Petrópolis. Bishop queria comemorar com um almocinho especial no sábado, coisa íntima, fazia tempo que não tinham um momento só para as duas.

– O almoço está bem. Para o jantar já convidei o Rafa e a esposa e mais uns outros. Vamos ver se num ambiente mais descontraído as coisas se resolvem. Aproveitamos para mostrar seu livro sobre o Brasil, que tal?

À tarde Bishop chegou ao Aterro completamente bêbada. Portou-se mal na frente dos funcionários. Constrangida, Lota a levou para o carro. Bishop resistia, forçou Lota a um pequeno *catch as catch can* para entrar. Na Praça Mauá, Bishop saltou no meio da rua, cismando que queria voltar para o Rio. Novamente Lota teve que convencê-la. Foi uma viagem penosa até Samambaia. X péssima, registrou Lota na agenda.

No sábado efetivamente se realizou o jantar com Rafa. Lota efetivamente mostrou o livro que Bishop abjurava. E efetivamente se conversou sobre o Aterro até uma e meia da manhã, infelizmente sem alterações no quadro geral. Rafa admitiu que não estava considerando substituir o Paula Soares. Bishop permaneceu recolhida em seus aposentos.

No dia seguinte, constatando que não conseguia encurtar a distância que a separava de Bishop, Lota decidiu voltar sozinha para o Rio. À noite, foi jantar no Le Mazot com Bertha e Marc.

Durante a semana, Lota manteve-se ocupada dia e noite, procurando obliterar o fato de que ao chegar em casa não encontraria Bishop. Anotou na agenda: jantar com Pedro e Verinha; papo com Oscar Simon até a uma da manhã; aquisição de uma máquina de limpar tapetes; vistoria do horto com Luiz Emygdio e Magu Leão, que tinha sido incorporada à equipe; encomenda de lâmpadas à Dominici; conversa com Alfredo Lage até as três da manhã. Não adiantava, sentia saudade da sua Cookie. Ficou contente quando chegou o fim de semana e foi buscá-la.

A intervenção de Ethel provocou o primeiro estremecimento no Butantã, como já era conhecido o grupo de Lota. Reidy, a quem cabia o planejamento urbanístico geral do parque, ficou encarregado de projetar os pavilhões e o riscado dos playgrounds. Ethel trabalhava diretamente com ele, impressionando-se com sua facilidade em criar. O projeto da Cidade das Crianças ficou a cargo da arquiteta Maria Hanna Siédlikowski. Carlos Werneck de Carvalho faria o teatro de marionetes. O problema é que Burle Marx não gostou que a recriadora ficasse responsável pelos playgrounds. Não estava combinado que era ele que ia fazer? Jorge deu razão a Roberto. Lota e Jorge discutiram. Lota, tu fazes... tu queres... – Jorge gauchava quando nervoso. Lota resolveu que tinha que pôr uma pedra sobre o assunto. Sumariamente reafirmou que os arquitetos e Ethel fariam os playgrounds e Roberto faria o jardim. Jorge ficou um tempão de ovo virado.

Lota começava a se sentir desgastada. Além de estar despreparada para as falsidades da vida profissional, tinha que administrar os faniquitos de um grupo de temperamentais. Jorge amarrava a cara, Roberto não queria defender seu projeto, Luiz Emygdio não enfrentava o Fontenelle, que toda hora levava o guindaste embora, enfim, uma merda.

Chegar em casa à noite também não era nenhum refrigério. Bishop estava arrasada com o livro sobre o Brasil. Passava os dias fazendo correções a mão nos exemplares que teria que mandar aos amigos. A energia elétrica estava racionada, frequentemente tinham que ficar à luz de velas. Enfim, bela merda.

Naquele domingo, porém:

– Fora desta cama, que nós hoje vamos passear!

Bishop estranhou: Dona Lota tinha sumido e reapareceu a Lota carinhosa, leve, animada que sempre a encantara.

Apanharam Magu de carro e foram até o Mirante Dona Marta. O dia estava lindo. Magu era uma presença serena. Bishop sentia-se grata porque, embora trabalhasse no Aterro como todo mundo que cercava Lota ultimamente, hora alguma Magu falou de mudas ou esterco ou carros-pipas. Passaram o dia gazeteando. Quando chegaram em casa os olhos argutos de Joana perceberam alguma coisa.

– Ê, ê. O que é que houve?

Naná gostou de abrir a porta e ver Lota. Desde que as atribuições do Aterro tinham começado, Lota tinha cada vez menos tempo para quem não fosse engenheiro, arquiteto ou pelo menos jardineiro, condições para as quais Naná não se qualificava. Era gostoso revê-la, charmosa e bem-vestida, com aquela fartura de sorrisos.

Lota aceitou o cafezinho, retirou da bolsa a piteira de tartaruga e acendeu um cigarro. Naná observou que, como acontece com algumas pessoas, Lota tinha sido favorecida pela idade. O contraste entre os cabelos prateados e a tez cor de mate era muito interessante. Lota tinha o ar nobre de um índio norte-americano.

– Meu amor, estou muito chateada com o Sérgio. Não se preocupe porque não vim metê-la nesta embrulhada. Apenas, como mais cedo ou mais tarde ele vai vir aqui chorar as pitangas, quero

Ihe contar exatamente o que aconteceu. Você sabe que eu detesto fuxicos.

Naná suspirou. Aquele era um problema que sabia que teria que enfrentar. O tal Grupo de Trabalho nada mais era do que uma porção de velhos amigos seus. Lota de Macedo Soares, Roberto Burle Marx, Sérgio Bernardes, Luiz Emygdio de Mello Filho. Todo mundo brilhante. Todo mundo um pouco *détraqué*. Por qualquer toma lá dá cá devia se armar um fuzuê danado naquele barracão. E Naná ia ter que emprestar os ouvidos ora a esse, ora àquele.

– Trata-se do restaurante do Aterro. Pois bem, depois de *meses* de estudos, o Grupo chegou à conclusão de que o restaurante adequado devia ser uma churrascaria, com um máximo de trezentos lugares. Seria um predinho de um só pavimento, com uma área de uns 600 m². Pensamos em fazer uma churrasqueira visível e uma cozinha bem pequena, obviamente. Evidentemente, nem precisava ser dito, mas foi!, que para ser fácil o arrendamento, o projeto devia prever instalações simples e de fácil manutenção.

Lota deu um tempo para que Naná processasse todas aquelas informações. Naná se preparou para o que havia de vir. Aquele jeito de falar, tanto quanto o prendedor de Calder no coque, era marca registrada de Lota. Evidentemente. Obviamente.

– Pois bem, encomendei o projeto ao Sérgio, já que o Reidy e o Jorge estavam ocupados com outras coisas. Naná, você acredita que o Sérgio me apresenta um restaurante de dois pavimentos, com 3.600 m² *cada um*, e mais uma torre ou que diabo fosse, chegando a uns 15 m de altura. Só a cozinha tem 800 m²! E ainda prevê um acréscimo de 1.500 m² para o que ele chama de área de exposições. Para concorrer com o Museu de Arte Moderna, sem dúvida.

– Mas que coisa, hem. – No fundo Naná achava incrível que Lota tivesse dado uma churrascaria para logo-quem fazer e achasse o resultado estrambótico.

– Agora, o que me levou às alturas é o que ele cobrou pelo projeto. Sabe quanto? A bagatela de quatorze milhões de cruzeiros!

– Mas que coisa.

– Naná, ficou acertado que os três arquitetos receberiam sessenta mil cruzeiros mensais para fazer os projetos do Aterro. É evidente que para arquitetos do gabarito do Reidy, do Sérgio e do Jorge, a quantia é mínima.

Um escárnio, pensou Naná.

– Mas todos concordaram, para ajudar o governo do Carlos e também pela beleza da obra que vamos fazer. É evidente que o Sérgio não participa dos sentimentos que motivam o restante do Grupo. É uma lástima.

– Lota, vai ser difícil obrigar as pessoas a trabalhar de graça – arriscou Naná. – Nem todas têm o, a – Naná procurou a palavra certa –, a devoção que você tem pelo Carlos.

– Que devoção, nem meia devoção! Naná, quatorze milhões! Fora os custos da obra! Ele que vá à merda.

Lota, Lota.

Era o cúmulo! Lota não podia acreditar. Na falta do que fazer, Carlos simplesmente nomeou Sérgio Bernardes assessor de Urbanismo. E Sérgio já começava a meter os pés pelas mãos.

Pois o Sérgio estivera com Lota no escritório de Burle Marx, examinando as soluções do Grupo para as saídas das pistas do Aterro, isso antes de sua inexplicável promoção. Sérgio tinha aplaudido as soluções, especialmente a do trevo para o lado do aeroporto. Agora, Lota viera a saber pelo Carlos em pessoa que o Sérgio ia *suprimir* o trevo! O doidivanas do Sérgio estava desmoralizando o Grupo de Trabalho perante o governador. Sim, pois o Grupo levava meses para estudar os problemas de circulação do Aterro e agora o Sérgio entrava no brinquedo e em cinco

minutos tirava uma solução genial do bolso do colete. Não, minha flor, a coisa vai mal. Afinal, quem manda aqui?

Lá se foi Dona Lota falar com o governador. Mamede tinha comentado a bagunça generalizada resultante da interferência do Sérgio no trânsito do Rio, a população correndo em todas as direções à procura de condução. Lota passou a Lacerda a notícia de que Sérgio estava fazendo desordens. Carlos não gostou. Disse que os outros só sabiam falar e não faziam nada. Lota rebateu. Carlos disse que tinha um outro compromisso e os dois se despediram secamente.

Era um fim de tarde. Bishop lia poesia alheia – João Cabral, Drummond, Cecília Meireles. O período era fecundo para os poetas brasileiros, inspirados por uma vinculação ativa com a terra em que tinham nascido. Bishop, porém, não conseguia escrever. Rio, Lota, Elizabeth, parque, favela era tudo um conjunto de erros.

Cessa teu empenho e sorri um pouco, recomendava José Paulo Moreira da Fonseca, poeta brasileiro. Bishop olhou para o mar e decidiu-se: ia voltar a ser tradutora. Já que não conseguia mesmo fazer seu próprio estrambote melancólico, traduzir era um jeito de se aferrar à criação. Para começar, escolheu “Viagem na família” e “A mesa”, poemas de Carlos Drummond de Andrade que falavam de laços familiares. O pai, a mãe, os irmãos, os primos tuberculosos, a tia louca, também esses ia tomar emprestado ao poeta. A partir de então, entregava-se diariamente ao labor de dizer em sua língua sintética os polissílabos do português.

Outra tarde, foi a vez de Clarice Lispector. Bishop encontrou nos seus contos a capacidade de discorrimento e o tom que estavam lhe faltando. Como gostaria de ter escrito a história da galinha que voou para o telhado para escapar de virar almoço e, perseguida, “de pura afobação pôs um ovo”! Bishop se deliciava com o humor perspicaz e transgressivo de sua vizinha do Leme. Resolveu traduzir

Clarice também. Além de “Uma galinha”, selecionou “A menor mulher do mundo”, uma criatura de quarenta e cinco centímetros pertencente a uma racinha de gente que, implacavelmente caçada, estava sempre a recuar, recuar para o interior da mata. Quando escreveu “Brasil, 1º de janeiro de 1502” Bishop usou imagem semelhante para retratar as índias perseguidas pelos invasores brancos:

eles iam rasgando o cenário pendente,
cada um atrás de sua índia –
aquelas mulherinhas desvairadas que ficavam gritando
gritando umas para as outras (ou teriam as aves
acordado?)
e iam recuando, recuando para atrás da paisagem.

A iminência da chegada de Robert Lowell pôs Lota e Bishop mais nervosas.

Bishop rodeava Joana, procurando alguém com quem conversar. Explicava em portinglês que os tubulões na praia em frente tinham sido doados pelo governo norte-americano, como prova de amizade. Joana, muito envolvida com a Copa de 62, argumentava que os brasileiros punham mais fé em Amarildo do que em tio Sam. Isso Bishop constatava com seus próprios olhos: nos dias de jogo do Brasil, todas as empregadas domésticas do edifício, desinteressadas nos tubulões, debruçavam-se sobre o vão central do prédio, atentas à narração dodecafônica do rádio. De repente, como se saísse de uma garganta só, rebumbava pelos corredores um grito demente, e aquelas mulheres saltavam abraçadas, riam, choravam, davam graças a Deus. Joana vinha abraçá-la:

– Vencemos, Dona Elizabetchi! Vencemos! Brasil! Brasil! Lota sabia que a chegada do importante poeta norte-americano iria sobrecarregá-la. E ele ainda vinha com a mulher e a filha, *bon Dieu*. Teria que ciceroneá-los para cima e para baixo, e as coisas no

Aterro estavam mal paradas. Tudo estava atrasado, não havia entrosamento entre o planejar e o fazer. Somente Magu estava em grande atividade, o resto ia a ritmo de cágado.

Para animá-la, o Secretário de Obras Enaldo Cravo Peixoto manifestou interesse pela velha locomotiva que Lota queria levar para o Aterro para transportar passageiros. Não foi muito feliz. A Baronesa era uma preciosa peça de museu, explicou Lota, desanimada. Ficaria fixa no chão, debaixo de cobertura, para ser vista pelas crianças. O veículo para levar gente para passear seria um trenzinho puxado por um trator.

– Ando descontente com Deus e o mundo – resumiu Lota, para um Peixoto consternado.

Finalmente Robert Lowell (Cal para os íntimos), a mulher Elizabeth Hardwick e a filhota Harriet chegaram. Lota deixou um bilhete para o Grupo de Trabalho, avisando que ia em missão de boa vizinhança para Cabo Frio, levando a Lowellada. Retirava-se preocupada, pois não estaria presente a uma reunião convocada pelo Paula Soares para estudar a iluminação no Aterro. Deixou indicações precisas para que o Peixoto fosse avisado para *não* ir, visto que seria pura perda de tempo. E já deixou uma outra reunião marcada.

Lota ganhava pontos junto a Lacerda, apresentando-o às celebridades que vinham visitar Bishop, como Robert Lowell. Mas o relacionamento dos dois continuava periclitante. Lota procurava superar sua crescente irritação, aceitando convites de Carlos para atividades sociais, como ir ao cinema no Palácio Guanabara. Invariavelmente voltava para o apartamento esbravejando que tinha perdido tempo com mais um filme estúpido. Certa feita, Lacerda pediu-lhe que fosse a um almoço de desagravo ao Fontenelle, que estava sendo muito criticado por suas inovações no trânsito carioca. Lota concordava com as críticas de pedra e cal,

mas, querendo contemporizar, foi, arrastando Roberto Burle Marx. Depois de insossa discursiva, o próprio Fontenelle tomou a palavra. Tudo o que fazia, declarou ele, era para provar que era homem.

Lota esteve a ponto de saltar na mesa e gritar:

– O que nos interessam suas dúvidas!

Em casa, as brigas ao telefone com Lacerda eram constantes. Carlos, não chateia! e batia o telefone. Também ligava para secretários e outros figurões, falava grosso. Joana ficava encolhidinha, esperando Lota mandar servir o almoço.

– Dona Lota, não fica nervosa assim.

– Joanica, é que eu quero esse jardim bem bonito, eu mando e eles não fazem.

Bishop também ficava intimidada com as imprecações de Lota. Estava cada vez mais difícil conversar com ela. Para ter assunto, resolveu ler Lewis Mumford, um analista da evolução da cidade no mundo ocidental. Mumford enfatizava a sandice que era destruir grandes áreas de uma cidade para permitir o movimento e o estacionamento de carros particulares. Refletindo sobre o papel do palácio, mostrava que a extensão de um parque panorâmico no coração da cidade tinha sido a contribuição mais feliz do palácio à vida urbana. Para ele, as funções essenciais da cidade, que envolviam encontro, mistura e mobilização, clamavam por espaços onde uma grande diversidade de atividades pudesse ocorrer simultaneamente. Céus, era exatamente a ideia de Lota, ela ia gostar de ler aquilo.

Lota já conhecia o pensamento de Mumford e o momento não estava para sociologias. Estava com a cabeça repleta de preocupações. Para começar, não estava conseguindo vender lotes em Samambaia.

– Os franciscanos decidiram não comprar Alcobaça. Já que temos que morar no Rio, perdemos o aluguel deste apartamento. A situação é grave, Cookie. No Aterro, tudo vai às mil maravilhas. Eu lhe digo, pela resistência que me oferecem dentro do governo do

Carlos, já se pode imaginar como os próximos governos podem desvirtuar o que estamos fazendo. Preciso traçar as linhas básicas de uma fundação autônoma, que não dependa do Estado, para administrar o Aterro. E também conseguir o tombamento do parque. Senão montam lá uma Bustolândia, esteja certa. Calcule que o Peixoto disse que o Adolfo Bloch teve a pachorra de pedir que se fizesse uma Fontana de Trevi no Aterro, que ele pagaria! Que ele pague o teatro de marionetes, que será decorado pelo Bianco. Aliás, preciso chamar o Napoleão Muniz Freire para estudar o teatro de marionetes. O Bianco está subindo para Samambaia no próximo fim de semana, por falar nisso. E a maldita fossa, que está com aquele mesmo problema, merda para todo lado.

Bishop olhava aquela mulher que admirava tanto. Provavelmente o tal Peixoto estava brincando com ela sobre a Fontana, sabendo do horror que lhe inspiravam chafarizes e estátuas no seu jardim, mas Lota estava perdendo uma de suas riquezas, o senso de humor. Tudo agora era grave e ameaçador e exasperante. Lota estava em guerra. Heroica? Ou pancada?

Bianco subiu com Lota para um almoço em Samambaia. Ao volante, Lota tinha a segurança de um homem, achava Bianco, aprovadamente. Bianco ia apreciando também a conversa magnética de Lota, o vigor de sua inteligência.

Chegando à casa, encontraram Bishop de avental, na cozinha. Bianco não a conhecia. Sentiu-a assim doméstica, precisada da segurança física de um fogão.

Lota e Bishop assumiam a relação com sadia naturalidade.

No entanto, Bianco achou que percebia ali uma situação parecida com a de uma mulher submissa à personalidade de um homem muito forte. Havia em Bishop uma fragilidade feminina; em Lota, aquela coisa selvagem. Como inteligências, eram gêmeas. Mas como personalidades, Lota era infinitamente mais fascinante.

Bianco conhecia Lota desde o tempo em que ela frequentava o ateliê de Portinari, onde Bianco trabalhava diariamente. Ficou contente quando, tantos anos depois, Lota o convidou para trabalhar no Aterro. Reviu a moça petulante de cabelo cortado à la homem e olhos faiscantes de paixão naquela mulher grisalha, empolgada, ainda segurando a bandeira do moderno. Lota se postava como um cão de guarda estético do Aterro. Encolerizava-se com a entronização da burocracia, não se submetia ao que se quisesse interferir em seu sonho. Era magnífica de se ver.

Agora, saboreando um cafezinho naquela casa refinada, Bianco conjecturava sobre Lota e Bishop. Lota devia se sentir extremamente gratificada, porque era uma índia sul-americana que encantou furiosamente uma grande poetisa do primeiro mundo. Mas os olhos aquáticos de Bishop pareciam esquadrihar seu futuro ao lado daquela empreendedora febril. O que a aguardava? Ser uma boa cozinheira para uma executiva que fazia um jardim num país subdesenvolvido. Ficar enterrada em Samambaia cuidando de cachorro. Bianco achava Lota desatenta aos olhos aquáticos de Bishop. Enfim, como saber. A mulher é o mistério, considerava Bianco.

– Mas que figurinha difícil, hein. Estou tentando falar com você há dias.

– É, meu bem, tenho andado numa roda-viva.

– Mas não é só no Barracão que Dona Lota não tem parado. Joana não lhe deu meu recado?

– Deu sim, Vivinha. Está anotado aqui na minha agenda: ligar Vivinha. Mas é que este mês... Um momentinho, meu bem... Pronto, era a merda do guindaste, outra vez. Mas então...

– Liguei porque soube que a senhora foi condecorada. Mas que honra, hein. Não é toda hora que mulher ganha medalha nesta terra.

– Pois é. Mas não era medalha que esta mulher queria, não. Eu apenas queria que o Carlos se interessasse mais pelo Aterro. É muito cansativo trabalhar nessa base, tendo que batalhar por cada mínima coisa.

– Ué, que foi feito da Indomável Lota? Casou e mudou?

– Antes fosse. Você sabe que os Lowells estiveram aqui, foi aquele rebuliço, desde julho para cima e para baixo com eles. E ainda veio o Nicolas Nabokov e logo a seguir o Raymond Aron *and wife* e, como se não bastasse, o John dos Passos. Todos com direito a jantares, apresentação ao governador etc.

– Todo mundo em setembro?!

– Todo mundo. O Cal me parecia muito atacado e acabou tendo um colapso nervoso em Buenos Aires, depois que deixou o Rio. Tive que ficar providenciando *daqui* a remoção dele para os Estados Unidos, falando com um e outro, a Elizabeth nervosíssima, pois ele estava sozinho, a mulher já tinha voltado para os Estados Unidos com a filha. Como dizia a outra, foi um pá demônio.

– Bem, e o que me conta de *bom*? – Vivinha era irremediável.

– De *bom*, conto que a Mônica está uma gracinha. Precisava ver a disposição com que canta Cai, cai balão. Ela é uma coisa doce em minha vida, uma pessoinha muito bem-vinda.

– Pois bem, dona vovó, não vou mais tomar seu tempo.

– Vivinha, você sabe o quanto eu gosto de falar com você. Se há alguém que não toma meu tempo, é você.

E desatou a falar do Aterro.

Depois que desligou, Vivinha ficou pensando na amiga. Em outros tempos, Lota teria adorado circular com todas aquelas celebridades. Agora parecia mirar exclusivamente o parque. Corria o perigo de Lota se confundir com o Aterro, virarem uma coisa só. Isso ia ser uma calamidade, pois na vida pública ninguém é dono da obra. Filha de Zeus poderoso, não te basta seduzir mulheres privadas de força?

A CADELA COR-DE-ROSA

— Carlos, deixa de ser idiota, Carlos!

O Major Osório, ajudante de ordens de Carlos Lacerda, nunca tinha visto alguém se dirigir ao governador assim.

— Carlos, fazer um jardim de saibro ao preço de duzentos milhões é jogar dinheiro fora. Quando chover forte, o saibro vai correr e se misturar à terra, além de fazer poças d' água por todo canto, devido às áreas impermeáveis que o Aterro tem. Fora o capim que vai crescer. Você quer jogar dinheiro fora? Gastar duzentos milhões para ter como resultado um jardim de árvores e lama e capim é muita excentricidade para o meu gosto. É melhor então deixar o solo como está e economizar duzentos milhões.

— Lota, a grama é muito cara.

— Não senhor. A grama ainda é o revestimento mais barato e durável. A grama não é catada, simplesmente é cortada com grandes máquinas, pede muito menos conservação.

— Ainda digo que é muito cara.

— O custo vai ser reduzido à metade, se nós mesmos fizermos o plantio, em vez de abirmos concorrência.

— Lota, você acha que as coisas são simples assim?

— Carlos, a cobertura de grama não é luxo, é necessidade. Não é à toa que *todos* os parques e jardins do *mundo* têm cobertura de grama!

— Lota! Estou lhe dizendo que *não vai ter* grama no Aterro!

— Pois eu estou lhe dizendo que *vai ter* grama no Aterro!

— *Lota! Eu sou o governador!*

— *Carlos! Eu sou a presidente do Grupo de Trabalho do Aterro!*

Eu hein, boi, fumegava o Major Osório.

Elizabeth Hardwick, que estivera no Brasil com o marido Robert Lowell, escreveu para Bishop propondo que mandasse um texto

sobre o Brasil para o recém-fundado *New York Review of Books*. Era um gesto de colaboração para que Bishop pudesse publicar (e receber) alguma coisa. Bishop não escreveu. A Fundação Ford acenou com uma verba para que ela escrevesse uma peça. Bishop recusou. *It's not 'cause I wouldn't. It's not 'cause I shoudn't. And you know it's not 'cause I couldn't. It's simply because...*

A vida de Bishop prosseguia assim, uma mesmice. Veio mais um 8 de fevereiro, Bishop fez 52 anos. Sofria. Às vezes a dor era desesperada, precisava beber. Mas a fiel Joana esvaziava as garrafas de uísque na pia, enchia de água. Bishop bebia os frascos de perfume.

Uma gringa avermelhada pelo sol, descascada, trotando trôpega pelas ruas do Leme.

Puxa, nunca se viu cadela tão pelada!
Nem um fio de cabelo, toda nua e rosada.
Uma senhora que passa recua, enojada.

Está em todos os jornais, você sabe como é
que por aqui se resolve o problema da ralé?
Pois atiram os mendigos em um rio de maré.

O Carnaval é realmente sensacional!
Uma cadela depilada, convenhamos, pega mal.
Vista uma roupa chique e vá pular o Carnaval!

Bishop andava fazendo poemas asquerosos, escreveu a Lowell. Queria ultrapassar o horror como os brasileiros faziam, com seus sambas e marchinhas, mas não conseguia. O humor saía macabro. "A cadela cor-de-rosa" foi com os outros, para a gaveta.

Uma cidade deve ser construída para a conveniência e a satisfação dos que vivem nela, e para a grande surpresa dos estrangeiros.

Lota escolheu a reflexão de Sansovino, arquiteto italiano do século XVI, como epígrafe para sua matéria sobre a urbanização do Aterrado Glória-Flamengo, publicada na *Revista de Engenharia do Estado da Guanabara*. Começou o artigo assim: "O maior inimigo da beleza e do conforto de uma grande cidade é o automóvel."

Lota sabia que suas posições iam incomodar muita gente, mas colocou que o Aterrado ousava oferecer ao pedestre, pária da idade moderna, o quinhão de sossego e lazer a que ele tinha direito.

Ora, Lota era penetra na *Revista de Engenharia*. Todas as demais matérias eram assinadas por engenheiros. Choveram manifestações indignadas.

A mais grave veio do deputado Carvalho Neto, que usou nada menos do que a tribuna da Assembleia Legislativa para, na sessão de 22 de maio de 63, descer a lenha no plano de urbanização do Aterro, no Grupo de Trabalho e sobretudo em sua presidente, que tachou de péssima influência no governador.

Lota ficou enfurecida, como sempre, e gastou páginas e páginas para redigir uma desafronta, destacando o fato de que trabalhava de graça. Finalmente, optou por um texto sucinto, esclarecendo que as opiniões emitidas no artigo ecoavam os mais famosos urbanistas ingleses e americanos de então. E que a presidente não tinha a importância que o deputado tão generosamente lhe atribuía. Seu único mérito era o de ter escolhido o mais capaz, o mais honrado, o melhor grupo de trabalho do Brasil.

Enquanto Lota se preocupava com a urbanização do Rio, Bishop ficava na varanda espiando de binóculos a favela da Babilônia. Certo dia, assistiu à caçada a um bandido e, fora de suas

características, sentou-se e escreveu de um rojão quarenta estrofes.

Quando Bishop mostrou "O ladrão da Babilônia" para Flávio, o sobrinho de Lota ficou entusiasmado. O poema era fluido e contagiante como a poesia de cordel, e as observações acuradas sobre a favela, o bandido, a PM, os pobres e os ricos mostravam-se mais pungentes na estrutura ingênua da composição. Flávio traduziu o poema, sempre confabulando com Bishop, e acabou publicando-o nos *Cadernos Brasileiros*.

Nos morros verdes do Rio
uma mancha terrível cresce:
os pobres que vêm para o Rio
e não têm como regressar.

Micuçu, inimigo do povo,
era assassino e ladrão
já tinha escapado três vezes
da mais severa prisão.

Bishop foi narrando a ação dos policiais militares:

O morro estava cercado
por toda parte, de soldados
bem contra o horizonte
em fila, pequenos, parados.

Mas os soldados, nervosos
seguiram com medo adiante,
e um, tomado de pânico,
metralhou o comandante.

até o fim de Micuçu

De manhã, às oito ou oito e meia,
viu subindo um soldado
olhando para ele. Atirou
mas, pela última vez, errado.

Ouviu o soldado arfando
mesmo sem chegar perto
Micuçu quis se esconder
mas o soldado atirou certo.

No dia seguinte, a polícia estava de volta:

Hoje cedo os soldadinhos
voltaram à Babilônia
com as armas e os capacetes
reluzindo na garoa.

Estão atrás de outros dois.
Micuçu já foi enterrado.
Mas não são tão perigosos
quanto Micuçu, coitado.

Em julho, Lota teve que ser internada repentinamente. Não adiantou o Sal de Uvas Picot. Oclusão intestinal, cirurgia de urgência. Lota passou duas semanas no hospital. Bishop ficou aterrada ao ver Lota entrar no quarto inconsciente, como morta. Todos os seus medos sobrevoaram, com alarido. Jamais havia cogitado a vida sem Lota. Depois de tantos anos descuidados, registrava a precariedade de seu acomodamento. Tudo podia mudar. Tudo podia acabar. Outra vez.

Mary também foi para o hospital, para cuidar das coisas práticas, passar tranquilidade para Lota.

Mal Lota abriu os olhos e já tinha visita. O dia inteiro vinha gente conversar e rir em altos brados, como se estivesse

acontecendo uma grande festa naquele quarto de hospital. Quando a enfermeira entrava para os atendimentos necessários, os presentes se retiravam para o corredor, mas não iam embora. Bishop e Mary se revezavam entretendo-os. Depois voltavam todos para o lado de Lota e ficavam falando de doenças, de gente que quase morreu numa cirurgia ou do Aterro. Bishop sentia raiva, mas não tinha a intrepidez de expulsá-los. Mary parecia conviver normalmente com aquilo. E Lota mostrava-se a brincalhona de sempre.

Ao sair do hospital, Lota não quis respeitar o período de convalescença e voltou ao trabalho. Semanas depois começou a arder em febre. Bishop ficou muito assustada, a temperatura não parava de subir, as dores de cabeça eram atrozes. Febre tifoide, diagnosticou o médico. Ratos. Era inconcebível que Lota ficasse doente assim, achava Bishop. Afinal *ela* é que era a doente. Passou a beber sem parar.

Joana ficava desesperada, correndo de uma para outra. O médico tinha recomendado repouso absoluto para D. Lota, tudo tinha que lhe ser levado na mão. E D. Elizabetchi aproveitava que Joana estava tão ocupada, bebia feito gambá, depois ficava na cama gritando, cantando, chorando, enchendo D. Lota de aflição.

Quando D. Lota pôde viajar, ela e Joana foram para Samambaia. Lá D. Lota teria descanso. D. Elizabetchi se internou numa clínica e mandou dizer que foi fazer repouso.

I got ramblin'
I got ramblin' all on my mind
Hate to leave my baby
but you treats me so unkind

A voz fanhosa de Robert Johnson cantava no *hi-fi* de Bishop. Estou pensando em cair fora, detesto deixar você, baby, mas você

me maltrata demais. Bishop adorava blues, a paixão desavergonhada dos blues.

– Quem é esse? – Lota tinha acabado de entrar.

– Robert Johnson. Ele é *bom*. Morreu envenenado por um rival quando tinha vinte e poucos anos.

Lota sentou-se, pouco impressionada. Esticou a mão mosqueada de picadas dos soros de glicose e apanhou uma revista. Com um suspiro, começou a folheá-la. Estavam há uns dias à toa em Samambaia, para ver se cada uma se recuperava de suas mazelas. Bishop tinha ido da “clínica de repouso” direto para lá, e estava muito feliz. Queria que Lota e ela retornassem de vez para sua casinha no meio das nuvens e tudo voltasse ao normal. Mas, pelo que podia ver, isso não ia ser fácil. Lota estava furiosa por estar doente, porque *nunca* ficava doente. Estava indócil para voltar à sua lufa-lufa, brigar com Carlos e todo o primeiro escalão do governo e depois voltar para casa exausta, para encontrar Bishop exausta de brigar com ela mesma.

Well, it's hard to tell, it's hard to tell
when all your love's in vain
All my love's in vain
Oh oh oh oh oh oh

No final de setembro de 63, Carlos Lacerda estava nos Estados Unidos, dizendo ao *Los Angeles Times* que os militares iam intervir no governo de João Goulart e pensavam até em destituí-lo.

Elizabeth Bishop estava num apartamento no Leme, lendo *O grupo*, de sua ex-colega de Vassar, Mary McCarthy.

Joana dos Santos estava na cozinha do mesmo apartamento, verificando o estoque de velas, pois agora dava para faltar luz toda noite.

Arnaldo de Oliveira estava visitando um apartamento no Flamengo, anunciado no jornal de domingo, pensando em sair da

zona norte.

Adrienne Collins estava em seu quarto em Seattle, lendo Walt Whitman.

Vivinha estava em seu apartamento em Botafogo, ouvindo a sobrinha Do Carmo contar como a juventude do mundo inteiro estava preparando uma mudança nos destinos do planeta. Do Carmo estava engajada no movimento universitário e garantia, com os olhos ardentes da fé, que no Brasil não ia mais haver analfabetos, nem coronelismo, nem miséria.

Lota de Macedo Soares estava num barracão de madeira no Aterro, intimando a Sursan a pagar os sessenta contos ao Reidy, que novamente estavam em atraso.

Quando Bishop ficou sabendo da publicação de *O grupo*, gelou. Tinha pavor de que Mary McCarthy a incluísse como personagem, visto terem sido contemporâneas em Vassar. Quando acabou de ler teve certeza de que Lakey, a personagem que passa um longo tempo na Europa e reaparece acompanhada de uma baronesa baixa e forte, era ela própria. A baronesa, é claro, era Lota. Mary McCarthy tinha saído com Lota e Bishop duas ou três vezes, quando da passagem das duas por Nova York em 57. Lota foi precedida da recomendação de Hannah Arendt, que ficara encantada com o brilho e o *sense of humor* da brasileira. Por isso Bishop ficou ressentida com a caracterização da baronesa como uma mulher masculinizada e não muito inteligente, pronta a usar o revólver contra quem se aproximasse da inescrutável e inteligentíssima Lakey. Também o fato de o *grupo* considerar aquela ligação anormal incomodava Bishop. A vulgaridade com que, no livro, as outras amigas cogitavam sobre o relacionamento físico entre as duas mulheres a revoltava. Bishop não externou seu dissabor para Mary McCarthy. Simplesmente cortou relações. No entanto, quando soube, por vias indiretas, o motivo do afastamento de Bishop, Mary

McCarthy negou de pés juntos que algum dia Lota e Bishop tivessem inspirado suas personagens.

Naquela noite, Mary Morse, que estava morando na casa de baixo, como ficou sendo chamada a sua casa, escutou um carro subindo desabalado. Será que Lota tinha resolvido vir para Samambaia no meio da semana? Será que estava passando mal outra vez? Lota estava trabalhando mais do que devia, aquela cabeça-dura. Mas era estranho não ter parado para ver Mônica.

Mary resolveu ir ver o que estava acontecendo. E se fossem ladrões? Era melhor buscar reforços. Entrou no seu fusquinha e foi até a casa de Manuelzinho.

– Manuelzinho, tem alguém na casa de D. Lota. Vem comigo.

Imediatamente Manuelzinho, que estava de cuecas, colocou o chapéu de palha e apanhou um pedaço de pau.

Quando chegaram à casa de Lota, Mary viu a luz de lanternas vasculhando o terraço e a luz da cozinha acesa.

– Vamos, Manuelzinho – disse, sem pesar o risco que estavam correndo.

Protegidos pela escuridão, os dois entraram na casa.

– Quem está aí? Quem está aí? – gritou Mary.

Imediatamente foram cercados por homens armados. Enquanto Mary imaginava o que Manuelzinho iria fazer, alguém sussurrou:

– Morsey! Você ficou maluca?

Saiu do escuro, com os óculos arregalados, nada menos do que o governador do Estado.

– Carlos! O que está fazendo aqui?

– Já falei com Lota, Morsey. Ela disse que posso passar a noite aqui.

– Mas por que você não me telefonou, me deu um susto desses?

Lacerda dispensou os guarda-costas com um sinal.

– Morsey, estou aqui escondido. Estão tentando me pegar.

– Ah. Então vou ver se os quartos de hóspede estão arrumados
– disse Mary, que era péssima em *hide and seek*.

Mary sabia perfeitamente que os quartos não estavam arrumados. Ao abrir a porta do primeiro, viu uma metralhadora em cima da cama. Deu meia-volta.

– Carlos, vou lhe dar os travesseiros e a roupa de cama, vocês se ajeitam. Quer mais alguma coisa?

– Uísque, por favor.

Mary sabia que na casa não havia uísque, por causa de Bishop. Foi até sua casa e apanhou uma garrafa.

– Obrigado, Morsey. Olhe, ninguém pode saber que estou aqui. Minha vida corre perigo. Tentaram me sequestrar. Por favor, não conte a ninguém que me viu aqui.

– Por que eu iria contar a alguém? Fique tranquilo.

Na manhã seguinte, o jardineiro comentou trivialmente com Mary:

– O Lacerda está aqui. Vi o segurança dele no vizinho. Decerto comprando flor, né.

– Joanhinha, vamos acender uma vela.

Lota parecia aceitar sem ressentimento o racionamento de luz. Talvez porque chegasse sempre cansadíssima e louca para cair na cama, pouca diferença lhe fazia a qualidade da iluminação.

Joana acendeu uma vela. Ela se ressentia das horríveis quedas de tensão exatamente na hora da novela, meu Deus, sua única distração. Todas aquelas linhas tremelizando na tela davam uma canseira na vista. O jeito era ir dormir também.

Bishop também se ressentia da falta de luz elétrica. À noite era o único momento que as duas tinham para se ver, conversar um pouco. Bishop estava muito inquieta com a situação geral do Brasil, assustada com as ameaças que ouvia de golpe, ora da direita, ora

da esquerda. Porém Lota entrava em casa, como dizia a música de carnaval daquele ano, com a macaca. Bishop ficava cheia de dedos.

– Cookie, não deu tempo de passar na padaria. Por favor, meu amor, dê uma descidinha e compre uns pãezinhos para a gente, sim?

Quando Bishop voltou, Lota já estava dormindo. Bishop estava sem sono. Começou a escrever.

Sob a luz mortíça, racionada,
os pães doces estão prestes a desmaiar.
Imploram, com um olho vidrado.
As roscas viscosas parecem inflamadas.
Comprar, comprar, o que hei de comprar?

Alta madrugada e Bishop não tinha conseguido dormir. Se tivesse energia elétrica no Leme, Bishop ia amanhecer ouvindo Billie Holiday.

I go to bed
with the prayer
that you'll make love to me.
Strange as it seems.

A alegria de Vivinha saiu fora das bordas. Pútega que partiu, Lota ligou para ela, depois de muito tempo. Vivinha tinha decidido não ligar mais, porque Lota dava sempre a impressão de estar aflita para desligar, com coisas *urgentíssimas* para fazer. Vivinha sentia muita saudade de Lota, daquela Lota engraçada, sempre com uma tirada oportuna. Lota era o exemplo acabado da capacidade de a inteligência se manifestar através do humor.

No entanto, depois do Aterro, Lota parecia ter desenvolvido um agastamento, uma irritabilidade que intimidava. Mesmo assim, mantinha sua influência carismática, Vivinha tinha que admitir. Só Lota teria personalidade para obrigar Rachel, Rosinha, Magu e não

sabia quantos a se enfiar naquela porcaria de barracão, num calor horróroso, para trabalhar sem ganhar tostão. Rosinha contou que levavam uma garrafa d'água, sanduíches e um ventiladorzinho e trabalhavam como mouros debaixo da régua de uma chefe tirânica, e ainda achavam que a causa merecia o sacrifício.

– Lota, meu amor, que bom ouvir sua voz.

– Criatura querida, vamos sair e conversar.

Tomando um milk-shake no Bob's, Lota desfiou seus contratempos. Vivinha tentava animá-la.

– É porque você não entra em conchavos. E também porque você é mulher. Os homens não estão acostumados, estranham. Não viu que quem levou o prêmio de gravura da Bienal de Paris este ano foi a Anna Letycia? E a Edith Behring ganhou o prêmio da Bienal de Gravura do México. Coisas assim deixam os homens desassossegados, coitados.

Lota tinha que ir.

– Estou cheia de chatices para resolver. Ligue para mim.

– Ligo, sim. Mas por falar em chatice, como vai a Cuca?

Estava demorando. Vivinha era tão sociável, tão gaiata, mas quando se tratava de Elizabeth ficava intratável. Tinha inventado aquela corruptela irritante para Cookie. Quando Lota reclamou, Vivinha disse que nada, era só um sotaque, se alguém fosse associar Bishop a uma cuca era sem dúvida porque ela era *tãã intelectual*.

– Vivinha, vá à merda.

– O mesmo para você.

Droga.

O MERDÔ

1 3 de novembro de 1963. Carlos Lacerda chegou ao gabinete cedo. Precisava se informar sobre como estavam andando as negociações para a vinda de quatro generais norte-americanos para confabularem com militares, Ademar de Barros e ele próprio. O último mês tinha sido extremamente tenso, com ameaça de estado de sítio e tentativa de prisão de Lacerda. A melhor hora para se tratar daquele tipo de assunto era... Lacerda avistou a carta no centro da mesa. Era um bolo de papéis com o timbre da Sursan. "Governador". Mau sinal, nem meu caro, nem meu querido, nem mesmo Carlos. Lacerda folheou as páginas. Eram cinco, mais uma numerada 5 1/2. Lacerda inspirou fundo. Lá vem cacetada. Resolveu ler.

"Não tenho paciência, não tenho tempo, não tenho vocação, não acho a menor graça em ficar pendurada no telefone, pulando do Guanabara à sua casa, mandando recados, tentando falar com você.

Não lhe peço favores, não gosto de *poder*, não gosto de me chatear, não gosto de morar no Rio. Infelizmente um dos meios de trabalhar com eficiência é falando com você.

Não me parece que tenha tomado seu tempo para lhe contar *patins* ou lhe dar a temperatura máxima ou mínima de Caxias, acho chatíssimo este temperamento de 'crédito em banco', que você tem, quanto menos se pede menos se tem.

Acho chatíssimo que o Sérgio Bernardes consiga as licenças mais imorais para fazer monstruosidades em cima do Pasmado, hotéis rocambolescos de trinta andares na esquina mais pesada de tráfego de Copacabana, o que significa estragar a beleza do Rio e alguns milhões para ele.

... enquanto que o Reidy tem uma tal dificuldade em receber seus sessenta contos mensais da Sursan que já ameaçou deixá-los

de presente e que nunca foi convidado para qualquer projeto para este governo...

... enquanto que nunca também se deu nenhuma bola para a Bertha, que no consenso geral é uma das melhores coisas que tem a Sursan, como honradez e inteligência...

... enquanto que, apesar das várias informações que dei sobre o esplêndido trabalho do Mamede em Capacabana, ele foi substituído por um débil mental que não percebeu até agora que é *inútil* multar os carros em cima das calçadas porque ele não tem os meios para tal (não tem guindaste, nem local para guardar os carros, nem guardas), só mesmo jogando os carros no mar, o que seria uma ideia...

... e que o tal Mamede, apesar de leal, inteligente e ativo está às moscas, sem trabalhar porque 'aparecia demais na coluna do Ibrahim Sued' e apesar de sempre ter servido a este Grupo de Trabalho...

É evidente que os componentes deste Grupo de Trabalho merecem nota Zero – Zero em prestígio – Zero em pedidos. É pena – e é cômico!”

Na página 5 1/2 Lota acrescentou:

“... enquanto o Roberto Burle Marx está fazendo jardins em Paris, em Viena e na Algéria, onde está atualmente, um grupo de inocentes está cometendo uma 'arca de Noé' na Penha (a ideia do tal Paulino é plantar três árvores de cada espécie...)

... e ao dito cujo Roberto não foi nada mais encomendado no Rio, a ponto de o escritório dele estar fechado por falta de dinheiro... (a Sursan não pagou ainda o jardim do Outeiro, feito há + ou - um ano!)”

Era uma baita acusação. Irritado, Lacerda rabiscou nas costas da página 5 1/2:

“Lota, espero que relendo esta carta você pense nas injustiças que contém e na gratuidade da sua cólera. Deixo de analisá-la, ponto por ponto, porque o que mais interessa é o *tom* geral da

carta. Há qualquer coisa que vai mal. Não é, tenho certeza, a minha amizade nem tampouco o meu apreço pelo seu trabalho. Veja o que é e me diga quando”

O espaço acabou. Lacerda fez uma rotação no papel e escreveu, na lateral, circundando seu próprio texto:

“podemos conversar – sem cartas, e sem brigar pelo acessório, na hora do principal. Ou você pensa que o Helio Mamede é a minha única preocupação? Um abraço.”

Sem lembrar direito em que dia estava, datou: 10.11.63. E mandou que a carta fosse devolvida a Lota.

Depois dos feriados de fim de ano, Lota e Joana voltaram para o Rio e deixaram Bishop sozinha em Samambaia. Lota admitiu que seria melhor para as duas.

Lota estava vivendo uma recaída em relação ao Carlos, dentro do esquema de altos e baixos que caracterizava a relação dos dois. Carlos tinha sido particularmente sutil ao declarar, no verso da carta condenatória de novembro, que aguardava que *ela* dissesse *quando* os dois poderiam se encontrar. E quando *ela* disse e eles se encontraram, Carlos lembrou que estava combatendo os agentes do comunismo internacional no Brasil e em plena corrida presidencial, de forma que contava com Lota para assinalar eventuais deficiências que escapassem a um atribulado Salvador.

Lota não se fez de rogada. Nos primeiros dias de janeiro de 64 redigiu a primeira carta do ano na qualidade de Conselheira de Estado, em delicado papel azul.

“Meu querido Governador,

Boas Festas e sobretudo bons votos para a corrida final. Só tenho pena que Brasília seja tão longe daqui.

Enquanto isto vamos a alguns problemas.

Abra o olho com a Igreja Católica, que está pleiteando alguns lotes mais no Santo Antônio. A lei 14, fracamente redigida, está dando-lhe a oportunidade de, além do lote da catedral (que é uma monstruosidade), reclamar 'áreas para prédios assistenciais'. Enquanto ficar aquele terreno baldio, as solicitações serão tremendas. Será possível que se gaste bilhões para depois se fazer os mesmos erros de falta de planejamento e se deixar fragmentar uma área importantíssima para as correções das deficiências do centro da cidade? *Você ainda tem tempo de fazer um plano*, comprometer o plano vendendo áreas e fixando um uso melhor da área.

Acho uma barbeiragem tirar os fícus da Praça Paris e substituí-los por palmeiras. Tirar o *corte* em forma de animais e cadeiras sim, para uma forma mais clássica. A beleza de uma cidade vem em parte da conservação rigorosa dos elementos através dos diversos séculos: O Passeio Público século XVIII – a Praça Paris século XIX – e o Aterro século XX – apesar da Praça Paris ter sido feita no começo deste século, ela é desenhada como um jardim do século XIX e deve assim ser conservada.

A situação do Urbanismo está cada vez mais periclitante, acho que vai-se precisar jogar aquele pessoal todo fora e recomeçar de novo. Ninguém faz nada lá dentro. *Nem vão trabalhar...* Vamos fazer uma 'mesa-redonda' e ver se pode-se sair deste impasse.

Tenho ouvido com *horror* boatos sobre um cemitério no Parque Lage e um hotel no Pasmado. Destruir um belíssimo jardim já adulto e cuja reconstrução é fácil e econômica é uma *barbaridade*. O argumento de que seria um cemitério-jardim não é viável, porque não se planta defuntos debaixo de árvores (não é bom adubo!) e a fórmula americana de jardim-cemitério é de se plantar as árvores entre os defuntos e *não o inverso!*

O Urbanismo, se funcionasse, já devia ter escolhido duas grandes áreas – norte e sul – para cemitério, e não se deixar pensar numa área (Parque Lage) que é pequena demais e que

ficaria cheia de defuntos em dez anos. Deveria ser criado um Grupo de Trabalho para tomar conta do problema, que é simples – 1º reforma e limpeza do jardim – 2º sua utilização intensa, com áreas para crianças e adultos (tem local, sem se mexer nas árvores) – 3º utilização da casa da Bezanconi como Centro Cultural, que seria o único numa zona altamente populosa que não tem nem cinema! Nesta Casa se poderia ter auditório para música, conferências etc. etc. Os moradores poderiam contribuir como se fosse um clube, biblioteca de aluguel, sala com jogos de pingue-pongue etc. Fora tem área livre até para basquete e coisas neste gênero. Este jardim seria vivo e frequentado sobretudo de noite, porque não existe nada disso na zona do Jardim Botânico...”

Lacerda interrompeu a leitura da carta. Lota estava certa! Ele ainda tinha tempo de fazer um plano para a cidade! Tinha sido elaborado um Plano de Habitação Popular e Sandra Cavalcanti estava cuidando de transferir os favelados para os conjuntos habitacionais recém-construídos. A rede de esgotos sanitários estava sendo ampliada. O abastecimento d'água ia ser normalizado, com a construção de adutoras. Os túneis Rebouças e Santa Bárbara e o plano viário iam desafogar o trânsito. Mas não era o bastante. Ele tinha que assegurar um plano diretor para a Guanabara, que garantisse seu crescimento organizado. Quando Lacerda aventou a contratação de Konstantinos Doxiades para elaborar um planejamento metropolitano global, foi um bafafá. O Clube de Engenharia, o CREA etc. se indignaram. Mas agora Lacerda estava decidido. Ia contratar o grego, a paus e pedras.

Lacerda resolveu também ignorar os conselhos e advertências de assessores políticos sobre as consequências funestas de um veto à instalação do cemitério no Parque Lage. Interesses poderosíssimos seriam contrariados, e Lacerda perderia apoios fundamentais. Mas a argumentação de Lota era irretorquível. E seu

sonho de um parque pulsante, mantido em colaboração com os moradores do bairro, seus usuários, era inovador e genial. Como Dona Lota.

Bishop sentou-se no estúdio e durante alguns minutos ficou de olhos fechados, ouvindo o barulho da água passando lá embaixo. Como sentia falta daquela quietude. Só ali se sentia em casa.

Estava terminando um poema que começara no Natal. Há anos Lota e Bishop passavam o Natal na casa de Manoel Leão em Cabo Frio, cuja beleza agreste fascinava a poeta. No entanto, dessa última vez viu com desgosto que Cabo Frio tinha sido “descoberta” e que as pessoas estavam procurando estragá-la o mais depressa possível.

E Ouro Preto, será que continuava aquela cidadezinha bucólica, os burricos carregando feixes de lenha e as mulheres tagarelando junto ao chafariz? Tinha vontade de rever o céu de Ouro Preto. Tinha vontade de rever Lilli.

Bishop examinou os envelopes da correspondência que recebera. Um deles lhe chamou a atenção. Era da Universidade de Washington, em Seattle. Bishop abriu. A universidade a estava convidando para assumir a cadeira de Ted Roethke, dando aulas de composição poética.

Pow! Bishop caiu para trás. Ultimamente vinha se sentindo tão reles, que o fato de ser cogitada para integrar os quadros de uma universidade americana a enchia de gratidão e alívio. No Brasil era apenas a amiga de Lota de Macedo Soares. Talvez uma respeitada fazedora de geleias. Mas nos Estados Unidos tinha uma reputação, era a poeta Elizabeth Bishop.

Se o convite tivesse chegado há uns três anos, Bishop sequer consideraria a possibilidade de aceitá-lo. Primeiro porque não acreditava que se pudesse ensinar alguém a ser poeta. Segundo porque era tímida demais, não podia nem pensar em se ver diante

de um bando de pretensas sumidades de vinte anos aguardando complacentemente que ela dissesse alguma coisa que eles ainda não soubessem. Terceiro porque o que Lota iria fazer em Seattle?

Mas naquele momento encarou Seattle como uma alternativa. No ano seguinte terminaria o mandato de Lacerda e com ele o mandato de Lota. Haveria eleições para presidente, e provavelmente Lacerda ganharia. Muito provavelmente Lacerda convidaria Lota para trabalhar com ele. Aí as coisas teriam que se definir. Bishop não ia mais querer ficar no Brasil, se fosse para se perpetuar a vida demente que ela e Lota estavam tendo agora. Por outro lado, talvez Lota quisesse se desvencilhar do frenesi em que acabou envolvida, mudar. Não ia decidir já. O tempo diria o rumo a tomar.

Somente depois de ter mexido os pauzinhos para que o DOPS apreendesse a cartilha *Viver é lutar*, aprovada pela CNBB e editada pelo MEC para a alfabetização de camponeses, é que Lacerda terminou de ler a carta de Lota.

Agora a investida era contra a construção de um hotel no morro do Pasmado. Lacerda sabia de antemão que para Lota os elementos da paisagem eram patrimônio dos cidadãos, parte do acervo cultural de uma cidade, e portanto inalienáveis. Mas o interesse de uma rede hoteleira internacional no morro do Pasmado poderia representar o ingresso de alguns milhões de dólares para o Estado. Era algo a se considerar.

Na carta Lota argumentava que, tendo em vista a beleza e a diversidade do relevo do Rio, era *um barbarismo, uma estupidez e um crime* emperiquitar o que quer que fosse em cima de suas montanhas. Lembrava Lacerda de que não era democrático destruir o patrimônio de todos para aliviar a sorte de alguns. E se antecipava ao argumento de que aquilo poderia ser “uma necessidade” com uma frase de William Pitt: “Necessidade é a

alegação que se dá para toda violação da liberdade humana. É o argumento dos tiranos.”

Lacerda lançou a carta sobre a mesa. Lota sabia como estragar seu dia.

Do Carmo, sobrinha de Vivinha e estudante de Direito, estava entre as duzentas mil pessoas que foram ao comício de Jango em 13 de março de 64 clamar por soluções imediatas para a ampla maioria de destituídos brasileiros, e ficou rouca de tanto gritar.

Maria Amélia, filha de general e católica praticante, viajou até São Paulo para participar da Marcha da Família com Deus pela Liberdade em 19 de março, e fez suas as palavras de Amália Ruth Schmidt Oliveira que, discursando em frente à Catedral Metropolitana de São Paulo, referiu-se aos que participaram do comício de Jango como a turbamulta estipendiada.

Joana, ignorando o que os dois lados faziam para garantir-lhe seus direitos, chorava copiosamente diante da TV com as desgraças de Albertinho Limonta, este sim um sofredor, às voltas com o prioritário direito de nascer.

Bishop escrevia aos amigos que o *Le Monde* estava enganado ao dizer que um golpe de direita estava sendo orquestrado no Brasil pela Standard Oil. Um milhão de pessoas desfilaram contra o comunismo debaixo de chuva torrencial. Ora, não podiam todas elas pertencer à ala reacionária rica do país.

Lota estava preocupada com o 4º centenário da cidade, já que o parque deveria estar totalmente acabado em 65. Sua cabeça estava absorvida com bondinho, coreto, teatro, praia, jardim, playgrounds, postes e sanitários. Lota tinha conseguido derrubar o Paula Soares, mas já estava se estranhando com o substituto Marcos Tamoyo, que disse que *e/le* ia tomar conta do Aterro. Quem lhe deu o direito de dizer isto? Se foi você, Carlos, não faça cerimônia. Voltaremos todos para casa, de onde evidentemente não deveríamos ter saído.

Lota estava aliviada. Jango tinha sido derrubado. Acreditava piamente que com a "intervenção" dos militares a economia ia ser sanada e a corrupção eliminada do governo. Logo viriam as eleições, as quais Carlos tinha excelentes chances de vencer. Carlos seria um presidente *civilizado* e conduziria o país para fora daquele terceiro-mundismo degradante.

Carlos achava o mesmo. Numa tarde de abraços e cumprimentos, o governador determinou que Dona Lota fosse contemplada com umas férias. Para alegria de Bishop, Lota teve o bom-senso de aceitar. Bishop tinha recebido um cheque do *New Yorker* por "O ladrão da Babilônia". Resolveram fazer a sonhada viagem à Itália e compraram passagens para 13 de maio.

Lacerda também estava com viagem marcada. Ia em missão oficial à Europa e aos Estados Unidos, explicar aos governos amigos em que consistia a chamada revolução que tinha acontecido no Brasil.

Na realidade, Lota achava que não era uma boa ocasião para se afastar dos trabalhos do Aterro. Tinha decidido ir por causa de Elizabeth. As duas andavam muito afastadas e Lota sabia o quanto a viagem era importante para a companheira. Descalça vai pela neve quem o amor serve, já dizia Camões. Lota ia bem apreensiva, pois se sob sua centócula vigilância os sursanicos agiam como se fossem autônomos, sem dúvida iriam se esbaldar na sua ausência.

Por isso, nem mesmo naquele momento Lacerda foi poupado de uma acometida da *sem per idem* Lota. Lá veio outra longa carta, começando com elogios aos discursos e à família, depois enveredando por recomendações e gritos de alerta.

"Faça uma amabilidade qualquer ao Reidy, que está muito doente, mas é um gentleman e tem sido da maior dedicação possível. Não cometa a estupidez de entregar ao Hotel Glória os estacionamentos previstos para servirem ao jardim!"

Descambava para a espinafração de costume. "*Todo mundo dá palpites em tráfego e urbanismo. Só falta consultar as irmãs de*

caridade e o Manneken Piss. Basta dizer que um dos personagens que está dando ordens é um tal Dilson, o menino das quatro pistas. Foi com ele que lutamos *meses!* ORA BOLAS!”

Bishop estava adorando a viagem. De Milão foram a Florença e de Florença estavam indo para Urbino. Tinham alugado um carro, que Lota dirigia com o garbo de sempre. O tempo estava ótimo.

No caminho para Urbino passaram por Arezzo. Na Piazza central compraram um belo pão e presunto cru, montaram um sanduíche e comeram com a avidez de adolescentes. Quando retomaram a montanha, foram surpreendidas por uma chuva forte. Bishop olhou pela janela e observou uns pontinhos brancos na estrada. Seria possível? Lota parou o carro e Bishop foi conferir: sim, era neve! Neve, Lota, neve!

Depois pararam em Anghiare, cidade medieval, e passearam a pé pelas ruelas tranquilas.

Após vales belíssimos, chegaram às muralhas de Urbino ao final da tarde. Estava acontecendo um congresso ou coisa semelhante e foi difícil encontrar acomodações. Finalmente tiveram que se contentar com um hotel mal nutrido, para desgosto de Lota.

Um campanário nas proximidades repicava de quinze em quinze minutos. A cama tinha um colchão de molas plangentes. Às tantas da madrugada – calculava Bishop, pelo número de vezes que o sino tinha executado sua partitura – Lota tinha esquecido todas as maravilhas do dia e estava se perguntando o que estava fazendo ali.

De manhã, tresnoitadas, foram visitar o Palazzo Ducale. Bishop viu, pela primeira vez, Jesus mamando contente em Nossa Senhora. Diante das magníficas obras de arte, o humor de Lota melhorou. Mas Bishop percebia que Lota estava indócil.

Será falta de imaginação o que nos faz ir
a lugares imaginados, em vez de simplesmente ficar em

casa?

– Ué, D. Lota, já voltou? Cadê D. Elizabetchi?

Lota não tinha conseguido suportar a ansiedade em relação ao Aterro e não prosseguiu a viagem com Bishop. Bishop foi para Londres, conforme estava previsto, e Lota regressou ao Rio.

Mal entregou os presentes a Joana e correu para o Barracão.

– Oi, minha borboleta, como vai?

– Dona Lota! – Fernanda ganhou um grande abraço. – Pessoal, olha quem está aqui!

Todos vieram cumprimentar Lota.

– E o Reidy?

– Ele hoje não veio, Dona Lota.

Lota ficou preocupada. Com a exoneração de Sérgio Bernardes, depois do milionário projeto do restaurante popular, e com o afastamento de Jorge Moreira, devido a um acidente, o triunvirato de arquitetura tinha se reduzido a Affonso Eduardo Reidy. Lota considerava Reidy um profissional irrepreensível e o admirava profundamente como pessoa, por sua probidade e delicadeza. Quando Reidy a chamou para comunicar que estava com câncer no pulmão, Lota ficou desarvorada. No entanto Reidy, caracteristicamente, sugeriu a Lota que recrutasse alguns arquitetos jovens, que ficariam trabalhando sob sua direção, até quando fosse possível.

Lota ligou para Reidy e ele mesmo veio atender, tranquilizando-a. Estaria com ela no dia seguinte.

Em minutos Lota foi inteirada das novidades. Não havia novidades. O plantio continuava suspenso, aguardando a instalação do interceptor oceânico. A instalação do interceptor estava suspensa, aguardando Lacerda voltar dos Estados Unidos.

O interceptor era um condutor de esgoto, motivo pelo qual Lota se referia a ele como o merdô. Lota tivera discussões retumbantes

com Lacerda por causa do merdô porque, por razões econômicas, os engenheiros diziam que ele teria que atravessar o Aterro, esfuracando-o de cabo a rabo. Em vista disso, Lota se recusou a iniciar o plantio da grama, pois era inconcebível ter que refazer todo o jardim depois. Aquela paralisação significava um atraso que colocava em risco as previsões para o 4º Centenário.

Lota foi falar com o Secretário de Obras.

– Peixoto, esse merdô não vai passar pelo jardim. Vamos criar uma praia em Botafogo e o merdô vai passar pela praia.

Peixoto franziu, arregalou e boquiabriu.

– Lota! O merdô... Como assim... *criar* uma praia?!

– Criando. Está decidido.

– Lota! Mas... E o governador?

– O governador sou eu.

Duas semanas depois Peixoto foi falar com Lota.

– Lota, o Carlos soube pelos jornais que está se fazendo uma praia em Botafogo. O homem está uma onça. Telefonou soltando os cachorros.

– Ô, Peixotinho, ele passou um escalda-rabo em você?

– Lota, ele está possesso! Eu *disse* que essa história ia dar pano para manga.

– Eu sei que o Carlos está brabo. Deixe o Carlos comigo.

Finalmente Lacerda voltou de sua missão diplomática. Pegou o Peixoto e foi ver a trampolinagem de Lota. Chegando em Botafogo, encontrou uma batelada de gente segurando cartazes e faixas. Obrigado, governador! Os moradores de Botafogo agradecem ao governador Carlos Lacerda! Obrigado pela praia! Viva Lacerda! Muito aplaudido, Lacerda acenou para a pequena multidão e deu o braço a torcer a Lota, organizadora daquela manifestação espontânea.

Depois prometeu que ia mandar fazer uma estátua para colocar no Aterro. Lota estaria de pé, pernas abertas, mãos na cintura. Como dístico, sua frase favorita: Não me aporrimhem!

Embalada pelo sucesso, Lota resolveu formalizar a reivindicação de que *absolutamente todas* as obras determinadas pelo Grupo de Trabalho fossem realizadas. Os sursanicos, alegando falta de verbas, queriam cortar a seu critério esta ou aquela peça, provocando engulhos estéticos em Lota. *Que aporrinhação!* Lota estava farta de gastar argumentação contra a falta de discernimento daqueles sujeitos. Se ainda os pavilhões fossem revestidos de mármore, ou outras fantasias! *Pela última vez* explicou à Sursan que os elementos do plano eram interligados e que o Aterro *ia ter* coreto, pista de dança, bibliotecas, restaurantes, marinas e tudo o que estava previsto. pt. Saudações.

Peixoto telefonou para Lacerda.

– Deixe a Lota comigo – disse Lacerda.

Em 22 de julho o governo militar decidiu que estava cedo para se pensar em eleições e determinou que o mandato do Marechal Castello Branco fosse prorrogado até 67. Foi um rude golpe para as pretensões explícitas de Lacerda. Para Lota, um aviso claro de que a situação política no Brasil ainda era como a felicidade para Fagundes Varela, um sonho nebuloso.

Na escala de prioridades de Lota, o tombamento do parque pelo Patrimônio passou para o primeiro lugar. Seria um acontecimento *sui generis*, pois, já que o parque não estava concluído, na verdade Lota estava reivindicando o tombamento de um parque projetado. Para Lota, era a única forma de se proteger o parque da ganância suscitada por uma área de inestimável valor imobiliário, bem como do que ela chamava de leviandade dos poderes públicos. Encaminhou seu pedido formal ao diretor do Patrimônio, seu amigo Rodrigo Melo Franco de Andrade.

Em segundo lugar, vinha a questão da iluminação. Os estudos indicavam que seriam necessários mil e oitocentos postes convencionais para iluminar o Aterro. Lota não se conformava com

a desventura de, depois de todo aquele esforço paisagístico, ver o parque transformado num paliteiro. Desanimada de encontrar melhor solução no Brasil, Lota pediu a Reidy que consultasse seu amigo norte-americano Phillip Johnson. Embora muito combalido, em 5 de agosto Reidy escreveu a Johnson para que indicasse um nome.

Johnson respondeu prontamente, dizendo que a pessoa que mais entendia de iluminação em seu país era Richard Kelly. Reidy faleceu antes de a carta chegar.

Presentimento é a sombra no gramado
Indicativa de que sóis se põem
O aviso à sobressaltada relva
De que a escuridão já vem.

Bishop lia Emily Dickinson. Presentimento – seria aquela coisa persistente que estava sentindo? Estava voltando para casa? O Rio era sua casa? Depois de tantos anos nos trópicos, admitia para si mesma que *tinha gostado* de rever neve, framboesa, carvalhos.

Fechou o livro. Uma das coisas boas de se viajar de navio era ficar lendo assim, no convés. Estava voltando de navio, devagar, como gostava. Como Lota detestava.

Como as duas eram diferentes! Ela estava quase sempre atarantada, recriminando-se por seus desacertos. Lota estava sempre segura, sabia sempre exatamente o que devia ser feito e fazia. Será que no íntimo de Lota não havia labirintos, lugares obscuros?

Estava voltando para Lota. Passeando pela Itália, tinham tornado a rir juntas, a compartilhar a languidez de um final de tarde, como não faziam há muito tempo. Verdade que Lota não tinha levado a viagem até o fim. Mas quem sabe agora conseguiriam restabelecer rotinas de convivência, como tinham em Samambaia, reservando um tempo só para elas.

Quando o navio ancorou no porto do Rio, Bishop desceu as escadas com o coração afoito. Lota sem dúvida estaria esperando por ela. Iriam juntas para casa, matar as saudades, como se dizia em português.

Realmente, Lota estava à sua espera. Com Mary Morse e a fedelhinha da Mônica do lado.

NOITE DE LUAR INTENSO

Numa noite de agosto de 64, Ashley Brown estava num camarote do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, para assistir ao American Ballet Theatre. Ashley acabara de chegar ao Brasil para ser professor da Fullbright, e naquela noite era convidado do adido cultural americano George Bohrer e sua esposa.

Ashley corria os olhos pela decoração suntuosa da sala, desde o precioso pano de boca com o desfile de celebridades ao imenso lustre de cristal no centro. De repente, seus olhos se detiveram em um camarote do outro lado. Uma mulher estava sentada de perfil para ele. Era uma figura augusta. Emanava dela uma tal nobreza que o olhar de Ashley se esqueceu ali. Um rapaz se debruçava para falar com ela, com elegante solícitude. Era uma cena muito atraente de um romance do século dezenove.

No fim de agosto, Ashley Brown telefonou para Elizabeth Bishop. Eles não se conheciam, mas ele trazia uma carta de apresentação de Flannery O'Connor. Marcaram um encontro para a noite seguinte no apartamento de Bishop. Chegando lá, Bishop apresentou-o à dama do camarote.

Lota estava vestida com elegante simplicidade. Tinha o cabelo enrolado num coque, preso por um pregador incomum. Tratou-o com muita afabilidade e desculpou-se por se retirar cedo. Teria que estar no trabalho às sete da manhã seguinte.

Bishop fez muitas perguntas sobre Flannery. Queria muito ter conhecido pessoalmente aquela sulista, deficiente física, que criava pavões e escrevia histórias fascinantes. Em 57, quando estava regressando ao Brasil com Lota, Bishop telefonou para Flannery de Savannah, pretendendo ir visitá-la, mas não houve tempo. Nem haveria mais, pois Flannery faleceu exatamente na ocasião em que Ashley estava de mudança para o Brasil.

Bishop contou a Ashley que Flannery e ela tinham mantido uma correspondência esporádica, mas gratificante. Em 58 Bishop

mandou um exemplar de sua tradução de *Minha vida de menina*, que levou Flannery a refletir que talvez num país católico brancos e negros convivessem com mais facilidade.

De outra feita, falando sobre Lourdes, Flannery concluiu que o grande milagre do Santuário era o de não ocorrer uma epidemia generalizada, já que todos os doentes bebiam de uma mesma garrafa e usavam o mesmo jaleco para tomar banho.

Bishop mandou-lhe fotos da Amazônia e também uma garrafa tendo dentro um altar com cálice, missal e castiçais, e uma cruz de madeira com uma escada e os instrumentos da crucificação e no topo um galo. Chamou aquilo de crucifixo. Flannery adorou o presente mas, sendo católica praticante, achou que Bishop não entendia muito de crucifixos.

Feitas as apresentações, Bishop e Ashley começaram a se ver regularmente. Bishop ficava felicíssima por ter alguém com quem conversar sobre os poetas contemporâneos, Tate, Auden, Lowell. Ashley ficava impressionado ao ver como Bishop se mantinha atualizada, não só através de assinaturas das revistas literárias mais importantes, mas através de uma correspondência assídua com figuras proeminentes da inteligência norte-americana.

Era raro Lota estar presente, pois estava inteiramente voltada para a criação do parque. No entanto, em alguns fins de semana Ashley arriscava a vida atravessando a cidade no minúsculo carro de Lota e subia para a montanha. Passou a gostar muito de Lota. Ela mantinha um incrível senso de humor, mesmo quando estava sob tensão.

Uma vez Lota chegou ao apartamento do Leme à tarde. Bishop e Ashley estavam conversando e Ashley estava tomando um drinque. Lota ficou muito aborrecida e repreendeu Ashley severamente, dizendo que Bishop não sabia beber e que ele não devia tentá-la. Ashley ficou muito constrangido. Bishop ficou muda.

Lota tomou para si o encargo de resolver o problema da iluminação do Aterro. Mandou para Phillip Johnson todo o material de que dispunha. Em setembro, Johnson confirmou que o único homem no mundo capaz de iluminar convenientemente um tal parque era Richard Kelly. Lota convidou Kelly para uma avaliação *in loco* e ele aceitou. Lota endereçou um ofício ao presidente da Sursan pedindo que mandasse para Nova York uma passagem de ida e volta de 1ª classe pela Varig, reservasse aposentos no Hotel Glória de 4 a 10 de dezembro e tomasse providências para efetuar o pagamento por serviços profissionais equivalentes a dois mil dólares.

Ashley Brown só soube da extensão do alcoolismo de Bishop quando, ao chegar ao apartamento numa noite, foi informado por Lota que o jantar estava cancelado. Bishop estava completamente bêbada.

A seguir foi a vez de Rachel. Como ambas cozinhavam muito bem, Rachel desafiou Bishop para um torneio culinário, tendo como tema o camarão. No dia previsto, camarões e temperos à mão, Rachel recebeu um telefonema.

- Não vai dar, Rachel.
- Por que, Lota?
- Pifão.

Quando Bishop voltava a ficar em condições, Lota demonstrava claramente sua decepção com a insistência de Bishop em conversar com a garrafa. Um dia justificou sua severidade:

– Elizabeth, você quer que eu seja indulgente com você. Não vou ser. Para mim, a indulgência é uma falta de apreço, um desdém.

Depois que Lota saiu, Bishop ficou pensando. Foi até a varanda, olhou o mar do Leme por um longo tempo. Depois sentou-se e escreveu para a Universidade de Washington aceitando o cargo.

Quando Lota soube foi um deus nos acuda.

Lota afirmou que Bishop não tinha condições mínimas para ser professora, que era evidente que aquilo era *um erro! uma besteira da grossa!*. Bishop procurou atenuar as coisas dizendo que não iria começar imediatamente, mas só no primeiro semestre de 66. Faltava mais de um ano. Até lá, muita coisa podia acontecer.

Lota já não sabia mais o que poderia acontecer. As coisas fugiam ao controle de uma forma insuportável. O projeto da Fundação, por exemplo, estava paralisado, porque Lacerda não parava mais na Guanabara. Andava pelo Brasil afora proclamando-se candidato e tornando públicas suas divergências com o governo militar. Ele, um dos que tinha feito a "revolução". Perdia-se um tempo interminável com as malfadadas concorrências, pois com a inflação os preços ficavam obsoletos muito antes de se completar a tramitação burocrática da aprovação das propostas, e tudo tinha que ser refeito. Havia interferências de toda sorte no rumo das obras. Agora era a Marinha que queria transferir a estátua de Barroso para o Aterro, alegando que ela se encontrava muito longe do mar. Por que Barroso iria ter saudades do mar, retorquia Lota, impaciente, se devia sua reputação a uma batalha fluvial?

Acontece que meu coração ficou frio
E o nosso ninho de amor está vazio
Se eu ainda pudesse fingir que te amo
Ah, se eu pudesse...
Mas não quero e não devo fazê-lo
Isso não acontece

Bishop ouvia Cartola cantar, em meio ao bulício das conversas dos fregueses.

A amizade de Ashley tinha aberto portas maravilhosas. Lota nunca tinha sido aficionada da música popular e depois do Aterro nunca estava disponível à noite. Ashley, ao contrário, estava

sempre pronto para sair. Os dois iam sempre ao Zicartola, na rua da Carioca. Também iam ao Zum-Zum, em Copacabana, para ouvir Vinícius de Moraes. Bishop nunca bebia, ia para ouvir música mesmo.

Uma vez, porém, Lota aderiu. Os três foram assistir ao show “Opinião”, considerado vagamente subversivo na época. Para Bishop, que estava curiosa para ver o compositor favelado Zé Keti como ator, foi uma decepção. Era como se estivesse revendo uma daquelas montagens de faculdade da década de 30 nos Estados Unidos, com mineiros de Kentucky brandindo os punhos em protesto. Lota achou a peça enfadonha e a voz de Nara Leão uma taquara rachada. Bishop também preferia mil vezes o vozeirão de Clementina de Jesus.

– Mas que droga, hein – rezingou Lota quando chegaram em casa. – Noutra não caio.

Richard Kelly veio.

Para Bishop, significou novas sessões de prestação de serviços, na categoria de americana residente. Empréstava seus ouvidos saxônios a maçantes discussões sobre altura de postes, durabilidade de lâmpadas, conforto visual. Tinha que fazer tradução simultânea de termos técnicos que não conhecia bem. Raios, como se dizia *ballast* em português?

Para Kelly era o inacreditável. A oportunidade de iluminar aquela orla marítima absolutamente deslumbrante era única na vida de um especialista. Da janela de seu quarto na Glória via a luz chegando ao parque, ressaltando os contornos da vegetação sem revelar a fonte luminosa. Imediatamente começou a esboçar um sistema que iluminasse como uma noite de luar intenso.

Para Lota significou promover o encontro de um técnico apaixonado com uma ideia espetacular. Postes da maior altura possível, no menor número possível, para suporte de luminárias de rendimento máximo. Ou seja, apenas cento e doze postes de quarenta e cinco metros, suportando uma armação com seis

projetores, substituiriam os mil e oitocentos postes previstos. Os projetores seriam dotados de lâmpadas de vapor de mercúrio de mil watts e envolvidos por tambores antiofuscantes. Sim, ela ia lutar com unhas e dentes por aquele projeto. *Nada* no Aterro seria banal.

Veio bala de tudo quanto é lado.

A indústria brasileira não estava preparada para os postes de Kelly. Ninguém fabricava a tal lâmpada de vapor de mercúrio, que teria que ser importada dos Estados Unidos a preços astronômicos. Também não havia postes daquela estatura *prêt-à-porter*. Teriam que ser fabricados especialmente. Os que amavam as pistas diziam que aquela luz miudinha, enluarada, forneceria péssima visibilidade aos motoristas. Os que entendiam de manutenção diziam que para trocar uma lâmpada daquelas seria necessária uma operação que quase envolvia a segurança nacional. Enfim, a solução de Lota era caríssima, complicada e lesiva aos interesses dos fornecedores nacionais, que coeriram estridentemente a favor dos mil e oitocentos postes *normais* com lâmpadas *normais*.

Lota não quis nem saber. O Parque em que o Aterro havia se convertido era uma obra de vanguarda. A iluminação também seria de vanguarda.

Sem meias palavras, Lota declarou à imprensa que o Brasil não dispunha de arquitetos especializados em luminotécnica. Richard Kelly era uma sumidade, com uma longa lista de realizações que incluíam o aeroporto internacional de Washington, o Lincoln Center e diversos outros espaços de convivência urbana. Seria um desperdício permitir que o atraso técnico na indústria brasileira anulasse a possibilidade de se usar sua concepção de um ambiente de claridade difusa e suave, em favor de uma iluminação medíocre.

Os custos é que eram o diabo. Cr\$ 1.408.043.440,00, fora os honorários de Kelly, treze mil dólares. Um bilhão e meio! Mas ao

defender o projeto Lota argumentou convincentemente que, considerando-se as grandes dimensões do Parque, qualquer solução seria dispendiosa. Gastar-se-ia igualmente uma fortuna para se construir um paliteiro confuso e pavoroso.

Lota também dissertou sobre o sentido plástico da iluminação. Iluminar não era só clarear, explicou aos admirados sursanicos. A técnica tinha que ser submetida ao olhar sensível e criativo do artista. Reportou-se aos recentes trabalhos que havia lido sobre o assunto, bem como à sua observação direta nos grandes centros do mundo.

À colocação de que era uma aliada do imperialismo americano Lota reagiu com estrondo. Queria no Brasil os recursos da técnica já disponíveis em outros países, isso sim! O que era *indigno* era que *as mesmas empresas* que tinham sede no exterior inundassem o mercado tupiniquim com produtos limitados e até obsoletos, que constituíam a única opção para o talento do artista brasileiro.

A firmeza de Lota, calcada numa defesa apaixonada e ao mesmo tempo solidamente fundamentada, silenciou os tecniquins. O projeto foi aprovado, com a condição de ser dividido em duas etapas. Em 65 seriam instalados sessenta postes, ficando os restantes para o exercício de 66.

Exultante, Lota mergulhou de cabeça na realização do projeto. Pediu ao governo federal um sinal favorável à importação das lâmpadas de vapor de mercúrio, sem pagar à Alfândega, já que era para o 4º Centenário. Consultou a Emilio Bauggart sobre a fundação das torres, deveria ser maciça ou nervurada? Forneceu detalhes técnicos para a Comissão Estadual de Energia, que ia realizar o projeto. Pediu orçamentos para a construção das torres a uma firma brasileira, a Fichet & Schwartz-Hautmont, e a uma firma sueca, a Uddeholms Aktiebolag. Cuidava dos mínimos detalhes. Discorria como uma especialista. *It is going to work*, escrevia para Kelly.

Bishop constatava que não havia indícios de que seu afastamento iminente tivesse representado um dado ponderável para Lota. Lota permanecia fiel à sua nova paixão e praticamente vivia no Aterro, agora virado Parque. Desanimada de esperar por alguma mudança para as duas, Bishop foi com Ashley Brown para Ouro Preto.

BUBUBU NO BOBOBÓ

Na primeira semana de janeiro de 65, Lacerda foi esfriar a cabeça em Cabo Frio. Assim pretendia, mas chegou carta de Lota. Lacerda leu o calhamaço e incontinenti pôs-se a responder, ponto por ponto.

Primeiro, as amenidades literárias. O filme sobre sir Thomas More (Quanto ficaria uma estátua dele – das grandes – no Aterro? Por preço razoável, arranjo o cobre...) Shakespeare (Estou acabando o rascunho da tradução de *Julio Cesar* – à mão!) Elizabeth Bishop (Não respondi, mas gostei da balada. Estava caindo de cansaço, *combat fatigue.*) Eliot (Mande o telegrama em meu nome, na conta do Palácio.)

Agora, com sua licença:

“O assunto, Lota, não é assim q. se trata. É injusto v. escrever pa. Cabo Frio se queixando do tanque de aeromodelismo, do qual me queixo eu, há muito. Qual é o prazo? Qual é o contrato? Você deve reclamar ao Tamoyo e ao Peixoto e me transmitir o que eles dizem – ou dizer-lhes que me transmitam. A queixa pela queixa é enervante e não conduz a nada.

No final, pa. variar, você mete a cara no grito. Lota, se v. está com dificuldades aí, aprenda, de uma vez por todas, que eu luto com elas em toda parte, inclusive aí.

É falso q. haja dinheiro pa. fazer o restaurante. Eu quero terminar o Aterro, suas obras, pompas e glórias. *Não quero fazer o restaurante nem bibliotecas.* Não tenho dinheiro nem há mais tempo pa. fazê-los. Para arrendar o restaurante, estou farto de saber, aparecerão muitos. Mas quem paga a conta? Eu sei o que posso e o q. não posso fazer.

Vou telefonar ao Peixoto *agora* e cobrar as obras do Aterro. Segunda-feira vou tratar disto pessoalmente.

Não creio q. v. tenha adiantado muito me afligindo aqui com esse assunto. Mas creio que v. ainda não reparou, nas suas críticas, que temos feito um prodígio, pois o dinheiro tem esticado. Neste momento estou tirando S da Sursan em 65 pa. acabar hospitais q. começamos. Fique no q. está combinado, vamos meter a cara e acabar isto. O local do restaurante ficará limpo e pronto pa. v. encontrar, em 66, um governador mais capaz, mais dedicado e mais enérgico pa. fazer o q. v. deseja.

Não faça assim, Lota. Me ajude a ter paciência, que é o que me falta. Impaciência eu tenho de sobra. Um abraço."

Quando Bishop voltou de Ouro Preto, encontrou Lota em greve. Tinha resolvido permanecer uma semana em Samambaia, em protesto contra o descrédito de sua Obra, à qual Carlos havia se referido depreciativamente num contexto de "pompas e glórias". O protesto era extensivo ao desinteresse do governador pela Fundação.

Bishop ficou surpresa, mas duvidou um pouco que a represália fosse durar uma semana inteirinha. Tinha razão. Antes de vencido o prazo, a paredista voltou ao Barracão.

Bishop ficou em Samambaia. Estava chegando de uma viagem agradável, em que havia conhecido uma cidadezinha perfeita, Tiradentes. Sentia-se bem. Não ia pôr tudo a perder retornando ao Rio. Ia aproveitar a tranquilidade de Samambaia para tomar uns banhos de cachoeira e escrever um artigo que lhe tinha sido encomendado pela *New York Times Magazine*. O assunto: o Rio de Janeiro. Hum. Quem sabe na paz do estúdio conseguiria escrever um texto isento da aversão que a cidade maravilhosa lhe causava.

Bishop estava amadurecendo a ideia de fazer seu artigo evolver das letras de sambas e marchinhas de carnaval. Eis um mérito que Bishop tributava ao carioca: a capacidade de fazer crítica social

através da música. Lembrava-se do samba que assinalava a frustração com o aterro da praia do Flamengo:

Ai, ai, doutor
O que eu vou fazer do meu maiô?
A praia do Flamengo se acabou
(Que horror!)

Naquele ano, o alvo de uma marchinha eram as estripulias de Fontenelle:

Nego, não pia
Nega, não chia
Todo mundo enche
Fontenelle esvazia

Quando chegava o pedaço que dizia “Foi uma bomba que estourou”, todos gritavam BUM!, atirando os braços para cima, na maior alegria. Exorcizavam, assim, o terror urbano implantado pelo diretor de trânsito de Lacerda que, à sorrelfa, esvaziava *os quatro* pneus dos carros estacionados no único lugar disponível para alguém estacionar no Rio de Janeiro, a calçada.

Determinada a cumprir seu compromisso com o *New York Times*, Bishop internou-se no estúdio. O problema é que Tobias internou-se também.

Tobias, que ficava abandonado em Samambaia enquanto sua dona perquiria a baía de Guanabara com binóculos, decidiu reclamar seus direitos. Tobias já tinha 13 anos, e com a idade tinha se tornado muito pachorrento e muito irascível, mesmo para um gato. Enquanto Bishop se digladiava com o papel em branco, Tobias lhe roçava a perna langorosamente e batia com a patinha pedindo cosquinhas. Bishop se inclinava e fazia um cafunezinho. Fuct, fuct, fuct. Você é um “animal de estimação”, pensava Bishop, achando engraçada a expressão e já se desviando de seu trabalho para

pensar em mais expressões engraçadas. Tobias insistia: mais cosquinha.

– Tobias! Preciso trabalhar.

Ah, é? Tobias retirou-se, arrastando seu manto purpurino, não sem antes sapecar-lhe uma dentada.

– *Pest!*

Quando Lota telefonou, Bishop contou o caso.

– Afoga esse gato. Envenena. Estrangula – sugeriu ela, que sempre achou uma antipatia aquele bichano capado.

Iluminado estava o salão
Na noite da coroação
Ali no esplendor da alegria
A burguesia fez sua aclamação
Vibrando de emoção
O luxo, a riqueza
Imperou com imponência
A beleza fez presença
Condecorando a independência.

A Império Serrano passava pela avenida cantando seu sambarenredo “Cinco bailes tradicionais da história do Rio”. O tema para os sambas de 65 era o 4º Centenário, de forma que os sambistas tinham que dar tratos à bola para encaixar quatro séculos de história em suas rimas. O resultado era surrealista. Todo aquele cetim, aquele brilho, aquela *dignidade*, aquele ritmo irresistível – até Lota ensaiava uns passinhos – rematados por uma ingenuidade lírica comovente.

Bishop não poderia pretender escrever sobre o Rio sem ter assistido a um desfile das escolas de samba. Ela e Ashley convenceram Lota a ir. Da primeira vez que Lota e Bishop foram a um desfile houve um atraso monumental, de quatro ou cinco horas, para que a primeira escola entrasse na avenida. Quando os

sanduíches de roquefort e o café da garrafa térmica acabaram, Lota se levantou e foi embora blasfemando, sem que tivessem assistido a nenhuma das “grandes” escolas. Bishop, é claro, foi junto.

Agora a americana deixava-se contagiar pela loucura que atravessava a avenida. Um casal de negros com perucas brancas, vestidos como nobres europeus, fazia um requintado *pas de deux*. Índios e marquesas, condes e baianas, a princesa Isabel e S. Sebastião saracoteavam em consonância pela história. Lá lá iá rá lá iá rá, cantava a multidão em delírio.

Yes! Yes! batucava desajeitado o coração de Bishop.

O artigo sobre o Rio seguiu a trajetória de todas as encomendas literárias que Bishop aceitava por dinheiro. A coisa emperrou, ela quis desistir no meio e acabou entregando o texto em cima da hora, depois de muita dexterity com café forte. Foi publicado na *New York Times Magazine* em 7 de março de 65.

Quando Bishop recebeu seu exemplar, desgostou-se. Discordou da seleção de fotos. E o título não era de sua autoria! Os editores tinham se apropriado do tema de uma das músicas de carnaval que Bishop tinha traduzido para o artigo, o samba “Juvenal”, cantado por Angelita Martinez:

Marechal
Ilustre Marechal
Olha o problema
Do subúrbio da Central
Eu tenho pena do Juvenal
Pendurado o ano inteiro
Num vagão da Central
Trabalha no Leblon
E mora no Encantado
Chega sempre

No trabalho atrasado
Marechal

Bishop citou o samba dentro de um contexto em que exemplificava, com o drama do usuário da Central do Brasil, como o carioca pobre exprimia através da música seus sentimentos frente à dureza da vida.

O bairro do Encantado, na transposição para o inglês, virou *Delight*. Isso não teria maior importância, se não tivesse sido exatamente essa a palavra que os editores pinçaram para o título que inventaram: "*On the railroad named Delight*". O título do artigo sugeria que a Central do Brasil conduzia a uma situação de regozijo, deleite, prazer. O oposto do que dizia a letra. Bishop não se conformava.

Lota também não se conformava. Tinha convocado a imprensa para cobrir a palestra de Kelly no MAM. Abriu o jornal, a notícia começava assim:

"Richard Keller, contratado para projetar a iluminação do Parque do Flamengo..."

Que merda. *Que merda!*

Bishop achava que as pessoas estavam esquisitas com ela. Era uma comemoração atrasada do aniversário de Lota e lá estavam as velhas amigas de sempre, Rosinha, Magu, Naná, Ismênia, a chatíssima da Maria Amélia Não sei o quê de Não sei o quê e, *alas*, Vivinha. Joana circulava com os salgadinhos. Estaria enganada? Bishop foi fumar na varanda. Ao voltar à sala, pegou uma conversa no ar:

– ... um balaio de gatos. Ela se meteu a falar de *tudo*, inflação, governo de JK, governo de Jango, a revolução, carnaval, imprensa,

favelados, os comunistas do Castelinho, o Opinião, a Central do Brasil, até o Lindolf Bell sem meias entrou na história.

Bishop foi buscar Lota no outro canto da sala.

– Lota, o que está havendo?

– Olha, meu bem, saiu uma matéria desaforada sobre seu artigo, no *Correio da Manhã* de ontem. Não falei nada porque acho que nem vale a pena você se incomodar. Coisa de algum jornalista de meia-pataca, deve ser, melhor deixar para lá.

Bishop não quis deixar para lá. Foi horrível. Acostumada a ser louvada nos Estados Unidos como poeta maior, conquanto bissexta, Bishop se sentiu ferida à queima-roupa. O artigo de página inteira de Fernando de Castro, “Paternalismo e antiamericanismo”, era contundente. Bishop era vitriólica, racista e ingrata para com o país que a tinha acolhido. Uma amiga da onça. Deduzindo que o leitor brasileiro não teria acesso ao texto de Bishop, Castro o citava fartamente, para demonstrar ao povo brasileiro o negativismo e a falta de empatia daquela estrangeira. Reagiu indignado aos comentários de Bishop sobre o mau gosto dos desfiles de fantasia no Municipal e sobre o mau costume dos homens brasileiros ficarem na porta dos botequins até as dez da manhã olhando as moças passar. Sentiu-se ferido em sua susceptibilidade patriótica quando Bishop destacou o grande número de traduções de peças de autores norte-americanos e o baixo nível do material da lavra dos autores brasileiros. As fotos escolhidas tinham, para Castro, a segunda intenção de retratar o Brasil como um país de *niggers*. E o racismo de Bishop aparecia claramente na sua abordagem de um outdoor em que uma empregadinha preta beijava a patroa branca, radiante de felicidade porque a patroa tinha comprado um fogão novo. Que sabia Bishop da alma de um democrata latino? Textos assim só serviam para fortalecer no leitor médio americano a convicção de que fora de seu país vicejava um imenso deserto de subdesenvolvimento, à espera da assistência paternalista do governo dos Estados Unidos. Ora Mrs. Bishop não precisava ampliar

a desinformação de seus patrícios, que ignoravam que a Aliança para o Progresso não era uma expedição filantrópica, e sim um investimento financeiro. Quanto aos barracos cariocas, teria ela se esquecido de como são as residências no Harlem, no coração de Nova York? Agora, a ofensa maior, a ofensa quatrocentenária, estava na retificação que Bishop fazia do epíteto do Rio de Janeiro:

“O Rio não é uma cidade maravilhosa; é apenas um cenário maravilhoso para uma cidade.”

Castro mandava um recado curto e grosso para Mrs. Bishop, “trepada nas muletas do seu racismo superioritário”: Macaco, olha teu rabo!

Bishop adoeceu. Ser insultada assim, publicamente! Ser tachada de preconceituosa, colonialista, mesquinha, até de *burra*! O que a desesperava é que o leitor brasileiro não conhecia o seu texto, cheio de ironias e *understatements*, mas apenas a leitura abusada que dele fizera o tal Castro. Oh, certamente deveria ter elogiado *Tem bububu no bobobó?* E também *ela* reclamara da seleção das fotos. *Ela* escrevera para o *New York Times* protestando. Agora, argumentar que em nome da boa vizinhança não se podia dizer que no Rio havia analfabetos, ignorantes e miseráveis, faça-me o favor. E além do mais o *damned* título não era de sua autoria.

Lota traduziu para o português a defesa de Bishop. O *Correio da Manhã* a publicou um mês depois, na seção de Cartas à Redação.

– Elizabeth está péssima. Vou mandá-la para você, sim, meu bem? As coisas estão bem encrocadas por aqui, não estou em condições de cuidar dela. – Lota falava ao telefone com Lilli. – Ela está mortificada com o bendito artigo do *Correio*... Pois é, até agora. Está na fossa, e aí você sabe o que acontece... Obrigada, minha querida. Uns dias aí em Ouro Preto vão fazer bem a ela.

Lota está péssima – escrevia Bishop à Dra. Baumann. Carlos Lacerda a desapontou em toda linha. Ela está esgotada, lutando

como uma leoa para acabar o parque. Está no último grau de exasperação. Na noite passada, enquanto Ashley e eu conversávamos na sala, esmurrou a parede do quarto, gritando que queria dormir. Por favor, não critique o Brasil em suas cartas. Lota lê minha correspondência.

A FUNDAÇÃO

As pessoas não se cansavam de elogiar. Era espetacular o que Lota tinha conseguido fazer em tão pouco tempo. Do entulho surgiram gramados, árvores, pistas para caminhadas, campos de pelada, pista de dança, coreto, pista de aerodelismo, passarelas, passagens subterrâneas, tanque de modelismo naval, pavilhões, teatro de marionetes. E uma praia.

Lota já tinha conseguido o tombamento do parque. Porém, percebendo a transitoriedade do poder, resolveu que era fundamental que o Parque pudesse escapar das injunções volúveis da política. Era preciso garantir que a Obra fosse concluída e que nunca pudesse ser desfigurada. Para tanto, estava convencida, só havia um jeito: a Fundação.

A Fundação seria uma entidade autônoma, provida de verbas para concluir as obras e administrar o Parque para sempre.

– O problema é que a Fundação tem que ser aprovada pela Assembleia – explicava Lota a Vivinha – e o Carlos não se mexe.

Lota começou a persuadir as pessoas para que se batessem pela Fundação.

– Primeiro, elimina-se a burocracia – dizia a Rachel de Queiroz.
– Hoje em dia é assim: você chega no Barracão e encontra a secretária tendo um fricote. “Mas, filha, o que aconteceu?” “Dona Lota, estou desgraçada, o carbono acabou.” Você sabe, sem carbono a vida é impossível, tudo é em bilhões de vias, uma via para a secretaria tal, outra via para o departamento tal, outra via para a diretoria não sei o quê, outra via para o arquivo, outra para a puta que pariu. “Mas, filha, mande fulano atravessar a rua e comprar o raio do carbono na loja ali em frente.” “Dona Lota, a senhora enlouqueceu? Então não lembra que temos que mandar um ofício à Sursan, requisitando o carbono, e depois de andar de cá para lá o ofício vai dar no departamento das concorrências, e aí temos que aguardar que o resultado seja publicado no Diário

Oficial, e só então podemos ter o carbono? Oooh, como fui deixar o carbono acabar?”

– O que vamos simplificar não é apenas a questão da compra do carbono – continuava Lota. – É a própria necessidade do carbono. Hoje, para o parque funcionar bem, mais de uma dúzia de órgãos têm que intervir, é Parques e Jardins, é Limpeza Urbana, é Água e Esgotos, é Polícia, é Obras, é Educação, é o diabo a quatro. Cada qual mais cheio de nove-horas. Com a Fundação, tudo isto acaba. Só ela comanda.

– Mas a Fundação vai ter gente para todas essas funções?

– Claro que não, meu bem. Vai entregar os serviços a terceiros. A Fundação só irá fiscalizar a execução dos serviços. Já experimentamos o sistema no jardim, com a Ceres, e o resultado foi estupendo. Agora vamos fazer isso em todos os setores. A Fundação propriamente dita vai ter um número reduzidíssimo de funcionários.

Perseverantemente, Lota conseguiu a adesão manifesta de um grande número de intelectuais e artistas à ideia de se implantar a Fundação do Parque do Flamengo: Pascoal Carlos Magno, Rubem Braga, Lúcio Costa, Manuel Bandeira, Tonia Carrero, Pongetti, Nelson Rodrigues. Desencadeou uma campanha tenaz e obteve vários editoriais a favor da Fundação. Encaminhou à Assembleia Legislativa um abaixo-assinado com doze mil e quatrocentas assinaturas.

Agora só faltava que Carlos mandasse o projeto de lei para a aprovação dos deputados.

Marcos Tito Tamoyo da Silva, secretário interino de Obras Públicas, perguntava se aquele conjunto de obras não merecia o nome de Parque do Século.

O engenheiro Valter Pinto da Costa, presidente em exercício da Sursan, dizia que a iluminação seria a mais perfeita do mundo, para

isso tendo sido contratados os serviços da maior autoridade mundial do assunto.

O desembargador Garcez Neto, governador interino, agradecia a Deus ter vivido o bastante para presenciar a cena que estava diante de seus olhos.

Centenas de pessoas aplaudiam.

Lota se mordida. Era inconcebível que, num momento como aquele, Carlos achasse que tinha coisa mais importante para fazer, mandando o suplente do suplente inaugurar as obras do parque. Carlos, você está me machucando de um jeito que eu não mereço. Você está me humilhando.

À noite, Carlos telefonou. Lota querida, estava em Niterói. Ia ser eleito o presidente da UDN, e era preciso que Ernâni Sátiro ganhasse, derrotando Aliomar Baleeiro. Viu, Lota querida?

Junho já tinha chegado e o candidato da UDN a governador do Estado ainda não estava definido. As eleições iam ser em outubro! Lota estava inquieta. As obras do Parque não estariam concluídas até o final do mandato de Lacerda, isso era definitivo. A salvação da lavoura seria que Lacerda fizesse seu sucessor.

Lota pensou em escrever uma carta para Carlos alertando-o para as consequências apocalípticas daquela indecisão. No entanto, um comentário de Joana naquela manhã (A senhora é que devia ser governador, D. Lota) levou-a a um outro tom. Sentada no Barracão após o almoço, ficou cismando. Depois, num impulso, escreveu:

"Senhor Governador

Peço vênia para lhe propor minha candidatura como sua sucessora no governo do Estado.

Não sei se estou me apresentando um pouco tarde, mas como os seus escolhidos já foram muitos, e o seu critério extremamente eclético, e os autocandidatos abundam, nestes meses que ainda temos pode ser que chegue a minha vez.

Permita-me demonstrar-lhe as qualidades que me fazem aspirar a este 'posto de sacrifício' etc.

Sou tão bem nascida (ou melhor; não adianta ser modesta a esta hora) quanto o Rafael, e tenho tanto horror às massas quanto ele... e como ele, não dou pelota pra ninguém.

Se a Sandra é mulher... eu também sou. Não tenho infelizmente a imaginação dela. Não consigo ver no Parque do Flamengo uma obra federal, nem no 'trenzinho' a solução para todos os problemas do transporte.

Tenho o mesmo temperamento que o Helio Beltrão, também sou descrente de chegar a ser governador... e infelizmente não sei tocar violão.

Tenho duas vantagens sobre o Flexa. Tenho horror a ser professora e a minha pinacoteca é melhor do que a dele. (Invejo nele os filhos que ele tem... mas não creio que isto venha ao caso...)

Não entendo de obras tanto quanto o Peixoto. Em compensação, tenho muito mais cabelo...

Permita-me apresentar-lhe a minha maneira de governar.

Não farei naturalmente um governo como o seu. Farei muito melhor, isto é evidentemente o que nós candidatos pensamos.

Farei um governo austero, isto é, irei à Europa e aos States algumas vezes por ano, por razões de Estado, para buscar dinheiro para pesquisas, estudos, algumas compras, e para de lá trazer o meu sucessor. Mas não farei como V. Excia. fez, que é subir com um e descer com outro, isto criou uma certa confusão entre nós.

Prometo-lhe também não brigar na Assembleia. Política é a arte da conquista. Depois de cinco anos de governo espero ter todos os deputados, senão ao meu lado, ao menos incapacitados e impotentes.

Prometo acabar todas as suas obras, exceto aquelas que não me agradam. Vou estudar este assunto de maneira objetiva e profunda, e depois lhe mandarei um relatório.

Mandarei trocar todas as esculturas de mulheres magras colocadas por V. Excia. por estátuas de mulheres gordas (da fase Giacometti à fase Marino Marini). Acho as musas magras uma alusão pouco patriótica ao nosso estado de subdesenvolvidos, além do quê, todas as mulheres gordas se parecerão comigo.

Herdando o seu posto, herdarei também o seu Palácio e os seus vassalos. Considerando que a pintura branca do seu palácio o transformou num descomunal e ridículo bolo de noiva, pretendo pintá-lo com *pois* ou listras, ou vou consultar o Patrimônio... (neste caso ficará mais barato, porque com a demora do Patrimônio será o meu sucessor o pagador...)

Quanto aos seus vassalos, todos eles usarão um elegante esparadrapo na boca, para diminuição das fofocas.

Com meus altos, altíssimos sentimentos...

Mais um candidato”

Bishop chegou da Bahia bem disposta. Adorava viajar. Queria que Lota tivesse ido também, mas quando Ashley a convidou Lota respondeu:

– Só viajo em países do primeiro mundo, meu querido.

Naquele momento, no elevador, Bishop só pensava em rever Lota. Tomara que estivesse em casa. Como sentia falta daquela turrona! Bishop queria abrir a porta e cair num abraço. Depois contar a viagem, tintim por tintim, como dizia Joana. Queria contar que conheceu Jorge Amado e a simpaticíssima Zélia, mas que não tinham conversado nada sobre literatura. Ashley e ele chegaram à casa de Jorge no meio de uma cerimônia de candomblé.

Bishop abriu a porta.

– Lota, cheguei!

Lota estava ao telefone. Com a mão que segurava o cigarro, fez um gesto vigoroso para que Bishop aguardasse. Bishop colocou a mala no chão e aguardou. Lota continuou falando ao telefone.

Caminhava de um lado para o outro, soltando baforadas veementes e escandindo as palavras com movimentos binários da mão, gesto que Bishop conhecia bem. Não tornou a se dirigir a Bishop, nem por mímica. Quando Lota esmagou o cigarro no cinzeiro e se preparou para acender outro, Bishop apanhou a mala e se retirou para o quarto.

No mês seguinte, agosto, Bishop foi de carona com Lilli para Ouro Preto.

Em 5 de outubro Negrão de Lima, adversário de Lacerda, foi eleito governador da Guanabara.

Lota se desesperava. Carlos não tinha trabalhado a ideia da Fundação junto aos parlamentares e agora o presidente da Comissão de Finanças da Assembleia, deputado Levy Neves, dera parecer *contrário* ao projeto. Entre os vários absurdos que via no projeto, declarou o deputado, estava o fato de que os diretores nomeados teriam mandatos de seis anos, o que tiraria do governador Negrão de Lima a prerrogativa de indicar quem fosse de seu agrado para os cargos.

O amigo Gustavo Corção usava seu espaço no *Diário de Notícias* para sensibilizar os leitores:

“É preciso ter a grandeza e o patriotismo de pedir, de suplicar até a dona Lota de Macedo Soares o favor de ficar e manter continuidade com sua admirável equipe.”

Mas já se ouviam vozes dissidentes, como a de Pomona Politis:

“A criação de uma fundação representa alienar terras que foram conquistadas ao mar pelo esforço de toda a população, que para isso pagou pesados tributos. Por baixo do aparente interesse de conservar essa obra existe, na realidade, a intenção de seus atuais dirigentes de se perpetuarem nos cargos com poderes absolutos.”

Lacerda, tendo perdido a eleição, sabia que com o parecer contrário do presidente da Comissão de Finanças seria novamente

derrotado. Não insistiu.

Dez dias depois das eleições, Lota aproveitou a Semana da Criança para realizar uma grande festa popular no Aterro. Os vários componentes do Parque tinham merecido pequenas inaugurações à medida que iam sendo terminados, mas esta seria a inauguração. Lota colocou o palhaço Carequinha no coreto, Altamiro Carrilho na pista de danças e Grande Otelo para apresentar um bumba meu boi. Aconteceu um campeonato de pipas, ideia de Bishop, por sinal. Refrigerantes e algodão-doce para todos. Brinquedos lançados de um avião para a criançada. Todos os jornais deram destaque à festa e o *JB* ocupou toda a primeira página do Caderno B com fotos de crianças radiantes tomando posse da cidade-miniatura. Lota chorou de felicidade. Bishop não pôde repartir esse momento de glória. Continuava em Ouro Preto.

Naná estava chocada. Naquela manhã de 20 de outubro, como fazia todas as manhãs, tomou café e foi ler o jornal. Deparou com uma longa carta de Roberto dirigida a Lota. A transcrição da carta era encimada pelo título: "Arbítrio nos jardins do Aterro leva o paisagista Burle Marx a romper com Lota de Macedo Soares." Romper! Naná sabia que Lota e Roberto andavam brandindo espadas, o que não era de espantar, em se tratando de dois passionais. Roberto havia telefonado, dizendo que Lota andava intratável, Naná que perguntasse ao Jorge. Mas um rompimento entre velhos amigos em público, pelo jornal, era muito doloroso.

Apreensiva, Naná leu a carta de Roberto.

"Você delibera sem nenhum respeito, nenhuma consulta ao técnico responsável pelo projeto paisagístico, como se fosse a autora do projeto. Talvez seja oportuno lembrar a você que ter o bom gosto de escolher uma colher ou uma panela finlandesa não implica em ter capacidade criadora."

O dedo na ferida. O moço sabia ser virulento. Acusava Lota frontalmente de estar deturpando todo o projeto do Aterro com sua prepotência e conseqüente intervenção em assuntos técnicos para os quais não tinha competência, como iluminação e playgrounds. Dizia especificamente:

“O resultado lá está... os espaços dão a impressão de campos de concentração... a murada do Flamengo aproveitada de maneira vulgar e mal compreendida. Os playgrounds são desprovidos de graça, de fantasia e não têm unidade. Obedecem à orientação de você e dessa senhora, sua assessora no assunto, sempre muito preocupada com a vida sexual das crianças de 4 anos... senhora que poderá ser uma ótima professora, mas tem um mau gosto encardido.

O projeto das plantas, aquários e gaiolas que vi no Barracão é mal resolvido e ruim.”

Roberto reconhecia o esforço e a dedicação de Lota, mas não mais que isso, para a concretização do parque. O Aterro “foi realizado por mim e pelo meu escritório técnico, com o decidido apoio do governador Carlos Lacerda e a valiosa colaboração do ex-grupo de trabalho que você presidia”.

Valiosa colaboração! Ex-grupo de trabalho! Naná sentia-se mortificada por Lota. A carta vinha num momento delicadíssimo, no vácuo de poder causado pela indefinição sobre a Fundação. Meticulosamente, buscava desmistificar a imagem positiva da onipresente Dona Lota, apresentando em seu lugar uma Macedo Soares despótica e pretensiosa.

“É uma pena que as coisas tenham chegado a este ponto, mas não posso deixar de declarar meu profundo desgosto ao ver estragar uma obra que significa minha maior contribuição a esta cidade.

Que venha a Fundação, mas não com você na direção, como parece ser seu grande desejo. Desculpe-me, Lota, mas detesto sua prepotência.”

Naná caiu das nuvens. O inimaginável tinha acontecido. Alguém, e logo Burle Marx, tinha verbalizado a hipótese de existir a Fundação *sem* Lota. Talvez, de todas as agressões que a carta continha, aquela fosse a mais intragável para Lota. Colher, panela finlandesa. Não era justo que Lota fosse apresentada assim, como uma pessoa despreparada que teimava em impor sua vontade a torto e a direito. Mesmo que a acusação proviesse de um gênio do paisagismo. Que aliás, como Lota, não tinha diploma universitário.

As Críticas de Burle Marx e uma Carta da Sra. Lota de Macedo Soares a *O Globo*

“Sr. Redator-Chefe

Usando do direito de resposta que a lei me permite, solicito, em face das declarações do sr. Roberto Burle Marx divulgadas na edição de hoje, 20/10/65, desse prestigioso jornal, a publicação dos seguintes esclarecimentos:

O sr. Roberto Burle Marx nunca pertenceu ao Grupo de Trabalho para a Urbanização do Aterro. Foi indicado por mim e aceito pelo Governador e contratado pela Sursan para fazer o projeto de ajardinamento do Parque do Flamengo. Este projeto de ajardinamento nada tem a ver com os demais projetos do Parque. As diversas e extensas viagens do sr. Roberto Burle Marx durante estes cinco anos, à América do Norte, Argélia, Inglaterra, Venezuela, não o permitiram naturalmente conhecer estes projetos.

Quanto à ‘prepotência’ da Presidente do GT, ela hoje manifestada, naturalmente, depois das eleições, vem do fato de que consultada pela Sursan, no começo deste ano, opinei em ofício que procurassem outras firmas para fornecer grama ao Parque, já que a firma Roberto Burle Marx Ltda. propunha preços astronômicos por m². Essa ‘prepotência’ deu ao Estado uma economia de mais de cem milhões de cruzeiros, o que naturalmente mudou a opinião que

tinha o sr. Roberto Burle Marx do meu temperamento, antes tão apreciado.”

Ismênia apanhou o álbum. Havia vários recortes para colar, infelizmente todos com a troca de asperezas entre Burle Marx e Lota. À proporção que ia colando os recortes, Ismênia datava-os com sua caligrafia miúda no canto superior direito. Primeiro a carta de Burle Marx. 20 de outubro de 1965. Depois a resposta de Lota. 21 de outubro de 1965. A seguir a réplica de Burle Marx. 23 de outubro de 1965. Ismênia releu esta última.

Burle Marx dizia que Lota, não podendo contradizer os argumentos positivos da carta dele, procurou maldosamente colocá-lo em situação desagradável perante a opinião pública, como se o movessem interesses materiais e políticos. No caso da grama, alegou que não se fez concorrência pública, de forma que não houve cotejamento dos preços apresentados. Ficava difícil, portanto, verificar se houve ou não economia em se dar o serviço à firma executante.

A carta se alongava em reafirmar que era no único e justo propósito de resguardar seu nome profissional que Burle Marx protestava contra obras feitas no Aterro com as quais não concordava.

Como assim “com as quais não concordava”? Roberto estava se arvorando em dono do parque? Achava então que Reidy, Jorge, Ethel, todos se deviam subordinar a ele? Era fato que a unidade estética do parque era provida pelo ajardinamento, caso contrário não seria um parque. Mas era fato também que Burle Marx era *um* dos especialistas trabalhando sob a coordenação de Lota, não lhe cabendo reivindicar a autoria do Aterro. Lota devia estar muito chateada. Mesmo o que carece de fundamento muitas vezes corrói o coração.

Não obstante o alvo dos ataques de Burle Marx fosse declaradamente a candidata a presidente da Fundação, os profissionais envolvidos nas obras do Aterro acharam-se no direito de retrucar, visto terem sido considerados pelo paisagista, numa generalização, “mediócras e incompetentes”.

Ethel Bauzer Medeiros era “essa senhora” acusada por Burle Marx de estar preocupada demais com a vida sexual das crianças de 4 anos. Entrevistada, Ethel ressaltou que fazer jardins era uma coisa e planejar um parque para recreação de crianças e adolescentes era outra, para o que não bastava ter bom gosto, e sim informação especializada. Como para bom entendedor meia palavra basta, a professora Ethel acrescentou que, ademais, ninguém ignorava que os problemas sexuais merecem cuidados não só na infância, mas durante a vida inteira.

O arquiteto Júlio Cesar Pessolani Zavala lembrou que o “projeto ruim ou mal resolvido” do ripado era o desenvolvimento de um croqui elaborado no escritório do próprio Burle Marx. E que a muralha usada para proteção das crianças que brincavam nos playgrounds, “aproveitada de maneira vulgar e mal compreendida”, foi projetada por Affonso Reidy, com o conhecimento de Burle Marx.

Até o governador Carlos Lacerda, embora poupado pelo destempero do paisagista, escreveu-lhe para lembrar que o gabarito profissional não desobriga ninguém de ter caráter.

Lota não quis mais falar no assunto.

Em 27 de outubro o governo militar baixou o AI-2, cancelando as eleições diretas para presidente. No dia seguinte Lacerda criou a Fundação do Parque do Flamengo por decreto. Nomeou um Conselho Diretor, e Lota Diretora Executiva. Deixou ao vice Rafael de Almeida Magalhães a incumbência de empossá-los. Não ia terminar seu mandato, estava indo embora.

QUALQUER GRANDE ESPERANÇA É GRANDE ENGANO

De sua janela alta em Ouro Preto, Bishop via gente e bichos se congregando para beber na bica.

Mulheres de vestidos vermelhos
e sandálias de plástico, carregando bebês
quase invisíveis – agasalhados até os olhos
naquele calor todo – desembrulham-nos, abaixam-nos,
e amorosamente lhes dão de beber
nas mãos sujas, ali onde costumava haver uma fonte,
e onde todo mundo ainda costuma parar.

Sentia-se capaz de escrever poesia outra vez. E o que era melhor, gostava do que escrevia. Tinha terminado um poema e enviado para a *New Yorker* nessa mesma temporada, sem achar que precisava carregá-lo para cima e para baixo para modificá-lo aqui e ali, como tinha acontecido com os poemas odiosos que escrevera no Rio.

O poema foi dedicado a Lilli Correia de Araújo, de início apenas uma hospedeira de encomenda, mas agora amiga dadivosa. Lilli não a maternalizava, pelo contrário, impunha sua glacialidade escandinava quando Bishop teimava e ia procurar a felicidade fácil no botequim. Quando Bishop estava sóbria, Lilli, que era sóbria, virava companhia formidável, as duas riam, falavam de arte, entendiam-se.

Talvez por causa das paredes maciças da casa de Lilli, talvez por causa da calma voz de Lilli, talvez por causa do azul do céu, talvez por causa das montanhas e seu fundamento de realidade, talvez por causa da sensação lânguida que lhe passava a cidade com suas

ladeiras de um outro século para serem percorridas sem pressa, talvez por causa de tudo isso ao mesmo tempo, Bishop incaracteristicamente cometeu uma temeridade: cedeu a um impulso. Foi e comprou um casarão do século XVIII caindo aos pedaços.

Instantaneamente entrou num estado de excitação infantil. Vibrava com a vista, os abacateiros, as paredes tortas feitas de pau a pique, o desenho do telhado, o muro de pedra coberto de musgo. Não fazia mal que a casa estivesse caindo aos pedaços. Bishop ia passar seis meses nos Estados Unidos e enquanto isso Lilli cuidaria de restaurá-la. Depois de tanto tempo atordoada, sem saber o que fazer de si mesma, Bishop fazia planos. Precisava se programar para custear as despesas da restauração. Tinha um futuro: tinha uma casa em Ouro Preto.

Bishop fora para Ouro Preto em agosto para ficar umas duas semanas, como sempre. Já estavam em novembro!

Sentia muita saudade de Lota. Da Lota de Samambaia. A tranquilidade de Ouro Preto acentuava o medo que Bishop tinha de voltar para a Lota do Rio, e ela adiava o regresso.

Naquele dia, no meio da tarde, quando Bishop chegou de um passeio, seu coração disparou. O carro de Lota estava parado na porta.

– Lota!

Bishop entrou correndo.

– Ela acabou de chegar – disse Lilli. – Está lá em cima.

Bishop começou a subir as escadas. Percebendo sua chegada, Lota saiu do quarto e começou a descer. As duas se encontraram no patamar e se abraçaram.

– Vim buscar você.

Bishop fez que sim com a cabeça e foram para o quarto.

À noite, desceram para tomar um chá com Lilli. O pintor Carlos Scliar estava lá. Ulli tinha transformado o porão do Pouso Chico Rey num estúdio para Scliar, que tomou a cidade como tema de seus trabalhos.

Scliar tinha notícia das atribuições de Lota por causa de Burle Marx e estava qualificado para entendê-las. Ele próprio tinha batido de frente contra a animosidade do temperamental paisagista e os dois tinham brigado irremediavelmente. Contudo, Lota não tocou no assunto.

Lota conhecia a posição política de Scliar. Scliar conhecia a posição social de Lota. No entanto o encontro transcorreu muito cordialmente. Lota prezava a paixão com que Scliar se dedicava à arte. Scliar percebia a determinação daquela mulher, impaciente em ter que esperar uma década para que as pessoas viessem a atinar com o sentido do que estava fazendo. Lilli acompanhava com satisfação o debate dos dois. Admirava a inteligência.

Para Lota de Macedo Soares

... O dar-vos quanto tenho e quanto posso,
Que quanto mais vos pago, mais vos devo.
Camões

Lota tornou a ler a página de abertura do novo livro de Bishop. Não estava preparada para aquela dedicatória em linha reta. Nos últimos tempos as falas de ambas claudicavam, e às vezes Bishop era uma lengalenga de silêncios. Aquela declaração pública sem subterfúgios desarmou Lota completamente.

Questões de viagem. Minha marinheirinha...

Pela primeira vez depois de muito tempo estavam a sós em Samambaia. Conversavam sossegadas no sofá da sala.

Bishop estava aturdida com o que tinha acontecido em sua ausência. Lota tinha sido muito lacônica em Ouro Preto, mas agora fazia um relatório completo. Tudo tinha ficado de pernas para o ar.

Lacerda perdera as eleições no Rio. De promissor líder da Nação, depois do AI-2 era um político renegado. O fabuloso Grupo de Trabalho tinha se esfacelado, Bertha e Jorge tinham se incompatibilizado com Lota. Burle Marx tinha desfeito de forma cruenta uma amizade de décadas. A Fundação tinha saído, afinal, mas da pior maneira possível, pois o decreto não tinha sido aprovado pela Câmara. Agora dependeriam da boa vontade do próximo governador para que a Fundação tivesse verbas.

Que merda!

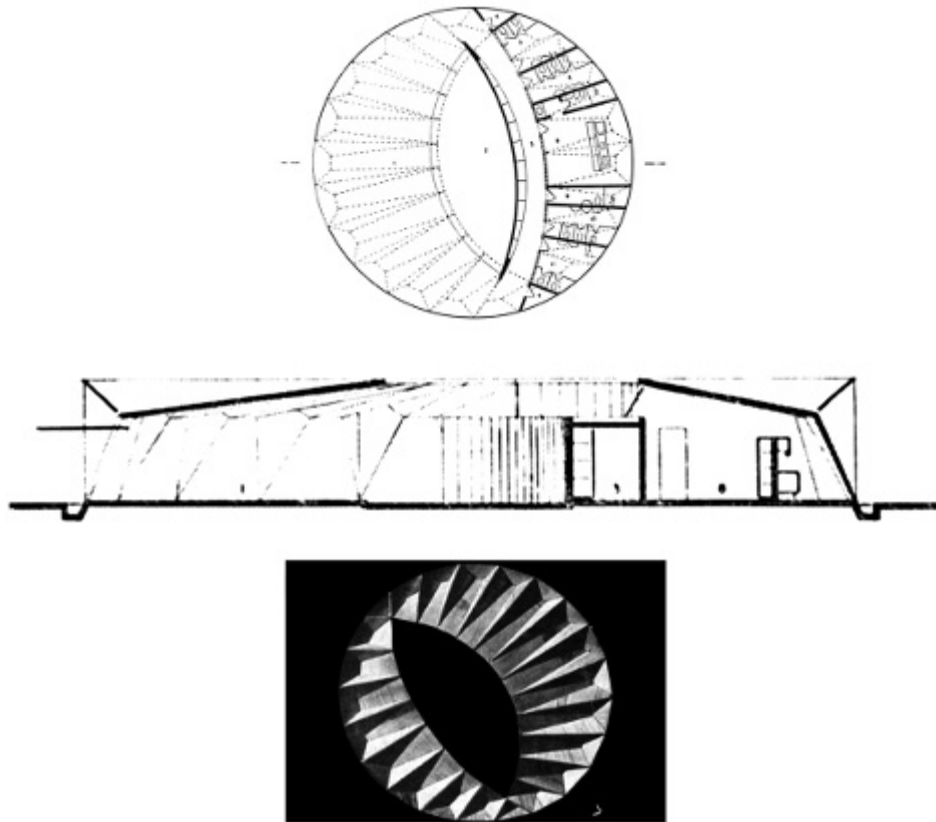
– Lota. As coisas estão tão ruins. Quem sabe se você se afastasse um pouco, se fosse comigo para Seattle...

– Cookie, quer saber de uma coisa? Vou esperar o Negrão tomar posse. Se eu vir que o negócio não vai funcionar, eu me demito e vou me embora deste país com você. Está decidido.



Em 61, Lota quis converter 1,2 milhão m² de carrascal num espaço livre "onde se pudesse reaprender a arte de andar a pé". Burle Marx o povoou com 240 espécies diferentes de plantas.





Affonso Reidy, autor do MAM, fez o traçado urbanístico do Parque do Flamengo e criou para ele notáveis peças de arquitetura, como o pavilhão do Morro da Viúva e o viaduto Paulo Bittencourt.



Lota, o botânico Luiz Emygdio e um funcionário examinando um torrão em mau estado. Assessorado por Magu Leão e pelo mestre Aristides Simões, Luiz Emygdio supervisionou a experiência ecológica pioneira que foi o Parque do Flamengo.



Funcionários do Barracão. Agachados: Gelse Paciello da Motta (arquiteto), Marclio Pereira (jardineiro) e Fernanda Noviz Oliveira (secretária). Em pé: Juan Delis Scarpellini Ortega (arquiteto), Júlio Cesar Pessolani Zavala (arquiteto), Dona Lota, Olívio (copeiro), Sérgio Rodrigues e Silva (arquiteto), Swany (secretária) e David (do trenzinho).



Frio palmeiral de cimento. (Caetano Veloso)
Como lanças num quadro de batalha de Paolo Ucello. (Lucio Costa)
Uma das coisas mais horríveis que se pode imaginar. (Burlle Marx)



Magia visual. (Richard Kelly)



Namorados: Equidistância na "paisagem útil".



ho mesmo dia... 26.3.65

O Hotel Hilton representa
por quem quem permite
3 milhões isto...

Retros: J. P. 26.3.65
* Como prevíamos, a cadeia de hotéis Hilton ganhou mesmo a concorrência para a construção de um luxuoso hotel no morro do Pasmado.

de Alan
do Brasil

J. P. 26.3.65
**Estado
tomba
parques**

O Governador Carlos Lacerda determinou ao Diretor do Patrimônio Artístico do Estado, Sr. Marcelo Moreira, para providenciar, com urgência, o tombamento do Parque do Flamengo e do Parque Laje, "a fim de preservar a sua paisagem e evitar a epidemia de bustos e a perambulação de monumentos, que mudam de sede como repartições públicas".

A ordem de tombamento dos dois parques foi dada durante a posse do novo Diretor de Divisão de Patrimônio Artístico do Estado, Sr. Marcelo Moreira.

BARRAQUINHAS

Disse o Governador que o tombamento do Parque do Flamengo "impedirá a proliferação de barracões no local, tendência que ameaça a obra paisagística do local".

Sobre o Parque Laje afirmou que "o seu destombamento foi um dos maiores crimes que já se praticaram contra a Cidade" e acrescentou que espera contar com o apoio do Ministro da Educação para seu novo tombamento.

Logo não
lida tanto
já não vai ter
isto que eu sei
dizem não sabe
que não são
substituídos
não pode lamentar
isto → !!

Arde esmagado Tomba o Parque do
Flamengo por causa da barracões!!



No mesmo dia ... 26.3.65

Com este 1º resultado

Handwritten notes:
Lota
15/3
totalmente
falso! Se não
pode acreditar
nisto, como pode
ser verdade
sujeito?

O jornal 26.3.65

Providências para tomar o Parque Laje

Após tomar posse do seu cargo, no Palácio Guanabara, o novo diretor da Divisão de Patrimônio Artístico, sr. Marcelo Moreira Ipanema, foi solicitado pelo governador a tomar providências imediatas para o tombamento do Parque Laje, situado na rua Jardim Botânico; e do Parque do Flamengo, para preservação da paisagem dos magnos.

Condenou o sr. Carlos Lacerda a instalação de barraquinhas no Parque do Flamengo, referindo-se à instalada no local a pedido de um funcionário estadual lotado no Palácio Guanabara e com a responsabilidade da Sra. Carlota Magalhães Soares, superintendente da quete logradouro.

Relativamente ao Parque Laje, teve comentários sobre o processo de desmontamento dessa propriedade, medida que considerou um crime contra o Rio de Janeiro. Manifestou, contudo, a esperança de que terá o apoio do ministro da Educação para restabelecer o tombamento.

Muito obrigada, governador!

Handwritten notes:
Chega
Lota, chega de
se impressionar
com bofagem e
intemperância
de Lota. O que
fui por isso mesmo
o que...

As notícias, no mesmo dia, da interdição de uma barraquinha no Parque e da autorização para a construção de um hotel no Morro do Pasmado provocam furiosa troca de rabiscos entre Lota e Lacerda. Chega, Lota! Chega!, brada o governador.



Constantin Doxiadis elaborou para Lacerda um Plano Diretor, que não chegou a ser usado. Anos depois, exemplares do Plano foram encontrados no poço de um elevador no Palácio Guanabara.



Lota recebe medalha de Enaldo Cravo Peixoto, "pelos bons serviços prestados à Sursan".



Tensos, Magu Leão e Burle Marx acompanham a exposição de Lota aos jornalistas, em defesa da Fundação.

Foi fugaz o alívio de Bishop. No dia 5 de dezembro Negrão de Lima tomou posse como governador da Guanabara e já no dia 10 a Assembleia revogou o decreto de Lacerda que instituiu a Fundação. Não havia nenhuma Fundação. Negrão que providenciasse uma autarquia para cuidar do parque, determinaram os senhores deputados. Já era tempo de se acabar com essa choradeira de achar que só o sr. Carlos Lacerda é capaz de fazer as coisas; vamos mostrar que poderemos fazer muito mais pelo parque do que ele fez, proclamou o deputado Levy Neves. Lota ensandeceu.

Recomeçaram os movimentos frenéticos, dessa vez junto a juristas. As opiniões divergiam. Lota, porém, agarrou-se à tese de que a revogação de um decreto do Executivo pelo Legislativo era uma invasão de atribuições. Contrariando a ponderação de amigos para que se poupasse de novos dissabores, Lota impetrou mandado de segurança. Convocou a imprensa, disse que aquela pendenga era minúscula diante da importância do Parque, reconhecida já internacionalmente. Mostrou o último número da *Time*, em que Papai Noel aparecia descendo de helicóptero para cem mil pessoas no Parque do Flamengo. E que a Fundação era uma realidade.

No dia 13 de dezembro de 65 foi concedida liminar à Fundação. Durante todo o dia e toda a noite foi uma romaria de pessoas que foram patentear seu apoio entusiástico a uma Lota radiante. Bishop mal conseguia dissimular sua consternação.

Para Bishop a situação estava claríssima. Claríssima e desesperada. Lota não conseguia mais viver sem ser naquele estado de guerra.

Bishop tinha esperado por uma mudança. No último aniversário de Lota, dera-lhe de presente o livro *Jardinagem* de Gertrude Jekyll. Bishop via muitos pontos em comum entre Lota e Jekyll: senso estético refinado, conhecimento profundo de botânica, temperamento arrebatado. Jekyll era o exemplo de uma devoção

tardia a uma especialidade que havia dado certo. Jekyll publicou seu primeiro livro aos 56 anos e foi tal o sucesso que escreveu inúmeros outros e participou do planejamento de centenas de jardins. Bishop achou que assim encorajaria Lota a buscar outras oportunidades para si mesma fora do Aterro.

Qual, ela nem ligou. Talvez no fundo Lota gostasse daquela carnificina toda.

Naquela noite, durante a meia hora em que se viam ao dia, no jantar, Lota perdeu as estribeiras. Outra vez chegava em casa exausta, querendo nada mais do que um pouco de paz, e encontrava Bishop num estado deplorável. Lota foi até o banheiro e apanhou a caixa de Antabuse. Estava praticamente intacta. Elizabeth não estava tomando o remédio que podia mantê-la afastada da bebida! Lota voltou à sala com um comprimido na mão.

– Beba isso!

Bishop se recusava.

– Beba!

Lota segurou o rosto de Bishop com raiva e a forçou a engolir.

Miss Bishop dirigiu-se à mesa com passos trôpegos. Apertava contra o peito a bela pasta nova, feita de autêntico couro de jacarés brasileiros. Tropeçou no tablado, deixando cair a bela pasta nova. Mal fechada, a pasta se abriu, derramando os papéis no chão. Miss Bishop se ajoelhou e começou a catá-los, com as mãos trêmulas. Os alunos estavam perplexos. Aquilo era a poeta laureada Elizabeth Bishop? Claudicante, Miss Bishop conseguiu erguer-se e se postar atrás da mesa.

– Groul roul – saudou Miss Bishop, sempre abraçada à sua pastinha querida.

Bishop odiou Lota por aquilo.

Desde que anunciara sua contratação como professora em Seattle, Lota a vinha desencorajando sistematicamente. Primeiro

argumentou que Bishop não tinha vocação para o magistério, que exigia pessoas com desembaraço para falar em público. Depois, como Bishop estivesse mesmo bebendo muito, passara a se fixar na questão do alcoolismo. Agora submetia Bishop àquela caricatura hedionda. Apoderara-se da pasta que Bishop comprara e fizera aquela encenação perversa.

– Pare com isso! – Bishop tentava arancar a pasta das mãos de Lota.

– Groul, roul.

– Pare! Pare!

– Pare você! Não vê que é assim mesmo que vai ser sua entrada triunfal na sala de aula?

– Devolva minha pasta.

– Elizabeth, não vá. Você vai se arrepender amargamente se for.

– Me dê a pasta.

– Tome! Merda! – Lota empurrou a pasta com força para as mãos de Bishop. – Elizabeth, pense um pouco.

– Você está me magoando demais, Lota.

– Não vá. – Lota estava pedindo.

– Por que você não vem comigo? – Bishop estava pedindo.

– Que inferno, já expliquei *milhões* de vezes que neste exato momento eu não posso sair. Estou com um processo na Justiça, estou aguardando um resultado! Você é que pode cancelar seu compromisso, porque ainda não deu início a nada. Será que você não consegue sair do seu *mundinho* e enxergar o que está se passando comigo? Só *uma vez*?

– Que tal você enxergar o que está se passando *comigo*?

O rancor fazia com que elevassem as vozes, se lanhassem com palavras grifadas. Joana entrou na sala.

– Escuta aqui, que gritaria é essa? – Falava com a autoridade das empregadas antigas.

– Não se meta, Joana.

– Meto, sim senhora. Quero saber o que está acontecendo aqui.

– Joana! – Lota rilhava os dentes. – D. Elizabeth e eu estamos conversando, só isso.

– Então vou chamar D. Meire, pra me traduzir o que vocês estão dizendo.

– Joana, *por favor*.

Joana aquiesceu e voltou para a cozinha. Sua intervenção, contudo, alterou o ânimo da contenda. As duas ficaram estacionadas nos mesmos lugares, Lota com uma mão na cintura, Bishop segurando a despropositada pasta. Bishop começou a se dirigir para o quarto.

– Elizabeth.

Bishop olhou para Lota. Seu olhar era muito triste. O olhar de Lota também era muito triste. – Que é?

– Pense melhor.

Bishop fez um sim inconvincente com a cabeça. Fossem outras as palavras, talvez pensasse melhor. Lota não tinha as palavras certas.

Bishop tomou o avião para Seattle em 27 de dezembro. A despedida foi horrível.

Lota mostrou-se empedernida. Manteve as mãos cerradas sob os braços cruzados. Olhava para o chão, num silêncio escuro.

Bishop sentia-se esfacelar. Queria que Lota entendesse como era duro partir, ia sofrendo, cheia de medo e dúvida.

Foi feita a primeira chamada para o voo. Bishop achou que era inútil prolongar aquele sofrimento.

– Já vou.

Lota fez um gesto de inconformação.

– Lota, quem sabe logo você está indo também. Vou estar esperando por você.

Lota abriu os braços e a abraçou, aquele abraço desesperado das despedidas.

– Boa viagem, meu bem. Telefone logo que chegar.

Durante toda a viagem, que foi muito cansativa, cheia de escalas, Bishop remoeu seu desespero por estar indo embora. Todas as suas inseguranças assomaram e ela ensaiou um ataque de asma. No aeroporto de Seattle, enquanto esperava as malas passarem na esteira, teve uma crise aguda de arrependimento. Por um triz não foi dali direto para o balcão comprar uma passagem de volta para aquele mesmo dia. Lembrou-se, porém, dos argumentos que deu a si mesma enquanto arrumava as malas: precisava sair do Rio, precisava se envolver em alguma coisa, precisava ganhar dinheiro para pagar a restauração da casa de Ouro Preto.

Quando fechou a porta do quarto do hotel, Bishop sentou e chorou. Chorou, chorou, como São Pedro. Sentia remorso por ter abandonado Lota num momento tão premente. Sentia raiva por não ter sabido resolver a situação de uma forma menos dilaceradora. Sentia pena de si mesma. Depois de tantos anos, estava de volta a um quarto de hotel, completamente só. Logo o cantar do galo iria surpreendê-la como em tantas outras vezes no passado – uma chorona na madrugada.

A PORRADA DE CAMÕES

A solidão de Bishop no quarto de hotel era absurda. Bishop estava apavorada com a ideia de dar aulas. Você vai se arrepender, Lota dizia. Tinha razão. O que estava fazendo ali? *Nada* era pior do que a solidão daquele quarto.

Os dias se arrastavam, nulos.

Na noite de Ano-Novo, foi organizada uma recepção de boas-vindas para Bishop. Ela não queria ir. Não ia poder beber, senão já ia começar a nova carreira desastrosamente. Não conhecia absolutamente ninguém. Ia ser um suplício.

Além do mais, o Ano-Novo agravava a saudade de Lota. Há quatorze anos seguidos passava a virada do ano com a companheira. Vestidas de branco, andavam descalças pelas areias finas de Cabo Frio, fazendo planos para o ano que entrava. A ausência de Lota desnorteava tudo, tornava longínquo o recém-passado, acre o novo. Bishop morria de saudade. Não havia o que comemorar.

À última hora, contudo, por absoluta incapacidade de atinar com uma desculpa, vestiu o vestido preto que encomendara a Esmeralda, calçou os sapatos de saltinho, colocou a máscara de respeitável Miss Bishop e foi.

Desde o primeiro minuto recebeu ininterruptas reverências. Homens desgraciosos e mulheres arrogantes revezavam-se em submetê-la a paulificantes shows de erudição. Aquelas pessoas não tinham a mínima noção de quem ela era, constatava Bishop, com amargura. Aceitavam com alívio sua impostação de senhora de bem.

– Será que devíamos ter ficado em casa e só imaginar como seria aqui?

Bishop virou-se, surpreendida. Uma jovem estava ao seu lado, com um sorriso irreverente.

– Questões de viagem... – explicitou a jovem. – Eu também li seu livro. Só que sei mais sobre ele do que todo mundo nesta sala.

– Hum. Mais do que eu, sem dúvida?

– *Com* dúvidas. – A jovem abriu o sorriso. Era um sorriso largo. Bishop gostou. – Mas nenhuma que não possa vir a ser esclarecida – prosseguiu a petulantezinha.

Devia ter vinte e poucos anos, a idade provável de seus alunos. Fixava os olhos belos em Bishop, sem dó. Bishop teve um calafrio ao imaginar uma dúzia daquelas à sua frente na sala de aula.

– Por exemplo, a citação de Camões – reincidiu a moçoila, dizendo o nome do vate com um sotaque horrível. Porém a anfitriã se acercou e, com um ligeiro aceno para Miss Sapiência e um sorriso encantador para Bishop, saiu arrastando a professora para conhecer mais um de seus colegas.

O resto da noite foi uma mesma arenga, ornada por muitos beija-mãos. Bishop estava exausta. Queria tirar os sapatos. Queria ficar em paz com sua garrafa de gim. Seria descortês pedir uma carona já?

Finalmente Bishop se viu encaminhando para a porta de saída.

– Até breve, Feliz Ano-Novo! Até breve, Feliz Ano-Novo! – retribuía, desejando nunca mais ter que ver aquela gente.

Reencontrou o belo par de olhos.

– Boa-noite, Miss Bishop.

– Boa-noite... ? – Não sabia o nome daquela moça.

– Adrienne. Adrienne Collins.

Nome doce e inesperado.

– Boa-noite, Adrienne.

De volta ao quarto de hotel, Bishop arrancou o casaco, vestido, sapatos e máscara. Jogou-se na cama e abriu a garrafa.

A primeira carta que Lota escreveu em 66 foi para Roberto Marinho. Carlos Swann havia incluído em sua coluna do *Globo* a nota:

O Porquê

Muitos se perguntam e até hoje não conseguem explicar o porquê do apego e da abnegação de D. Lota de Macedo Soares à frente da Fundação do Aterro, a alguns parecendo, inclusive, que aquela senhora trabalha sem receber remuneração. Na verdade, há cerca de dois anos que D. Lota é contratada pela Sursan com vencimentos equivalentes a oito salários mínimos. Durante este período, fez quatro viagens à Europa por conta da Sursan, uma das quais com a duração de quatro meses, todas elas com diárias pagas em dólares. É muito compreensível, pois, que D. Lota demonstre tanto apego e tanta energia quando se trata de assuntos do Aterro.

Ainda não conseguira se refazer da detração do ex-amigo Burle Marx. Ainda estava sob o impacto da contingência de ter que administrar a Fundação sob liminar. Agora tinha que se defender da acusação de dilapidação do dinheiro público?

Lota se sentia como Giordano Bruno: Mas, por ser eu delineador do campo da natureza, por estar preocupado com o alimento da alma, interessado pela cultura do espírito e dedicado às atividades do intelecto, eis que os visados me ameaçam, os observadores me assaltam, os atingidos me mordem, os desmascarados me devoram. E não é só um, não são poucos, são muitos, são quase todos.

Valendo-se da Lei da Imprensa, Lota reclamou e obteve a publicação de sua refutação:

“Não fui quatro vezes à Europa. *Fui uma vez a serviço.* Fui em novembro de 1962 a Nova York por quarenta dias, para rever as provas do livro que E. Bishop escreveu sobre o Brasil. A Sursan não pagou nada, não me pagava nada nessa ocasião.

Estive quinze dias acamada com tifo que apanhei no aterro. Estas foram as férias que tirei durante 5 anos: duas viagens a trabalho e quinze dias na cama...

Trabalhei quase três anos sem remuneração, ou melhor... paguei para trabalhar. Comecei a receber em agosto de 1963 a *vultosa* quantia de cento e cinquenta e oito mil mensais, hoje, com os descontos normais, quatrocentos e sessenta e três mil e quinhentos. Tive e continuo a ter o maior prejuízo financeiro com este 'apego' aos trabalhos do parque. Abandonei a minha casa e os meus negócios em Samambaia e deixei de receber o aluguel do ap. na Av. Atlântica quando vim a usá-lo para ficar no Rio. Mais importante do que qualquer sacrifício, foi o de deixar a vida tranquila e independente que já tinha escolhido há treze anos – e para a qual estou ansiosa para voltar.

Só respondo a esta nota porque como Diretora Executiva da Fundação Parque do Flamengo me sinto na obrigação de dar satisfações ao público, e de defender o ex-governador Carlos Lacerda da mentira implícita na nota, que é o gasto dos dinheiros públicos para beneficiar os seus amigos particulares.”

Naná, como os outros amigos de Lota, sentia-se consternada por ver a toda hora aquelas notícias desabonadoras nos jornais. Era inconcebível que, naquela altura da vida, Lota tivesse que gastar o seu latim para proteger sua reputação. Pela primeira vez Naná viu Lota fazer um inventário do quanto havia perdido com o Aterro. A tudo aquilo somava-se, sem dúvida, o afastamento de Bishop. Será que Lota estava passando para Bishop o reconhecimento de que queria retomar a vida tranquila em Samambaia? Naná tomou a declaração de Lota como uma indicação de que a amiga estava farta de objeções e agressões e inclinada a encerrar sua vida pública.

Lota conseguiu uma audiência com o presidente Castello Branco já em 8 de janeiro. Na viagem, foi conversando com Rachel.

– Sabe, Rachel, estou segura de que o presidente vai nos dar o apoio de que precisamos. – Lota estava com a corda toda. – Trouxe os números, ele vai ficar impressionado. Calcule que no ano passado o trenzinho transportou quase quatrocentos e cinquenta mil pessoas, fora as trinta e oito mil crianças pobres que andaram de graça. Juntando com os frequentadores da praia e dos jardins, mais de um milhão de pessoas visitaram o Parque. É um senhor número, temos que convir.

– E o que é exatamente que você espera que o presidente vá fazer?

– Apenas que dê uma chamada no Negrão, para que mande uma mensagem à Assembleia pedindo a criação de uma lei que dote a Fundação de recursos. O Negrão pode indicar, por exemplo, que 2 por cento da arrecadação da Sursan vá para a Fundação. Com isto estamos feitos.

– Mas é tão simples assim?

– No caso é, porque já existe um precedente. Um por cento da arrecadação da Sursan vai para o metrô. Seria um mecanismo precisamente igual.

Rachel se admirava de ver como Lota estava preparada para a entrevista. Seu pedido de cobertura institucional estava consubstanciado em fatos precisos. Porém, era também um fato preciso que o mar não estava para lacerdistas. Tomara, desejava Rachel, que a luminosidade de Lota penetrasse nos desvãos obscuros da política.

Agora não havia mais dúvida. Lota tinha toda a razão. Bishop não tinha a menor aptidão para o magistério. Ao final da primeira semana tinha a certeza de que teria feito melhor escolha se tivesse ido criar porcos no Himalaia. Os alunos eram fúteis e pernósticos. Não tinham sensibilidade poética. Sobretudo, não tinham *modos*. Era exasperante o tom com que se dirigiam a ela, para dizer que

sua mecha branca era bár-ba-ra ou para pontificar sandices sobre a poesia da própria Bishop. O tempo de aula era comprido demais, Bishop não tinha o que dizer, então propunha temas para serem versificados. À noite, no hotel, arrependia-se até a alma. Tinha aquele monte de trabalhos para “corrigir” e, céus, como corrigir aquilo? Bishop se amaldiçoava. Contudo, como Lota insistia em permanecer fria e desinteressada ao telefone, para ela Bishop não admitia que estava comendo o pão que o diabo amassou.

João Augusto Maia Penido, secretário de Obras, terminou de ler a carta de Lota. Aquela senhora o subestimava, sem dúvida, achando que conseguiria envolvê-lo com conversa fiada e bajulação. Maia Penido fora subchefe do gabinete civil de JK, julgava-se bem preparado para perceber atitudes ofídicas. “Venha visitar o barracão do horto, conhecer os projetos da obra que V. S. vai realizar.” Toda aquela cantilena sobre um pequeno grupo de altruístas trabalhando para que ele, Maia Penido, aparecesse, era conversa mole para boi dormir. Na verdade, Dona Lota estava procurando escapar do imbróglio que era sua invenção, a Fundação. Dona Lota falava de “vinculação” e “colaboração íntima” entre a Fundação, enquanto planejadora, e a Sursan, enquanto executora. Mas o que se propunha era uma relação esdrúxula, em que a Secretaria de Obras do Estado ficaria subordinada a uma instituição autônoma, a Fundação Parque do Flamengo, que decidiria as obras a serem executadas. Só na cabeça de Dona Lota de Macedo Soares aquilo podia ter cabimento.

Dona Lota estava mal acostumada. Recebera de presente um cargo de confiança, que não tivera que galgar, da mesma maneira que seu sobrenome lhe assegurava uma posição social pela qual não tivera que batalhar. Sempre desprezara os técnicos da Sursan. Agora que perdera a retaguarda de Lacerda, acercava-se, pretendendo aliciá-lo.

Pois é, Dona Lota, é como diz o Ibrahim, em sociedade tudo se sabe. Eu soube que a senhora andou tentando indispor o presidente Castello Branco contra mim. Tome cuidado comigo. Sua Fundação não tem um tostão furado, toda a equipe de técnicos e trabalhadores está na folha de pagamentos da Sursan. Posso perfeitamente, num ato de rotina, remanejar todo mundo e esvaziar instantaneamente sua ridícula Fundação. E aí acabou-se o que era doce.

Naquele dia Bishop estava saindo do Hall, carregando desajeitada a pasta de crocodilo, dois livros cheios de marcadores e dois envelopes pardos cheios de folhas de exercício, que não conseguira enfiar na maldita pasta.

– Oi!

– Oi – respondeu Bishop dobrando as pernas, jogando os quadris para trás e agitando as mãos como um equilibrista de bastões.

Não adiantou. Peft! Peft! Os dois livros caíram escancarados, e os pedaços de papel que serviam de marcadores se espalharam pelo chão. Que inferno, ia ter que procurar todas as páginas outra vez.

Adrienne recolheu os papéis e os livros e os colocou com toda naturalidade sob o sovaco esquerdo. Bishop ia começar a pedir desculpas e agradecer, mas Adrienne já oferecia:

– Deixe que eu levo sua pasta.

Pegou a pasta delicadamente.

– Aonde vamos?

A pergunta rolou na cabeça de Bishop. Aonde vamos?

– Onde está morando? – insistiu Adrienne.

Ah, sim. Bishop deu o nome do hotel. Foram andando.

– Prefere morar em hotel?

Bishop disse que, ao contrário, detestava. Mas as casas que tinham arranjado para ela ficavam longe da universidade e ela não

tinha carro.

– Ah, bom. Mesmo assim é um bom pedaço para se andar com este frio.

Era mesmo, pensou Bishop, reparando que estava frio.

Caminharam um pouco em silêncio.

– Escute, que tal um chocolate quente?

Bishop tinha pensado em ir para o quarto e tomar uma latinha de Metrecal, mas quando se deu conta estava sentada diante de Adrienne num lugar tranquilo, tomando um gostoso chocolate quente, enquanto a mocinha espalhava círculos e círculos de calda grossa em cima de uma panqueca.

Adrienne era muito inteligente e loquaz. Tinha 26 anos, era casada e no momento estava desempregada. Tinha um jeito persistente de olhar para Bishop que a desconcertava. Bishop, porém, procurava não deixar transparecer.

Ao se despedirem, Adrienne ofereceu-se para suavizar a vida de Bishop no que fosse possível, já que conhecia Seattle como a palma da mão. Bishop disse obrigada, muito obrigada, e subiu. Entrando no quarto, não foi correndo beber. Estava com um gosto bom de chocolate na boca.

A primeira audiência de Lota com Negrão não foi para falar sobre o Parque do Flamengo, mas sobre o Parque Lage. Lota e Rodrigo Melo Franco de Andrade foram acompanhando Lina Bo Bardi, para protestar contra a cessão, por parte do governador, de salas na mansão Lage para três entidades diferentes. Ora, o Parque Lage também tinha virado uma fundação, da qual Lina era a diretora-executiva, e Lota considerava a intervenção de Negrão um desacato.

Acontece que o secretário Maia Penido estava presente à reunião. Lá pelas tantas, Lota e o secretário começaram a se desentender a propósito da premissa de Lota de que não é

prerrogativa de um governador escolher seus auxiliares. Em pouco tempo Lota começou a gritar com Maia Penido que ele a estava perseguindo e a exigir que o governador fosse ao Parque para comprovar a veracidade de suas acusações. Maia Penido passou a gritar também. Criou-se um enorme constrangimento entre os demais. Negrão teve que usar de toda a sua diplomacia para aplacar os ânimos. A questão do Parque Lage ficou adiada. Em compensação, Lota saiu com data marcada para a visita do governador.

O bate-boca entre Lota e Maia Penido foi manchete em todos os jornais. O secretário deu várias entrevistas, explicando que Lota tinha ficado aborrecida porque três pipas d'água tinham sido retiradas do Aterro. O secretário esclareceu que, como achava que gente era mais importante do que grama, tinha levado as pipas para atender a hospitais que tinham sido danificados pela grande enchente de janeiro. Maia Penido aproveitou para afirmar que a Fundação era ilegal e que não sobreviveria sem a Sursan. Quanto à história de que Lota teria gritado com ele, Maia Penido desmentiu energicamente, dizendo que aquilo nunca poderia acontecer, porque Lota era sua subordinada.

Os telefonemas interurbanos eram muito frustrantes. A ligação costumava ser péssima, ambas passavam grande parte do tempo com hein? e o quê?, cada qual desejando que o que não se ouviu fosse o que se desejava ouvir.

Mas cada vez que retomava a palavra Lota desembestava a falar da Fundação. Bishop, magoada, punha-se a narrar seus estouvamentos pedagógicos.

– ... e como é possível que nunca tenham lido Herbert ou Donne ou Blake?... em compensação, nunca vi tanto haicai na vida... haicai... *hai-cai!*

Depois que desligavam, o abatimento.

Sozinha no seu quarto mofento, Bishop via a neve cair lá fora. Falava com seus botões. Lota, Lota, o que há de ser de nós? Abria a garrafa de bourbon e dava de beber à saudade.

Lota olhava em torno da sala. Sobre a mesinha, o livro que Bishop lhe dedicara. *Questões de viagem*. Joana se achegava, preocupada. Que é isso, D. Lota? Onde estava aquela maluca da D. Elizabetchi, meu Deus. Joana levava D. Lota para o quarto, ficava sentada no escuro, em silêncio, até ela dormir. D. Lota só dormia tomando remédio.

Todos os jornais foram convidados para cobrir a visita de Negrão ao Aterro. Dona Lota fez questão que os jornalistas acompanhassem a inspeção. Assim ficava documentado tudo o que ela ia mostrar ao governador. Depois de um certo rebuliço, governador, comitiva, diretora-executiva, fotógrafos e repórteres finalmente se aboletaram no trenzinho. Ó vicissitude das cousas! Não é que no meio do caminho o popular veículo teve um troço e não quis mais andar? Desce todo mundo! Aborrecida, Dona Lota garantia que o trenzinho, que já tinha transportado centenas de milhares de pessoas no ano anterior, jamais havia enguiçado. É o Negrão que é pé-frio, provocavam os repórteres. Negrão, que conhecia bem aquela racinha, mantinha-se sereno como um lorde, apesar da carranca dura de roer de sua anfitriã. Finalmente o mecânico deu o jeitinho, e a viagem pôde prosseguir, embora em marcha lenta.

– Não faz mal, assim o senhor vê melhor.

Enquanto o trenzinho se arrastava pelo parque, Dona Lota ia apontando os efeitos da perfídia dos novos secretários. O governador estava bastante incomodado com o sol batendo direto em sua cara, mas colocava a mão em viseira sobre os olhos e olhava. Lixo e entulho, capim crescendo na grama, árvores mortas, obras paralisadas. A cada calamidade Negrão fazia uma cara escandalizada e prometia imediatas medidas reparadoras. Escutou,

cavalheiresco, as ideias atonais de Lota sobre desburocratização e terceirização, e pediu que lhe mandasse um relatório completo sobre tudo. Despediram-se cordialmente.

Lota ficou animada com as perspectivas. Achou que já tinha a seu favor as duas autoridades máximas, o presidente da República e o governador do Estado. Faltava, porém, a força maior: o povo. Precisava trazer a população de volta para o parque. Precisava fazer alguma coisa grande, um *acontecimento*.

Numa tarde, Lota foi com Magu fazer uma vistoria nas mudas de árvores. Magu estava preocupada com a malaia *Bombax malabaricum* e a mexicana *Pseudobombax ellipticum*. Quando voltavam para o Barracão, Lota teve uma inspiração.

– Magu! Mas claro! *Claro!* As quadras de pelada! Puta que pariu, as quadras de pelada! Vamos lá, Magu, vamos lá!

E lá foi Magu trotando atrás da eureka de Lota. Chegando ao Barracão, Lota disparou:

– Fernanda, me liga *já* para o Mário Filho, do *Jornal dos Sports!*

Adrienne passou a esperar regularmente por Bishop no final das aulas. Aquilo fugia aos rígidos padrões de discrição de Bishop, mas Bishop cedia porque a solicitude e o vigor de Adrienne eram muito bem-vindos ao seu espírito naquela hora. A rotina passou a incluir um chá no quarto de Bishop.

Naquela tarde Adrienne a saudou com um sorriso ainda mais assertivo.

– Você está de casa nova.

– Como assim?

Adrienne levou-a a um apartamento nas proximidades da universidade. Era apenas um quarto e sala com banheiro e cozinha, mas Bishop adorou. Era do tamanho certo para quem não queria passar uma temporada num quarto de hotel.

– Está reservado para você.

– É ótimo, mas...

– Mas, nada. Já combinei com o pessoal. Cada um vai trazer uma tralha de casa para mobiliá-lo. Pode deixar por minha conta que cuido de tudo.

Bishop não teve que mover uma palha. Adrienne providenciou o contrato e no dia da mudança despachou Bishop para longe, para que as pessoas pudessem falar palavrão à vontade. Quando entrou triunfalmente no novo apartamento, Bishop encontrou cama, sofá, panelas, até quadros. Adrienne havia envolvido alguns alunos de Bishop no movimento e lá estavam eles, sorridentes e orgulhosos, perfilados para a revista de Bishop. Bishop se odiou por um dia ter pensado mal daqueles amores e apertou a mão de cada um com sincero reconhecimento.

Mais tarde, em sua primeira noite na casa nova, Bishop começou a experimentar o que era se sentir feliz, mesmo que só um pouquinho. Era bem melhor do que ser muito infeliz, como vivia se sentindo ultimamente. Conferiu os móveis disparatados, o gosto duvidoso. Era um ambiente acanhado, não havia cadeiras feitas sob medida, nem forrações de estilo. Mas era seu. Fora montado com generosidade e devoção. Bishop nunca fora reverenciada no Brasil. Era maravilhoso receber uma acolhida calorosa de seus alunos americanos, mesmo sendo uma professora, hum, estreante.

Tantas e tantas noites o Rio fora para ela a Antártida. Agora, sentia-se abrigada em pleno inverno de Seattle. A lembrança dos olhos vívidos de Adrienne a aquecia. Doce e inesperada Adrienne.

Venceu-me Amor, não o nego;
Tem mais força que eu assaz;
Que, como é cego e rapaz,
Dá-me porrada de cego.

AS MELALOUCAS DE LORENA

Dona Lota sempre foi pontual. Mas ultimamente dera de chegar antes da hora, de forma que ficou combinado que assim que ela aparecesse no portão Fernanda soava a campainha para avisar o pessoal. Quem estava na fresca discutindo o futebol tocava a correr e sentar na prancheta. Dona Lota chegava sempre afável, cumprimentava a todos e se dirigia para sua mesa, na sala maior, onde ficava também a mesa de reuniões. Sobre sua mesa ficava sempre uma delicadíssima jarra de cristal com um botão de rosa fresco.

Toda a equipe sabia que Dona Lota estava sob forte tensão. A visita do governador Negrão de Lima em fevereiro não tinha alterado em nada o quadro lúgubre do Parque. Os secretários mantiveram o boicote geral e houve mesmo alguns atos ostensivos de intimidação. Caminhões do Estado jogaram no parque os escombros de uma barreira que ruiu na Rua Santo Amaro, e o braço de uma pessoa soterrada emergiu, apontando tético para um céu pererento. A Limpeza Urbana passou a despejar sistematicamente entulho na área já aterrada. A imprensa começou a chamar o Aterro de Nova Sapucaia.

No entanto, Dona Lota não deixava transparecer qualquer abatimento. Ao contrário, conservava-se em surpreendente atividade. Mantinha contatos com o *Jornal dos Sports* para a realização de um Torneio de Pelada. Definia a data de estreia do teatro de marionetes. Conferia as providências de Fernanda para o coquetel de lançamento do Centro de Vela. E ainda atendia aos repórteres, que vinham perguntar se o aparecimento de um barraco significava o início da Favela do Aterro ou se ela sabia que o carioca achava que os postes do Aterro iluminavam pouco, por isso merecendo o apelido de Belo Antônio: grande, mas não é de nada. Quem não se irritaria?

Mas naquela manhã, 10 de março de 66, Dona Lota recebeu o repórter da seção "Rio de Bairro em Bairro", do *Globo*, com

compostura de monja. Queria os moradores do Flamengo na vanguarda de seu batalhão de aliados, já que, como vizinhos do Parque, seriam os mais imediatamente interessados na sua preservação. Estrategicamente, Dona Lota fez questão de ressaltar a boa vontade do governador, atribuindo a alguns secretários e à Assembleia Legislativa o abandono do Parque. Pasmassem os leitores, o Parque tinha ficado vinte e oito dias sem irrigação, visto que o Maia Penido tinha retirado os caminhões-pipa. Com isso, 60 por cento da grama tinham secado e centenas de árvores raras e caras tinham morrido, inclusive quinze melaleucas adquiridas em Larena, São Paulo. Da absoluta falta de vigilância resultavam atos de vandalismo e a invasão de desocupados. Por insânia do diretor da Limpeza Urbana, o lixo se acumulava por todo o Parque. Estava mais do que na hora de se parar com aquela falta de senso, declarou Dona Lota, concitando os flamenguenses a apoiarem o reconhecimento da Fundação.

Dona Lota ficou satisfeita com a entrevista. Só que, ao invés de melaleucas, saiu publicado melaloucas. Quem não se irritaria?

– Governador, senta aí, governador! – ordenou Dona Lota, como nos velhos tempos, puxando o Dr. Negrão pelo braço. O homem chegou atrasado e ainda ficou cumprimentando uns e outros, deixando o Almirante postado lá na frente, aguardando que ele sossegasse.

Então o almirante Saldanha da Gama pôde fazer seu discurso, enaltecendo a ideia da criação de uma Escola de Vela. Finalmente se dava atenção ao mar, exclamou ele, depois de séculos de civilização metropolitana. O próprio almirante detalhou o projeto, que ia custar um bilhão de cruzeiros. Foi muito aplaudido.

O Dr. Negrão também fez um pequeno discurso, lembrando que foi ele quem começou o Aterro, durante seu mandato como prefeito do Distrito Federal. Dias antes, o secretário Maia Penido, numa

entrevista, tinha lembrado que tinha sido *dele* a ideia do Aterro, quando presidente da Sursan.

Além de ter ocupado o noticiário, o coquetel teve outro efeito imediato. Dona Lota, com sua habitual eloquência, deixou toda a Marinha indignada com o desmazelo com que o governo do Estado estava tratando o Parque. O Aterro tinha virado reduto de vagabundos e mendigos. E não era um escândalo que eles tomassem banho justo no tanque de modelismo naval? Todos repararam que, durante a festa, diversas autoridades militares conversaram, sisudas, com Negrão.

No dia seguinte, oitenta policiais da FAB, com cães amestrados – inclusive a Tanucha, que guardava o avião presidencial, realizaram uma blitz no Aterro. Cinquenta pessoas foram presas.

Dona Lota achou que estava na hora de escrever para o Almirante. Lembrou que a Fundação *precisava ser reconhecida e receber as verbas* a que tinha direito. Era imprescindível que se tomassem providências para se ganhar aquela guerra o mais cedo possível. Explicitamente indicou que era para o Almirante e outros diretores do Clube Naval pedirem uma audiência ao presidente da República e exporem a ele o projeto, para que ele por seu turno *cobrasse* o governador.

Alguma coisa saiu errada. Parece que o Almirante estava para veleiros, e não para guerras. O fato é que o Centro de Vela, que no discurso do Almirante ia ser o Maracanã da Vela, desapareceu completamente do noticiário.

De mansinho, Adrienne foi entrando na vida de Bishop. Fazia as compras no supermercado. Batia à máquina os roteiros de aula. Ia ao banco.

Naquela tarde, no apartamento de Bishop, estavam sentadas à mesa após a refeição. Bishop tinha feito frango empanado com flocos de milho, um de seus pratos que os brasileiros adoravam.

Tinham bebido vinho tinto. Adrienne postava em Bishop um daqueles olhares. Bishop dissimulava batendo a rolha mecanicamente na mesa. Adrienne cortou o silêncio de chofre:

– Estou apaixonada.

Oh-oh.

– É? – Bishop batia a rolha na mesa.

Adrienne segurou a mão da rolha, interrompendo o movimento.

– Você *sabe* que sim.

– Adrienne,

Bishop fez uma vírgula, mas não acrescentou nada.

– Quero você.

Uma lâmina fina roçou a pele. Uma fagulha disparou doida pelo corpo.

– Olhe – Bishop queria dizer que estava de passagem, que não estava disponível, mas, zozna, disse apenas –, sou uma pessoa muito complicada.

– Minha especialidade!

A impudência sempre tinha exercido fascínio sobre Bishop. Ainda assim, tentou:

– Mas...

– Mas, nada.

Adrienne não ligava para adversativas. Levantou-se e se aproximou. Bishop sabia o que viria a seguir. Deixou.

E o dia em que apareceram aqueles brinquedos no playground no morro da Viúva?

Dona Lota saltou do Interlagos (ela agora tinha um Interlagos). Estava uma bala.

– Vamos *já* arrancar aquela geringonça de lá!

Dona Lota mandou as mães e as crianças para casa e não arredou pé até que todos os brinquedos estivessem desmontados.

Houve alguns protestos. Juntou gente assim para assistir. Vieram repórteres.

Quem foi, quem não foi o autor da façanha, Dona Lota não quis nem saber. Respondeu a um repórter que aquilo era uma ideia insensata, coisa de ignorante. Colocar gangorras e etc. entre pistas de rolamento, sem a menor proteção, num lugar onde tinham ocorrido grandes desastres, só podia ser coisa de maluco. O Grupo de Trabalho planejou dois playgrounds cercados por muro de pedra, com portaria, professores e vigilantes. Os brinquedos seriam colocados dentro desses playgrounds. Se os pais do Morro da Viúva quisessem brinquedos, que pedissem ao governador que andasse com a obra do Aterro.

Completo com o indefectível além do quê:

– Além do quê, o Parque do Flamengo é uma Fundação. Sua área foi tombada pelo Patrimônio. Nada aqui pode ser colocado sem a permissão expressa da Fundação.

O bafafá estava formado. O maluco ignorante que tinha mandado colocar os brinquedos era o diretor do Departamento de Parques e Jardins, supostamente por ordem do governador, supostamente atendendo a pedidos dos moradores do Morro da Viúva. Nada disso fez Dona Lota afrouxar. Ela era muito firme quando tinha razão. E sempre tinha razão.

Dias depois o governador afirmou estar recebendo inúmeras cartas e telegramas se queixando da retirada dos brinquedos. Dona Lota rebateu na hora. Aquelas cartas e telegramas eram fabricados. Muito mais numerosas deviam ser as reclamações contra a falta dos assentos dos balanços, a sujeira da cidade das crianças, o mau estado geral do Parque. Aproveitou para ter prazer de informar que seiscentos e dezessete clubes, totalizando nove mil jogadores, já tinham se inscrito no Torneio de Pelada.

Bishop apreciava a pontualidade. Adrienne era pontual. Por isso, Bishop estranhou seu atraso naquela tarde. O vento soprava flocos de neve para a fachada do prédio onde Bishop estava plantada. Os alunos, achava ela, a cumprimentavam com um olhar descarado. Bishop já ia se retirando quando Adrienne chegou, esbaforida. Foram arrastando o mau humor de Bishop até o apartamento. Depois de refeitas do frio e tomando um chazinho, Bishop demandou:

– E então?

Adrienne respondeu com a espontaneidade de sempre. Estava grávida.

Joana não sabia mais o que fazer. Desde o minuto em que aquela mulher abria a porta, era uma tristeza só. Sentava-se muda na poltrona favorita, de olhos fechados.

– A senhora quer uma comidinha?

– A senhora quer um chazinho?

– Quer que eu prepare um banhinho?

Não adiantava. Ela estava esperando o telefonema. Que também não ia adiantar nada, pois geralmente a ligação era horrível e ela ficava berrando em inglês coisas que Joana adivinhava.

A tristeza parecia aumentar depois. Joana tentava de tudo. Contava o que tinha ouvido no rádio, cantava, até dançar dançava.

Às vezes aquele americano ia lá, um muito simpático, o Echibraun. Não se sabe de onde, ela tirava uma cara normal e ficava parecendo só um pouco cansada. Os dois jantavam, havia uma certa cerimônia, depois ficavam conversando. Mas pouco. Logo ela se desculpava, tinha que acordar cedo no dia seguinte.

Aí dependia. Tinha noite que ficava lendo na sala. Joana ficava vendo televisão no quarto de empregada. Toda hora vinha ver como ela estava. Ela tomava remédio para dormir, muitas vezes dormia

na poltrona. Joana vinha e a carregava para o quarto. Outras vezes ia se deitar logo. Joana levava um banquinho e sentava ao lado da cama.

– Minha Joanica, querem destruir o que eu fiz. Estou numa guerra.

– Durma, D. Lota, durma.

Bishop percebia que toda vez que mencionava a Universidade de Washington Lota ficava acrimoniosa. Lota achava que Bishop estava brincando de dar aula. Não tinha paciência para ouvir os relatos interurbanos das minúsculas vitórias de Bishop sobre a insegurança. Talvez porque não pudesse admitir a possibilidade de Bishop sobreviver um só dia sem ela, Lota teimava que Bishop a enganava. Evidentemente Bishop só podia passar os dias de porre, incapaz de sair da cama para ir à universidade. Aquela história de varar as noites lendo os haicais dos alunos era lorota.

A hostilidade de Lota tornava a companhia de Adrienne cada vez mais revitalizante. Adrienne era arrebatada, característica que estava fazendo muita falta a Bishop, pois há muito tempo os arrebatamentos de Lota eram só para a Obra. Adrienne se mostrava encantada com Bishop, e manifestava isso com ardor. Às vezes Bishop abria um livro em plena aula e encontrava um bilhete cheio de insinuações. Outras vezes, Adrienne ia até o extremo oposto de Seattle para encontrar um ingrediente que Bishop queria para suas travessuras culinárias. Bishop admitiu que andava precisada dessa reafirmação de sua capacidade em interessar outra pessoa.

Passado um primeiro minuto de desagrado, a gravidez de Adrienne jamais interferiu negativamente na relação. Quando ficou visível, adquiriu uma funcionalidade: despistava.

A carta de Lota destrambelhou tudo. Desmentindo o tom impostado ao telefone, Lota escreveu uma carta desguarnecida. Pela primeira vez, depois de tantos anos, iam passar os dias de seus aniversários separadas. Era como uma amputação. Na carta não se intrometiam nem os comparsas nem os adversários de Lota na epopeia do Flamengo. A carta era só sobre Elizabeth e Lota. Lembrava detalhes de convivência saborosa, falava da nossa casa, propunha uma renovação de votos. Por artes do destino, a carta demorou mais do que o costume para chegar. Fora escrita por ocasião do aniversário de Bishop, no início de fevereiro, e já era março, quase hora do aniversário de Lota.

Quando acabou de ler, Bishop deu com o festejado par de olhos de Adrienne instalado na poltrona em frente. Que trapalhada, meu Deus. Bishop sentia-se duplamente culpada. Era uma idiota, fazia tudo errado. Como não conseguiria simplesmente evaporar, sumir-se, pediu a Adrienne que se fosse. Queria ficar sozinha.

Às cinco da manhã do dia seguinte, chamou um táxi e foi para o hospital. Achava que estava enfartando. Ficou uma semana internada. Os médicos disseram que era gripe asiática. Adrienne tomou conta dela.

Bishop precisava absolver-se. Escreveu uma carta desesperada à Dra. Baumann, querendo marcar uma consulta em Nova York, mas, enquanto isso, explicando que tinha vivido cinco anos no inferno, que estava cada vez mais difícil viver com Lota, que durante anos tinha deixado Lota mandar nela e de repente não aguentava mais, que, como não sabia protestar, ia engolindo e acumulando ressentimentos, estava deteriorando dia a dia, achou que tinha que se afastar um pouco, e realmente tinha sido uma boa ideia, ninguém em Seattle se poderia comparar a Lota, mas a tratavam muito melhor, há muito tempo não recebia tanto carinho.

NÃO TEMOS TEMPO PARA LÓGICAS

Lota estava convencida de que a sabotagem era orquestrada pelo Dr. Maia Penido, contra quem o presidente da República não havia movido uma palha. O Parque vivia ao deus-dará. Um dia Magu descobria que os aspersores tinham sido roubados, sem dúvida para serem vendidos para o ferro-velho. Aliás para o ferro-velho já tinham ido todas as tampas dos bueiros. No outro dia era a Shell que enchia os postos de enfeites e badulaques, o que era estritamente proibido, por contrato. Aliás a Shell tinha causado uma das maiores frustrações de Lota. A companhia havia ganho a concorrência para explorar os postos do Aterro porque havia se comprometido a instalar e manter uma Escolinha de Trânsito no Parque. Lota achava que a educação para o trânsito era fundamental para as crianças. O fato é que a Shell alegou que não podia repassar o dinheiro a uma fundação que estava sendo contestada. Que se decidisse primeiro de quem era o Aterro e então, sim, viriam os investimentos da Shell.

Hostilizada por todos os flancos, ainda assim Lota se recusou a recuar. Ao contrário, resolveu partir para novos ataques.

Primeiro foi o presidente, a quem dirigiu uma carta-cobrança, explicando que agora estava declarada a guerra. De um lado a Fundação, que queria assegurar ao povo sofrido alívio para sua luta diária, e de outro o governo guanabarino, capitaneado pelo Dr. Maia Penido, que queria fazer do Parque um cabide de empregos e uma mina de negociatas particulares. Que o marechal fizesse exercer, também no Rio, sua heroica política.

A seguir, foi o Dr. Alcino Salazar. Lota, diante da morosidade do Judiciário, viu que o governo da Guanabara ia dismantelar tudo antes de o Supremo se manifestar. Imperativa, escreveu para o amigo:

“Ganhar na Justiça é coisa lenta e não depende de uma palavra do presidente Castello Branco, como no caso da mensagem para a Assembleia. A lógica seria ganhar primeiro e pedir a mensagem depois. Mas não temos tempo para lógicas – o problema é mesmo ‘baixar o santo’ e tentar a lei na Assembleia já.”

Baixar o santo, suspirou o Procurador-Geral da República.

Acreditando nos reforços que seriam enviados por aqueles poderosos aliados, Lota resolveu investir contra seu primo-irmão, José Eugênio de Macedo Soares. Desde que tomara posse, o diretor da Limpeza Urbana jamais havia liberado um funcionário sequer para remover o lixo do Parque. O Dr. José Eugênio se fundamentava numa lógica: ao DLU só competia limpar logradouros públicos. Ora, não vivia Dona Lota clamando que o Parque do Flamengo era da tal Fundação? Então, a Fundação que o limpasse. Dessa vez Lota resolveu radicalizar e mandou um ultimatum ao primo: dava-lhe um prazo de oito dias para executar a limpeza do Parque. Se o prazo não fosse respeitado, a Fundação tomaria as medidas legais que achasse necessárias.

E a seguir mandou um bilhete para o Dr. Alcino Salazar: o que fazer com o DLU se não limpar as pistas do Parque em oito dias?

Abril, o mais cruel dos meses. Bishop estava próxima de um esgotamento.

Estava sendo desacatada por alguns alunos, que discordavam de suas sugestões para melhorar seus poemas, preferindo “como estava antes”. Outros garantiam que tinham feito substanciais revisões, conforme indicação dela, mas Bishop insistia em dizer que eles lhe entregavam os *mesmos* poemas. De forma geral, Bishop sentia que, excetuando um ou dois alunos, os jovens poetas a achavam um tanto exótica demais, ao pedir que versejassem sobre as coisas prosaicas que ela tirava de uma sacola de um supermercado – um garfo, um pacote de sementes, um batedor de ovos. Queriam poetar sobre algo grandioso, a dor, a loucura. Havia um, em especial, que se comprazia em fazer terrorismo em classe. Quando Bishop pediu que cada um lesse seu poema preferido, o

diabrete fez a leitura de uma tediosa lista de obscenidades pretendendo, talvez, ofender os cabelos brancos da mestra. Coitado, suspirou Bishop em português, obscena era aquela droga que eles escreviam, chamando de verso livre.

Seattle, por sua vez, revelava-se daninha à susceptibilidade de Bishop. Muita chuva, muita umidade, os ataques de asma eram constantes.

Adrienne era o bálsamo. Esperava por Bishop encharcada, com um ramallete na mão. As cartas de Lota, reclamando a presença de Bishop, transtornavam o dedal de serenidade que Bishop conseguia juntar. Bishop sentia raiva de Lota, por tê-la deixado tão vulnerável àquele novo afeto. Sentia raiva de si mesma, por estar enganando Lota. Deu de beber. Começou a faltar às aulas.

Lota não podia acreditar. Andava de um lado para outro na sala, segurando o pescoço com a mão, como se tivesse sido ferida na garganta.

A primeira página inteira do 2º caderno do *Correio da Manhã* daquela quinta-feira, 14 de abril de 66, era devotada ao Parque do Flamengo. Mas a matéria era um exercício de difamação contra Lota de Macedo Soares. Releu, pela undécima vez: "Burle Marx acusa: desmandos criarão o aterro absurdo."

Como então, Roberto vinha atirar mais pedras. Voltou à carga contra o projeto do Kelly, dizendo, espirituoso, que em vez de uma iluminação para o Aterro tinha-se um Aterro para uma iluminação. Chamou os postes de Abajurlândia. Disse que os postes gigantescos oprimiam as pessoas e que sua fealdade durante o dia nem de leve compensava a suposta luz de luar que Dona Lota tanto proclamava. Evidentemente, reinvestiu contra os playgrounds de Ethel.

De tudo a culpa era de Lota. Burle Marx afiançava aos leitores que, de uma aparente humildade inicial, Lota foi pouco a pouco se convertendo numa pequena ditadora, passando a decidir tudo

sozinha. Agora mandava e desmandava. Tendo gostado das honrarias, moveu céus e terra para permanecer no cargo. A luta pela Fundação nada mais era do que a única maneira de assegurar seu posto após o término do governo de Lacerda. Lota culpava os outros pelas imprudências e erros que cometia e procurava convencer a opinião pública de que sem ela as pobres criancinhas não teriam onde brincar, nem o povo onde se distrair. Ridicularizou Lota, dizendo que era grotesco vê-la querer se transformar numa Joana D'Arc do Aterro.

Na reportagem, Roberto Burle Marx atribuiu a si próprio a autoria do projeto geral do Aterro, embora na legenda de uma das fotos constasse que o projeto geral era de Burle Marx e Affonso Reidy. Roberto resumiu seus insultos a Lota dizendo que artisticamente aquela senhora não passava de um ovo gorado.

Lota tirou o telefone do gancho. Não ia querer receber condolências de ninguém. Roberto não tinha o colhão de lhe falar dos seus "desmandos" cara a cara. Atacava-a pelos jornais. Desembainhava a espada quando a percebia desarmada. Ai, meu coração rosna, eu solto rugidos!

Saiu na coluna da Léa Maria, no *JB*: Dona Lota agora faz seus week-ends em Petrópolis. Sobe a serra na direção de seu Interlagos com a descarga aberta e apressadíssima em chegar ao seu destino.

Mal chegava em Samambaia, Lota parava na casa de baixo. Mônica já estava de camisola. Lota não queria saber. Dava um abraço apertado na filha de Mary e dizia:

– Vamos ver as corujas, meu amor?

Mônica dava a mãozinha a Lota e iam. Mary ficava gritando:

– Lota, está na hora dela dormir! Larga ela, Lota!

Lota e Mônica nem ligavam. Iam pé ante pé surpreender as corujas, que levantavam voo quando as percebiam. Toda vez era igualzinho. Toda vez era eletrizante.

Mônica aguardava com ansiedade por aqueles momentos com a avó. Toda sexta-feira ela vinha. Às vezes nem subia para a sua casa, dormia lá mesmo. De manhã, mal acordava, Mônica corria para a cama de Lota. Ficava aninhada no seu abraço. Depois vinha a solenidade do penteado. Solto, o cabelo de Lota ia quase até a cintura. Mônica adorava penteá-lo. Com um pente grande percorria a cabeleira grisalha, que alisava com a outra mão. Depois Lota fazia um coque banana, pegava aquele pregador de que gostava tanto e tchum.

Joana entrava com uma bandeja, com ovos quentes, torrada, café. Lota sempre tomava o café na cama.

Depois do café, Lota e Mônica iam passear por Samambaia. Lota gostava de atravessar o rio para apanhar goiabas. A água era gelada. Às vezes Mônica via caranguejos enormes vindo em sua direção, mas não tinha medo, ao lado de Lota. Depois da travessia, as duas iam mato adentro, carregando cestas. Lota ia desmontando as arapucas armadas pelos moleques e libertando os passarinhos que já tivessem sido apanhados. Quando chegavam às goiabeiras, Lota segurava Mônica no colo, para que ela mesma colhesse as frutas. Era uma delícia.

Um dia, Lota comprou um vestido novo para Mônica, levou-a para o Aterro e lhe pôs um pombinho branco nas mãos. Na hora em que Mônica liberasse o pombo, estava inaugurado o teatro de marionetes. Mas quem disse que Mônica soltava o pombo? Por nada desse mundo. O bichinho era um presente da vó Lota, que ela ia levar para Samambaia. Só abriu as mãozinhas quando Lota explicou que o pombo era como aquelas aves que elas tiravam da arapuca, tinha que voar. Na semana seguinte, para desespero de Mary, o quarto de Mônica estava repleto de porquinhos-da-índia.

Lota e Naná mantinham um silêncio cinzento. Naná não se lembrava de ter visto Lota assim, a não ser no tempo em que todo

mundo falava do caso entre seu pai e Horacinho.

Naná suspirou. Como consolá-la, meu Deus. Desde o início do ano Lota tinha buscado a aliança com o poder, a começar pelo ditador, para garantir a continuidade do parque. O que Lota interpretara como aquiescência provou nada mais ser que um conveniente banho-maria. Organizados e fortalecidos, os novos donos do governo da Guanabara determinaram a orfandade do parque. Com sua vocação para a pilhéria, os cariocas já chamavam o projeto de Lota de afundação.

Não que Lota em algum momento tivesse se acomodado. Não era do seu temperamento. Ao perceber que alguns procuravam aplacar sua contumácia com diplomática falsidade, enquanto outros batiam de rijo, Lota mudou de estratégia. Articulou com o *Jornal dos Sports* aquele campeonato de pelada, que fez do Aterro manchete diária no jornal. Foi tal a repercussão do evento que o governo se viu obrigado a fazer um rush de limpeza, às vésperas do torneio, para fazer bonito perante a população. Foi uma vitória de Lota, mas fulminante e breve como a vitória numa queda de braço. Rapidamente a população ingrata se encarregou de tornar o parque mais sujo do que estava antes. Além disso, ampliou os estragos, batendo bola no gramado enquanto aguardava a vez de ocupar a quadra e estacionando os carros nos jardins. Do outro lado, os moradores da praia do Flamengo abominaram a ideia de Lota. Não se podia dormir à noite, com a gritaria dos peladeiros, pontuada por cabeludos palavrões. Lota não conseguiu impor pontualidade ao encerramento das partidas e acabou tendo que pedir que a iluminação fosse sumariamente cortada às onze horas, estivessem as partidas encerradas ou não. Ironicamente, a iniciativa, que parecia tão formidável, teve um saldo de impopularidade e desilusão que tinha levado Lota àquele desânimo.

– Pois é – disse Naná –, pois é.

– Não vou desistir, Naná.

Não é possível, pensou Naná.

– Mas Lota, o que é que você ainda pode fazer?

– O que *vou* fazer. O Primeiro Festival de Teatro de Marionetes e Fantoques do Rio de Janeiro. Já pedi o apoio da Bárbara Heliodora, do Serviço Nacional de Teatro. Ah, e o Ministério da Agricultura quer instalar um posto de meteorologia no parque, vamos instalar.

– Mas Lota, isso consta do projeto tombado?

– Não, mas vou pedir permissão ao Patrimônio, por que não? – elucidou Lota, sem tempo para lógicas. – E também estou pensando em trazer a Sinfônica do Municipal para um concerto na pista de dança.

Será a teimosia uma virtude?, cogitava Naná.

– Dona Lota, telefone.

– Quem é?

– É o Dr. Negrão.

Negrão estava muito nervoso. O tenente-brigadeiro Nelson Freire Lavanere-Wanderley, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, estava uma arara. Lota tinha mandado retirar um painel sobre o serviço militar obrigatório que o Estado-Maior tinha colocado perto do monumento dos Pracinhos.

– Não se aborreça, governador, que sairemos desta. Pode deixar, que vou tratar do problema com toda doçura e diplomacia. Não, não se preocupe. As Forças Armadas vão ser as primeiras a querer cumprir a lei, e a lei diz que em área tombada não se pode colocar cartazes. É lei federal, governador. Fique tranquilo. Sim, eu faço o ofício. Hoje mesmo. Passe bem.

Se ele ficasse tão aflito assim com a imundície do Aterro.

Lota escreveu o ofício citando o artigo da lei que desautorizava a placa. Depois escreveu para a Cia. Antarctica Paulista pedindo que oferecesse os prêmios para o festival de marionetes. Escreveu para o presidente da Philips pedindo ábuns de fotos para Richard Kelly, nos quais estivesse escrito em inglês que a Philips tinha

doado as luminárias não ao Parque, mas à *Fundação* Parque do Flamengo. Escreveu para D. Yolanda Costa e Silva convidando-a a visitar o Parque. Chamou Fernanda, entregou as cartas para bater e pediu que mandasse buscar um milk-shake de chocolate no Bob's.

Em junho encerrou-se o expediente letivo de Bishop.

O diretor do Departamento recebeu alguns alunos, queixosos da qualidade da assistência de Bishop, bem como das notas que ela lhes havia atribuído. A todos o diretor pediu tolerância. Miss Bishop estava passando por um momento difícil, com muitos problemas de saúde. Alergia. Asma.

Os professores do Departamento, por sua vez, se ressentiam de nunca terem sido "colegas" da louvaminhada autora. Bishop se comportava como se tivesse esperado encontrar a fina flor da Academia dos Poetas Americanos na Universidade de Washington. Seu desapontamento se manifestava na depreciação sardônica dos estudantes e numa indiferença glacial para com a corriola docente. A única pessoa com quem Bishop parecia ter conseguido se associar vagamente fora o também poeta-visitante Henry Reed, autor do muito antologiado poema em que o pensamento de um recruta vagueia por camélias e abelhas, enquanto o sargento dá instruções sobre as partes de uma arma. Como Bishop, Reed tinha um humor cáustico, potencializado quando em estado etílico. Nos seus piores momentos, formavam uma dupla mesquinha.

Bishop achava que não deixava saudades, mesmo. Seattle tinha sido um intervalo. Uma outra cidade de passagem. Seu lugar ainda era o Brasil. Ou pelo menos no Brasil.

Procurava se animar para a volta. A Fundação Rockefeller lhe concedera uma bolsa de 12 mil dólares para escrever um livro de crônicas de viagens no Brasil. Seria a concretização de um sonho antigo: viajar bastante, conhecer pormenores do território brasileiro e aproveitar editorialmente suas anotações de viagem. Bishop

sempre apreciara livros de relatos de viajantes, como Darwin e Burton. Com a dificuldade que vinha encontrando para escrever poesia – rigorosamente nada em Seattle – o projeto era uma diretriz segura para retomar sua produção literária. Também seria um consistente motivo para se esquivar da turbulência do Rio, se Lota insistisse em permanecer nela.

Lota! Bishop afligia-se.

Havia Adrienne. Adrienne sempre soubera de Lota. Sempre ficara tácito que Bishop ia voltar para Lota. Mas agora que o momento tinha chegado, Bishop estava achando tudo complicado e ambíguo. Não queria perder Lota, mas também não queria perder Adrienne.

Bishop resolveu protelar seu regresso. Avisou que estava esgotada e ia tirar uns dias para descansar. Foi com Adrienne para as Ilhas San Juan, perto da Ilha de Vancouver. Leram, passearam pela praia e combinaram manter correspondência, via Ouro Preto.

Bishop voltou para o Rio em 4 de julho.

O MAFUÁ

Os jornais começaram a dar grande destaque para as mortes por atropelamento no Aterro. O volume de tráfego na hora do rush chegava a 7 mil veículos. Era impossível atravessar as pistas. Desde o governo de Lacerda, Lota se batia em vão para que fosse instalada a sinalização para a travessia de pedestres. Muitos pintacudos que tentavam atravessar eram vítimas de acidentes. Como providência, Negrão mandou que fossem colocados biombos para cobrir os cadáveres expostos.

Foi então que a família Marinho, do jornal *O Globo*, endereçou um pedido à Fundação para que cedesse uma pequena área do Aterro onde seria instalado um parque de diversões, cuja renda reverteria para a Campanha "Ajude uma Criança a Estudar". Lota achou que a cessão teria uma finalidade meritória, e também que seria uma forma de promover uma ocupação organizada de uma área que se encontrava abandonada. Autorizou, então, a instalação do parquinho no pedaço do Aterro que ficava na altura do Morro da Viúva, o qual ainda não tinha sido urbanizado.

No dia 14 de julho de 66 *O Globo* anunciou que estava para ser instalado no Parque do Flamengo o *maior parque de diversões do Brasil*. Lota ficou contente. Finalmente os jornais iam ter alguma coisa boa para noticiar sobre o Parque.

Chegaram os caminhões com os brinquedos e começaram a ser levantadas as primeiras barracas de atrações. Aí deu-se a melódia.

Os jornais denunciaram o péssimo estado do equipamento e a chinfrinada que eram as barracas. É um monstrengo, disse um. É um ferro-velho, apoiou o outro. É tétrico, é antiestético, é um escárnio, ecoaram todos.

Lota caiu das nuvens. Não lhe tinha ocorrido que precisaria ter conferido a qualidade do bendito parquinho antes de permitir sua instalação, o pedido tendo vindo de quem veio. Mas as fotos que os jornais estavam publicando eram de arrepiar. Maldição!

Ao mesmo tempo, levantou-se a impropriedade do local escolhido. As inocentes crianças, atraídas pelos brinquedos, correriam risco de vida tentando atravessar as pistas de alta velocidade. Será um morticínio, vaticinou o *Correio da Manhã*. É o playground do diabo, apelidou a *Gazeta de Notícias*.

Lota ficou numa posição muito desconfortável para defender a localização do parque de diversões, visto que ela própria tinha feito um sururu quando o diretor de Parques e Jardins quis instalar ali umas gangorras e balanços. Na ocasião, como bem se recordava o diretor, Lota disse que só um louco ou ignorante faria uma coisa daquelas.

As críticas choviam. As barracas eram armadilhas para jogos de azar. O material estava quase todo enferrujado. Os barracos construídos para residência dos funcionários do parquinho formavam uma favela no Aterro.

Finalmente, para amargura de Lota, a imprensa decidiu rotular o parquinho de "o mafuá".

Para os adversários de Lota, caiu a sopa no mel. Rapidamente Maia Penido ressaltou que foi a Fundação que concedeu a autorização para o mafuá, que a Sursan nem foi consultada, e que pessoalmente era contrário, devido à proximidade das pistas de alta velocidade. O deputado MacDowell Leite de Castro abriu uma campanha de rejeição pública ao mafuá. O Lions Clube do Morro da Viúva admirou-se que D. Lota de Macedo Soares tivesse aprovado a instalação daquela monstruosidade, que desfigurava a paisagem e desrespeitava a destinação do Aterro.

Lota suspeitava que o noticiário estivesse sendo fomentado pelo proprietário de um parque na zona sul, que se sentia prejudicado com o concorrente no Aterro. De qualquer forma, a turma do Negrão tinha tirado um belo partido da situação.

Finalmente, um editorial pediu ao governador o imediato embargo do mafuá, alegando que não era justo que a Fundação consentisse na destruição de um patrimônio que não era seu, mas

de todos os cariocas, que já tinham pago dez bilhões de cruzeiros pelo Parque do Flamengo.

Lota viu a floresta andar.

Quando Bishop chegou, foram para Samambaia. Não foi bom. A comunicação estava emperrada e Bishop achava que Lota estava ressentida com sua sobrevivência. Era proibido falar de Seattle. O assunto de Lota eram ciladas e traições.

Bishop não estava há duas semanas no Brasil quando se deu o mafuá. Bishop assistia Lota recusar o inevitável, empinando e resfolegando como um cavalo que não quer se deixar laçar.

– Lota, esse parque está *matando* você. Por que não larga tudo de uma vez?

– Imagine que você estivesse escrevendo um poema e sua editora fosse vendida. Vem o novo dono e lhe diz que o poema vai ser terminado por uma outra pessoa, indicada por ele. Pois o Parque do Flamengo é o meu poema.

Bishop não sabia como encorajá-la, não sabia como demovê-la. Quando Lota foi para o Rio, Bishop permaneceu no inverno de Samambaia.

Apesar de tudo, Lota achou que a Fundação devia manter a concessão e desmentir as notícias, tachando-as de pasquinadas. Como estava com os nervos à flor da pele, pediu a Hélio Mamede que falasse com a imprensa.

Muito sereno, Mamede disse que estava havendo muita onda. Sobre o perigo de atropelamento, disse ser quase impossível, pois existia uma passagem subterrânea. Em relação ao mau estado de conservação dos aparelhos, disse que todos passariam por revisão e seriam pintados. Disse também que não via mal em os empregados do parquinho morarem em barracos, porque a Fundação também estava instalada num barraco.

No dia 22 de julho, Lota foi assistir às filmagens de *Nick Carter contra Lady List*. A cena em que Richard Wyler levanta voo de helicóptero estava sendo rodada no Aterro. Abordada por um repórter sobre o mafuá, Lota admitiu que a localização não era mesmo ideal, mas que era preferível ocupar a área com um parque do que deixá-la entregue a vagabundos e meretrizes. Quanto à estética, alegou que não se podia exigir de um parque provisório o mesmo nível imposto às áreas permanentes do Aterro. Insistiu em que havia uma passagem subterrânea de acesso ao parquinho e que os brinquedos estariam cercados por uma grade de proteção. E completou, ácida:

– Se alguém quiser morrer assim mesmo, isso não é problema meu.

Não foi uma declaração simpática. Cessa a prudência quando lhe falta paciência, já dizia o Marquês de Maricá. No dia seguinte, Negrão interditou o parque.

A interdição, supostamente, era para que fosse apurada a denúncia do delegado de Diversões de que a montagem tinha sido feita clandestinamente, sem que tivesse sido solicitada licença para a obra. Que obra?, ponderou Hélio Mamede. Tratava-se apenas de uma montagem de aparelhos de recreação. A Fundação resolveu, então, divulgar uma nota em seis itens, esclarecendo que a ocupação pelo parque de diversões evitava o inconveniente maior de o Aterro ser ocupado pelo lixo, aí se incluindo prostitutas e marginais.

Cinco dias depois, sem motivo aparente, Negrão voltou atrás e liberou a montagem do parque de diversões. Lota considerou-se vitoriosa. Fez advertência pública de que o governador não tinha mesmo apoio legal para impedir que a Fundação montasse um parque no Aterro. E mandou nova carta aos jornais, justificando a posição da Fundação.

No dia seguinte, 29 de julho de 66, foi cassada a liminar da Fundação.

“Dona Lota não manda!” – proclamou a manchete da *Gazeta de Notícias*.

Bishop ligava diariamente para Lilli. Perguntava sobre a restauração da casa, perguntava se havia chegado correspondência para ela. Queria ir para Ouro Preto, Lilli, mas Lota estava sendo martirizada. Não tinha coragem de abandoná-la naquela situação, embora não conseguisse fazer nada para atenuá-la. Bem que queria, mas não sabia como.

Finalmente, no comecinho de agosto Lilli avisou que tinha chegado carta. Bishop pediu para que Lilli abrisse e lesse. Lilli abriu e começou:

– *Kisses, kisses all over.*

Lilli não gostou nada daquilo. Não estava disposta a ficar no telefone lendo aquele tipo de coisa. Ia mandar a carta para o Rio e Bishop que lesse. Não! Não! Para cá não! Por favor, Lilli. Estava mesmo precisando tratar da reforma da casa, iria até Ouro Preto.

No dia seguinte, Bishop pegou o ônibus e foi.

Como era de se esperar, o governo armou o xeque-mate. A Secretaria de Obras designou três engenheiros para uma vistoria no playground do diabo. Lota já sabia que o laudo ia ser condenatório, mas não se conformava com os argumentos oferecidos. Os técnicos diziam que o parque *induzia* a travessia das duas pistas de alta velocidade, em que pesasse a existência nas proximidades de uma passagem subterrânea de *duvidosa eficiência*.

Lota sabia que contra-argumentar era carregar água em peneira, mas jamais conseguiria ficar calada. Escreveu ao governador:

“Ora, essa passagem de duvidosa eficiência *foi feita pela própria Sursan*, tem quatorze metros de largura e está servindo há mais de dois anos a milhares de pessoas. É *idêntica* às outras duas

passagens subterrâneas para o Aterro, que têm, portanto, que ser igualmente condenadas.”

A seguir, endereçou um ofício à Campanha “Ajude uma Criança a Estudar”. Estava retirando a cessão da área no Morro da Viúva porque a comissão de vistoria da Sursan não encontrara nas instalações do futuro parque de diversões a necessária segurança para o seu funcionamento.

Depois escreveu uma carta para o presidente do Conselho da Fundação, Rodrigo Melo Franco de Andrade, pedindo que a substituísse na Direção Executiva por vinte dias. Por ordens médicas, ia guardar repouso.

Houve muita tristeza no Barracão. O que estava acontecendo com Dona Lota não era justo. Pois não é que a Assembleia, animada com a cassação da liminar, decidiu não esperar pelo julgamento do mandado de segurança impetrado pela Fundação? Os deputados confirmaram o projeto de dezembro que revogava o decreto de Lacerda e promulgaram a lei 1.045, extinguindo a Fundação.

De nada adiantou que o advogado da Fundação tivesse bradado que os motivos dos deputados eram subalternos e de ordem partidária. O fato é que no dia 20 de agosto de 66 a Assembleia determinou que não havia mais Fundação.

Dona Lota reuniu os funcionários e disse que estava entregando o caso aos advogados. Ia se afastar por uns dias, porque estava cansada e com a saúde abalada. Pediu a todos que se mantivessem em seus postos, porque as coisas não estavam decididas ainda. Foi embora muito triste.

Lota foi para Ouro Preto.

Lilli não tinha muita informação sobre o que estava se passando no Rio, visto que tudo o que Bishop sabia dizer é que estava uma mixórdia, *a mess*. Viu que Lota chegou abatida, irreconhecível

mesmo, muito diferente da pessoa fulgurante a que Lilli estava acostumada. No entanto, Lota evitava falar sobre as questões do Aterro, fechando-se em copas. Era evidente, porém, que havia desenvolvido uma beligerância em relação a Bishop. Lilli havia convivido com as duas ao longo dos anos e testemunhado os mimos, a proteção quase maternal de Lota em relação a Bishop. Agora o tom de Lota era irritadiço, cheio de impaciência para com o jeito furtivo de Bishop. Lota não engolia a história da casa.

Numa manhã Lota e Lilli saíram de carro. Lota estava calada. Tinha recebido um telefonema ruim. Lilli tinha observado a cena a uma distância delicada, e vira que Bishop tampava ambos os ouvidos com as mãos quando Lota berrava. Que pena, duas mulheres fabulosas, duas inteligências extraordinárias, duas pessoas que se amavam muito, se dilacerando daquela forma.

Lilli também se mantinha em silêncio. De repente, não se sabe de onde, surgiu aquele fusquinha. Lota deu uma guinada violenta. Lilli viu o mundo cambalhotar e sentiu o lampejo de uma dor no pescoço. Quando abriu os olhos viu que ela e Lota estavam bisonhamente comprimidas entre a capota e o piso do carro, a cabeça para baixo e as pernas para cima. Lilli queria livrar os ombros e a cabeça do peso do corpo, mas era difícil, no espaço do Interlagos. Lota parecia atordoada. Socorro, Socorro, Lilli ficou repetindo até que umas botinas se aproximaram e uma cabeça disforme se confrontou com a sua. Retiradas do carro, verificaram aliviadas que não estavam feridas. Exceto no amor-próprio de Lota, que não aceitava o ocorrido. Uma das coisas de que se orgulhava era a de ser uma esplêndida motorista e de nunca ter tido um acidente na vida.

Rept! A cortina foi escancarada com violência.

– Elizabeth! O que significa *isto*?

Lota brandia uma folha de papel. Um frio entrou pela porta aberta, arrepiando o corpo nu de Bishop. Que droga, estava tomando banho! Pelo menos no banheiro a privacidade de uma pessoa devia ser respeitada.

– Responda! O que é isto?

Era medonho ser achacada daquela maneira, debaixo do chuveiro. Bishop fechou a torneira, saiu e se enrolou numa toalha. Tremia.

– Isto o quê?

– Elizabeth, não se faça de idiota! De quem é esta carta?

Bishop tinha tomado todas as precauções para que aquilo jamais pudesse acontecer. Como a carta teria ido parar nas mãos de Lota? Como? Como? Bishop olhava desinspirada para a folha de papel onde estava escrito a mão, de alto a baixo, *I love you, I love you, I love you, I love you, I love you...*

– Lota, você está vendo que isso aí é uma bobagem.

– Quem escreveu?

– É uma dessas paixonites bobas de aluna por professora. Não tem a menor importância.

– Quem escreveu!

– A carta não está assinada, está? Como é que vou saber quem escreveu?

– Lógica sagaz da mentira.

Durante um instante permaneceram assim, patéticas, Lota com a carta aberta na mão, Bishop abraçada à toalha.

Os olhos de Lota estavam cheios de fúria e incredulidade, mas Bishop contestava-os com o azul gelado dos seus.

De repente, Lota deu meia-volta e saiu, batendo a porta com toda força na cara de Bishop estatelada nua no meio do banheiro.

Sem aviso prévio à hospedeira, Lota e Bishop meteram as malas no carro, deram um adeus desenxavido a Lilli e partiram.

Lota impôs um silêncio punitivo durante todo o trajeto. Foram direto para Samambaia e lá Bishop foi direto para o estúdio. Sentia-se atordoada como um pássaro que se choca contra a vidraça.

Ciente de que não tinha com quem contar, naquele momento, sendo as pessoas que chamava de amigos na verdade amigos de Lota, decidiu recorrer à Dra. Baumann. Pediu-lhe que escrevesse a Lota aconselhando, não, prescrevendo uma viagem de férias. Era a única saída.

O mato tinha tomado conta do terreno junto à piscina, onde antes havia uma horta. O mato cresceu ao redor, ao redor. Bishop podia ouvir a voz afinada de Edileusa cantando "A linda rosa juvenil". O que foi feito dela? O que foi feito de nós?

SÓIS SE PÕEM

Não pretendo ficar me torturando, nem a ti.
Por que insistes em perguntar? Não hás de me convencer a falar.
Não, não falarei. Esbraveja à vontade.
Que coisa terrível é saber a verdade, quando a verdade não traz alívio.
Tu me forçaste a falar. Eu não queria.
(Tirésias ao ser pressionado por Édipo a falar.)

- Quero a verdade! – Lota exigia.

Bishop usou os subterfúgios e as delongas que os que enganam usam, mas acabou admitindo a existência de Adrienne.

– Quer dizer que enquanto eu estava aqui *no inferno*, no momento mais difícil de minha vida, você estava indo para a cama com uma garotinha!

Bishop contestou. Não era tão simples (nem tão feio) assim. Adrienne fora um abrigo. Mais que isso, Bishop estava perdida e exausta como uma náufraga, e Adrienne...

– Chega! Chega!

Lota se dobrava para a frente, abraçada a si mesma. Bishop comprimia as mãos contra a boca. Aço frio de um punhal é o irremediável.

Depois de quinze anos, quem se aproximou, abraçou e propôs uma saída foi Bishop. Lota era o amor de sua vida. Não podia imaginar a vida sem Lota. Deviam sair dali, ir para longe, as coisas haviam de se consertar.

Lota mal ouvia, a dor ganindo.

Lota começou a ter crises de labirintite. Bishop voltou a beber pesado.

Lota chegava no Aterro de táxi e perceptivelmente cambaleava até o Barracão. Aos funcionários apreensivos disse que eram

sequelas de um acidente de automóvel em Ouro Preto.

Embora vacilante, Lota voltou a despachar no Barracão. Quando uma empresa particular anunciou fartamente que ia fazer no Aterro um Festival Nacional da Criança, sem que a Fundação fosse consultada, Lota determinou que o advogado interpelasse o governador.

Negrão decidiu abreviar aquela agonia. Atendendo ao disposto na lei 1.045, que declarou extinta a Fundação, assinou decreto passando sumariamente tudo o que era da Fundação para a Sursan.

Lota cedeu, então, aos apelos de Bishop. Afastou-se "para gozo de férias" e no dia 23 de outubro embarcou com Bishop para a Europa. As coisas haviam de se consertar.

Enquanto Lacerda se aliava aos seus archi-inimigos Jango e JK e publicava na *Tribuna da Imprensa* o manifesto da Frente Ampla, Lota se esforçava por achar graça em perambular pela Holanda.

De Amsterdã foram para Londres, para uma exposição de Kit Barker, amigo de Bishop. Lota e Kit gostaram muito um do outro. Mas Lota parecia estar com problemas sérios de equilíbrio. E achava defeito em tudo o que via em Londres, reclamava muito. Uma vez Bishop foi passar o dia sozinha com Kit e sua mulher Ilse. Foi muito agradável, e os Barker acharam que Bishop parecia aliviada em poder ficar longe das vistas de Lota.

Lota e Bishop acabaram tendo que antecipar seu retorno ao Brasil para o início de novembro. Magu foi apanhá-las no aeroporto. Lota estava tendo um colapso nervoso e precisava de tratamento médico, explicou Bishop.

– Aí é que foi rabo de foguete.

Joana conversava com Ismênia, que havia chegado de Washington e tinha sido surpreendida com a notícia de que Lota estava internada.

– D. Lota estava indo no psiquiatra, mas não estava adiantando nada. Teve que ser internada. Levou choque, foi horrível. D. Elizabetchi bebendo, bebendo de cair. D. Meire é que teve que vir para ficar com D. Lota. Dorme no hospital, coitada.

– Mas o que é que Lota tem?

– Nervoso.

Ismênia olhava para Joana, calada.

– Agora minha vida é ir para aquele hospital. Ou a senhora pensa que D. Lota come comida de hospital? Mas não mesmo. Eu é que levo a comida daqui de casa. E ela é fricotenta em outras coisas também. Os lençóis têm que levar daqui de casa. De repente toca o telefone: minha Joanica, quero que você venha lavar minha cabeça agora. Eu fico doida. D. Elizabetchi passando mal. D. Meire na cidade. Ela chamando. O que é que eu faço, meu Deus. A senhora não imagina a correria.

Ismênia ficou muito preocupada. O que estaria acontecendo com Lota? Precisava falar com as meninas.

Passou o Natal, passou o Ano-Novo e Ismênia não tinha conseguido ver Lota. Ligou outra vez para Joana.

– Pois é, ela foi internada novamente. Olha, fala aqui com D. Meire.

Mary explicou que infelizmente Lota teve que tomar nova dose de choques de insulina.

– Mas isso é uma coisa muito violenta, não é? Por que ela está tomando choques?

– Está com depressão profunda. Não há outro tratamento.

– E Elizabeth?

– Internada, também. Para desintoxicação.

– Que situação, meu Deus.

Mary Morse que o dissesse. Tinha que se desdobrar para atender as duas. Era complicado, pois Mary já tinha adotado três

meninas. E os custos do tratamento de Lota eram altíssimos. Para economizar a taxa do acompanhante, Mary dormia no chão.

Lota permaneceu no hospital durante janeiro e fevereiro de 67.

No final de janeiro, Bishop combinou com Lilli descerem de gaiola o rio São Francisco. Bishop foi para Ouro Preto mas passou mal e Lilli a trouxe de volta ao Rio, para nova internação.

Em março tanto Lota quanto Bishop foram liberadas. Ambas se sentiam bem melhor. Foram para Samambaia, para ser como nos velhos tempos.

Imediatamente Bishop se instalou no estúdio e começou a escrever. Ah, era bom. Há quanto tempo não dispunha daquela tranquilidade para criar. Aos poucos foram aparecendo no papel estranhos personagens, animais que falavam de dissimulação e extravio. Um era um sapo gigante, que anunciava que as protuberâncias em suas costas não eram músculos, mas bolsas de veneno que se expandiam como asas. Sou um anjo mau disfarçado, avisava ele, cuidado. Depois vinha o caramujo gigante. O caramujo procurava dar a impressão de que se locomovia com facilidade, quando na verdade cada movimento implicava um máximo esforço de vontade. Tinha um lema: bater em retirada é sempre o melhor. Finalmente Bishop criou o caranguejo desgarrado. O texto ia fluindo, um poema em prosa:

Esta não é minha casa. Como fui parar tão longe da água?
Acredito na obliquidade, na abordagem indireta, e não revelo meus sentimentos.

Mas nesta superfície estranha e polida faço barulho demais.
Não fui feito para isso. Se eu fizer algumas manobras e mantiver vigilância afiada, tornarei a encontrar meu poço.
Cuidado com minha pinça direita, você aí que vai passando!

Enquanto Bishop varava os dias enfurnada no estúdio, em surto criativo, Lota permanecia imóvel. Era um bicho extraviado, como os que estavam surgindo no papel de Bishop. A casa, a rocha, a mata haviam perdido o nexo, e os olhos nublados de Lota vagueavam sem ânimo por Samambaia.

Duas vezes por semana tinham que descer ao Rio, para as sessões de psicanálise de Lota com o Dr. Décio de Souza. Isso picotava a semana e implicava grande esforço físico para Lota, que tinha voltado a dirigir. Lota não arrumava mais grandes buquês de flores do campo, não queria mais ler. Seus silêncios pesados exprimiam o mais cruel dos interrogativos: para quê? Quando falava era para recriminar Bishop pelas "besteiras" que tinha feito em Seattle e por se recusar a tomar Antabuse, preferindo continuar a ser uma alcoólatra. Se remédio resolvesse problemas assim, pensava Bishop, com as caixas e caixas de remédio que estava tomando Lota já tinha que ter parado de acordar chorando todos os dias e de ser aquela pilha de nervos.

Mas, para Lota, Bishop não revelava seus sentimentos. Revelava-os à Dra. Baumann e aos amigos, a quem escrevia cartas exaltadas, defendendo-se, explicando que tinha vivido com Lota os dez anos mais felizes de sua vida, mas que os últimos cinco anos tinham sido o inferno. E que embora se sentisse culpada em querer se afastar de Lota, sua presença junto a ela era uma inutilidade. Bishop cogitava ir para Nova York.

Em maio de 67 José Eduardo de Macedo Soares morreu. Lota caiu em desespero. Lota e o pai passaram a vida se atritando, se admirando, se detestando e se querendo, como costuma acontecer com dois temperamentos ardentes e explosivos. Lota se orgulhava do destemor do pai. Guardava o chapéu furado a bala, prova dos riscos que ele corria para defender suas posições. Sentada no

quarto do apartamento, Lota recordava a manhã em que levou o pai para visitar o Aterro. O senador estava preso a uma cadeira de rodas, mas mantinha-se altivo. Lota queria que se orgulhasse dela, mostrava detalhes. Não brigaram, mas não foi dito tudo o que havia a dizer. Agora não havia mais tempo. Pai! Uma lágrima armou-se, consistente. Lota fechou os olhos. Queria ficar no escuro.

Bishop resolveu não adiar mais sua viagem pelo São Francisco. Estava recebendo para escrever um livro de ensaios sobre o Brasil e já era fim de maio e não tinha feito nada. Foi conversar com o Dr. Décio sobre uma eventual repercussão negativa de seu afastamento, já que a depressão de Lota tinha recrudescido. O médico achou que, ao contrário, o afastamento era até desejável. Orientou-a, no entanto, a viajar sozinha. A companhia de Lilli despertaria os ciúmes e a insegurança de Lota.

Bishop foi e gostou de ter ido. Os padecimentos dos últimos tempos ficaram para trás. Diligentemente, Bishop tomava notas, na certeza de que o material que estava coligindo interessaria a alguma revista americana. Por exemplo, ao se iniciar a viagem havia um grande número de animais a bordo. À proporção que passavam os dias, as galinhas e porcos iam diminuindo. Bishop constatou que eram abatidos e era deles a carne que os passageiros comiam. Isso para o leitor americano seria, sem dúvida, exótico. Bishop ficou impressionada com a miséria da região, mas, depois dos aborrecimentos com o texto sobre o Rio, temerosa em abordá-la. De qualquer maneira, a experiência serviu para atenuar os sentimentos de culpa de Bishop. Aquela era mesmo uma viagem que teria que fazer sozinha. Lota teria odiado cada minuto.

Quando Bishop voltou ao Rio, estava armado novo salseiro. Tinha chegado carta de Adrienne. Lota estava completamente fora de si:

– Elizabeth, você não está pensando em trazer essa mulher aqui!

Bishop não sabia o que Adrienne poderia ter escrito. Não tinha lido a carta! Era uma droga aquilo tudo. Uma coisa estava clara: Bishop não queria mais ficar naquela situação. Não queria mais a vida daquele jeito. Diante do olhar preocupado de Joana, abriu a porta e saiu.

O Dr. Décio chamou Bishop ao consultório. Lota estava péssima. Bishop fazia mal a Lota, disse ele, duramente.

Um ano após seu regresso ao Brasil, Bishop tomou um avião de volta para os Estados Unidos. *Domum reditionis spe sublata*. Perdidas as esperanças, de volta ao lar. Estava indo para Nova York, para o estúdio de Laren MacIver, o mesmo em que ela e Lota haviam ficado em 61. Houve um momento em que realmente escolhi tudo isso? Não lembro, mas deve ter havido, considerava Bishop, movendo os olhos pelo minúsculo apartamento, empoeirado e com cheiro de mofo, fechado há dois anos.

Com a nova partida de Bishop, outra vez restou Joana. Joana se condoía com o estado da patroa. Depois que D. Lota saiu do hospital, deixou de ser alegre. Sempre triste. Mas depois que D. Elizabeth foi embora, então, as lágrimas vinham de toró. Tomava muito remédio, ficava esmorecida. Não saía mais da cama. Joana levava o banquinho, sentava perto. Jamais sentou nem na cama nem na cadeira de D. Lota. Uma pessoa que se preza sabe o seu lugar. Joana sabia entrar e sabia sair. Do banquinho, vigiava, animava, escutava. Ficamos só nós duas sozinhas, minha Joaninha. Mas eu vou lá buscar ela. Eu também vou para os Estados Unidos.

Os dias custavam a passar. Lota telefonava para Magu, pedia que fosse ficar com ela. Estou muito desesperada, Magu. Esta vida não vale nada.

À noite falava com Naná, com Rachel. Estava ferida. Elizabeth estava certa ao dizer que viver no Brasil tinha ficado insustentável. Queria ir para Nova York, mas tinha medo de encontrar aquela menina lá.

Ashley Brown também visitava Lota. Achava-a sempre muito triste e cansada. Quando Ashley foi para Nova York, Lota pediu-lhe que levasse umas roupas de inverno para Bishop. Ashley passou uma semana com Bishop. Achou-a bem-disposta. Numa noite foram a uma discoteca, em outra, jantar num restaurante espanhol.

Os advogados encarregados de entrar com novo mandado de segurança contra a decisão da Assembleia alegavam que faltavam documentos e dados para que pudessem elaborar um memorial do Parque do Flamengo que consubstanciasse a ação. Lota chamou Rosy Peixoto para que coordenasse a organização do material. Rosy tinha sido contratada por Lota para planejar as bibliotecas, no tempo em que acreditava que ia haver bibliotecas no Aterro.

Inopinadamente, Lota saiu de seu acabrunhamento. As coisas não iam ficar assim. Elsie Lessa encontrou-a no seu conversível esporte, com um desembarço de corredor profissional, na Avenida Atlântica.

– Você manda uma brasa firme no volante, hein?

– Se você soubesse o que escuto atrás deste volante... “Vovó barra-limpa” é dos que posso repetir...

Lota conseguiu uma audiência com D. Yolanda Costa e Silva. Enaltecendo a boa vontade e o bom humor da primeira-dama, endereçou-lhe um arrazoado em defesa da Fundação. Aproveitou para nomear o Parque do Flamengo mais um agente na luta contra o comunismo, na medida em que era um lugar onde o adolescente poderia gastar suas energias de maneira sã e educativa, em vez de ficar fazendo conspirações e arruaças. Assinou e datou: 18 de agosto de 1967.

Na mesma data Lota assinou um outro documento de algumas páginas: seu testamento. Repartia minuciosamente suas obras de arte entre os amigos. Para Lilli deixava a estátua de São Francisco Xavier, para Rachel a estátua de São Benedito, para Oscar Simon a santa de Samambaia, N. S. da Conceição "ou lá como chamem ela", e por aí afora, uma lembrança para cada amigo. Assegurava a Joana uma pensão de dois salários mínimos até o fim de seus dias. Legava ao sobrinho Flávio todos os bens que pertenceram à família, a espada do pai José Eduardo, a pia cor-de-rosa do Visconde de Itaboraí, os talheres com as iniciais M.S. Bishop ficava com o apartamento do Leme. Samambaia, a casa e as terras, ficava para Mary Morse, que também era nomeada testamenteira. Para a irmã Marieta, deixava um pato chinês.

Em setembro Lota resolveu que ia ao encontro de Bishop, contrariando as ordens médicas. O Dr. Décio achava que Lota estava sem condições para viajar. Todas as amigas, Naná, Vivinha, Rosinha, Magu, Rachel, Ismênia, uma por uma e em coro pediram: Lota, não vá!

Inútil. Lota tinha decidido. Joana arrumou muitas malas. D. Lota disse que ia ficar fora uns dois meses e depois voltaria com D. Elizabetchi.

Às vésperas da viagem, Rosy foi levar a grande pasta com a documentação sobre o Aterro. Lota não se levantou da cama. Folheou o álbum, emocionada, revendo os capítulos da obra de sua paixão, desde o monte de terra vermelha revirada até as ideias avançadas da Fundação. Depois, a terminologia legal envolvendo em gaze os cortes feitos à força bruta, ato jurídico intangível, revogação inoperante. Deteve-se nos vocábulos que a qualificavam: brasileira, solteira, de prendas do lar.

Lota pediu a Rosy que fosse ao banco para ela. Ao voltar, Rosy encontrou Lota com um ar cadavérico, como que desfalecida na

cama. Assustada, chamou Joana. Não, D. Lota estava só dormindo. Mas Rosy ficou muito impressionada. Lota estava macilenta, desconjuntada. O Parque tinha acabado com aquela mulher. A Dona Lota que Rosy conhecera estava morta.

Lota viajou em 17 de setembro. O avião atrasou muitas horas. Bishop a esperava no aeroporto. Abraçaram-se, comovidas. Bishop avaliou o esforço determinado de Lota em ir até ela: Lota estava abatida, como a companheira jamais havia visto. Foram ao apartamento deixar as malas. O apartamento tinha aquele ar decadente de ambientes que ficam fechados por muito tempo. Bishop achou melhor manter Lota fora de casa. Levou-a para conhecer os vizinhos Harold Leeds e Wheaton Galentine. Emanuel Brasil, por acaso, estava lá. Lota foi cortês, estava exausta. Bishop levou Lota a um restaurante e logo foram para casa. Tiveram uma longa conversa, até as dez da noite. Ambas estavam muito cansadas. Tomaram um sonífero, deram um abraço apertado e foram dormir.

Bishop dormiu pesadamente. Perto do amanhecer, foi despertada por um barulho indistinto. Acendeu a luz, levantou-se e deu com Lota em pé na porta da cozinha. Quando se aproximou, viu que Lota tinha um vidro na mão. Sem uma palavra, mas com um olhar terrível, Lota tombou. Bishop se lançou sobre o corpo inerte de Lota. Um grito pairou sobre Greenwich Village, como outro grito tinha pairado sobre Great Village, sobre uma menina aterrada.

Ninguém estava preparado para a crueza sinóptica daquele telegrama:

LOTA DOENTE DESDE CHEGADA. MORREU HOJE. TENTANDO
TELEFONAR. ELIZABETH. 25 SETEMBRO 1967.

Os amigos de Lota haviam estranhado a falta de notícias. Normalmente Lota já teria mandado um telegrama brincalhão, telefonado. Mas, como daquela vez tinha viajado no meio de uma crise depressiva, acharam compreensível, se bem que preocupante, aquele silêncio de uma semana. Bishop enviou o telegrama para Magu e Rosinha, que telefonaram aos demais. A notícia foi um murro. Todos ficaram revoltados com Bishop. Se Lota estava doente há uma semana, por que não telefonara avisando? E o que acontecera com Lota, afinal?

O corpo chegou quatro dias depois. Lota veio num vestido de renda preta, toda maquiada. Foi enterrada no São João Batista, junto ao pai. Lacerda escreveu uma nota emocionada:

“Lota Costallat de Macedo Soares foi a criadora do Parque do Flamengo. Morreu sem o parque, que lhe foi tomado pela politicagem e a chicana. Mas o que fica do parque, se ele existe, se ele sobrevive, tudo isso se deve àquela miúda e franzina criatura, toda nervos, toda luz, que se chamou Dona Lota.”

Bishop não veio.

Bishop só apareceu meses depois. Chegou de braço na tipoia, devido a um tombo depois de uma bebedeira. Procurou as amigas de Lota, abraçou-se a elas, contou o que tinha acontecido. Tinha encontrado Lota no chão com um vidro de Valium na mão. Estava em coma. A Dra. Baumann veio correndo e a internou. Bishop não avisou porque não queria trazer apreensão desnecessariamente, tinha esperança de que Lota fosse se recuperar.

Ismênia ficou penalizada, imaginando o que não teria sido para Bishop encontrar Lota morrendo no chão. Depois o pânico, a expectativa e o desespero diante da confirmação da morte.

Vivinha não teve complacência. O que você fez com ela, para que ela tivesse querido morrer?



Lota não ia além de Cabo Frio.



Bishop fotografa a Amazônia, em 60.



Bishop adorava viajar. Em Salvador, 65, Bishop se preparava para bater uma foto de Ashley Brown.

*Lot, with love from Sleggett
March, 1965*



Será que mereço isso? Bishop vai embora

Filho, a seu pedido, que Dona
Maria Carlota Cavallet de
Macedo ficou se encontra
impedido, por distúrbios de volu-
ntad - emocional, de permanecer
em seu trabalho por espaço de
três meses.

Rio de Janeiro, 20 de Junho 1966

Dr. Décio Soares de Souza

Em dezembro de 66, o Dr. Décio Soares de Souza atesta que Lota se encontra com distúrbios de natureza emocional.



Profecia de Carlos Leão que não se concretizou: em 1979, Lota estaria presenteando seu jequitibá com uma pá de estrume de tartaruga. Lota morreu em 1967.

RIO DE JANEIRO, 1994

Saindo da casa de Naná, Vivinha ofereceu uma carona a Ismênia. Era a única que ainda dirigia. Tinha uma Variant amarelo-mamão. Ismênia achava uma temeridade, mas aceitou. O álbum era pesado.

– Aquela pau-d'água orbitou em torno de Lota a vida toda e depois da morte dela exorbitou – retomou Vivinha. – Demorou para aparecer, e quando chegou foi para questionar o testamento.

– Vivinha, não foi bem assim.

– Como não foi bem assim? Então ela não quis tirar os quadros que Lota deixou para Mary e Rosinha, dizendo que ela é que tinha comprado?

– Estava um clima muito hostil, todo mundo nervoso, e ainda por cima a Marieta botando advogado para impugnar o testamento.

– É claro que estava um clima muito hostil – disse Vivinha, furando o sinal da Santa Clara. – O que ela esperava? Lota aguentou a barra dela a vida inteira e no *único* momento em que Lota precisou dela ela não teve a *generosidade* de acolhê-la. Oh, não, estava envaidecida porque uma menina tinha se apaixonado por ela.

Ismênia lembrou-se da menina, uma moça lindíssima que tempos depois Bishop apresentou como sendo sua secretária. Naquela altura Bishop já estava morando em Ouro Preto, tendo vendido o apartamento do Leme e retirado suas coisas de Samambaia, depois de uma briga feia com Mary Morse. Isto é, Ismênia achou que a moça era lindíssima. Mas Lilli, conversando com ela ao telefone, disse que não sabia o que Bishop via naquela idiotinha.

– Em vez de preparar uma comidinha em casa, não, levou Lota para comer fora! E aquela história de que depois de conversarem bateu um sono irresistível, imagine. Lota saiu daqui estraçalhada,

foi até Nova York em busca de consolo, e a outra foi dormir! Deitou e dormiu!

Ismênia não retrucou. Aquilo tudo era tão ruim de lembrar. Daqui a pouco já ia saltar, graças a Deus, Vivinha no volante era um terror. Sem motivo nenhum, veio-lhe à mente a rama de uma batata-doce que Naná conservava numa jarra com água. A ramada descia a mais de um metro. As plantas não davam no apartamento de Ismênia. Todas as suas violetas africanas eram artificiais.

– Chegamos, Vivinha. Muito obrigada.

– Imagine, tchau.

Carregando o álbum, atrapalhada, Ismênia achou mais fácil tocar a campainha da portaria do que procurar a chave na bolsa. Depois de um tempão o zelador apareceu. Deu uma espiada, reconheceu Ismênia, apertou o botão para abrir o portão. Nem pensou em ajudá-la a carregar o embrulho pesado.

Vivinha chegou ao apartamento um pouco irritada. Manobrar na garagem do edifício era um sacrifício. O vizinho do sexto andar, que só tinha direito a uma vaga, tinha dois carros. E a lâmpada do corredor estava queimada há dias. Tinha que achar o buraquinho da chave no escuro. Prédio antigo era uma lástima. Velhice era uma lástima.

Vivinha foi direto abrir a janela. Ao menos uma coisa aquele apartamento tinha de bom: a vista. Vivinha olhou os riscos vermelhos das lanternas dos carros cruzando o Aterro. Incontroversos, os altíssimos postes seguiam jorrando sua luz de luar. Sentiu uma saudade enorme de Lota. Até hoje não se conformava com o que tinha acontecido. Bishop matou Lota, repetiu para si mesma.

Também leram a matéria sobre Lota no *Globo* de 2 de julho de 94:

Arnaldo de Oliveira, comerciante aposentado. Há trinta anos morando no Flamengo, fazia caminhadas diárias no Aterro, com outros aposentados. Nunca imaginou que aquilo tivesse sido feito por uma mulher. Sempre achou que era obra de Burle Marx.

Do Carmo, redatora, ex-exilada. Lembrou-se de Lota como uma representante da aristocracia rural decadente, amiga da tia Vivinha, que tinha paixão por ela. Tinha aquele ar de prepotência dos bem-nascidos. Usava um estranhíssimo prendedor no cabelo, que dava a impressão de que tinha feito uma cirurgia no crânio.

Mônica Morse, casada, dois filhos. Ficou assombrada com as revelações sobre a vida afetiva e as circunstâncias da morte da avó. Ligou para a mãe. O que é passado é melhor esquecer, disse Mary Morse.

BOSTON, 1978

Elizabeth Bishop olha outra vez para a folha de papel. Claro que posso estar lembrando de tudo errado.

Quando voltou ao Brasil, foi recebida como uma condenada. Arrasados com a morte de Lota, todos agiam como se *ela* não estivesse arrasada. Como se não tivesse o *direito* de estar. Resistiram a que pegasse as coisas que havia juntado durante quinze anos, como se fosse um larápio.

Nunca mais tinha voltado à casa de Petrópolis. Não ia voltar mais. Queria vender a casa de Ouro Preto. Não foi feliz lá.

Contudo, o Brasil continuava presente em sua vida. Compilou uma antologia de poesia brasileira com Emanuel Brasil. Já estavam preparando a segunda. Fez uma apresentação da poesia na música brasileira em New Bedford, com Ricardo Sternberg. Gostava de Caetano Veloso, de "Não identificado". O Brasil estava sobretudo nos poemas que finalmente estava conseguindo concluir, nos seus versos, versos louvados, versos premiados.

E Lota? *Dear Lota*. Sentia uma saudade enorme de Lota.

Até hoje não se conformava com o que tinha acontecido. A devoção, a inteligência, a *beleza* de Lota arruinadas pela mesquinha. Deliberadamente. Indecentemente.

Bishop olha pela janela. Já há um bom número de barcos no cais.

Lembra Lota chegando a Nova York, alquebrada, ferida de morte. O Brasil matou Lota, acusa ela.

Scribitur ad narrandum, non ad probandum.
Escreve-se para contar, não para provar.

Tito Lívio

FONTES

Depoimentos prestados à autora por

Lilli Correia de Araújo
Walkyria Barreto
Edith Behring
Enrico Bianco
Emanuel Brasil
Antônio Callado
Sandra Cavalcanti
Zette Van Erven Lage
Manoel Portinari Leão
Luiza Barreto Leite
Leila da Silveira Lobo
Roberto Burle Marx
Ethel Bauzer Medeiros
Luiz Emygdio de Mello Filho
Mary Stearns Morse
Mônica Morse
José Alberto Nemer
Linda Nemer
Fernanda Noviz Oliveira
Renata Pallottini
Rosy Bleggi Peixoto
Stella Batista Pereira
Rachel de Queiroz
Maria Augusta Leão da Costa Ribeiro
Joana dos Santos
Carlos Scliar
Oscar Maria Simon
Pedro Teixeira Soares
Ricardo da Silveira Lobo Sternberg
Julio Cesar Pessolani Zavala

Correspondência da autora com Ashley Brown (acervo da autora)

Correspondência de Lota de Macedo Soares (acervo particular)

Agenda de Lota de Macedo Soares, ano 1962 (acervo particular)
Poesia de Elizabeth Bishop (publicada em *The complete poems*, 1927-1979, Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1991)
Correspondência publicada de Elizabeth Bishop (*One art*, Robert Giroux, org., Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1994)
Correspondência não publicada de Elizabeth Bishop (acervo de Vassar College Libraries Special Collections)
Manuscritos de Elizabeth Bishop (acervo de Vassar College Libraries Special Collections)
Jornais: *A Noite*, *A Notícia*, *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Brasil*, *Jornal do Commercio*, *Jornal dos Sports*, *O Globo*, *O Jornal*, *Tribuna da Imprensa*, *Última Hora*.
Revistas: *Anhembi*, *Diretrizes*, *Cadernos Brasileiros*, *Módulo*, *O Cruzeiro*, *O Cruzeiro Internacional*, *Revista de Engenharia do Estado da Guanabara*.

Artigos:

Pearl K. Bell, "Dona Elizabethy: a memoir of Elizabeth Bishop". *Partisan Review*, 1991
Elizabeth Bishop, "On the railroad named Delight". *New York Times Magazine*, 7 março 1965
Ashley Brown, "An interview with Elizabeth Bishop". *Shenandoah* 17, no 2, 1966
"Elizabeth Bishop in Brazil". *Southern Review*, 13 outubro 1977
"Elizabeth Bishop's Brazilian writers". Conferência, 1994
Antônio Callado, "Um sábio entre bugres". *Correio da Manhã*, 21 agosto 1958
"Poeta deu trégua à angústia em Petrópolis". *Folha de S. Paulo*, 11 junho 1994
Fernando de Castro, "Paternalismo e antiamericanismo". *Correio da Manhã*, 28 março 1965
Angela Regina Cunha, "A verdade sob o aterro". *O Globo*, 2 julho 1994
Elsie Lessa, "Lota de Macedo Soares". *O Globo*, 6 outubro 1967
Enaldo Cravo Peixoto, "O Parque do Flamengo". *Módulo*, 37, 1964
Maria Luiza de Queiroz, "Elizabeth Bishop: Exílio de la poesia". *O Cruzeiro Internacional*, 1º março 1963
Rachel de Queiroz, "O Aterro da Glória". *O Cruzeiro*, 18 outubro 1961
"Lota". *O Jornal*, 8 outubro 1967
"Carta para Lota de Macedo Soares", *O Cruzeiro*, 16 fevereiro 1972
Maria Carlota C. de Macedo Soares, "A urbanização do aterro Glória-Flamengo". *Revista de Engenharia do Estado da Guanabara*, vol. XXIX. Guanabara, jan-dez 62

Elizabeth Spires, "The art of poetry XXVII – interview with Elizabeth Bishop". *Paris Review* 23, 1981

George Starbuck, "The work! – conversation with Elizabeth Bishop". *Ploughshares* 3, n.os 3 & 4, 1977

Obras consultadas:

An anthology of twentieth century Brazilian poetry. Org. Elizabeth Bishop e Emanuel Brasil. Middletown, Wesleyan U. Press, 1972

Carlos Drummond de Andrade. *Antologia poética.* RJ, Editora Record, 1987

Mário de Andrade. *Poesias completas.* SP, Martins, 1980

Mário de Andrade. *Portinari, amico mio: Cartas de Mário de Andrade a Candido Portinari.* Campinas, Mercado de Letras/Editora Autores Associados/RJ, Projeto Portinari, 1995

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas.* RJ, Jackson, 1946

Elizabeth Bishop. "In the village" em *The collected prose.* NY, Farrar, Straus and Giroux, 1984

Giordano Bruno. "Epístola preambular" em *Sobre o infinito, o universo e os mundos.* Trad. de Nestor Deola e Helda Barraco. SP, Abril Cultural e Industrial, 1973

Luís de Camões. *Redondilhas. Canções, Sonetos.* RJ, Real Gabinete Português de Leitura, 1980

Pero Vaz de Caminha. *Carta a EI Rey Dom Manuel.* Versão moderna de Rubem Braga. RJ, Record, 1981

Lewis Carrol. *Aventuras no País das Maravilhas.* Trad. Sebastião Uchoa Leite. SP, Círculo do Livro, 1982

Flannery O'Connor. *The habit of being.* Correspondência selecionada e organizada por Sally Fitzgerald. NY, Farrar, Straus and Giroux, 1979

Bonnie Costello. *Elizabeth Bishop: Questions of mastery.* Cambridge, Harvard University Press, 1991

Davi. "Salmo 38" em *A Bíblia de Jerusalém.* SP, Edições Paulinas, 1985

Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro 1930-83. Coord. Israel Beloch e Alzira Alves Abreu. RJ, Forense Universitária/FGV/Sinep, 1984

Emily Dickinson. "Presentiment – is that long shadow – on the Lawn" em *The complete poems.* Boston, Little Brown, 1960

F.M. Dostoiévski. *Noites brancas.* Trad. Olivia Krähenbühl. RJ, Livraria José Olympio Ed., 1962

T.S. Eliot. "The waste land" em *Collected poems 1909-1962.* NY, Harcourt, Brace & World, 1963

Ésquilo. *Agamenon em Trilogia de Orestes*. Trad. David Jardim Jr. RJ, Tecnoprint, 1988

Floresta Atlântica. Coord. Salvador Monteiro e Leonel Katz. RJ, Ed. Alumbamento, 1991-92

José Paulo Moreira da Fonseca. "Anotação Poética" em *Antologia da nova poesia brasileira*. Org. Fernando Ferreira de Loanda. s.l., Edições Orfeu, 1970

Mariano José Pereira da Fonseca, Marquês de Maricá. *Máximas, pensamentos e reflexões*. Ed. crítica de Souza da Silveira. RJ, Casa de Rui Barbosa, 1958

Gary Fountain & Peter Brazeau. *Remembering Elizabeth Bishop*. Amherst, University of Massachusetts Press, 1994

Lorrie Goldensohn. *Elizabeth Bishop: The biography of a poetry*. NY, Columbia University Press, 1991

George Herbert, "Love" e "Love unknown" em *The poems of George Herbert*. Londres, Oxford UP, 1961

Homero. *Ilíada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. RJ, Tecnoprint, 1967

Gertrude Jekyll. *On gardening*. NY, Charles Scribner's Sons, 1964

Carlos Lacerda. *Depoimento 1914-1977*. RJ, Nova Fronteira, 1987

Clarice Lispector. *Laços de família*. SP, Alves, 1960

Mary McCarthy. *O grupo*. Trad. Fernando de Castro Ferro. RJ, Ed. Civilização Brasileira, 1967

Roger Martin du Gard. *O drama de Jean Barois*. Trad. Vidal de Oliveira. SP, Abril Cultural, 1985

Ethel Bauzer Medeiros. *O lazer no planejamento urbano*. RJ, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1971

Brett C. Millier. *Elizabeth Bishop: Life and the memory of it*. Berkeley, University of California Press, 1993

Henrique E. Mindlin. *Modern Architecture in Brazil*. RJ / Amsterdã, Colibris Editora, 1960

Marianne Moore, "Marriage", "To a snail" em *The complete poems*. NY, Viking Penguin, 1987

Helena Morley. *Minha vida de menina*. RJ, José Olympio, 1988

Lewis Mumford. *The city in history*. NY, Farrar, Straus and Giroux, 1979

Renata Pallottini. "Interurbano", em *Noite afóra*. SP, Brasiliense, 1978

José de Oliveira Reis. *A Guanabara e seus governadores*. RJ, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1977

William Shakespeare. *Macbeth* em *The complete works*. NY, Harcourt, Brace & World, 1948

Sófocles. *Oedipus Rex*. Trad. Dudley Fitts & Robert Fitzgerald. NY, Harcourt, Brace & World, 1960

Walt Whitman. *Leaves of grass*. Sel. de Leslie A. Fiedler para The Laurel Poetry Series. NY, Dell Publishing, 1959

Músicas citadas:

Ai, seu Mé. Luiz Nunes Sampaio e Freire Júnior

Vovozinha. Cancioneiro popular

Dona cegonha. Armando Cavalcanti e Klecius Caldas

Gosto que me enrosco. Sinhô

Brigite Bardot. Miguel Gustavo e Jorge Veiga

The laziest gal in town. Cole Porter *Rambling on my mind*. Robert Johnson

Lover man. Jimmy Sherman e Roger "Ram" Ramirez

Acontece. Cartola

Praia do Flamengo. Luiz Wanderley e Fausto Guimarães

Todo mundo enche. Pedro Caetano e Alexandre Dias Filho

Cinco bailes da história do Rio. Silas de Oliveira, D. Ivone Lara e Bacalhau

Juvenal. Wilson Batista e Jorge de Castro

A linda rosa juvenil. Cancioneiro popular

Paisagem útil e Não identificado. Caetano Veloso

Poemas de Elizabeth Bishop citados no texto:

"Crusoe in England"

"Santarém"

"Arrival at Santos"

"The shampoo"

"Brazil, January 1, 1502"

"The wit"

"Questions of travel"

"Under the window: Ouro Preto"

"Going to the bakery"

"Manuelzinho"

"Electrical storm"

"Pink dog"

"Rainy season; sub-tropics"

"Song for the rainy season"

"The burglar of Babylon"

Publicados em *The complete poems, 1927-1979* by Elizabeth Bishop (Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1979, 1983). © by Alice Helen Methfessel. Publicados em *The collected prose* by Elizabeth Bishop. © 1984 by Alice Helen Methfessel. Reprodução autorizada por Farrar, Straus and Giroux, Inc. © de todas as traduções Carmen L. Oliveira, exceto "The burglar of Babylon", traduzido por Flavio Macedo Soares.

AGRADECIMENTOS

A Autora agradece a Nancy S. MacKechnie, Curator of Rare and Manuscripts de Vassar College Libraries Special Collections, por sua prestimosa e paciente assistência;

a Ashley Brown, por tudo que esclareceu e iluminou;

a todos os que ofereceram seus depoimentos;

a Mary Morse e Manoel Portinari Leão, por gentilmente autorizarem a reprodução de fotos e outros materiais;

a Cristina Mary Paes da Cunha, Regina Luz Moreira e Beatriz Pinheiro da Guia (bibliografia), Moira Adams (botânica), Laura Viarengo (sutilezas idiomáticas), Emília Gola (arquitetura), Fernando Marcillac Fontes (informática), José Maria Manzo (música brasileira), e muito especialmente a Rosy Bleggi Peixoto, pela arregimentação dos documentos referentes ao Aterro;

a Ana Duarte e Vivian Wyler, da Rocco, pelo constante encorajamento.

Copyright © by Carmen L. Oliveira

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

Conversão para e-Book

FREITAS BASTOS

Edição final de e-Book:

ROCCO DIGITAL

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Oliveira, Carmem L.

O45f

Flores raras e banalíssimas [recurso eletrônico]: a história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop / Carmem L. Oliveira. – Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2011.

recurso digital

ISBN 978-85-64126-48-0 (recurso eletrônico)

1. Soares, Lota de Macedo, 1910-1967 – Ficção. 2. Bishop, Elizabeth, 1911-1979 – Ficção. 3. Ficção brasileira.
4. Livros eletrônicos. I. Título.

11-0480

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

A AUTORA



CARMEN L. OLIVEIRA é carioca, pós-graduada em literatura pela University of Notre Dame. Pela Rocco, também publicou *Trilhos e quintais*, reconstrução das revoluções de 1930 e 1932, na ótica de uma cidade imaginária em Minas Gerais. Atualmente reside no interior de São Paulo.